

OS HERÓIS



DO OLIMPO

O FILHO DE NETUNO



RICK RIORDAN

AUTOR DA SÉRIE *PERCY JACKSON E OS OLIMPIANOS*

intrínseca

SINOPSE: O FILHO DE NETUNO

PERCY ESTÁ CONFUSO. Ao acordar de um longo sono, não sabe muito mais do que o próprio nome. Mesmo quando a loba Lupa lhe conta que ele é um semideus e o treina para lutar usando a caneta/espada que carrega no bolso, sua mente continua nebulosa. De alguma forma, Percy consegue chegar a um acampamento de meio-sangues, ainda que tenha que matar alguns monstros pelo caminho. Mas o lugar surpreendentemente não o ajuda a recobrar qualquer lembrança. A única coisa que consegue recordar é outro nome: *Annabeth*.

HAZEL DEVERIA ESTAR MORTA. Ela não se saiu muito bem em sua vida passada. Sim, era uma filha obediente, mesmo quando a mãe estava dominada pela ambição. E este foi o problema: quando a voz tomou conta do corpo de sua mãe e ordenou a Hazel que usasse seu “talento” para o mal, ela não conseguiu dizer “não”. Agora, por causa desse erro, o futuro do mundo está em risco. Hazel gostaria de poder montar no cavalo que aparece em seus sonhos e simplesmente fugir de tudo isso.

FRANK É UM DESASTRADO. A avó diz que ele descende de heróis, e por isso pode ser o que bem entender, mas o garoto desconfia. Nem ao menos sabe quem é o próprio pai. Fica torcendo para que seja Apolo, já que a única coisa em que é realmente bom é no arco e flecha, embora nunca tenha vencido os jogos de guerra. O físico parrudo faz com que se sinta um grande bobalhão, em especial na frente de Hazel, sua melhor amiga no acampamento. Frank confia nela cegamente, o bastante para compartilhar o grande segredo que carrega no peito.

COM INÍCIO NO “OUTRO” ACAMPAMENTO para meio-sangues e se estendendo-se para além das terras dos deuses, esta sequência da série *Os Heróis do Olimpo* apresenta novos semideuses e criaturas incríveis, além de trazer de volta alguns monstros bastante conhecidos; todos com um papel a desempenhar na misteriosa Profecia dos Sete.

Em caso de erros enviar e-mail para:
victor.martins.oficial05@gmail.com

Com

Livro:

Capítulo:

Erro:

O FILHO DE NETUNO

RICK RIORDAN

O FILHO DE NETUNO

OS HERÓIS DO OLIMPO – LIVRO DOIS

Copyright © 2011 Rick Riordan

Edição em português negociada por intermédio de Gallt and Zacker Literary Agency LLC e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

TÍTULO ORIGINAL

The Son of Neptune

ARTE DE CAPA

Joanna Hill

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

© 2011 John Rocco

EDIÇÃO

Biblioteca de Dédalo

432p.: 23 cm. (Os Heróis do Olimpo; 2)

ISBN: 978-85-8057-180-6

1. Mitologia grega - Literatura infanto-juvenil. 2. Mitologia romana - Literatura infanto-juvenil. 3. Literatura infanto-juvenil americana.

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 - Gávea

Rio de Janeiro - RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para Becky, com quem partilho meu santuário em Nova Roma.
Nem mesmo Hera poderia me fazer esquecer você.*

SUMÁRIO

Capítulo I: Percy
Capítulo II: Percy
Capítulo III: Percy
Capítulo IV: Percy
Capítulo V: Hazel
Capítulo VI: Hazel
Capítulo VII: Hazel
Capítulo VIII: Hazel
Capítulo IX: Frank
Capítulo X: Frank
Capítulo XI: Frank
Capítulo XII: Frank
Capítulo XIII: Percy
Capítulo XIV: Percy
Capítulo XV: Percy
Capítulo XVI: Percy
Capítulo XVII: Hazel
Capítulo XVIII: Hazel
Capítulo XIX: Hazel

Capítulo XX: Hazel
Capítulo XXI: Frank
Capítulo XXII: Frank
Capítulo XXIII: Frank
Capítulo XXIV: Frank
Capítulo XXV: Percy
Capítulo XXVI: Percy
Capítulo XXVII: Percy
Capítulo XXVIII: Percy
Capítulo XXIX: Hazel
Capítulo XXX: Hazel
Capítulo XXXI: Hazel
Capítulo XXXII: Hazel
Capítulo XXXIII: Frank
Capítulo XXXIV: Frank
Capítulo XXXV: Frank
Capítulo XXXVI: Frank
Capítulo XXXVII: Percy
Capítulo XXXVIII: Percy
Capítulo XXXIX: Percy
Capítulo XL: Percy
Capítulo XLI: Hazel
Capítulo XLII: Hazel
Capítulo XLIII: Hazel
Capítulo XLIV: Hazel
Capítulo XLV: Frank
Capítulo XLVI: Frank
Capítulo XLVII: Frank

Capítulo XLVIII: Frank

Capítulo XLIX: Percy

Capítulo L: Percy

Capítulo LI: Percy

Capítulo LII: Percy

Mapa

PERCY

As MULHERES COM CABELOS DE cobra estavam começando a irritar Percy.

Deviam ter morrido três dias antes, quando ele derrubou uma caixa de bolas de boliche em cima delas no Mercado da Barganha em Napa. Deviam ter morrido dois dias antes, quando ele as atropelou com um carro da polícia em Martinez. E, *definitivamente*, deviam ter morrido naquela manhã, quando ele lhes cortou a cabeça no Parque Tilden.

Não importava quantas vezes Percy as matasse e as visse se transformar em pó: elas continuavam a se reconstituir, como grandes cotões do mal. Aparentemente ele não conseguia nem ser rápido o bastante para escapar delas.

Percy alcançou o topo da colina e parou para recuperar o fôlego. Quanto tempo se passara desde que as matara pela última vez? Talvez duas horas. Parecia que a morte delas nunca durava mais que isso.

Nos últimos dias ele mal dormira. Comera o que conseguia roubar – saquinhos de jujuba, pão dormido, até um *burrito* para viagem, atingindo um novo nível de “fundo do poço”. Suas roupas estavam rasgadas, queimadas e sujas de gosma de monstro.

Ele só sobrevivera até agora porque as duas mulheres com cabelos de cobra – *Górgonas*, como chamavam a si mesmas – também pareciam não conseguir matá-lo. As garras não cortavam sua pele. Os dentes se quebravam sempre que tentavam mordê-lo. Mas Percy não podia continuar por muito mais tempo. Logo ele desabaria de exaustão, e então, por mais difícil que fosse matá-lo, ele tinha certeza de que as Górgonas encontrariam uma forma.

Para onde correr?

Ele olhou à sua volta. Em outras circunstâncias, talvez tivesse apreciado à vista. À esquerda, colinas douradas ondulavam continente adentro, marcadas por lagos, bosques e alguns rebanhos de gado. À direita, as planícies de Berkeley e Oakland se estendiam para oeste – um vasto tabuleiro de bairros, com milhões de pessoas que provavelmente não iriam querer que sua manhã fosse interrompida por dois monstros e um semideus imundo.

Mais para oeste, a Bay Area cintilava sob uma bruma prateada. Para além dela, um muro de neblina havia engolido a maior parte de São Francisco, deixando à vista apenas o topo dos arranha-céus e as torres da Ponte Golden Gate.

Uma vaga melancolia comprimia o peito de Percy. Algo lhe dizia que ele já estivera em São Francisco. A cidade tinha alguma conexão com Annabeth – a única pessoa de seu passado de quem ele se recordava. Para sua frustração, a lembrança era obscura. A loba lhe havia prometido que ele

voltaria a vê-la e que recuperaria a memória – se ele tivesse êxito em sua jornada.

Deveria tentar cruzar a baía?

Era tentador. Ele podia sentir o poder do oceano logo além do horizonte. A água sempre o revigorava. Sobretudo a salgada. Ele havia descoberto isso dois dias antes, ao estrangular um monstro marinho no Estreito de Carquinez. Se conseguisse alcançar a baía, talvez fosse capaz de resistir uma última vez. Talvez até pudesse afogar as Górgonas. Mas a praia ficava a pelo menos três quilômetros dali. Ele teria de atravessar uma cidade inteira.

Ainda assim, hesitava por outra razão. A loba Lupa o ensinara a aguçar os sentidos, a confiar nos instintos que o vinham guiando para o sul. Seu radar interno agora zumbia loucamente. O fim de sua jornada estava próximo – quase debaixo de seus pés. Mas como isso seria possível? Não havia nada no topo da colina.

O vento mudou. Percy percebeu o cheiro ácido de réptil. Cem metros encosta abaixo, alguma coisa farfalhou no meio do bosque: galhos se quebrando, folhas sendo esmagadas, sibilos.

Górgonas.

Pela milionésima vez, Percy desejou que o nariz delas não fosse tão bom. Elas sempre disseram que podiam farejá-lo porque ele era um semideus – o filho meio-sangue de algum antigo deus romano. Percy tentara rolar na lama, atravessar riachos e até levar aromatizantes nos bolsos para ficar com cheiro de carro novo; mas, aparentemente, o fedor de um semideus era difícil de disfarçar.

Ele correu para o lado oeste do cume. Era íngreme demais para descer. A encosta despencava uns vinte e cinco metros, direto para cima do telhado de um complexo de apartamentos construído junto à colina. Quinze metros

abaixo disso uma estrada emergia do pé da colina e serpenteava na direção de Berkeley.

Ótimo. Não havia outra forma de sair dali. Ele havia se deixado encurralar.

Olhou para o fluxo de carros seguindo para oeste, na direção de São Francisco, e desejou estar em um deles. Então percebeu que a estrada atravessava a colina. Devia haver um túnel... bem debaixo de seus pés.

Seu radar interno enlouqueceu. Ele estava no lugar certo, só que alto demais. Tinha que dar uma olhada naquele túnel. Precisava arranjar um jeito de descer até a estrada – e rápido.

Tirou a mochila dos ombros. Conseguira pegar muitos suprimentos no Mercado da Barganha em Napa: um GPS portátil, fita adesiva, isqueiro, supercola, garrafa d'água, isolante térmico para acampamento, um travesseirinho em formato de panda e um canivete suíço – praticamente todas as ferramentas que um semideus moderno poderia querer. Mas não havia nada que pudesse servir como paraquedas ou trenó.

Isso o deixava com duas opções: saltar mais de vinte metros para a morte ou ficar e lutar. Ambas pareciam péssimas.

Ele xingou e sacou sua caneta do bolso.

Ela não parecia grande coisa, era apenas uma caneta barata comum, mas quando Percy tirou a tampa, a caneta cresceu até se tornar uma reluzente espada de bronze. A lâmina era perfeitamente balanceada. O punho de couro ajustava-se à mão de Percy como se tivesse sido feito sob medida. Ao longo da guarda havia uma palavra em grego antigo que, por algum motivo, Percy compreendia: *Anaklusmos* – Contracorrente.

Ele havia acordado com essa espada em sua primeira noite na Casa do Lobo... dois meses antes? Mais? Perdera a noção do tempo. Estava no pátio de uma mansão incendiada no meio da floresta, vestindo short, camiseta

laranja e um cordão de couro com um punhado de contas estranhas de argila. Contracorrente estava em sua mão, mas Percy não fazia ideia de como ele chegara lá, e tinha apenas uma vaga noção de quem era. Estava descalço, confuso e sentia muito frio. E então os lobos vieram...

Bem perto dele, uma voz familiar o jogou de volta ao presente.

— Aí está você!

Percy se afastou cambaleante da Górgona, quase despencando da colina.

Era a sorridente – Beano.

Ok, o nome dela, na verdade, não era Beano. Pelo que Percy podia supor, ele era disléxico, pois as palavras se misturavam quando ele tentava ler. A primeira vez em que vira a Górgona, bancando uma recepcionista do Mercado da Barganha com um grande crachá verde no qual se lia: *Bem-vindo! Meu nome é Esteno*, ele lera Beano.

Ela ainda usava o grande colete verde dos empregados do Mercado da Barganha por cima de um vestido de estampa floral. Ao observar apenas o corpo dela, era possível tomá-la por uma avó velha e gorda – até que, ao baixar a vista, percebia-se que ela possuía pés de galo. Ou, ao olhar para cima, viam-se presas bronze de javali projetando-se dos cantos de sua boca. Os olhos tinham um brilho vermelho, e os cabelos eram um ninho de inquietas cobras de um tom verde vivo.

O que havia de mais horrível nela? Suas mãos ainda seguravam a grande bandeja de prata de amostras grátis: enroladinhos de salsicha. A bandeja estava amassada por conta das tentativas de Percy de matar a Górgona, mas as pequenas amostras pareciam em perfeito estado. Esteno continuava carregando-as por toda a Califórnia para que pudesse oferecer um lanchinho a Percy antes de matá-lo. Ele não sabia por que ela continuava fazendo aquilo, mas, se um dia precisasse de uma armadura, ele a faria com enroladinhos de salsicha. Eram indestrutíveis.

— Quer experimentar? — ofereceu Esteno.

Percy ameaçou-a com a espada.

— Cadê sua irmã?

— Ah, guarde essa espada — repreendeu-o Esteno. — A essa altura você já deve saber que nem o bronze celestial pode nos matar por muito tempo. Coma um enroladinho de salsicha! Estão em promoção esta semana, e eu detestaria matar você de estômago vazio.

— Esteno! — A segunda Górgona surgiu tão depressa à direita de Percy que ele não teve tempo de reagir. Felizmente, ela estava muito ocupada fuzilando a irmã com o olhar para prestar atenção no rapaz. — Eu disse para você se aproximar dele furtivamente e matá-lo!

O sorriso de Esteno vacilou.

— Mas, Euríale... Não posso dar a ele uma provinha primeiro?

— Não, sua imbecil!

Euríale voltou-se para Percy e mostrou-lhe as presas.

Exceto pelos cabelos – um ninho de cobras-corais em vez de víboras verdes – ela era idêntica à irmã. Seu colete do Mercado da Barganha, o vestido florido e até mesmo as presas estavam enfeitadas com adesivos de 50% de desconto. Em seu crachá lia-se: *Olá! Meu nome é morra, semideus maldito!*

— Você nos rendeu uma perseguição e tanto, Percy Jackson — disse Euríale. — Mas agora está encurralado, e teremos nossa vingança!

— Os enroladinhos estão de promoção — acrescentou Esteno, prestativa. — Seção de mercearia, corredor três.

Euríale rosnou.

— Esteno, o Mercado da Barganha era uma fachada! Você está se perdendo no personagem! Agora largue essa bandeja ridícula e me ajude a

matar esse semideus. Ou já esqueceu que foi ele quem pulverizou a Medusa?

Percy deu um passo para trás. Mais quinze centímetros e ele despencaria.

— Olhem, senhoras, já conversamos sobre isso. Eu nem me lembro de ter matado a Medusa. Não me lembro de nada! Não podemos fazer uma trégua e falar sobre as promoções da semana?

Esteno lançou um olhar pidão para a irmã e fez beicinho, o que era bem difícil com presas gigantes de bronze.

— Podemos?

— Não! — Os olhos vermelhos de Euríale cravaram-se em Percy. — Não estou nem aí para o que você lembra ou não, filho do deus dos mares. Posso sentir o cheiro do sangue da Medusa em você. Está fraco, sim, depois de vários anos, mas você foi o último a derrotá-la. E ela ainda não retornou do Tártaro! A culpa é sua!

Percy não conseguiu mesmo entender aquilo. O conceito de “morrer e então retornar do Tártaro” lhe dava dor de cabeça. Naturalmente, isso também acontecia diante da ideia de que uma caneta esferográfica pudesse se transformar em espada ou que monstros pudessem se disfarçar por causa de uma tal Névoa, ou que Percy era filho de um deus de cinco mil anos incrustado de cracas.

Mas ele acreditou, sim. Embora sua memória tivesse sido apagada, ele sabia que era um semideus da mesma forma que sabia que seu nome era Percy Jackson. Desde sua primeira conversa com Lupa, a loba, ele havia aceitado que esse mundo louco e confuso de deuses e monstros era sua realidade. O que era bem chato.

— Que tal declararmos um empate? — sugeriu ele. — Eu não posso matar vocês. Vocês não podem me matar. Se são irmãs da Medusa... tipo a

Medusa, que transformava as pessoas em pedra... eu já não deveria estar petrificado?

— Heróis! — exclamou Euríale com asco. — Eles sempre mencionam isso, exatamente como nossa mãe! “Por que vocês não conseguem transformar as pessoas em pedra? Sua irmã consegue.” Bem, lamento desapontá-lo, garoto! Essa maldição era apenas da Medusa. Ela era a mais hedionda na família. A sorte foi toda para ela!

Esteno parecia magoada.

— Mamãe dizia que *eu* era a mais hedionda.

— Calada! — repreendeu-a Euríale. — Quanto a você, Percy Jackson, é verdade que você possui a marca de Aquiles. Isso faz com que seja um pouco mais difícil matá-lo. Mas não se preocupe. Vamos dar um jeito.

— A marca do quê?

— Aquiles — disse Esteno, alegremente. — Ah, ele era lindo! Foi banhado no Rio Estige quando criança, então tornou-se invulnerável, exceto por um minúsculo ponto no tornozelo. Isso também aconteceu com você, querido. Alguém deve tê-lo jogado no Estige, o que deixou sua pele dura como ferro. Mas não precisa se preocupar. Heróis como você sempre têm um ponto fraco. Só precisamos descobrir qual é, e então poderemos matá-lo. Isso não vai ser ótimo? Pegue um enroladinho!

Percy tentou pensar. Ele não se lembrava de nenhum mergulho no Estige. Por outro lado, não se lembrava de muita coisa. Sua pele não parecia ser de ferro, mas isso explicaria como ele resistira tanto tempo às Górgonas.

Talvez, se ele simplesmente caísse da montanha... Será que sobreviveria? Não queria arriscar — não sem algo para desacelerar a queda, ou um trenó, ou...

Ele olhou para a grande bandeja de prata de Esteno.

Hum...

— Reconsiderando? — perguntou Esteno. — Muito sábio, querido. Acrescentei um pouco de sangue de Górgona a estes, portanto, sua morte será rápida e indolor.

A garganta de Percy se fechou.

— Você adicionou seu sangue aos enroladinhos?

— Só um pouquinho. — Esteno sorriu. — Um corte minúsculo em meu braço, mas é gentileza sua se preocupar. O sangue de nosso lado direito pode curar qualquer coisa, mas o sangue de nosso lado esquerdo é letal...

— Sua estúpida! — berrou Euríale. — Não é para você contar isso! Ele não vai comer as salsichas se você avisar que estão envenenadas!

Esteno pareceu confusa.

— Não? Mas eu disse que seria rápido e indolor.

— Deixe para lá! — As unhas de Euríale cresceram, transformando-se em garras. — Vamos ter que matá-lo da forma mais difícil... Continue a golpeá-lo até encontrarmos o ponto fraco. Quando derrotarmos Percy Jackson, vamos ser mais famosas que a Medusa! Nossa patrona vai nos recompensar imensamente!

Percy empunhou sua espada. Ele precisaria agir no momento certo — alguns segundos de distração, pegar a bandeja com a mão esquerda...

Faça com que elas continuem falando, pensou ele.

— Antes de fazerem picadinho de mim — disse ele — quem é essa patrona de quem vocês falaram?

Euríale riu com desprezo.

— A deusa Gaia, é claro! Aquela que nos trouxe de volta do esquecimento! Você não viverá o suficiente para conhecê-la, mas seus amigos lá embaixo logo enfrentarão a ira dela. Neste exato momento os exércitos da deusa estão marchando para o sul. No Festival de Fortuna, ela irá acordar e os semideuses serão abatidos como... como...

— Como nossos preços no Mercado da Barganha! — sugeriu Esteno.

— Ah!

Euríale avançou na direção da irmã. Percy aproveitou a oportunidade. Ele agarrou a bandeja de Esteno, espalhando os enroladinhos envenenados, e com Contracorrente rasgou a cintura de Euríale, cortando-a ao meio.

Ele ergueu a bandeja, e Esteno se viu encarando o próprio reflexo engordurado.

— Medusa! — gritou ela.

Sua irmã Euríale havia se transformado em pó, mas já estava começando a se refazer, como um boneco de neve que “desderretesse”.

— Esteno, sua idiota! — gorgolejou ela enquanto seu rosto semicomposto erguia-se do monte de pó. — Isso é só seu próprio reflexo! Pegue-o!

Percy bateu a bandeja de metal com toda força no alto da cabeça de Esteno, e ela caiu desmaiada.

Então ele pôs a bandeja atrás do traseiro, fez uma prece silenciosa a quem quer que fosse o deus romano que regesse truques estúpidos de trenó e saltou da colina.

PERCY

UMA DICA PARA QUANDO ESTIVER DESPENCANDO a 80 km/h em uma bandeja de lanches – se perceber que é uma má ideia na metade do caminho, já é tarde demais.

Percy por pouco não bateu em uma árvore, mas raspou numa pedra e girou trezentos e sessenta graus, atirando-se em direção à rodovia. A estúpida bandeja de lanches não tinha direção hidráulica. Ele ouviu as irmãs Górgonas gritando e teve um vislumbre do cabelo de coral de Euríale no topo da colina, mas não teve tempo para se preocupar com isso. O telhado de um apartamento pairava abaixo dele como a proa de um navio de batalha. Colisão frontal em dez, nove, oito...

Ele conseguiu girar para o lado para evitar quebrar as pernas no impacto. A bandeja deslizou pelo telhado e voou pelo ar. Ela foi para um lado e Percy para o outro.

Enquanto caía na direção da rodovia, uma cena horrível passou pela sua mente: seu corpo sendo esmagado contra o para-brisas de um carro esportivo, algum suburbano irritado tentando empurrá-lo com os limpadores. *Garoto idiota de dezesseis anos caído do céu! Estou atrasado!*

Milagrosamente, uma rajada de vento soprou de um lado – o suficiente para tirá-lo da rodovia e fazê-lo cair em um amontoado de arbustos. Não foi uma aterrissagem suave, mas era melhor que o asfalto.

Percy grunhiu. Ele queria ficar ali e desmaiar, mas tinha que continuar em movimento.

Lutou para ficar de pé. Suas mãos estavam arranhadas, mas nenhum osso parecia quebrado. Ele ainda tinha a mochila. Em algum lugar da viagem de trenó ele perdera a espada, mas Percy sabia que ela reapareceria a qualquer hora em seu bolso na forma de caneta. Era parte de sua magia.

Ele olhou para a colina. Era difícil de perder as Górgonas de vista, principalmente com aqueles cabelos coloridos de cobra e as vestes verdes brilhantes do Mercado da Barganha. Elas estavam descendo o declive, mais lentas que Percy, com um pouco mais de controle. Aquelles pés de galinha deviam ser bons em escalada. Percy supôs que talvez tivesse cinco minutos antes de elas o alcançarem.

Perto dele, uma cerca alta de arame separava a rodovia de uma vizinhança de ruas sinuosas, casas confortáveis e árvores de eucalipto. A cerca provavelmente estava lá para impedir as pessoas de irem para o meio da rodovia fazerem coisas idiotas – como escorregar em uma bandeja pela pista – mas a cerca estava cheia de buracos. Percy podia facilmente entrar na vizinhança. Talvez pudesse encontrar um carro e dirigir para oeste, para o oceano. Ele não gostava de roubar carros, mas nas últimas semanas, em situações de vida e morte, ele havia pegado vários “emprestados”, inclusive

uma viatura policial. Ele pretendia devolvê-los, mas os carros nunca duraram muito tempo.

Olhou para o leste. Bem como havia adivinhado, a algumas centenas de metros a rodovia cortava a base do penhasco. Duas entradas de túneis, um para cada direção do trânsito, o encaravam como duas órbitas de uma caveira gigante. No meio, onde estaria o nariz, uma parede de cimento se sobressaía da colina, com uma porta de metal, como a entrada de um *bunker*.

Devia ser um túnel de manutenção. Isso provavelmente era o que os mortais pensavam caso notassem a porta, de qualquer forma. Mas eles não podiam ver através da Névoa. Percy sabia que a porta era mais que isso.

Duas crianças de armadura cobriam a entrada. Elas vestiam uma mistura bizarra de elmos romanos, couraças, bainhas, jeans, camisetas roxas e tênis de corrida brancos. O guarda da direita parecia uma garota, era difícil de ter certeza com toda aquela armadura. O da esquerda era um cara baixo e forte com um arco e aljava nas costas. Os dois seguravam bastões de madeira com pontas de ferro, como arpões à moda antiga.

O radar interno de Percy silvava como louco. Depois de tantos dias horríveis, ele finalmente havia chegado à sua meta. Seus instintos diziam que se passasse pela porta, devia encontrar segurança pela primeira vez desde que os lobos que o tinham mandado para o sul.

Então por que sentia tanto medo?

Mais acima na colina, as Górgonas estavam pulando sobre o telhado do apartamento. Três minutos de distância – talvez menos.

Parte dele queria correr para a porta da colina. Ele teria que entrar no meio da rodovia, mas então seria uma corrida curta. Ele podia fazer isso antes de as Górgonas alcançarem-no.

Parte dele queria rumar a oeste para o oceano. Era onde ele estaria a salvo. Era onde seu poder seria maior. Aqueles guardas romanos na porta deixavam-no preocupado. Algo dentro dele dizia: *Esse não é meu território. É perigoso.*

— Você está certo, é claro — disse uma voz perto dele.

Percy pulou. Primeiro ele achou que Beano tivesse se esgueirado sorrateiramente até ele, mas a senhora sentada nos arbustos era até mais repulsiva que a Górgona. Ela parecia uma hippie que tinha sido chutada para o lado da estrada talvez há quarenta anos, onde esteve colecionando lixo e trapos desde então. Ela usava um vestido colorido, com mantas rasgadas e sacos plásticos de supermercado. Seus tufo de cabelo crespos eram castanhos-acinzentados, como espuma de cerveja de raiz, amarrados para trás com uma faixa com o sinal da paz. Verrugas cobriam seu rosto. Quando ela sorriu, mostrou exatamente três dentes.

— Não é um túnel em manutenção — confessou. — É a entrada para o acampamento.

Um estremecimento subiu pela espinha de Percy. *Acampamento*. Sim, era de onde ele veio. Um acampamento. Talvez essa fosse sua casa. Talvez Annabeth estivesse por perto.

Mas algo parecia errado.

As Górgonas ainda estavam no telhado do apartamento. Então Esteno gritou de alegria e apontou na direção de Percy.

A velha hippie ergueu as sobrancelhas.

— Não resta muito tempo, criança. Você precisa fazer sua escolha.

— Quem é você? — Percy perguntou, pensando que não tinha certeza se queria saber.

A última coisa de que precisava era de outra imortal inofensiva que se transformava em um monstro.

— Ah, pode me chamar de Juno. — Os olhos da senhora cintilaram como se tivesse feito uma piada excelente. — *Junho*, sabe? Eles nomearam o mês por minha causa!

— Certo... Olha, tenho que ir. Duas Górgonas estão vindo. Não quero que elas a machuquem.

Juno cruzou as mãos sobre o coração.

— Que fofo! Mas isso faz parte de sua escolha!

— Minha escolha...

Percy olhou nervoso na direção da colina. As Górgonas tinham tirado as vestes verdes. Asas brotaram de suas costas – pequenas asas de morcego, que brilhavam como bronze.

Desde quando elas tinham *asas*? Talvez fossem decorações. Talvez fossem muito pequenas para erguer uma Górgona no ar. Então as duas irmãs saltaram do apartamento e dispararam na direção dele.

Legal. Muito legal.

— Sim, uma escolha. — Juno disse, como se estivesse sem pressa. — Pode me deixar aqui à mercê das Górgonas e ir para o oceano. Chegaria lá com segurança, eu garanto. As Górgonas ficarão bem felizes em me atacar e deixá-lo ir. No mar, nenhum monstro vai incomodá-lo. Estará seguro no fundo do mar. Pode começar uma nova vida, viver até a maturidade e escapar de uma grande dose de dor e sofrimento que está em seu futuro.

Percy tinha certeza de que não iria gostar da segunda opção.

— Ou?

— Ou você pode fazer um favor para uma senhora. Carregue-me para o acampamento com você.

— Carregá-la?

Percy esperava que ela estivesse brincando. Então Juno arrumou a saia e o mostrou o pé inchado e roxo.

— Não posso chegar lá sozinha. — Disse ela. — Me carregue para o acampamento do outro lado da rodovia, pelo túnel e atravessando o rio.

Percy não sabia o que ela queria dizer com rio, mas isso não parecia ser fácil. Juno parecia ser muito pesada.

As Górgonas estavam a apenas oitenta metros de distância agora, deslizando na direção dele porque sabiam que a caçada estava quase acabada.

Percy olhou para a velha.

— E eu teria que carregá-la até esse acampamento por que...?

— Porque seria uma gentileza! — disse ela. — E se não fizer isso, os deuses morrerão, o mundo que conhecemos perecerá e todos de sua antiga vida serão destruídos. Claro, você não se lembraria deles, então suponho que isso não importa. Você estará seguro no fundo do mar...

Percy engoliu. As Górgonas gritaram e mergulharam para atacar.

— Se eu for para o acampamento — ele disse — vou conseguir minha memória de volta?

— Possivelmente — respondeu Juno. — Mas atenção, você sacrificará muito! Perderá a maldição de Aquiles. Sentirá dor, sofrimento e perderá tudo o que já conheceu. Mas pode ter uma chance de salvar seus velhos amigos e recuperar sua antiga vida.

As Górgonas estavam circulando no ar, provavelmente estudando a velha, imaginando quem seria o novo jogador antes de atacar.

— E os guardas na porta? — perguntou Percy.

Juno sorriu.

— Ah, eles o deixarão entrar, querido. Pode confiar naqueles dois. Então, o que me diz? Vai ajudar uma senhora indefesa?

Percy duvidava de que Juno fosse indefesa. No pior dos casos, se tratava de uma armadilha. Na melhor das hipóteses, este era uma espécie de teste.

Percy odiava testes. Desde que perdeu sua memória, sua vida era um grande preencha-o-vazio. Ele era _____, de _____. Se sentia _____ e se os monstros o pegassem, ele seria _____.

Então pensou em Annabeth, a única parte da sua antiga vida que ele se lembrava, que tinha certeza. Ele *tinha* que encontrá-la.

— Eu vou te levar.

Percy pegou a velha.

Ela era mais leve do que ele esperava. Percy tentou ignorar seu hálito azedo e as mãos calejadas que agarraram o seu pescoço. Ele atravessou o trânsito. Um motorista buzinou, outro gritou algo que se perdeu no vento. A maioria apenas desviou e pareceu irritado, como se tivesse que lidar com crianças carregando velhas *hippies* por toda a rodovia em Berkeley.

Uma sombra pairou sobre ele. Esteno gritou alegremente:

— Garoto esperto! Achou uma deusa para carregar, não é?

Uma deusa?

Juno gargalhou com prazer, murmurando: *Oooops*, quando um carro quase os matou.

Em algum lugar à esquerda, Euríale gritou:

— Pegue-os! Dois prêmios são melhores que um!

Percy fugiu para o outro lado da pista. De algum jeito, chegou vivo. Viu as Górgonas descendo, carros desviando enquanto os monstros passavam. Ele se perguntou o que os mortais viam através da Névoa – pelicanos gigantes? Alguém de asa delta fora de curso? A loba Lupa lhe disse que as mentes mortais conseguiam acreditar em tudo – exceto na verdade.

Percy correu para a porta da colina. Juno ficava mais pesada a cada passo. O coração de Percy deu um pulo. Suas costelas doeram.

Um dos guardas gritou. O cara com o arco puxou uma flecha. Percy gritou:

— Esperem!

Mas o garoto não estava mirando nele. A flecha passou perto da cabeça de Percy. Uma Górgona gemeu de dor. O segundo guarda preparou a lança, gesticulando freneticamente para Percy se apressar.

Oitenta metros da porta. Quarenta.

— Te peguei! — berrou Euríale.

Percy virou enquanto uma flecha acertava a testa dela. Euríale rolou pela pista. Um caminhão a atingiu e a empurrou por algumas centenas de metros, mas ela apenas escalou a cabine, tirou a flecha da cabeça e voltou ao ar.

Percy chegou à porta.

— Valeu — disse ele aos guardas. — Bom tiro.

— Isso devia tê-la matado! — protestou o arqueiro.

— Bem-vindo ao meu mundo — murmurou Percy.

— Frank — disse a garota. — Leve-os para dentro, rápido! Aquelas são Górgonas.

— Górgonas? — A voz do arqueiro fraquejou. Era difícil dizer muito sobre ele, por baixo do elmo, mas ele parecia forte como um lutador, talvez com catorze ou quinze anos. — A porta vai segurá-las?

Nos braços de Percy, Juno gargalhou.

— Não, não vai. Adiante, Percy Jackson! Atravesse o túnel, o rio!

— Percy Jackson? — A guarda tinha pele escura, com cabelo encaracolado por baixo do elmo. Ela parecia mais nova que Frank – talvez treze anos. Sua espada embainhada descia quase até o tornozelo. Mesmo assim, ela soava como a encarregada. — Certo, você obviamente é um semideus. Mas quem é a... — Ela olhou para Juno. — Não importa. Apenas entrem. Vou dar cobertura.

— Hazel — disse o garoto. — Não banque a maluca.

— Vai! — disse ela.

Frank amaldiçoou em outra língua – era latim? – e abriu a porta.

— Vamos!

Percy o seguiu, cambaleando com o peso da senhora, que estava *definitivamente* ficando mais pesada. Ele não sabia como aquela Hazel seguraria as Górgonas sozinha, mas estava muito cansado para discutir.

O túnel atravessava a rocha sólida, com a largura e altura de um corredor de escola. Primeiro parecia um típico túnel de manutenção, com cabos elétricos, placas de perigo, caixas de fusível nas paredes, lâmpadas ao longo do teto. Enquanto corria para o fundo da colina, o chão de cimento se tornava mosaicos de azulejos. As luzes mudaram para tochas, que queimavam, mas não soltavam fumaça. Alguns metros à frente, Percy viu um retângulo de luz do dia.

A senhora estava agora mais pesada que uma pilha de sacos de areia. Os braços de Percy sacudiram a tensão. Juno murmurou uma música em latim, como uma canção de ninar, o que não ajudou Percy a se concentrar.

Atrás dele, as vozes das Górgonas ecoaram no túnel. Hazel gritou. Percy ficou tentado a largar Juno e voltar para ajudar, mas então o túnel inteiro sacudiu com o rugido de pedras caindo. Houve gritos, como as Górgonas soaram quando Percy derrubou bolas de boliche encaixotadas nelas em Napa. Ele olhou para trás. O fim oeste do túnel agora estava cheio de poeira.

— Não deveríamos ver se Hazel está bem? — perguntou ele.

— Ela vai ficar bem... espero — disse Frank. — Ela é boa no subterrâneo. Continue correndo! Estamos quase lá.

— Quase onde?

Juno riu.

— Todas as estradas o levam para lá, criança. Devia saber disso.

— Detenção? — perguntou Percy.

— Roma, criança — disse a senhora. — Roma.

Percy não tinha certeza que havia ouvido certo. Verdade, sua memória se fora. Seu cérebro não estava bem desde que acordara na Casa do Lobo. Mas ele tinha certeza absoluta de que Roma não ficava na Califórnia.

Eles continuaram correndo. A luz no fim do túnel ficou mais brilhante, e finalmente saíram à luz do sol.

Percy congelou. Sob seus pés estava um vale em forma de tigela de vários metros de largura. O chão do vale estava repleto de pequenas colinas, planícies douradas e trechos de floresta. Um pequeno rio claro desaguava em um lago no centro e circundava o perímetro, como a forma de um G.

Devia ser em algum lugar ao norte da Califórnia – carvalhos vivos e árvores de eucalipto, colinas douradas e céu azul. Aquela montanha grande do interior – como era chamada, Monte Diablo? – ascendia à distância, bem aonde devia estar.

Mas Percy sentiu como se tivesse entrado em um mundo secreto. No centro do vale, abrigado pelo lago, estava uma cidadezinha com edifícios de mármore branco com telhados vermelhos. Alguns tinham abóbadas e arcadas de colunas, como monumentos nacionais. Outros pareciam palácios, com portas douradas e jardins largos. Ele podia ver uma praça com colunas independentes, fontes e estátuas. Um coliseu romano de cinco andares brilhava no sol, perto de uma longa arena oval como uma pista de corrida.

Do lado sul, outra colina estava dotada com mais prédios impressionantes – templos, adivinhou Percy. Várias pontes de pedra atravessavam o rio como se trespassassem o vale, e ao norte uma longa linha de arcos estendidos saíam das colinas rumo à cidade. Percy achou que parecia um trilho de trem elevado. Então percebeu que devia ser um aqueduto.

A parte mais estranha do vale estava logo abaixo dele. A cerca de trezentos e vinte metros, do outro lado do rio, havia um tipo de acampamento militar. Tinha cerca de um quilômetro quadrado, cercado por muralhas de todos os lados, os topos alinhados com espigões afiados. Do lado de fora das paredes corria um fosso, também repleto de espigões. Torres de vigia de madeira ascendiam de cada canto, tripuladas por guardas com bestas enormes. Faixas roxas estavam penduradas nas torres. Um portão aberto no lado distante do acampamento levava na direção da cidade. Uma porta fechada mais estreita estava à margem do rio. Dentro, a fortaleza fervilhava de atividades: dúzias de crianças indo e voltando de quartéis, carregando armas, polindo armaduras. Percy ouviu o barulho de martelos na forja e cheiro de carne cozinhando na fogueira.

Algo naquele lugar parecia muito familiar, mas nem tanto.

— Acampamento Júpiter — disse Frank. — Estaremos a salvo assim que...

Passos ecoaram no túnel atrás deles. Hazel saiu na luz. Ela estava coberta por poeira de pedra e ofegava. Tinha perdido o elmo, então seu cabelo encaracolado caía pelos ombros. Sua armadura tinha longas marcas de corte na parte da frente feitas pelas garras de uma Górgona. Um dos monstros a havia marcado com uma etiqueta de 50% de desconto.

— Eu as atrasei um pouco — disse ela. — Mas estarão aqui em segundos.

Frank amaldiçoou.

— Temos que atravessar o rio.

Juno apertou o pescoço de Percy com mais força.

— Ah, sim, obrigada. Não posso molhar meu vestido.

Percy mordeu a língua. Se essa senhora era mesmo uma deusa, ela devia ser a deusa do mau cheiro, do peso ou dos *hippies* inúteis. Mas ele já tinha

chegado tão longe. Seria melhor mantê-la por perto.

É uma gentileza, ela havia dito. E se não fizer isso, os deuses morrerão, o mundo que conhecemos perecerá, e todos de sua antiga vida serão destruídos.

Se fosse um teste, ele não podia tirar um zero.

Cambaleou algumas vezes enquanto corria para o rio. Frank e Hazel o seguiram.

Eles chegaram à margem do rio e Percy parou para recuperar o fôlego. A correnteza era rápida, mas o rio não era muito profundo. Só uma rocha estava no caminho até os portões da fortaleza.

— Vai, Hazel. — Frank tirou duas flechas de uma vez. — Escolte Percy para a entrada em segurança. É a minha vez de segurar essas criaturas.

Hazel assentiu e foi para a margem.

Percy começou a segui-la, mas algo o fez hesitar. Geralmente ele adorava a água, mas esse rio parecia... poderoso, e não necessariamente amigável.

— O Pequeno Tibre — disse Juno, simpática. — Flui com o poder do Tibre original, rio do império. É sua última chance de voltar, criança. A maldição de Aquiles é uma benção grega. Não pode mantê-la se entrar no território romano. O Tibre vai lavá-la.

Percy estava exausto demais para entender tudo aquilo, mas pegou o ponto principal.

— Se eu atravessar, não vou mais ter a pele de ferro?

Juno sorriu.

— Então o que vai ser? Segurança, ou um futuro de dor, possivelmente?

Atrás dele, as Górgonas gritaram enquanto voavam do túnel. Frank deixou as flechas voarem.

Do meio do rio Hazel gritou:

— Percy, vem logo!

No topo das torres de vigia, trompas soaram. Os guardas puxaram e miraram os arcos na direção das Górgonas.

Annabeth, pensou Percy. Ele entrou no rio. Era gelado, muito mais que imaginava, mas não importava para ele. Uma nova força surgiu por seus membros. Seus sentidos formigaram como se cafeína tivesse sido injetada nele. Ele chegou ao outro lado e colocou a mulher no chão enquanto os portões do acampamento se abriam. Dúzias de crianças de armadura saíram.

Hazel deu um sorriso aliviado. Então olhou por cima do ombro de Percy, e sua expressão mudou para horror.

— Frank!

Frank estava no meio do caminho pelo rio quando as Górgonas o pegaram. Elas desceram do céu e o agarraram uma cada braço. Ele gritou de dor enquanto as garras arranhavam sua pele.

Os guardas gritaram, mas Percy sabia que elas não podiam atirar livremente. Acabariam matando Frank. As outras crianças desembainharam as espadas e estavam prontas para entrar na água, mas estavam atrasadas.

Só havia um jeito.

Percy impulsionou as mãos. Uma sensação intensa e desagradável preencheu seu intestino, e o curso do Rio Tibre obedeceu seu comando. O rio se elevou de cada lado de Frank. Mãos gigantes de água surgiram do córrego, copiando os movimentos de Percy. As mãos gigantes agarraram as Górgonas, que derrubaram Frank, surpresas. Então elas ergueram os monstros, que lutavam com seus punhos líquidos.

Percy ouviu as outras crianças gritarem e recuarem, mas continuou focado em sua tarefa. Fez um gesto esmagador com seus pulsos, e as mãos gigantes afundaram as Górgonas no Tibre. Os monstros chegaram ao fundo e viraram pó. Nuvens brilhantes da essência das Górgonas lutavam para se

refazer, mas o rio as separava como um liquidificador. Logo, todo o resto das Górgonas tinha descido rio abaixo. Os redemoinhos sumiram, e a correnteza voltou ao normal.

Percy ficou na margem. Suas roupas e pele soltavam vapor como se as águas do Tibre o tivessem dado um banho de ácido. Ele se sentiu exposto, sensível... vulnerável.

No meio do Tibre, Frank tropeçou, parecendo surpreso, mas perfeitamente bem. Hazel nadou até ele e o ajudou a chegar até a margem. Só então Percy percebeu que as outras crianças haviam ficado quietas.

Todos estavam olhando para ele. Só a senhora, Juno, não parecia abalada.

— Bem, foi um passeio adorável — disse ela. — Obrigada, Percy Jackson, por me trazer ao Acampamento Júpiter.

Uma das garotas pareceu chocada.

— Percy... Jackson?

Soou como se ela reconhecesse seu nome. Percy focou nela, esperando ver um rosto familiar.

Ela era obviamente uma líder. Vestia um manto roxo majestoso sob a armadura. Seu busto estava decorado com medalhas. Devia ter a idade de Percy, com olhos escuros perfurantes e longos cabelos pretos. Percy não a reconheceu, mas a garota o encarou como se o tivesse visto em seus pesadelos.

Juno riu com prazer.

— Ah, sim! Vocês vão se divertir muito juntos!

Então, como se o dia já não tivesse sido estranho o suficiente, a senhora começou a brilhar e mudar de forma. Ela cresceu até virar uma deusa de dois metros de altura em um vestido azul, com um manto que parecia pele

de bode sobre os ombros. Seu rosto era severo e espantoso. Em sua mão estava um cajado com uma flor de lótus no topo.

Se fosse possível os campistas parecerem mais surpresos, eles conseguiram. A garota de manto roxo se ajoelhou. Os outros seguiram a líder. Uma criança caiu tão rápido que quase se cortou com a espada.

Hazel foi a primeira a falar.

— Juno.

Ela e Frank também se abaixaram, deixando Percy, o único de pé. Ele sabia que provavelmente devia se ajoelhar também, mas depois de ter carregado a senhora tão longe, não sentiu que devia-lhe muito respeito.

— Juno, hein? — disse ele. — Se passei em seu teste, posso ter minha memória e minha vida de volta?

A deusa sorriu.

— Na hora certa, Percy Jackson, se obter sucesso neste acampamento. Você foi bem hoje, o que é um bom começo. Talvez ainda haja esperança para você.

Ela se virou para as outras crianças.

— Romanos, apresento-lhes o filho de Netuno. Por meses ele esteve adormecido, mas agora está desperto. O destino dele está em suas mãos. A Roda da Fortuna se aproxima rapidamente, e a Morte deve ser libertada se quiserem ter qualquer esperança em batalha. Não falhem comigo!

Juno tremeluziu e desapareceu. Percy olhou para Hazel e Frank pedindo algum tipo de explicação, mas eles pareciam tão confusos quanto ele. Frank segurava algo que Percy não havia notado antes – dois frasquinhos de argila com rolhas, como poções, um em cada mão. Percy não tinha ideia de onde vieram, mas viu Frank guardá-los no bolso. Frank deu um olhar a ele do tipo: *Vamos falar sobre isso depois.*

A garota de manto roxo deu um passo à frente. Ela examinou Percy cautelosamente e Percy não pôde afastar a impressão de que ela queria correr até ele e atravessá-lo com a adaga.

— Então — disse friamente — um filho de Netuno, que veio até nós com a benção de Juno.

— Olhe — ele disse — minha memória está um pouco estranha. Hã, desapareceu, na verdade. Eu te conheço?

A garota hesitou.

— Sou Reyna, pretora da Décima Segunda Legião. E... não, eu não o conheço.

Essa última parte era mentira. Percy podia dizer pelos olhos dela. Mas ele também entendeu que se discutisse com ela ali, na frente dos soldados, ela poderia não gostar.

— Hazel — disse Reyna — traga-o para dentro. Quero interrogá-lo na *principia*. Então o mandaremos para Octavian. Devemos consultar os agouros antes de decidir o que fazer com ele.

— O que quer dizer — Percy perguntou — com “decidir o que fazer comigo”?

As mãos de Reyna tocaram a adaga. Obviamente ela não estava acostumada a ter suas ordens questionadas.

— Antes de aceitar qualquer um no acampamento, devemos interrogá-lo e ler os agouros. Juno disse que seu destino está em nossas mãos. Temos que saber se Juno nos trouxe um novo recruta...

Reyna estudou Percy como se achasse um problema.

— Ou — disse ela mais esperançosamente — se nos trouxe um inimigo para matar.

III

PERCY

PERCY NÃO TINHA MEDO DE FANTASMAS, o que era bom. Metade das pessoas no acampamento estava morta.

Guerreiros de roxo cintilante estavam parados do lado de fora do arsenal, polindo espadas fantasmagóricas. Outros andavam na frente do quartel. Um menino fantasma perseguia um cachorro fantasma pela rua. E nos estábulos, um cara grandalhão de brilho vermelho com cabeça de um lobo cuidava de uma manada de... aquilo eram unicórnios?

Nenhum dos campistas prestava muita atenção nos fantasmas, mas enquanto a comitiva de Percy caminhava, com Reyna na liderança, Frank e Hazel de cada lado, todos os espíritos pararam o que estavam fazendo e encararam Percy. Alguns pareceram zangados. O menininho fantasma gritou algo como *greggus!* e ficou invisível.

Percy também queria poder ficar invisível. Depois de algumas semanas sozinho, toda aquela atenção o deixava apreensivo. Ele ficou entre Hazel e

Frank e tentou parecer invisível.

— Estou vendo coisas? — perguntou ele. — Ou eles são...

— Fantasmas? — Hazel se virou. Ela tinha olhos assustadores, como ouro catorze quilates. — São lares. Deuses da casa.

— Deuses da casa — disse Percy. — Tipo... Menores que os verdadeiros deuses, mas maiores que os deuses de apartamento?

— São espíritos ancestrais — explicou Frank. Ele havia tirado seu elmo, revelando um rosto infantil que não combinava com o corte de cabelo militar ou seu corpo robusto. Ele parecia uma criança que tinha tomado esteroides e entrado para a Marinha. — Os lares são um tipo de mascote. Na maior parte do tempo são inofensivos, mas nunca os tinha visto tão agitados.

— Eles estão olhando para mim — disse Percy. — Uma criança fantasma me chamou de *greggus*. Meu nome não é Greg.

— *Graecus* — disse Hazel. — Assim que se acostumar em estar aqui, vai começar a entender latim. Semideuses tem um talento natural para isso. *Graecus* significa grego.

— Isso é ruim? — perguntou Percy.

Frank limpou a garganta.

— Talvez não. Você tem essa aparência, o cabelo escuro e tudo. Talvez eles achem que na verdade você é grego. Sua família é de lá?

— Não faço ideia. Como eu disse, minha memória sumiu.

— Ou talvez... — Frank hesitou.

— O quê? — perguntou Percy.

— Acho que não é nada — disse Frank. — Os romanos e gregos tinham uma antiga rivalidade. Às vezes romanos usam *graecus* como um insulto para alguém estranho... Um inimigo. Mas eu não me preocuparia com isso.

Ele soou bem preocupado.

Eles pararam no meio do acampamento, onde duas ruas se uniam em um T.

Uma placa nomeava uma rua como *via praetoria*. A outra, atravessando o meio do acampamento, estava rotulada como *via principalis*.

Debaixo dos marcadores estavam placas pintadas à mão como BERKELEY A 8 QUILÔMETROS; NOVA ROMA A 1,6 QUILÔMETRO; ROMA ANTIGA A 11.648 QUILÔMETROS; MUNDO INFERIOR A 3.696 QUILÔMETROS (apontando diretamente para baixo); RENO A 332 QUILÔMETROS, e MORTE CERTA: VOCÊ ESTÁ AQUI!

Para uma morte certa, o lugar parecia bem limpo e ordenado. Os prédios eram pintados, arrumados com exagero como se o acampamento tivesse sido projetado por um professor de matemática espalhafatoso. Os quartéis tinham varandas sombrias, onde os campistas descansavam em redes, jogavam cartas e tomavam refrigerante. Cada dormitório tinha uma coleção diferente na frente mostrando algarismos romanos e vários animais – águia, urso, lobo, cavalo e algo que parecia um hamster.

Junto da *Via Praetoria*, filas de lojas anunciavam comida, armaduras, armas, café, equipamentos de gladiador e retalhos de toga. Uma concessionária de bigas tinha um grande anúncio na frente: CÉSAR XLS COM FREIO AUTOMÁTICO, NENHUM DENÁRIO A MENOS!

Em um canto da calçada estava o prédio mais impressionante: uma cunha de dois andares, feita de mármore branco, com entradas de colunas, como um banco à moda antiga. Guardas romanos estavam em frente a ele. Em cima da porta, estava um cartaz grande e roxo com letras *SPQR* douradas bordadas dentro de uma coroa de louros.

— Seu quartel-general? — perguntou Percy.

Reyna olhou para ele, seus olhos ainda frios e hostis.

— É chamado de *principia* — ela examinou a plebe de campistas curiosos que os tinham seguido desde o rio. — Todos voltem às suas funções. Darei uma atualização a vocês na reunião de hoje à noite. Lembrem-se, teremos jogos de guerra depois do jantar.

O pensamento do jantar fez o estômago de Percy roncar. O aroma de churrasco do refeitório deu água na boca. A padaria no fim da rua também cheirava muito bem, mas ele duvidava que Reyna o liberasse para ir até lá.

A multidão se dispersou relutante. Alguns comentaram sobre as chances de Percy.

— Ele está morto — disse um.

— Devem ter sido *aqueles* dois que encontraram ele — disse outro.

— É — murmurou outro. — Deixe-o se juntar à Quinta Coorte. Gregos e *geeks*.

Algumas crianças riram disso, mas Reyna fez uma careta para eles, que sumiram.

— Hazel — disse Reyna. — Venha conosco. Quero seu relatório do que aconteceu nos portões.

— Eu também? — disse Frank. — Percy salvou minha vida. Temos que deixá-lo...

Reyna deu a Frank um olhar tão severo que ele deu um passo para trás.

— Devo te lembrar, Frank Zhang, — disse ela — que você está no próprio *probatio*. Você tem causado problemas o suficiente essa semana.

As orelhas de Frank ficaram vermelhas. Ele brincava com um pingente amarrado no pescoço. Percy não tinha prestado muita atenção naquilo, mas parecia um crachá feito de chumbo.

— Vá ao arsenal. Vou te chamar se precisar.

— Mas... — Frank parou. — Sim, Reyna.

Ele correu de Reyna, que apontou para Hazel e Percy na direção do quartel-general.

— Agora, Percy Jackson, vamos ver se podemos melhorar sua memória.

O *principia* era mais impressionante por dentro. No teto brilhava um mosaico de Rômulo e Remo debaixo de sua mãe loba adotada (Lupa havia contado essa história milhões de vezes para Percy). O chão era de mármore polido. As paredes estavam envoltas em veludo, então Percy se sentiu dentro da tenda de acampamento mais cara do mundo. Ao longo das paredes estava uma exposição de cartazes e varas de madeira cravadas com medalhas e bronze – símbolos militares, adivinhou Percy. No centro estava um mostruário vazio, como se o cartaz principal tivesse sido retirado para a limpeza ou algo do tipo.

No canto, uma escada levava para baixo. Estava bloqueada por uma fileira de barras de ferro como uma porta de prisão. Percy se perguntou o que havia lá em baixo – monstros? Tesouros? Semideuses amnésicos que tinham conhecido o lado mau de Reyna?

No centro da sala, uma longa mesa de madeira estava repleta de pergaminhos, notebooks, *tablets*, adagas e uma tigela grande cheia de jujubas, que parecia estar fora do lugar. Duas estátuas de cães em tamanho real – uma prata e uma dourada – ladeavam a mesa. Reyna foi para trás da mesa e se sentou em uma das duas cadeiras de encosto alto. Percy desejou poder se sentar na outra, mas Hazel ficara de pé. Percy teve a sensação de que ele também teria que ficar.

— Então... — ele começou a dizer.

As estátuas de cachorro arreganharam os dentes e rosnaram.

Percy franziu a testa. Normalmente ele gostava de cachorros, mas aqueles o encaravam com olhos de rubi. Seus dentes pareciam tão afiados

quanto navalhas.

— Quietos meninos — disse aos cães.

Eles pararam de rosnar, mas continuaram encarando Percy como se estivesse imaginando-o em um saco de ração.

— Eles não atacam — Reyna disse — a menos que você tente roubar alguma coisa, ou a menos que eu mande. Eles são Argentum e Aurum.

— Prata e Ouro — disse Percy. Os significados em latim apareceram em sua cabeça, assim como Hazel havia dito que aconteceria. Ele quase perguntou qual era qual. Então percebeu que era uma pergunta idiota.

Reyna colocou sua adaga na mesa. Percy teve a vaga sensação que eles já haviam se visto antes. Seu cabelo era preto e liso como uma pedra vulcânica, trançado nas costas. Ela tinha a pose de um espadachim – relaxada, mas ainda assim vigilante, como se pronta para entrar em ação a qualquer momento. As linhas de preocupação ao redor dos olhos a faziam parecer mais velha do que provavelmente era.

— *Devemos* nos conhecer — decidiu ele. — Não lembro quando. Por favor, se puder me contar qualquer coisa...

— As coisas mais importantes primeiro — disse Reyna. — Quero ouvir sua história. Do que você *lembra*? Como chegou aqui? E não minta. Meus cachorros não gostam de mentirosos.

Argentum e Aurum rosnaram para mostrar o ponto.

Percy contou sua história – como ele havia acordado na mansão em ruínas nas florestas de Sonoma. Ele descreveu o tempo com Lupa e sua matilha, aprendendo a linguagem de gestos e expressões, aprendendo a sobreviver e a lutar.

Lupa o ensinou sobre os semideuses, monstros e deuses. Ela tinha explicado que ela era um dos espíritos guardiões da Roma Antiga. Semideuses como Percy ainda eram responsáveis por continuar as tradições

romanas nos tempos modernos – lutar com monstros, servir aos deuses, proteger mortais e sustentar a memória do império. Ela tinha perdido semanas treinando-o, até ele estar tão forte, resistente e perverso quanto um lobo. Quando ficou satisfeita com suas habilidades, mandou-o para o sul, dizendo que se sobrevivesse na jornada, deveria encontrar uma nova casa e recuperar sua memória.

Nada pareceu surpreender Reyna. De fato, ela pareceu achar isso bem comum – exceto por uma coisa.

— Nenhuma memória? — perguntou ela. — Você não se lembra de nada *ainda*?

— Partes vagas e memórias soltas. — Percy olhou para os cães. Ele não quis mencionar Annabeth. Pareceu muito particular, e ainda estava confuso sobre onde encontrá-la. Tinha certeza que eles tinham se conhecido em um acampamento – mas esse não parecia ser o lugar certo.

Além disso, ele ficou relutante em compartilhar sua única memória clara: o rosto de Annabeth, o cabelo loiro e os olhos cinzentos, o jeito que ela ria, atirando seus braços ao redor dele, e dando um beijo nele sempre que fazia algo estúpido.

Ela deve ter me beijado muito, pensou Percy.

Ele temia que se falasse sobre essa memória para alguém, ela evaporaria como um sonho. Não podia arriscar.

Reyna girou a adaga.

— A maior parte do que descreveu é normal para semideuses. Até certa idade, de um jeito ou de outro, encontramos o caminho para a Casa do Lobo. Somos testados e treinados. Se Lupa achar que somos dignos, nos manda para o sul para entrar para a legião. Mas nunca tinha ouvido falar de alguém que perdeu a memória. Como encontrou o Acampamento Júpiter?

Percy contou a ela sobre seus três últimos dias – as Górgonas que não morriam, a senhora que virou uma deusa e finalmente quando conheceu Hazel e Frank no túnel da colina.

Hazel continuou a história dali. Ela descreveu Percy como corajoso e heroico, o que o deixou desconfortável. Tudo o que ele havia feito tinha sido carregar uma senhora hippie.

Reyna o estudou.

— Você é velho para um recruta. Tem o quê, dezesseis anos?

— Acho que sim — respondeu Percy.

— Se você perdeu tantos anos sozinho, sem treino ou ajuda, devia estar morto. Um filho de Netuno? Você deveria ter uma aura poderosa que atrairia todos os tipos de monstros.

— Sim — disse Percy. — Fui avisado sobre esse cheiro.

Reyna quase sorriu para ele, o que deu esperanças a Percy. Talvez ela fosse humana, afinal de contas.

— Você deve ter ficado em algum lugar antes da Casa do Lobo — disse ela.

Percy deu de ombros. Juno havia dito alguma coisa sobre ele estar adormecido, e ele *tinha* uma sensação vaga que ele tinha ficado mesmo – talvez por um bom tempo. Mas isso não fazia sentido.

Reyna suspirou.

— Bem, os cachorros não te comeram, então acho que está falando a verdade.

— Ótimo. — disse Percy. — Da próxima vez, posso passar pelo polígrafo?

Reyna se levantou. Ela passeou na frente dos cartazes. Seus cachorros de metal a viam ir e voltar.

— Mesmo que eu aceite que você não é um inimigo — disse ela — você não é um recruta comum. A Rainha do Olimpo simplesmente não aparece no acampamento, anunciando um novo semideus. Da última vez que um deus maior nos visitou em pessoa foi... — Ela balançou a cabeça. — Só ouvi lendas sobre essas coisas. E um filho de Netuno... não é um bom sinal. Especialmente agora.

— O que há de errado com Netuno? — perguntou Percy. — E o que quer dizer com *especialmente agora*?

Hazel deu a ele um olhar de aviso.

Reyna continuou passeando.

— Você lutou com as irmãs da Medusa, que não tem sido vistas há milhares de anos. Agitou nossos *Lares*, que estão te chamando de *graecus*. Veste símbolos estranhos — essa camisa, as contas no seu pescoço. O que querem dizer?

Percy olhou para sua camiseta laranja esfarrapada. Devia ter tido palavras alguma vez, mas estavam muito desbotadas para ler. Ele deveria ter jogado a camisa fora algumas semanas atrás. Estava em pedaços, mas não conseguia suportar a ideia de se livrar disso. Só ficou lavando-a em córregos e fontes de água da melhor maneira que conseguia e a colocando de volta.

Quanto ao colar, cada uma das quatro contas de argila estava decorada com um símbolo diferente. Uma mostrava um tridente. Outra era uma miniatura do Velocino de Ouro. A terceira estava gravada com o desenho de um labirinto, e a última tinha a imagem de um prédio — talvez o Edifício Empire State? — com nomes gravados ao redor que Percy não reconheceu. As contas pareciam importantes, como fotos de um álbum de família, mas ele não conseguiu se lembrar do que significavam.

— Não sei — disse ele.

— E sua espada? — perguntou Reyna.

Percy checkou o bolso. A caneta havia reaparecido como sempre. Ele pegou-a, mas então percebeu que nunca tinha mostrado a espada para Reyna. Nem mesmo Hazel e Frank a tinham visto. Como Reyna sabia sobre ela?

Tarde demais para fingir que ela não existia... ele destampou a caneta. Contracorrente apareceu inteira. Hazel ofegou. Os cachorros rosnaram apreensivamente.

— O que é isso? — perguntou Hazel. — Nunca tinha visto uma espada assim.

— Eu já. — Reyna disse sombriamente. — É muito antiga... um modelo grego. Costumávamos ter algumas no arsenal antes de... — Ela parou. — O metal é chamado bronze celestial. É mortal para monstros, como o ouro imperial, mas muito raro.

— Ouro imperial? — perguntou Percy.

Reyna desembainhou a adaga. Com certeza a lâmina era de ouro.

— O metal foi consagrado nos tempos antigos, no Panteão de Roma. Sua existência era rigorosamente guardada em segredo dos imperadores — um jeito de seus campeões matarem monstros que ameaçavam o império. Costumávamos ter mais armas como essa, mas agora... bem, nós as riscamos da lista. Eu uso essa adaga. Hazel tem uma *espata*, uma espada de cavalaria. Mas essa sua arma não é romana, de qualquer modo. É outro sinal de que você não é um semideus comum. E seu braço...

— O que tem? — perguntou Percy.

Reyna ergueu seu próprio antebraço. Percy não tinha notado antes, mas ela tinha uma tatuagem: as letras SPQR, espadas cruzadas e uma tocha, e debaixo disso, quatro linhas paralelas como códigos de barra.

Percy olhou para Hazel.

— Todos a temos — ela confirmou, erguendo seu braço. — Todos os membros completos da legião têm.

A tatuagem de Hazel também tinha as letras SPQR, mas ela só tinha um código de barra, e seu emblema era diferente: um glifo preto como uma cruz com os braços curvos e uma cabeça:



Percy olhou para o seu próprio braço. Alguns arranhões, lama e uma mancha de enroladinhos de salsicha, mas sem tatuagens.

— Então você nunca foi um membro da legião — disse Reyna. — Essas marcas não podem ser tiradas. Acho que talvez... — Ela balançou a cabeça, como se estivesse descartando uma ideia.

Hazel deu um passo à frente.

— Se ele sobreviveu sozinho todo esse tempo, talvez tenha visto Jason. — Ela se virou para Percy. — Você nunca viu um semideus como nós antes? Um cara de camisa roxa, com marcas no braço...

— Hazel. — A voz de Reyna era firme. — Percy já tem o bastante com que se preocupar.

Percy tocou a ponta de sua espada e Contracorrente voltou para a forma de caneta.

— Nunca vi ninguém como vocês antes. Quem é Jason?

Reyna deu um olhar irritado para Hazel.

— Ele é... *era* meu colega. — Ela apontou para a segunda cadeira vazia. — A legião normalmente tem dois *pretors* eleitos. Jason Grace, filho de Júpiter, era nosso outro *pretor* até desaparecer em outubro.

Percy tentou calcular. Ele não prestou muita atenção no calendário no deserto, mas Juno tinha mencionado que agora era junho.

— Quer dizer que ele já se foi há oito meses e vocês não o encontraram?

— Ele pode não estar morto — disse Hazel. — Não vamos desistir.

Reyna fez uma careta. Percy teve a impressão que esse Jason devia ser mais do que só um colega.

— As eleições só acontecem de duas maneiras — disse Reyna. — Ou a legião coloca alguém como um *pretor* depois de uma grande batalha – e não tivemos nenhuma grande batalha – ou temos uma votação na noite de 24 de junho, no Festival de Fortuna. Que será em cinco dias.

Percy franziu a testa.

— Vocês têm um festival do *atum*?

— *Fortuna* — corrigiu Hazel. — Ela é a deusa da sorte. O que quer que aconteça no dia da festa pode afetar o resto do ano. Ela pode conceder ao acampamento boa sorte... ou *muita* má sorte.

Reyna e Hazel olharam para a cadeira vazia, como se estivessem pensando no que estava faltando.

Um arrepio trouxe Percy de volta.

— Festival de Fortuna... As Górgonas falaram disso. E depois Juno. Elas disseram que o acampamento seria atacado nesse dia, alguma coisa sobre uma grande deusa malvada chamada Gaia, um exército e a Morte sendo libertada. Está me dizendo que esse dia é *nessa semana*?

Os dedos de Reyna apertaram o punho da adaga.

— Você não vai falar nada sobre isso fora desta sala — ordenou ela. — Não o quero espalhando mais pânico neste acampamento.

— Então é verdade — disse Percy. — Sabe o que vai acontecer? Podemos parar isso?

Percy tinha acabado de conhecer aquelas pessoas. Ele nem tinha certeza se gostava de Reyna. Mas queria ajudar. Eles eram semideuses, o mesmo que ele. Tinham os mesmos inimigos. Além disso, Percy se lembrou do que Juno tinha dito a ele: não era só o acampamento que estava em risco. Sua antiga vida, os deuses, e o mundo inteiro seriam destruídos. O que quer que esteja vindo, era enorme.

— Já conversamos o suficiente por enquanto — disse Reyna. — Hazel, leve-o ao Templo do Morro. Encontre Octavian. No caminho pode responder as perguntas de Percy. Fale sobre a legião para ele.

— Sim, Reyna.

Percy ainda tinha muitas perguntas, parecia que seu cérebro iria derreter. Mas Reyna deixou bem claro que a audiência havia acabado. Ela embainhou a adaga. Os cachorros de metal se levantaram e rosnaram, avançando lentamente na direção de Percy.

— Boa sorte com o agouro, Percy Jackson. — disse ela. — Se Octavian te deixar viver, talvez possamos comparar as notas... sobre seu passado.

IV

PERCY

NO CAMINHO PARA FORA DO ACAMPAMENTO, Hazel comprou um café e um bolinho de cereja do vendedor de duas cabeças.

Percy devorou o bolinho. O café estava ótimo. Agora, pensou, se ele pudesse tomar um banho, trocar de roupa e dormir um pouco, estaria brilhando feito ouro. Talvez até ouro imperial.

Ele viu um grupo de crianças de trajes de banho e toalhas na cabeça em um prédio que tinha vapor saindo de uma carreira de chaminés. Risos e sons de água ecoavam de dentro, como uma piscina interna — o tipo de lugar que Percy adorava.

— Casa de Banho — disse Hazel. — Vamos te levar para lá depois do jantar, espero. Você não viveu até ter tido um banho romano.

Percy suspirou impaciente.

Enquanto se aproximavam do portão da frente, os quartéis ficavam maiores e mais bonitos. Até os fantasmas pareciam melhores — com

armaduras mais extravagantes e auras mais brilhantes. Percy tentou decifrar os símbolos nos cartazes suspensos nas frentes dos prédios.

— Vocês são divididos em chalés diferentes? — perguntou ele.

— Mais ou menos. — Hazel se abaixou para fugir de uma criança montada em uma águia gigante mergulhando. — Temos cinco Coortes de quarenta crianças cada. Cada Coorte é dividida em quartéis de dez... tipo colegas de quarto.

Percy nunca foi bom em matemática, mas tentou multiplicar.

— Está me dizendo que tem duzentas crianças nesse acampamento?

— Por aí.

— E *todas* elas são filhas de deuses? Os deuses têm estado ocupados.

Hazel riu.

— Nem todas elas são filhas de deuses maiores. Centenas são de deuses romanos menores. Além disso, muitos dos campistas são legados... segunda ou terceira geração. Talvez seus pais tenham sido semideuses. Ou seus avós.

Percy piscou.

— Filhos de semideuses?

— Por quê? Isso te deixa surpreso?

Percy não tinha certeza. Nas últimas semanas ele esteve tão preocupado com sobreviver dia a dia. A ideia de viver o bastante para ser um adulto e ter filhos — isso parecia um sonho impossível.

— Esses legos...

— Legados — corrigiu Hazel.

— Eles têm poderes como um semideus?

— Às vezes sim, às vezes não. Mas podem ser treinados. Todos os maiores generais e imperadores romanos foram reclamados como descendentes dos deuses. Na maior parte do tempo estavam falando a

verdade. O adivinho do acampamento que vamos conhecer, Octavian, é um legado, descendente de Apolo. Ele tem o dom da profecia, supostamente.

— Supostamente?

Hazel fez uma cara azeda.

— Você verá.

Isso não fez Percy se sentir melhor, se esse Octavian tinha o destino de Percy nas mãos.

— Então, essas divisões — ele perguntou — as Coortes, sei lá o quê... vocês são divididos de acordo com seu parentesco divino?

Hazel o encarou.

— Que ideia terrível! Não, os oficiais decidem onde colocar os recrutas. Se fôssemos divididos de acordo com o deus, as Coortes seriam todas desiguais. Eu ficaria sozinha.

Percy sentiu uma pontada de tristeza, como se ele estivesse nessa situação.

— Por quê? Qual é seu ancestral?

Antes de poder responder, alguém atrás deles gritou:

— Espere!

Um fantasma correu na direção dela – um senhor com um medicamento no estômago e uma toga tão longa que ficava tropeçando nela. Ele os alcançou e recuperou o fôlego, sua aura roxa tremendo a seu redor.

— Quem é ele? — o fantasma apontou. — Um novo recruta para a Quinta, talvez?

— Vitellius — Hazel disse — estamos meio que com pressa.

O fantasma fez uma careta para Percy e caminhou ao redor dele, inspecionando-o como um carro usado.

— Não sei — grunhiu ele. — Só precisamos do melhor para a Coorte. Ele tem todos os dentes? Consegue lutar? Ele limpa os estábulos?

— Sim, sim e não — disse Percy. — Quem é você?

— Percy, esse é Vitellius — a expressão de Hazel disse: *Somente concorde com ele*. — Ele é um de nossos *lares*, tem um certo interesse em novos recrutas.

Na varanda próxima, outros fantasmas riram enquanto Vitellius ia e vinha, tropeçava na toga e passava por cima do cinto da espada.

— É — Vitellius disse — nos dias de César... *Júlio* César, lembre-se, a Quinta Coorte tinha alguma coisa! Décima Segunda Legião Fulminata, orgulho de Roma! Mas nesses dias? A vergonha veio a nós. Olhe para Hazel, usando uma *espata*. Arma ridícula para uma legionária romana... é para cavalaria! E você, garoto... você cheira como um cano de esgoto grego. Não tem tomado banho?

— Estive meio ocupado lutando com Górgonas — disse Percy.

— Vitellius — Hazel interrompeu — temos que ler os agouros de Percy antes que ele possa entrar. Por que não vai ver Frank? Ele está no arsenal checando o inventário. Sabe quanto ele valoriza sua ajuda.

As sobrancelhas peludas e roxas do fantasma se ergueram.

— Marte Todo-Poderoso! Eles deixaram o *probatio* checar o armamento? Seremos arruinados!

Ele saiu cambaleando pela rua, parando sempre a alguns metros para pegar sua espada ou arrumar sua toga.

— Ceeeeerto — disse Percy.

— Desculpe — disse Hazel. — Ele é excêntrico, mas é um dos *lares* mais velhos. Está por aqui desde que a legião foi fundada.

— Ele chamou a legião de... *Fulminata*? — disse Percy.

— Armada do Relâmpago — traduziu Hazel. — É nosso lema. A Décima Segunda Legião participou do Império Romano inteiro. Quando Roma caiu, várias legiões desapareceram. Fomos para o subterrâneo, agindo

sob ordens secretas do próprio Júpiter: ainda vivo, recrutando semideuses e seus filhos, mantendo Roma. E foi assim desde então, se mudando para onde quer que a influência romana estivesse mais forte. Nos últimos séculos, estivemos nos Estados Unidos.

Mesmo soando bizarro, Percy não teve problemas em acreditar. De fato, soou familiar, como algo que ele sempre soube.

— E você é da Quinta Coorte — supôs ele, — que talvez não seja a mais popular?

Hazel fez uma careta.

— Sim. Entrei em setembro.

— Então... algumas semanas antes desse Jason desaparecer.

Percy sabia que tinha acertado o ponto sensível. Hazel olhou para baixo. Ela ficou em silêncio o bastante para contar cada pedra do pavimento.

— Vamos lá — disse ela finalmente. — Vou te mostrar minha vista favorita.

Eles pararam do lado de fora das portas principais. A fortaleza estava localizada no ponto mais alto do vale, então podiam ver tudo muito bem.

A rua levava para o rio e se dividia. Uma levava para o sul atravessando uma ponte que levava à colina com todos os templos. A outra levava ao norte para uma cidade em versão miniatura da Roma Antiga. Diferente do acampamento militar, a cidade parecia caótica e colorida, com prédios amontoados em ângulos casuais. Mesmo daquela distância Percy podia ver as pessoas reunidas na praça, compradores circulando pelo mercado ao ar livre, pais com crianças nos parques.

— Vocês têm famílias aqui? — perguntou ele.

— Na cidade, é claro que sim — disse Hazel. — Quando se é aceito na legião, você tem dez anos de serviço para prestar. Depois disso, pode ir para

onde quiser. A maioria dos semideuses vai para o mundo mortal. Mas para alguns... bem, é muito perigoso sair daqui. O vale é um santuário. Você pode ir ao colégio na cidade, se casar, ter filhos, se aposentar quando ficar velho. É o único lugar seguro na Terra para pessoas como nós. Então, sim, vários veteranos fazem suas casas ali, sob a proteção da legião.

Semideuses adultos. Semideuses que podem viver sem medo, se casar, montar uma família. A mente de Percy não conseguia acreditar nisso. Parecia bom demais pra ser verdade.

— Mas e se o vale for atacado?

Hazel apertou os lábios.

— Temos defesas. As fronteiras são mágicas. Mas nossa força não é o que costumava ser. Recentemente, os ataques de monstros vêm aumentando. O que você disse sobre as Górgonas não morrerem... percebemos isso também, com outros monstros.

— Sabe o que está causando isso?

Hazel olhou ao longe. Percy sabia que ela estava escondendo algo — algo que não era para ela dizer.

— É... é complicado — disse ela. — Meu irmão disse que a Morte não é...

Ela foi interrompida por um elefante.

Alguém atrás dele gritou:

— Abram caminho!

Hazel arrastou Percy para fora da estrada enquanto um semideus passava montado em um paquiderme adulto coberto em armadura à prova de balas preta. A palavra elefante estava gravada do lado da armadura, o que parecia meio óbvio para Percy.

O elefante estrondeou na estrada e se virou para o norte, indo em direção a um grande campo aberto onde algumas fortificações estavam sob

construção.

Percy cuspiu o pó da boca.

— O que...?

— Elefante — explicou Hazel.

— Sim, eu li a placa. Por que vocês têm um elefante em um colete à prova de balas?

— Jogos de guerra hoje à noite — disse Hazel. — Esse é Aníbal. Se não o incluir, ele fica triste.

— O que não podemos permitir.

Hazel riu. Era difícil acreditar que ela estava tão melancólica há pouco tempo Percy se perguntou sobre o que ela estava prestes a falar. Ela tinha um irmão. Mesmo assim ela havia dito que estaria sozinha se o acampamento a classificasse por seu parente divino.

Percy não conseguia imaginar. Ela parecia uma pessoa boa e legal, madura para alguém que não podia ter mais que treze anos. Mas ela também parecia estar escondendo uma tristeza profunda, como se sentisse culpada por alguma coisa.

Hazel apontou para o sul, do outro lado do rio. Nuvens escuras estavam se juntando no Templo da Colina. Clarões vermelhos de relâmpago lavavam os monumentos em luz cor de sangue.

— Octavian está ocupado — disse Hazel. — É melhor irmos logo para lá.

No caminho eles passaram por alguns caras com pernas de bode perambulando do lado da estrada.

— Hazel! — gritou um deles.

Ele trotou com um sorriso largo no rosto. Vestia uma camisa havaiana desbotada e nada de calça exceto o pelo amarronzado de bode. Seu enorme

cabelo afro balançava. Seus olhos estavam escondidos por baixo dos óculos cor de arco-íris. Ele segurava um cartaz de papelão que dizia VOU TRABALHAR CAMINHANDO E CANTANDO EMBORA POR DENÁRIOS.

— Oi, Don — disse Hazel. — Desculpa, não temos tempo...

— Ah, que legal! Que legal! — Don trotou junto deles. — Ei, esse cara é novato! — Ele apontou para Percy. — Você tem três denários para o ônibus? Porque deixei minha carteira em casa, tenho que trabalhar, e...

— Don — Hazel repreendeu. — Faunos não têm carteiras. Ou trabalhos. Ou casas. E nós não temos ônibus.

— Tá legal — disse ele alegremente — mas você tem denários?

— Seu nome é Don, o Fauno? — perguntou Percy.

— É. E daí?

— Nada. — Percy tentou manter a cara de sério. — Por que faunos não têm trabalho? Eles não deviam trabalhar para o acampamento?

Don bufou.

— Faunos! Trabalharemos para o acampamento! Hilário!

— Faunos são, hã, espíritos livres — explicou Hazel. — Eles aparecem por aqui porque, bem, é um lugar seguro para aparecer e mendigar.

— Ah, a Hazel é incrível! — disse Don. — Ela é tão legal! Todos os outros campistas são tipo, “*vá embora, Don*”. Mas ela é tipo “*por favor vá embora, Don*”. Eu adoro ela!

O fauno pareceu contente, mas Percy ainda o achava fora de lugar. Não pôde tirar a impressão de que faunos deviam ser mais que mendigos pedindo denários.

Don olhou para o chão na frente deles e engasgou.

— Ahá!

Ele estendeu a mão para alguma coisa, mas Hazel gritou:

— Don, não!

Ela o tirou do caminho e pegou um pequeno objeto reluzente. Percy o viu de relance antes de Hazel o jogar no bolso. Ele podia jurar que era um diamante.

— Qual é, Hazel — reclamou Don. — Eu poderia comprar rosquinhas por um ano com isso!

— Don, por favor — disse Hazel. — Vá embora.

Ela soou abalada, como se tivesse acabado de salvar Don do peso de um elefante à prova de balas.

O fauno suspirou.

— Ah, não consigo ficar bravo com você. Mas eu juro, é como se você desse boa sorte. Toda vez que você caminha por...

— Até logo, Don — Hazel disse rapidamente. — Vamos, Percy.

Ela começou a correr. Percy teve de correr para acompanhá-la.

— O que foi aquilo? — perguntou Percy. — O diamante na estrada...

— Por favor — disse ela. — Não pergunte.

Eles andaram em silêncio pelo resto do caminho para o Templo da Colina. Um caminho de pedra torto levava a uma variedade maluca de pequenos altares e grandes abóbadas. As estátuas dos deuses pareciam seguir Percy com os olhos.

Hazel apontou para o Templo de Belona.

— Deusa da guerra — disse ela. — É a mãe de Reyna.

Então eles passaram por uma cripta vermelha enorme decorada com caveiras humanas e estacas de ferro.

— Por favor, não me diga que vamos entrar aí — disse Percy.

Hazel balançou a cabeça.

— Esse é o Templo de Marte Ultor.

— Marte... Ares, o deus da guerra?

— Esse é seu nome grego — disse Hazel. — Mas é, o mesmo cara. Ultor significa *o Vingador*. Ele é o segundo deus mais importante de Roma.

Percy não ficou empolgado em ouvir isso. Por alguma razão, só de olhar para aquele prédio vermelho feio o fazia ficar furioso.

Ele apontou para o topo. Nuvens giravam em volta do templo maior, um pavilhão redondo com um anel de colunas brancas suportando um telhado.

— Esse deve ser de Zeus... hã, quer dizer, de Júpiter? É para onde estamos indo?

— É — Hazel soou irritada. — Octavian lê os agouros ali, o Templo de Júpiter, o Optimus Maximus.

Percy teve que pensar nisso, mas as palavras em latim trincaram no inglês.

— Júpiter... o melhor e maior?

— Correto.

— Qual o título de Netuno? — perguntou Percy. — O mais legal e mais incrível?

— Hã, nem tanto. — Hazel apontou para um pequeno prédio azul do tamanho de um barracão de ferramentas. Um tridente coberto de teia de aranha pendia acima da porta.

Percy espiou lá dentro. Em um pequeno altar estava uma tigela com três maçãs secas mofadas.

Seu coração afundou.

— Lugar popular.

— Me desculpe, Percy — Hazel disse — que É... os romanos sempre tiveram medo do mar. Só usavam navios quando precisavam *mesmo*. Mesmo nos tempos modernos, ter um filho de Netuno por aí quase sempre é um sinal ruim. Na última vez que um se juntou à legião... bem isso foi em 1906

quando o Acampamento Júpiter era localizado do outro lado da Bay Area. Houve esse enorme terremoto...

— Está me dizendo que um filho de Netuno causou isso?

— É o que dizem. — Hazel deu um olhar de desculpa. — De qualquer jeito... Os romanos respeitam Netuno, mas não o adoram tanto.

Percy olhou para as teias no tridente. *Ótimo*, pensou ele. Mesmo se ele entrasse para o acampamento, nunca seria amado. A melhor esperança era assustar seus novos colegas de acampamento. Talvez se ele assustasse bem, eles o dessem algumas maçãs mofadas.

Mesmo assim... de pé no altar de Netuno, ele sentiu alguma coisa agitando dentro dele, como ondas ondulando por suas veias.

Ele tirou o último pedaço de comida de seu passeio da mochila — uma rosquinha velha. Não era muito, mas colocou-a no altar.

— Ei... hã, pai — ele se sentiu bem idiota falando com uma tigela de frutas. — Se puder me ouvir, me ajuda, está bem? Devolva minha memória. Me diga... me diga o que fazer.

Sua voz vacilou. Ele não queria ser emocional, mas estava exausto e assustado, e esteve perdido por tanto tempo, ele daria qualquer coisa para alguma orientação. Queria saber algo sobre sua vida, sem agarrar memórias ausentes.

Hazel colocou a mão em seu ombro.

— Vai ficar tudo bem. Está aqui agora. Você é um de nós.

Ele se sentiu estranho, dependendo de uma garota da oitava série que ele mal conhecia para se consolar, mas estava feliz que ela estivesse ali.

Acima deles, um trovão soou. Uma luz avermelhada preencheu a colina.

— Octavian está quase acabando — disse Hazel. — Vamos lá.

Comparado ao galpão de ferramentas de Netuno, o templo de Júpiter era definitivamente *optimus e maximus*.

O chão de mármore estava repleto de mosaicos extravagantes e inscrições em latim. Cento e dez metros acima, o teto de ouro brilhava. O templo inteiro era ao ar livre.

No centro ficava um altar de mármore, onde um garoto em uma toga estava fazendo algum tipo de ritual na frente de uma estátua gigante do próprio grandalhão: Júpiter, o deus do céu, vestido em uma toga púrpura tamanho GG, segurando um raio.

— Não parece ele — murmurou Percy.

— O quê? — perguntou Hazel.

— O Raio-Mestre — disse Percy.

— *Do que você tá falando?*

— Eu... — Percy franziu a testa. Por um segundo achou ter lembrado de alguma coisa. Depois se foi. — Nada, eu acho.

O garoto no altar ergueu os braços. Mais luz avermelhada iluminou o céu, sacudindo o templo. Então abaixou os braços, e as trovoadas pararam. As nuvens mudaram para cinza, depois branco e então se desfizeram.

Um truque muito impressionante, considerando que o garoto não parecia tão impressionante. Ele era alto e magro, com cabelo cor de palha, jeans maior que o seu tamanho, uma camiseta larga e toga caindo. Ele parecia um espantalho vestindo um lençol.

— O que ele está fazendo? — murmurou Percy.

O cara na toga se virou. Ele tinha um sorriso torto e um brilho maluco nos olhos, como se estivesse jogando videogame intensamente. Em uma mão segurava uma faca. Na outra alguma coisa parecida com um animal morto. O que não o fazia parecer menos maluco.

— Percy — Hazel disse — esse é Octavian.

— O *graecus*! — anunciou Octavian. — Que interessante.

— Hã, oi — disse Percy. — Você está matando animaizinhos?

Octavian olhou para a coisa fuzilada na mão e riu.

— Não, não. Nos tempos antigos, sim. Costumávamos ler a vontade dos deuses examinando as tripas do animal... galinhas, bodes, esse tipo de coisa. Hoje em dia, usamos isso.

Ele passou a coisa mutilada para Percy. Era um ursinho de pelúcia destripado. Então Percy notou que havia uma pilha de animais de pelúcia mutilados no pé da estátua de Júpiter.

— Sério? — perguntou Percy.

Octavian desceu da plataforma. Ele provavelmente tinha dezoito anos, mas era tão magro e doentiamente pálido, poderia se passar por mais novo. Primeiro pareceu inofensivo, mas quando chegou mais perto, Percy não teve tanta certeza. Os olhos de Octavian brilhavam com uma curiosidade chocante, como se devesse destripar Percy tão facilmente quanto um ursinho e se aprenderia algo com isso.

Octavian estreitou os olhos.

— Você parece nervoso.

— Você me lembra alguém — disse Percy. — Não lembro quem.

— Provavelmente meu homônimo, Octavian: Augusto César. Todos dizem que tenho uma notável semelhança.

Percy não achava que fosse isso, mas não pôde achar a memória.

— Você me chamou de *o grego*?

— Vi isso nos agouros. — Octavian apontou a faca para a pilha de estofados no altar. — A mensagem dizia *O grego voltou*. Ou provavelmente *o ganso chorou*. Acho que a primeira interpretação é a correta. Quer entrar na legião?

Hazel falou por ele. Ela disse a Octavian tudo o que tinha acontecido desde quando se conheceram no túnel — as Górgonas, a luta no rio, o aparecimento de Juno, a conversa com Reyna.

Quando ela mencionou Juno, Octavian pareceu surpreso.

— Juno — ele refletiu. — A chamamos de Juno Moneta. Juno, a Informadora. Ela aparece em tempos de crise, para aconselhar Roma sobre grandes ameaças.

Ele olhou para Percy, como se dissesse: *como gregos misteriosos, por exemplo.*

— Ouvi que o Festival de Fortuna é nessa semana — disse Percy. — As Górgonas avisaram que haveria uma invasão nesse dia. Você viu isso no seu estofamento?

— Infelizmente não. — Octavian suspirou. — A vontade dos deuses está difícil de discernir. E nesses dias, minha visão está realmente escura.

— Vocês não têm... sei lá — Percy disse — um oráculo ou algo do tipo?

— Um oráculo! — Octavian sorriu. — Que ideia fofinha. Não, receio que estamos com oráculos em falta. Agora, se formos questionar os livros sibilinos, como recomendei...

— Os livros sibioquê? — perguntou Percy.

— Livros de profecia — Hazel disse — que Octavian é *obcecado* por eles. Os romanos costumavam consultá-los quando desastres aconteciam. A maioria acredita que eles foram queimados quando Roma caiu.

— *Alguns* acreditam nisso — corrigiu Octavian. — Infelizmente nossa liderança atual não vai autorizar uma busca para procurar por eles...

— Porque Reyna não é idiota — disse Hazel.

— ...então só temos alguns trechos que restaram dos livros — continuou Octavian. — Algumas predições misteriosas, como essa.

Ele apontou com o queixo para as inscrições no chão de mármore. Percy encarou as linhas de palavras, esperando não entendê-las. Ele quase ficou chocado.

— Essa. — Ele apontou, traduzindo enquanto lia em voz alta:

*Sete meios-sangues responderão ao chamado.
em tempestade ou fogo, o mundo terá acabado...*

— Sim, sim. — Octavian terminou sem olhar:

*Um juramento a manter com um alento final,
e inimigos com armas às Portas da Morte afinal.*

— Eu... eu conheço essa. — Percy pensou que o trovão estava sacudindo o templo de novo. Então percebeu que seu corpo inteiro estava tremendo. — É importante.

Octavian levantou as sobrancelhas.

— Claro que é importante. Nós a chamamos de Profecia dos Sete, mas tem milhares de anos. Não sabemos o que significa. Toda vez que alguém tenta interpretá-la... Bem, Hazel pode te contar. Coisas ruins acontecem.

Hazel olhou para ele.

— Só leia o agouro para Percy. Ele pode entrar para a legião ou não?

Percy quase podia ver a mente de Octavian trabalhando, imaginando ou não se Percy seria útil. Ele ergueu a mão para a mochila de Percy.

— Que espécime bonito. Posso?

Percy não entendeu o que ele quis dizer, mas Octavian arrancou o travesseiro de panda do Mercado da Barganha que estava no topo da bolsa. Ele tinha uma bela afeição por ele. Octavian se virou na direção do altar e ergueu a faca.

— Ei! — protestou Percy.

Octavian cortou a barriga do panda e derramou a espuma no altar. Ele atirou a carcaça do panda para o lado, murmurou algumas palavras sobre a espuma e se virou com um grande sorriso no rosto.

— Boas notícias! — disse ele. — Percy pode entrar para a legião. Vamos nomeá-lo em uma Coorte no jantar de hoje à noite. Diga a Reyna que eu aprovo.

Os ombros de Hazel relaxaram.

— Hã... ótimo. Vamos, Percy.

— Ah, e Hazel — disse Octavian. — Estou feliz em dar as boas-vindas a Percy na legião. Mas quando as eleições para pretor chegarem, espero que se lembre...

— Jason *não* está morto — respondeu Hazel. — Você é o agoureiro. Era para estar procurando por ele!

— Ah, eu estou! — Octavian apontou para a pilha de animais de pelúcia destripados. — Consulto os deuses todo dia! Ai de mim, depois de oito meses não achei nada. Claro, ainda estou procurando. Mas se Jason não voltar até o Festival de Fortuna, precisamos agir. Não podemos ter um vazio no poder por muito tempo. Espero que você me apoie como pretor. Significaria muito para mim.

Hazel cerrou os punhos.

— Eu. Apoiar. Você?

Octavian tirou a toga, colocando ela e a faca no altar. Percy notou sete linhas no braço de Octavian — sete anos de acampamento, supôs Percy. A marca de Octavian era uma harpa, o símbolo de Apolo.

— Afinal de contas — disse Octavian a Hazel — devo conseguir te ajudar. Seria um desperdício se aqueles rumores terríveis sobre você ficassem circulando... ou, que os deuses proíbam, se eles virassem realidade.

Percy colocou a mão no bolso e agarrou a caneta. O cara estava chantageando Hazel. Estava na cara. Um sinal de Hazel, e Percy estava pronto para acionar Contracorrente e ver como Octavian gostaria de estar do outro lado de uma lâmina.

Hazel respirou profundamente. Seus dedos estavam brancos.

— Vou pensar sobre isso.

— Excelente — disse Octavian. — Falando nisso, seu irmão está aqui.

Hazel enrijeceu.

— Meu irmão? Por quê?

Octavian deu de ombros.

— Por que seu irmão faz *alguma coisa*? Ele está te esperando no santuário do seu pai. Só... ah, não o convide para ficar por muito tempo. Ele tem um efeito perturbador nos outros. Agora, se me der licença, tenho que continuar procurando pelo nosso pobre amigo perdido, Jason. Prazer em conhecê-lo, Percy.

Hazel saiu correndo do pavilhão, e Percy a seguiu. Ele tinha certeza que nunca esteve tão satisfeito em sair de um templo em toda sua vida.

Enquanto Hazel descia a colina, ela amaldiçoava em latim. Percy não entendeu tudo, mas conseguiu entender “filho de uma Górgona”, “cobra sedenta de poder” e algumas sugestões de onde Octavian podia enfiar sua faca.

— *Odeio* esse cara — ela murmurou em inglês. — Se tivesse um jeito...

— Ele não vai se eleger para pretor mesmo, vai? — perguntou Percy.

— Queria poder ter certeza. Octavian tem um monte de amigos, a maioria deles *comprados*. O resto dos campistas tem medo dele.

— Tem medo de um carinha magrelo?

— Não o subestime. Reyna não é tão ruim, mas se Octavian compartilhar seu poder... — Hazel tremeu. — Vamos ver meu irmão. Ele vai querer te conhecer.

Percy não discutiu. Ele queria conhecer esse irmão misterioso, talvez descobrir algo sobre Hazel — quem era seu pai, que segredo ela estava escondendo. Percy não podia acreditar que ela tinha feito alguma coisa para ser culpada. Ela parecia tão legal. Mas Octavian tinha agido como se soubesse de alguma coisa de primeira sobre ela.

Hazel levou Percy para dentro de uma cripta preta ao lado da colina. De pé na frente dela estava um adolescente em jeans preto e jaqueta de aviador.

— Ei — chamou Hazel. — Te trouxe um amigo.

O garoto se virou. Percy teve outro daquelas sensações estranhas: como se fosse alguém que ele devesse conhecer. O garoto era quase tão pálido quanto Octavian, mas com olhos escuros e cabelo preto bagunçado. Ele não se parecia com Hazel. Usava um anel de caveira de prata, um cinto de corrente e uma camisa preta com desenho de caveira. Do seu lado pendia uma espada preta.

Por um microssegundo, quando viu Percy, o garoto pareceu chocado — em pânico, como se tivesse sido pego por um holofote.

— Esse é Percy Jackson — disse Hazel. — Ele é um cara legal. Percy, esse é meu irmão, o filho de Plutão.

O garoto recuperou a compostura e levantou a mão.

— Prazer em conhecê-lo — disse ele. — Sou Nico di Angelo.

HAZEL

HAZEL SE SENTIU COMO SE TIVESSEM ACABADO DE COLOCAR duas bombas nucleares. Agora estava esperando para ver qual delas explodiria primeiro.

Até aquela manhã, seu irmão Nico tinha sido o semideus mais poderoso que ela havia conhecido. Os outros no Acampamento Júpiter o viam como um viajante excêntrico, tão inofensivo quanto os faunos. Hazel sabia melhor. Não tinha crescido com Nico, sequer o tinha conhecido por muito tempo. Mas sabia que Nico era mais perigoso que Reyna, ou Octavian, ou talvez até mesmo Jason.

E então ela conheceu Percy.

No início, quando o viu tropeçando pela estrada com a velha em seus braços, Hazel tinha pensado que ele poderia ser um deus disfarçado. Mesmo que estivesse machucado, sujo e encurvado de exaustão, ele tinha uma áurea de poder. Tinha a boa aparência de um deus romano, com olhos verde-mar e cabelos pretos soprados ao vento.

Ela ordenou que Frank não disparasse nele. Pensou que os deuses poderiam estar testando-os. Ela tinha ouvido mitos como esse: um garoto com uma velha pede por abrigo, e quando os rudes mortais recusam – *boom*, eles são transformados em lesmas gosmentas.

Então Percy havia controlado o rio e destruído as Górgonas. Ele tinha transformado uma caneta em uma espada de bronze. Havia despertado todo o acampamento com a conversa sobre os *graecus*.

Um filho do deus do mar...

Há muito tempo, havia sido dito a Hazel que um descendente de Netuno iria salvá-la. Mas poderia Percy realmente tirar a maldição dela? Parecia demais para esperar.

Percy e Nico apertaram as mãos. Eles estudaram um ao outro cuidadosamente, e Hazel lutou contra o impulso de correr. Se aqueles dois batessem as espadas mágicas, as coisas poderiam ficar feias.

Nico não aparentava medo. Ele estava magro e desleixado em suas roupas pretas amassadas. Seu cabelo, como sempre, tinha a aparência de alguém que tinha acabado de sair da cama.

Hazel se lembrava de quando ela o havia conhecido. A primeira vez que ela o tinha visto desembainhar aquela espada, quase riu. A maneira como ele a chamou de “Ferro estígio”, todo com-jeito-de-sério — parecia ridículo. Este garoto magrelo e branco não era um lutador. Ela certamente não tinha acreditado que eles eram parentes. Mas havia mudado de ideia sobre isso bem rápido.

Percy fez uma careta.

— Eu... Eu conheço você.

Nico ergueu as sobrancelhas.

— Você conhece? — Ele olhou para Hazel por uma explicação.

Hazel hesitou. Alguma coisa sobre a reação de seu irmão não estava certa. Ele estava se esforçando para agir casualmente, mas quando ele havia visto Percy pela primeira vez, Hazel tinha notado seu olhar momentâneo de pânico. Nico já conhecia Percy. Ela tinha certeza disso. Por que ele estava fingindo o contrário?

Hazel forçou-se a falar.

— Hã... Percy perdeu sua memória.

Ela contou ao seu irmão o que tinha acontecido desde que Percy havia chegado aos portões.

— Então, Nico... — ela continuou cuidadosamente — eu pensei... que já que você viaja por toda parte. Talvez você tenha conhecido semideuses como Percy antes, ou...

A expressão de Nico ficou tão escura quanto o Tártaro. Hazel não entendia o porquê, mas ela entendeu a mensagem: *desista*.

— Essa história sobre o exército de Gaia — disse Nico. — Você avisou Reyna?

Percy assentiu.

— Quem é Gaia, afinal?

A boca de Hazel ficou seca. Só de ouvir esse nome... Tudo o que ela podia fazer era impedir que seus joelhos se curvassem. Lembrou-se de uma suave voz adormecida de mulher, uma caverna brilhante, e sentindo seus pulmões se encherem de óleo negro.

— Ela é a deusa da terra. — Nico olhou para o chão como se ela pudesse estar ouvindo. — A deusa mais antiga de todos. Ela está em um sono profundo na maior parte do tempo, mas odeia os deuses e seus filhos.

— A Mãe-Terra... é má? — perguntou Percy.

— Muito — Nico disse gravemente. — Ela convenceu seu filho, o titã Cronos... hã, quero dizer, Saturno... a matar seu pai, Urano, e dominar o

mundo. Os titãs governaram por um longo tempo. E então os filhos dos titãs, os deuses do Olimpo, os derrubaram.

— Essa história parece familiar. — Percy pareceu surpreso, como se uma antiga memória tivesse vindo parcialmente à tona. — Mas eu não acho que já tenha ouvido a parte sobre Gaia.

Nico deu de ombros.

— Ela ficou louca quando os deuses assumiram. Ela tomou um novo marido, Tártaro, o espírito do abismo e deu à luz a uma raça de gigantes. Eles tentaram destruir o Monte Olimpo, mas os deuses finalmente os venceram. Pelo menos... na primeira vez.

— A primeira vez? — repetiu Percy.

Nico olhou para Hazel. Ele provavelmente não queria fazê-la sentir-se culpada, mas ela não podia evitar isso. Se Percy soubesse a verdade sobre ela, e as coisas horríveis que ela havia feito...

— No verão passado, — Nico continuou — Saturno tentou retornar. Houve uma segunda Guerra Titã. Os romanos do Acampamento Júpiter atacaram violentamente seu quartel-general no Monte Ótris, do outro lado da baía, e destruíram seu trono. Saturno desapareceu... — Ele hesitou, observando o rosto de Percy. Hazel ficou com a impressão de que seu irmão estava nervoso pelo que mais da memória de Percy poderia voltar.

— Hã, de qualquer forma, — Nico continuou — Saturno provavelmente sumiu de volta para o abismo. Todos nós achávamos que a guerra estava acabada. Agora parece que a derrota dos titãs despertou Gaia. Ela está começando a acordar. Tenho ouvido relatos de gigantes renascendo. Se eles pretendem desafiar os deuses de novo, provavelmente vão começar por destruir os semideuses...

— Você disse isso à Reyna? — perguntou Percy.

— É claro. — A boca de Nico se contraiu. — Os romanos não confiam em mim. É por isso que eu estava esperando que ela ouvisse você. Filhos de Plutão... bem, sem ofensa, mas acham que somos piores até mesmo do que filhos de Netuno. Nós somos má sorte.

— Eles deixaram que Hazel ficasse aqui — observou Percy.

— Isso é diferente — disse Nico.

— Por quê?

— Percy — Hazel interveio — olha, os gigantes não são o pior problema. Até mesmo... mesmo *Gaia* não é o pior problema. A coisa que você disse sobre as Górgonas, como elas não morreram, *esse* é o nosso maior problema.

Ela olhou para Nico. Ela estava ficando perigosamente perto de seu próprio segredo agora, mas por alguma razão Hazel confiava em Percy. Talvez porque ele também era um forasteiro, talvez porque ele tinha salvado Frank no rio. Ele merecia saber o que eles estavam enfrentando.

— Nico e eu, — disse ela cuidadosamente — pensamos que o que está acontecendo é que... a Morte não está...

Antes que ela pudesse terminar, um grito veio colina abaixo.

Frank correu na direção deles, vestindo sua calça jeans, camiseta roxa do acampamento, e jaqueta de brim. Suas mãos estavam cobertas com graxa de limpar armas.

Como toda vez que ela via Frank, o coração de Hazel deu um salto e realizou um pouco de sapateado – o que *realmente* a irritava. Claro, ele era um bom amigo – uma das únicas pessoas no acampamento que não a tratava como se ela tivesse uma doença contagiosa. Mas ela não gostava dele *dessa* maneira.

Ele era três anos mais velho que ela, e ele não era exatamente um Príncipe Encantado, com essa combinação estranha de rosto de bebê e

corpo enorme de lutador de luta-livre. Parecia um coala fofinho com músculos. O fato de que todo mundo sempre tentou juntá-los — *os dois maiores perdedores no acampamento! Vocês são perfeitos um para o outro* — apenas fazia Hazel mais determinada a não gostar dele.

Mas seu coração não agia como planejado. Ele ficava louco sempre que Frank estava por perto. Ela não tinha se sentido assim desde... Bem, desde Sammy.

Pare com isso, pensou ela. *Você está aqui por uma razão — e não é para arranjar um novo namorado.*

Além disso, Frank não sabia de seu segredo. Se soubesse, ele não seria tão legal com ela.

Ele chegou ao santuário.

— Ei, Nico...

— Frank. — Nico sorriu. Ele parecia achar Frank engraçado, talvez porque ele fosse o único no acampamento que não era apreensivo perto dos filhos de Plutão.

— Reyna me enviou para buscar Percy — disse Frank. — Octavian aceitou você?

— Sim — disse Percy. — Ele trucidou meu panda.

— Ele... Ah. O agouro? Sim, ursos de pelúcia devem ter pesadelos com aquele cara. Mas você está dentro! Precisamos deixá-lo limpo antes da reunião noturna.

Hazel percebeu que o sol estava ficando baixo sobre as colinas. Como o dia havia passado tão rápido?

— Você está certo — disse ela. — É melhor que nós...

— Frank — Nico interrompeu — por que você não leva Percy para baixo? Hazel e eu alcançaremos vocês logo.

Uh-Oh, pensou Hazel. Ela tentou não parecer ansiosa.

— Essa é... essa é uma boa ideia — ela conseguiu dizer. — Vão na frente, pessoal. Nós vamos alcançá-los.

Percy olhou para Nico mais uma vez, como se ele ainda estivesse tentando reconhecer uma memória.

— Eu gostaria de falar com você um pouco mais. Não posso afastar a sensação de...

— Claro — concordou Nico. — Mais tarde. Eu vou ficar durante a noite.

— Você vai? — Hazel disse rapidamente.

Os campistas iriam amar isso – o filho de Netuno e o filho de Plutão chegando no mesmo dia. Agora tudo o que eles precisavam era de mais alguns gatos pretos e espelhos quebrados.

— Vá em frente, Percy — disse Nico. — Acomode-se. — Ele se virou para Hazel, e ela teve a sensação de que a pior parte do dia ainda estava por vir. — Minha irmã e eu precisamos conversar.

— Você o conhece, não é? — disse Hazel.

Eles se sentaram no telhado do Santuário de Plutão, que era coberto de ossos e diamantes. Tanto quanto Hazel sabia, os ossos sempre estiveram ali. Os diamantes eram culpa dela. Se ela se sentasse em qualquer lugar por muito tempo, ou apenas ficasse ansiosa, eles começariam a aparecer ao seu redor como cogumelos depois de uma chuva. Vários milhões de dólares de pedras brilhavam no telhado, mas felizmente os outros campistas não tocariam neles. Eles sabiam mais do que roubar templos — especialmente o de Plutão — e os faunos nunca viriam aqui em cima.

Hazel estremeceu, lembrando sua chamada próxima de Don naquela tarde. Se ela não tivesse se movido rapidamente e apanhado aquele

diamante da estrada... ela não queria pensar nisso. Ela não precisava de outra morte em sua consciência.

Nico balançou seus pés como uma criança pequena. Sua espada de ferro estígio estava ao seu lado, próxima à *espata* de Hazel. Ele contemplou o vale, onde equipes de construção estava trabalhando no Campo de Marte, construindo fortificações para os jogos desta noite.

— Percy Jackson. — Ele disse o nome como um encantamento. — Hazel, tenho que ser cuidadoso com o que eu digo. Coisas importantes estão em jogo aqui. Alguns segredos precisam permanecer em segredo. Você de todas as pessoas, deve entender isso.

As bochechas de Hazel ficaram quentes.

— Mas ele não é como... como eu?

— Não — disse Nico. — Sinto muito, eu não posso te contar mais. Não posso interferir. Percy tem que encontrar seu próprio caminho neste acampamento.

— Ele é perigoso? — perguntou ela.

Nico conseguiu dar um sorriso seco.

— Muito. Para seus inimigos. Mas ele não é uma ameaça para o Acampamento Júpiter. Você pode confiar nele.

— Como confio em você — disse Hazel, amargamente.

Nico torceu seu anel de caveira. Ao seu redor, ossos começaram a tremer como se estivessem tentando formar um novo esqueleto. Sempre que ele ficava mal-humorado, Nico tinha esse efeito na morte, uma espécie de maldição como a de Hazel. Entre eles, representavam duas esferas de controle de Plutão: morte e riquezas. Às vezes Hazel pensava que Nico tinha conseguido a melhor parte.

— Olha, eu sei que é difícil — disse Nico. — Mas você tem uma segunda chance. Pode fazer as coisas de maneira certa.

— Nada sobre isso é certo — disse Hazel. — Se eles descobrirem a verdade sobre mim...

— Eles não vão — prometeu Nico. — Vão ser chamados para uma missão em breve. Eles têm que ser chamados. Você vai me deixar orgulhoso, Bi...

Ele se conteve, mas Hazel sabia do que ele quase a havia chamado: *Bianca*. A verdadeira irmã de Nico — aquela que havia crescido com ele. Nico poderia se preocupar com Hazel, mas ela nunca seria Bianca. Hazel era simplesmente a coisa mais próxima que Nico poderia conseguir — um prêmio de consolação do Mundo Inferior.

— Sinto muito — disse ele.

A boca de Hazel ficou com gosto de metal, como se pepitas de ouro fossem aparecendo debaixo de sua língua.

— Então é verdade sobre a Morte? É culpa de Alcioneu?

— Acho que sim — disse Nico. — Está ficando ruim no Mundo Inferior. Papai está enlouquecendo tentando manter as coisas sob controle. Pelo que Percy disse sobre as Górgonas, as coisas estão piorando até aqui, também. Mas olha, é por isso que você está aqui. Todas essas coisas no seu passado... Você pode fazer algo *bom* sair disso. Você pertence ao Acampamento Júpiter.

Isso soou um tanto ridículo, Hazel quase riu. Ela não pertencia a esse lugar. Ela nem pertencia a esse século.

Ela deveria ter sabido melhor do que focar no passado, mas se lembrava do dia em que sua antiga vida havia sido destruída. A escuridão a atingiu tão de repente, nem mesmo teve tempo de dizer, *Oh-oh*. Ela voltou no tempo. Não um sonho ou uma visão. A memória veio sobre ela com uma clareza perfeita, ela sentiu que estava verdadeiramente ali.

No seu aniversário mais recente. Ela havia apenas feito treze. Não em dezembro *passado*, mas em 17 de dezembro de 1941, o último dia em que ela viveu em Nova Orleans.

VI

HAZEL

HAZEL ESTAVA CAMINHANDO PARA CASA SOZINHA pelos estábulos. Apesar da noite fria, estava vibrando de calor. Sammy tinha apenas a beijado na bochecha.

O dia tinha sido cheio de altos e baixos. Crianças na escola brincavam com ela sobre sua mãe, chamando-a de bruxa e um monte de outros nomes. Isso vinha acontecendo há muito tempo, é claro, mas foi piorando. Boatos foram se espalhando sobre a maldição de Hazel. A escola era chamada Academia Santa Agnes para Crianças de Cor e Indígenas, um nome que não tinha mudado em cem anos. Assim como seu nome, o lugar mascarava um monte de crueldade sob um fino verniz de bondade.

Hazel não entendia como outras crianças negras poderiam ser tão más. Elas deveriam ter se conhecido melhor, já que elas mesmas tinham que aturar xingamentos. Mas eles gritaram com ela e roubaram seu almoço, sempre pedindo aquelas joias famosas:

— Onde estão os diamantes amaldiçoados, menina? Me dê um pouco ou vou te machucar! — Eles empurravam-na na fonte de água, e atiravam pedras se ela tentasse abordá-los no parque infantil.

Apesar do quanto eles eram horríveis, Hazel nunca lhes deu diamantes ou ouro. Ela não odiava ninguém tanto assim. Além disso, tinha um amigo, Sammy, e isso era o suficiente.

Sammy gostava de brincar que ele era o perfeito estudante de Santa Agnes. Era mexicano-americano, de modo que ele se considerava de cor e indígena.

— Eles deveriam me dar uma bolsa dupla — dizia ele.

Ele não era grande ou forte, mas ele tinha um sorriso louco e fazia Hazel rir.

Naquela tarde ele levou-a para os estábulos, onde trabalhava como um cavaleiro. Era um clube de equitação para “brancos apenas”, é claro, mas era fechado em dias de semana, e com a guerra, falava-se que o clube poderia ter que desligar-se completamente até que os japoneses fossem chicoteados e os soldados voltassem para casa. Sammy podia geralmente se esgueirar para ajudar Hazel a cuidar dos cavalos. De vez em quando eles iam cavalgando.

Hazel amava cavalos. Eles pareciam ser os únicos seres vivos que não tinham medo dela. Pessoas a odiavam. Gatos sibilavam. Cães rosnavam. Mesmo os estúpidos hamsters da sala de aula da senhorita Finley guinchavam de terror quando ela lhes dava uma cenoura. Mas os cavalos não se importavam. Quando estava na sela, podia andar tão rápido que não havia nenhuma possibilidade de pedras preciosas surgirem em seu rastro. Quase sentia-se livre de sua maldição.

Naquela tarde, ela tinha tirado um garanhão alazão castanho lindo com uma crina negra. Ela galopou para o campo tão rapidamente que deixou

Sammy para trás. No momento que eles emparelharam, ele e seu cavalo estavam ambos sem fôlego.

— Do que você está correndo? — ele riu. — Eu não sou *tão* feio, sou?

Estava frio demais para um piquenique, mas eles fizeram um de qualquer maneira, sentados sob uma árvore de magnólia com os cavalos amarrados a uma cerca de divisão ferroviária. Sammy trouxe-lhe um bolinho com uma vela de aniversário, que tinha ficado esmagado no passeio, mas ainda era a coisa mais fofa que Hazel já tinha visto. Eles cortaram ao meio e compartilharam.

Sammy falou sobre a guerra. Ele desejava que tivessem idade suficiente para ir. Perguntou a Hazel se ela iria escrever-lhe cartas se ele fosse um soldado indo para o exterior.

— É claro, seu bobo — disse ela.

Ele sorriu. Então, como se movido por um impulso repentino, cambaleou para a frente e a beijou na bochecha.

— Feliz aniversário, Hazel.

Não era muito. Apenas um beijo, e nem mesmo nos lábios. Mas Hazel sentia como se estivesse flutuando. Ela mal se lembrava da cavalgada de volta para os estábulos, ou de dizer adeus à Sammy.

Ele disse:

— Vejo você amanhã — como sempre fazia.

Mas ela nunca mais o veria novamente.

No momento em que ela voltou para o Bairro Francês, estava ficando escuro. Enquanto se aproximava de casa, sua sensação de calor desapareceu, substituída pelo pavor.

Hazel e sua mãe, a rainha Marie, como ela gostava de ser chamada, viviam em um velho apartamento em cima de um clube de jazz. Apesar do início da guerra, havia um clima festivo no ar. Novos recrutas

perambulavam pelas ruas, rindo e falando de combater os japoneses. Eles faziam tatuagens nas salas de estar ou se declarariam para seus amores nas calçadas. Alguns poderiam subir para a mãe de Hazel ler sua sorte ou comprar encantos de Marie Levesque, a famosa rainha *gris-gris*.

— Você ouviu? — um dizia. — Duas moedas por este amuleto de boa sorte. Eu o levei para um cara que eu conheço, e ele disse que é uma pepita de prata verdadeira. Vale vinte mil dólares! Aquela mulher vodu é louca!

Por um tempo, esse tipo de conversa trouxe para Rainha Marie um monte de negócios. A maldição de Hazel tinha começado lentamente. No início parecia uma bênção. As pedras preciosas e o ouro só apareciam de vez em quando, nunca em grandes quantidades. Rainha Marie pagou suas contas. Eles comiam bife no jantar uma vez por semana. Hazel até arranhou um vestido novo. Mas, então, histórias começaram a se espalhar. Os moradores começaram a perceber quantas coisas horríveis aconteciam com as pessoas que compravam os encantos de boa sorte ou foram pagos com o tesouro da Rainha Marie. Charlie Gasceaux perdeu o braço em uma colheitadeira enquanto usava um bracelete de ouro. O senhor Henry da loja geral caiu morto de um ataque cardíaco depois de rainha Marie fixar um rubi em sua lapela.

Pessoas começaram a sussurrar sobre Hazel, de como ela podia encontrar joias amaldiçoadas ao caminhar pela rua. Nestes dias apenas forasteiros vinham visitar sua mãe, e não muitos deles, também. A mãe de Hazel havia se tornado temperamental. Ela dava a Hazel olhares ressentidos.

Hazel subiu as escadas o mais silenciosamente que pôde, no caso de sua mãe ter um cliente. No andar de baixo do clube, a banda estava afinando seus instrumentos. A padaria ao lado tinha começado a fazer doces para a manhã seguinte, enchendo as escadas com o cheiro de manteiga derretendo.

Quando ela chegou ao topo, pensou ter ouvido duas vozes dentro do apartamento. Mas quando espiou a sala, sua mãe estava sentada sozinha na mesa de sessão, os olhos fechados, como se estivesse em transe.

Hazel a tinha visto dessa forma, muitas vezes, fingindo falar com espíritos para seus clientes, mas nunca quando ela estava sozinha. A Rainha Marie havia sempre dito a Hazel que seu *gris-gris* era “bobeira e falso”. Ela realmente não acreditava em amuletos ou adivinhação ou fantasmas. Ela era apenas uma artista, como um cantor ou uma atriz, fazendo um show por dinheiro.

Mas Hazel sabia que sua mãe *acreditava* em alguma mágica. A maldição de Hazel não era bobagem. Rainha Marie só não queria pensar que era culpa dela, que de alguma forma ela tinha feito Hazel da forma como ela era.

— Foi o seu maldito pai — Rainha Marie resmungava em seu estado de espírito mais negro. — Ao vir aqui em sua fantasia prateada e terno preto. A única vez que eu *realmente* invoquei um espírito, e o que eu ganho? Ele satisfez o meu desejo e arruinou minha vida. Eu deveria ter sido uma rainha real. A culpa é *dele* se você saiu desta forma.

Hazel nunca pode explicar o que ela queria dizer, e havia aprendido a não perguntar sobre seu pai. Isso apenas irritava mais sua mãe.

Enquanto observava, Rainha Marie murmurou algo para si mesma. Seu rosto estava calmo e relaxado. Hazel ficou impressionada com o quão bela ela parecia, sem sua carranca e os vincos em sua testa. Ela tinha exuberantes cabelos castanhos brilhantes como o de Hazel, e a mesma pele escura, marrom como um grão de café torrado. Ela não estava usando as vestes cor de açafrão extravagantes ou pulseiras de ouro que usava para impressionar clientes, apenas um simples vestido branco. Ainda assim, tinha um ar

majestoso, sentando-se em linha reta e com dignidade na sua cadeira dourada, como se ela realmente fosse uma rainha.

— Você estará segura aqui — murmurou ela. — Longe dos deuses.

Hazel abafou um grito. A voz que vinha da boca de sua mãe não era *dela*. Parecia uma mulher mais velha. O tom era suave e calmo, mas também de comando, como um hipnotizador dando ordens.

Rainha Marie ficou tensa. Ela fez uma careta durante seu transe, e então falou com sua voz normal:

— É muito longe. Muito frio. Muito perigoso. Ele me disse que não.

A outra voz respondeu:

— O que ele já fez por você? Ele lhe deu uma criança envenenada! Mas podemos usar seu dom para o bem. Podemos contra-atacar os deuses. Você estará sob minha proteção, no Norte, longe do domínio dos deuses. Eu vou fazer do meu filho seu protetor. Você vai viver como uma rainha, afinal.

Rainha Marie estremeceu.

— Mas e quanto a Hazel...

Em seguida, o rosto se contorceu em um sorriso de escárnio. Ambas as vozes falaram juntas, como se tivessem encontrado alguma coisa para concordar:

— Uma criança envenenada.

Hazel fugiu descendo as escadas, seu pulso acelerou.

No final, ela correu para um homem de terno escuro. Ele segurou os ombros dela com fortes dedos frios.

— Calma, criança — disse o homem.

Hazel notou o anel com uma caveira de prata em seu dedo, então o tecido estranho de seu terno. Nas sombras, a lã preta sólida parecia mudar e ferver, formando imagens de rostos em agonia, como se as almas perdidas estivessem tentando escapar das dobras de sua roupa.

A gravata era negra com listras de platina. Sua camisa era cinza lápide. Seu rosto — o coração de Hazel quase saltou de sua garganta. Sua pele era tão branca que parecia quase azul, como o leite frio. Ele tinha uma ponta de cabelo preto gorduroso. Seu sorriso era gentil o suficiente, mas seus olhos estavam inflamados e irritados, cheios de poder louco. Hazel tinha visto aquele olhar nos noticiários do cinema. Este homem parecia terrivelmente com Adolf Hitler. Ele não tinha bigode, mas de outra forma poderia ter sido gêmeo de Hitler, ou seu pai.

Hazel tentou se afastar. Mesmo quando o homem a soltou, ela não conseguiu se mover. Seus olhos congelaram-na no lugar.

— Hazel Levesque — disse ele em uma voz melancólica. — Você cresceu.

Hazel começou a tremer. Na base das escadas, o cimento rachado inclinou sob os pés do homem. Uma pedra brilhante apareceu do concreto como se a terra cuspiisse uma semente de melancia. O homem olhou para a pedra, sem surpresa. Ele se abaixou.

— Não! — Hazel chorou. — É amaldiçoado!

Ele pegou a pedra, uma esmeralda perfeitamente formada.

— Sim, é. Mas não para mim. Tão bonito... vale mais do que este edifício, imagino. — Ele escorregou a esmeralda para seu bolso. — Sinto muito pelo seu destino, criança. Imagino que você me odeie.

Hazel não entendeu. O homem parecia triste, como se ele fosse pessoalmente responsável por sua vida. Então veio a verdade: um espírito em prata e preto, que tinha cumprido desejos de sua mãe e arruinou sua vida.

Seus olhos se arregalaram.

— Você? Você é meu...

Ele colocou a mão sob o queixo.

— Eu sou Plutão. A vida nunca é fácil para os meus filhos, mas você tem um fardo especial. Agora que tem treze anos, devemos tomar providências.

Ela empurrou a mão dele.

— Você *fez* isso comigo? — perguntou ela. — Você amaldiçoou a mim e a minha mãe? Nos deixou sozinhas?

Seus olhos ardiam com as lágrimas. Este homem branco rico em um terno fino era seu *pai*? Agora que ela tinha treze anos, apareceu pela primeira vez e dizendo que estava arrependido?

— Você é mau! — gritou ela. — Você arruinou nossas vidas!

Os olhos de Plutão se estreitaram.

— O que sua mãe lhe disse, Hazel? Ela nunca explicou seu desejo? Ou disse por que você nasceu sob uma maldição?

Hazel estava zangada demais para falar, mas Plutão parecia ler as respostas em seu rosto.

— Não... — Ele suspirou. — Eu suponho que ela não disse. Muito mais fácil me culpar.

— O que você quer dizer?

Plutão suspirou.

— Pobre criança. Você nasceu muito cedo. Eu não posso ver claramente o seu futuro, mas um dia você vai encontrar o seu lugar. Um descendente de Netuno vai lavar a sua maldição e lhe dar paz. Receio, porém, que não seja por muitos anos...

Hazel não acompanhou nada disso. Antes que ela pudesse responder, Plutão estendeu a mão. Um bloco de notas e uma caixa de lápis de cor apareceu na palma de sua mão.

— Eu entendo que você gosta de arte e equitação — disse ele. — Estes são para a sua arte. Já para o cavalo... — Seus olhos brilharam. — Isso, você

terá que lidar sozinha. Agora preciso falar com sua mãe. Feliz aniversário, Hazel.

Ele se virou e subiu as escadas — assim, como se tivesse riscado Hazel fora de sua lista de “coisas para fazer” e já tivesse esquecido dela. *Feliz aniversário. Vá fazer um desenho. Vejo você daqui treze anos.*

Ela estava tão atordoada, tão irritada, tão de cabeça para baixo e confusa que só ficou paralisada na base da escadaria. Ela queria jogar fora o lápis de cor e pisar em cima deles. Ela queria acusar Plutão e depois chutá-lo. Queria fugir, encontrar Sammy, roubar um cavalo, sair da cidade e nunca mais voltar. Mas ela não fez nenhuma dessas coisas.

Acima dela, a porta do apartamento abriu, e Plutão entrou.

Hazel ainda estava tremendo de frio por causa de seu toque, mas ela subiu as escadas para ver o que ele faria. O que ele diria para Rainha Marie? Quem iria falar, a mãe de Hazel, ou aquela voz horrível?

Quando chegou à porta, ouviu uma discussão. Ela espiou para dentro. Sua mãe parecia ter voltado ao normal, gritando e com raiva, jogando coisas ao redor do salão enquanto Plutão tentava argumentar com ela.

— Marie, é insanidade — disse ele. — Você vai estar muito além do meu poder para protegê-la.

— Me proteger? — gritou a Rainha Marie. — *Quando* você me protegeu?

O terno escuro de Plutão brilhava, como se as almas presas no tecido estivessem ficando agitadas.

— Você não tem ideia — disse ele. — Eu mantive você viva, você e a criança. Meus inimigos estão por toda parte, entre deuses e homens. Agora, com a guerra à frente, só vai piorar. Você *deve* ficar onde eu possa...

— A polícia acha que eu sou uma assassina! — gritou a Rainha Marie. — Meus clientes querem me enforcar como uma bruxa! E Hazel, sua

maldição está piorando. Sua *proteção* está nos matando.

Plutão estendeu as mãos implorando.

— Marie, por favor...

— Não! — Rainha Marie virou-se para o armário, tirou uma valise de couro, e atirou-a sobre a mesa. — Estamos saindo — anunciou ela. — Você pode manter sua proteção. Estamos indo para o norte.

— Marie, é uma armadilha — alertou Plutão. — Quem está sussurrando em seu ouvido, quem está voltando-a contra mim...

— *Você* me virou contra você! — Ela pegou um vaso de porcelana e jogou nele. Ele quebrou no chão, e pedras preciosas derramado em todos os lugares - esmeraldas, rubis, diamantes. A coleção inteira de Hazel.

— Você não vai sobreviver — disse Plutão. — Se for para o norte, vai morrer. Posso prever isso claramente.

— Saia! — Disse.

Hazel desejou que Plutão ficasse e argumentasse. O que quer que seja que sua mãe estava falando, Hazel não gostou. Mas o pai dela mexeu a sua mão através do ar e se dissolveu em sombras... como se realmente fosse um espírito.

Rainha Marie fechou os olhos. Ela respirou fundo. Hazel ficou com medo de que a voz estranha pudesse possuí-la novamente. Mas ela falou, e era ela mesma.

— Hazel — disse ela — saia de trás dessa porta.

Tremendo, Hazel obedeceu. Ela apertou o bloco de notas e os lápis coloridos contra o seu peito.

Sua mãe estudou-a como se ela fosse uma amarga decepção. *Uma criança envenenada*, as vozes tinham dito.

— Faça as malas — ordenou ela. — Estamos nos mudando.

— P-para on-onde? — perguntou Hazel.

— Alasca — respondeu a rainha Marie. — Você vai se tornar útil. Nós vamos começar uma nova vida.

A forma como a mãe dela disse isso, soou como se estivessem indo para criar uma “nova vida” para alguém ou *alguma* outra coisa.

— O que Plutão quis dizer? — perguntou Hazel. — Ele é realmente meu pai? Ele disse que você fez um desejo...

— Vá para o seu quarto! — gritou sua mãe. — Faça as malas!

Hazel fugiu, e de repente ela foi arrancada do passado.

Nico estava balançando seus ombros.

— Você fez de novo.

Hazel piscou. Eles ainda estavam sentados no teto do santuário de Plutão. O sol estava baixo no céu. Mais diamantes tinham aparecido ao seu redor, e seus olhos ardiam de tanto chorar.

— S-sinto muito — murmurou ela.

— Não sinta — disse Nico. — Onde você estava?

— No apartamento da minha mãe. No dia em que nos mudamos.

Nico concordou. Ele entendia a sua história melhor do que a maioria das pessoas. Ele também era um garoto da década de 1940. Ele tinha nascido poucos anos após Hazel, e tinha sido trancado em um hotel mágico por décadas. Mas o passado de Hazel foi muito pior do que o de Nico. Ela causou tantos danos e miséria...

— Você tem que trabalhar em controlar essas memórias — Nico advertiu. — Se um flashback como esse acontecer quando você estiver em combate...

— Eu sei — disse ela. — Estou tentando.

Nico apertou a mão dela.

— Está tudo bem. Eu acho que é um efeito colateral... do seu tempo no Mundo Inferior. Esperançosamente isso vai ficar mais fácil.

Hazel não tinha tanta certeza. Depois de oito meses, os apagões pareciam estar ficando piores, como se sua alma estivesse tentando viver em dois diferentes períodos de tempo de uma vez. Ninguém jamais voltou dos mortos, antes, pelo menos, não que ela saiba. Nico estava tentando tranquilizá-la, mas nenhum deles sabia o que iria acontecer.

— Eu não posso ir para o norte novamente — disse Hazel. — Nico, se eu tiver que voltar para onde tudo isso aconteceu...

— Você vai ficar bem — prometeu ele. — Você vai ter amigos neste tempo. Percy Jackson, ele tem um papel a desempenhar nesse processo. Você pode sentir, não pode? Ele é uma boa pessoa para se ter ao lado.

Hazel se lembrou do que Plutão lhe disse há muito tempo: *Um descendente de Netuno vai lavar a sua maldição e te dar paz.*

Seria Percy? Talvez, mas Hazel sentiu que não seria tão fácil. Ela não tinha certeza se mesmo Percy poderia sobreviver ao que estava esperando no Norte.

— De onde ele veio? — perguntou ela. — Por que os fantasmas o chamam de grego?

Antes que Nico pudesse responder, cornetas sopraram do outro lado do rio. Os legionários se aglomeraram para a reunião da noite.

— É melhor ir até lá — disse Nico. — Eu tenho a sensação que os jogos de guerra de hoje à noite vão ser interessantes.

VII

HAZEL

NO CAMINHO DE VOLTA, HAZEL TROPEÇOU em uma barra de ouro.

Ela sabia que não deveria correr tão rápido, mas estava com medo de chegar atrasada à revista das tropas. A Quinta Coorte tinha os centuriões mais legais do acampamento. Mas até mesmo *eles* teriam que puni-la se chegasse tarde. Punições romanas eram severas: esfregar as ruas com uma escova de dente, limpar o curral dos touros no coliseu, ser costurado dentro de um saco cheio de doninhas furiosas e emborcado no Pequeno Tibre — as opções não eram nada agradáveis.

A barra de ouro surgiu do chão e ela bateu com o pé. Nico tentou pegá-la, mas ela caiu e ralou as mãos.

— Você está bem? — Nico ficou de joelhos e tentou pegar a barra.

— Não! — Hazel advertiu.

Nico congelou.

— Certo. Desculpe. É só que... nossa. Aquela coisa é *enorme* — ele puxou um frasco de néctar do bolso de sua jaqueta de aviador e derramou um pouco nas mãos de Hazel. Imediatamente os cortes começaram a se curar. — Consegue ficar de pé?

Ele a ajudou a se levantar. Os dois olharam para o ouro. Era do tamanho de um pão, gravado com um número de série e as palavras “Tesouro dos Estados Unidos”.

Nico balançou a cabeça.

— Pelo Tártaro! Como...?

— Não sei — Hazel disse miseravelmente. — Poderia ter sido enterrado lá por ladrões ou ter caído de um vagão um século atrás. Talvez tenha migrado de um cofre do banco mais próximo. O que quer que esteja no chão, qualquer lugar perto de mim... simplesmente surge do nada. E quanto maior o valor...

— Maior o perigo. — Nico franziu as sobrancelhas. — Nos devíamos cobrir isso. Se os faunos encontrarem...

Hazel imaginou uma nuvem de cogumelos crescendo na estrada, faunos carbonizados lançados em todas as direções. Aquilo era algo terrível para se considerar.

— Isso deveria afundar de volta ao chão depois que eu saísse, eventualmente, mas só para ter certeza...

Ela tinha praticado esse truque, mas nunca com algo tão pesado e denso. Ela apontou para a barra de ouro e tentou se concentrar.

O ouro levitou. Ela direcionou sua raiva, o que não era difícil — ela odiava aquele ouro, odiava sua maldição, odiava pensar em seu passado e em todas as formas que tinha falhado. Seus dedos formigaram. A barra de ouro brilhou com o calor.

Nico engoliu em seco.

— Hã, Hazel, tem certeza que...?

Ela fechou a mão. O ouro se torceu como se fosse massa de vidraceiro. Hazel fez a barra se transformar em um anel gigante e grumoso. Então agitou a mão na direção do chão. Sua rosquinha de um milhão de dólares se enterrou na terra. Foi pra tal profundidade que não sobrou nada, a não ser uma linha de lama fresca.

Nico arregalou os olhos.

— Isso foi... assustador.

Hazel não achou aquilo tão impressionante comparado aos poderes de um cara que podia reanimar esqueletos e trazer pessoas de volta dos mortos, mas foi bom ter surpreendido *ele* pra variar.

Dentro do acampamento, as cornetas sopraram novamente. As Coortes iriam começar a ser chamadas, e Hazel não estava com vontade de ser costurada em um saco cheio de doninhas.

— Depressa! — ela disse para Nico, e eles correram para os portões.

Na primeira vez que Hazel viu a legião reunida, ela ficou tão intimidada que quase saiu de fininho para os quartéis se esconder.

As primeiras quatro Coortes, cada uma composta de crianças fortes, estavam em fila na frente de seus quartéis nos dois lados da *Via Praetoria*. A Quinta Coorte se reunia bem no final, em frente a *principia*, já que seus quartéis estavam no canto de trás do acampamento, próximas aos estábulos e às latrinas. Hazel teve que correr bem no meio da legião para chegar ao seu lugar.

Os campistas estavam vestidos para guerra. Suas cotas de malha e grevas polidas brilhavam por cima de camisetas roxas e jeans. Desenhos de caveira e espada decoravam seus elmos. Até mesmo seus coturnos pareciam ferozes

com seus sapatos de ferro com cunha, ótimos para andar pela lama ou pisar em rostos.

Em frente aos legionários, como uma linha de dominós gigantes, estavam seus escudos dourados e vermelhos, cada um do tamanho de uma porta de geladeira. Cada legionário carregava uma lança parecida com um arpão chamada *pilo*, um *gládio*, uma adaga e vários outros equipamentos. Se você estivesse fora de forma quando chegasse à legião, não ficaria daquele jeito por muito tempo. Só de andar por aí em sua armadura já era exercício suficiente.

Hazel e Nico correram pela rua enquanto todo mundo prestava atenção, fazendo com que sua entrada fosse *realmente* notada. Seus passos ecoavam nas pedras. Hazel tentou evitar contato visual, mas ela notou Octavian na frente da Primeira Coorte rindo dela, convencido no seu elmo de centurião emplumado, com uma dúzia de medalhas no seu peito.

Hazel ainda estava fervendo por causa de suas chantagens mais cedo. Estúpido agouro e seu dom de profecia — com tantas pessoas no acampamento para descobrir seu segredo, por que tinha que ser justamente *ele*? Ela tinha certeza que ele teria implicado com ela semanas atrás, mas sabia que seus segredos valiam muito mais para ele como influência. Ela queria não ter se livrado daquela barra de ouro para poder bater com ela em sua cara.

Passou correndo por Reyna, que estava indo pra frente e pra trás no pégaso Cipião — um pégaso com coloração de manteiga de amendoim. Os cães de metal, Aurum e Argentum, trotavam ao seu lado. Sua capa roxa de comandante ondeava atrás dela.

— Hazel Levesque — chamou ela. — Estou feliz que tenha podido se juntar a nós.

Hazel sabia que era melhor não responder. Ela tinha esquecido a maioria de seus equipamentos, mas se apressou para chegar em seu lugar ao lado de Frank e ficou em posição. Seu centurião-líder, um cara grande de dezessete anos chamado Dakota, estava justamente chamando seu nome — o último da lista.

— Presente! — gritou ela.

Graças aos deuses. Tecnicamente, não estava atrasada.

Nico se juntou a Percy Jackson, que estava fora da linha com um bando de guardas. O cabelo de Percy estava molhado por causa da casa de banhos. Ele colocara roupas limpas, mas ainda parecia desconfortável. Hazel não podia culpá-lo. Estava prestes a ser apresentado a duzentas crianças fortemente armadas.

Os *Lares* foram os últimos a tomar posição. Suas formas roxas tremulavam enquanto brigavam por lugares. Eles tinham o hábito irritante de ficar metade dentro, metade fora de pessoas vivas, fazendo com que as pessoas parecessem uma fotografia borrada, mas, finalmente, os centuriões conseguiram aquietá-los.

— Coortes! — gritou Octavian.

Os porta-estandartes deram um passo à frente. Eles vestiam capas de pele de leão e seguravam mastros decorados com os emblemas de cada Coorte. O último a apresentar seu estandarte foi Jacob, o portador da legião da águia. Ele segurava um longo mastro com absolutamente nada no topo. O trabalho deveria ser uma grande honra, mas Jacob obviamente o odiava. Embora Reyna insistisse em seguir a tradição, toda vez que o mastro sem águia era erguido, Hazel podia sentir a vergonha encrespando-se na legião.

Reyna fez o pégaso descansar.

— Romanos! — anunciou ela. — Vocês provavelmente ouviram sobre a incursão hoje. Duas Górgonas foram levadas pelo rio por causa deste

recém-chegado, Percy Jackson. Juno o guiou até aqui, e o proclamou como filho de Netuno.

As crianças nas filas de traz estenderam o pescoço para ver Percy. Ele ergueu a mão e disse:

— Oi.

— Ele procura se juntar à legião — continuou Reyna. — O que os agouros dizem?

— Eu li as entranhas! — Octavian anunciou, como se tivesse matado um leão com as próprias mãos ao invés de rasgar um panda de pelúcia. — Os augúrios são favoráveis. Ele está qualificado para servir!

Os campistas deram um grito: *Ave! Salve!*

Frank estava um pouco atrasado com seu “*ave*”, então seu grito pareceu um eco muito alto. Os outros legionários deram risadas.

Reyna acenou para os comandantes seniores para que dessem um passo à frente — um de cada Coorte. Octavian, como o centurião mais velho, se virou para Percy.

— Recruta — ele perguntou — você tem credenciais? Cartas ou alguma referência?

Hazel se lembrou disso na sua chegada. Um monte de crianças trouxe cartas de semideuses mais velhos do mundo exterior, adultos que foram veteranos no acampamento. Alguns recrutas tinham patrocinadores ricos e famosos. Alguns eram da terceira ou quarta geração de campistas. Uma boa carta podia te dar um lugar nas melhores Coortes, às vezes, até trabalhos especiais como mensageiro da legião, o que o isentaria de trabalhos duros como cavar trincheiras ou conjugar verbos latinos.

Percy trocou de pé.

— Cartas? Hã, não.

Octavian torceu o nariz.

Não é justo! quis gritar Hazel. Percy carregou uma deusa até o acampamento. Que recomendação melhor que essa ele queria? Mas a família de Octavian enviara crianças para o acampamento por mais de um século. Ele adorava lembrar aos recrutas que eles eram menos importantes que ele.

— Sem cartas — Octavian disse pesarosamente. — Algum legionário irá apoiá-lo?

— Eu irei! — Frank deu um passo à frente. — Ele salvou minha vida!

Logo houve gritos de protesto das outras Coortes. Reyna ergueu a mão por silêncio e encarou Frank.

— Frank Zhang — disse ela — pela segunda vez, só hoje, lhe lembro de que você está em *probatio*. Seu parente divino ainda nem lhe reclamou. Você não está qualificado a apoiar outro campista até que tenha recebido sua primeira faixa.

Frank pareceu quase morrer de vergonha.

Hazel não podia deixá-lo lá, sem fazer nada. Ela deu um passo para fora da linha e disse:

— O que Frank quer dizer é que Percy salvou a vida de *nós* dois. Eu sou um membro integral da legião. Eu apoiarei Percy Jackson.

Frank olhou de relance para ela, grato, mas os outros campistas começaram a murmurar. Hazel era mais ou menos qualificada. Ela só tinha recebido sua faixa algumas semanas atrás, e o “ato valoroso” que a fez conseguir a faixa foi por acidente, na maior parte. Além do mais, ela era filha de Plutão e um membro da desvalida Quinta Coorte. Não estava fazendo quase nenhum favor a Percy Jackson dando apoio a ele.

Reyna torceu o nariz, mas se virou para Octavian. O Áugure sorriu e deu de ombros, como se a ideia o divertisse.

Por que não? pensou Hazel. Colocar Percy na Quinta Coorte faria dele uma ameaça menor, e Octavian gostava de manter seus inimigos em um único lugar.

— Muito bem — anunciou Reyna. — Hazel Levesque, você pode apoiar o recruta. Sua Coorte o aceita?

As outras Coortes começaram a tossir, tentando não rir. Hazel sabia o que eles estavam pensando: *Outro perdedor para a Quinta*.

Frank bateu seu escudo no chão. A Quinta Coorte o seguiu, embora não parecessem muito animados. Seus centuriões, Dakota e Gwen, trocaram olhares aflitos, como se falassem um para o outro: “Aqui vamos nós, de novo”.

— Minha Coorte falou — disse Dakota. — Nós aceitamos o recruta.

Reyna olhou para Percy com pena.

— Parabéns, Percy Jackson. Você está agora em *probatio*. Receberá uma placa com seu nome e sua Coorte. Em tempo de um ano, ou até que complete um ato valoroso, você se tornará um membro integral da Duodécima Legião Fulminata. Sirva a Roma, obedeça às regras da legião e defenda o acampamento com honra. *Senatus Populusque Romanus!*

O resto da legião ecoou o viva.

Reyna guiou o pégaso para longe de Percy, como se estivesse aliviada por ter terminado com ele. Cipião expandiu suas belas asas. Hazel não podia deixar de sentir uma pontada de inveja. Ela daria qualquer coisa por um cavalo como aquele, mas isso nunca iria acontecer. Os cavalos eram apenas para os comandantes, ou para cavaleiros bárbaros, não para legionários romanos.

— Centuriões — Reyna disse — vocês e suas tropas têm uma hora para jantar. Depois nos encontraremos no Campo de Marte. A Primeira e

Segunda Coorte irão defender. A Terceira, a Quarta e a Quinta irão atacar. Boa sorte!

Todos gritaram vivas — pelos jogos de guerra e pelo jantar. As Coortes saíram da fila e correram para o refeitório.

Hazel acenou para Percy, que caminhava pela multidão com Nico ao seu lado. Para a surpresa de Hazel, Nico estava sorrindo para ela.

— Bom trabalho, irmãzinha — disse ele. — Aquilo foi corajoso, apoiar Percy.

Ele nunca tinha a chamado de *irmãzinha* antes. Ela se perguntou se era assim que ele chamava Bianca.

Um dos guardas deu a Percy sua placa de *probatio*, que Percy enfiou em seu colar de couro com as pérolas estranhas.

— Valeu, Hazel — disse ele. — Hã, o que exatamente significa... você ter me apoiado?

— Eu garanto o seu bom comportamento — explicou Hazel. — Eu te ensino as regras, respondo suas perguntas, me certifico de que você não envergonhe a legião.

— E... se eu fizer alguma coisa errada?

— Então me matam junto com você — disse Hazel. — Com fome? Vamos comer.

VIII

HAZEL

PELO MENOS A COMIDA DO ACAMPAMENTO ERA BOA. Espíritos do vento invisíveis — *aurae* — serviam os campistas e pareciam saber exatamente o que cada um queria. Eles sopraram pratos e copos na mesa tão rapidamente que o refeitório parecia um furacão delicioso. Se você se levantasse muito rápido, provavelmente seria acertado por feijões ou uma carne assada.

Hazel jantou sopa de camarão — sua comida favorita quando queria consolo — o que a fazia se lembrar de quando era uma menina em Nova Orleans, antes de sua maldição ter começado e sua mãe ficar tão amarga. Percy comeu um cheeseburger e uma soda estranha azul brilhante. Hazel nunca tinha visto aquilo, mas Percy provou e sorriu.

— Isto me deixa feliz — disse ele. — Não sei o porquê... Mas me deixa.

Só por um segundo, uma das *aurae* se tornou visível — uma menina com cara de duende em um vestido de seda branco. Ela riu quando encheu o copo de Percy, então desapareceu numa rajada.

O refeitório parecia particularmente barulhento naquela noite. Risos ecoavam nas paredes. Bandeiras de guerra sussurravam das vigas de cedro do teto enquanto as *aurae* sopravam, mantendo os pratos de todo mundo cheios. Os campistas comeram no estilo de Roma, sentados em divãs ao redor de mesas baixas. As crianças a toda hora se levantavam e trocavam de lugar, espalhando rumores sobre quem gostava de quem e todas as outras fofocas.

Como sempre, a Quinta Coorte sentava no lugar de *menos* honra. Suas mesas eram no final do refeitório, próximo à cozinha. A mesa de Hazel era a que tinha menos pessoas. Naquela noite havia ela e Frank, como sempre, com Percy e Nico e seu centurião, Dakota, que Hazel imaginava que tinha sentado lá porque ele se sentia obrigado a dar boas-vidas ao novo recruta.

Dakota se reclinava quietamente em seu divã, misturando açúcar em sua bebida. Ele era um cara musculoso com cabelo preto encaracolado e olhos que não pareciam olhar na direção certa, fazendo com que Hazel sentisse que o mundo se inclinava toda vez que olhava para ele. Não era um bom sinal ele estar bebendo tanto e tão cedo àquela hora da noite.

— Então — ele arrotou, balançando o seu cálice. — Bem-vindo à Percy, festa — ele franziu as sobrancelhas. — Festa, Percy. Tanto faz.

— Hã, valeu — Percy disse, mas ele estava prestando atenção em Nico. — Eu estava me perguntando se nós poderíamos conversar... Sobre onde eu poderia ter visto você antes.

— Claro — Nico disse um pouco rápido. — O negócio é que eu passo a maior parte do meu tempo no Mundo Inferior. Então, a não ser que eu tenha te visto por lá de alguma forma...

Dakota arrotou.

— Embaixador de Plutão, eles o chamam. Reyna nunca tem certeza do que fazer com esse cara quando ele nos visita. Você deveria ter visto a cara

dela quando ele apareceu com Hazel, pedindo a Reyna para aceitá-la. Hã, sem ofensas.

— Nenhuma. — Nico parecia aliviado por terem mudado o assunto. — Dakota ajudou muito, apoiando Hazel.

Dakota corou.

— Sim, bem... Ela parecia uma boa menina. Acabou que eu estava certo. Mês passado, quando ela me salvou do, hã, você sabe do que.

— Cara! — Frank procurou por seu peixe e suas batatinhas fritas. — Percy, você deveria tê-la visto! Foi como Hazel conseguiu sua faixa. Os unicórnios decidiram fugir...

— Não foi nada — disse Hazel.

— Nada? — protestou Frank. — Dakota teria sido pisoteado! Você ficou bem na frente deles, os espantou, salvou a pele dele. Eu nunca vi nada como aquilo.

Hazel mordeu o lábio. Ela não gostava de falar sobre aquilo, e se sentia desconfortável, o jeito com que Frank a fez parecer uma heroína. Na verdade, ela estava com medo que os unicórnios se machucassem naquele pânico. Seus chifres eram de metal precioso — ouro e prata — então ela tentou mantê-los à parte, simplesmente se concentrando, guiando os animais por seus chifres e os levando para os estábulos. Ela conseguiu um lugar integral na legião, mas também começaram os rumores sobre seus poderes estranhos — rumores que a faziam se lembrar dos dias antigos e maus.

Percy a estudou. Aqueles olhos verdes como o mar a fizeram ficar inquieta.

— Você e Nico cresceram juntos? — perguntou ele.

— Não — Nico respondeu por ela. — Eu descobri que Hazel era minha irmã só agora. Ela é de Nova Orleans.

Aquilo era verdade, claro, mas não toda a verdade. Nico deixava as pessoas pensarem que ele tropeçou nela na Nova Orleans moderna e a trouxe para o acampamento. Era mais fácil do que contar a verdadeira história.

Hazel tinha tentado se passar por uma garota moderna. Não era fácil. Ainda bem que as crianças não usavam muita tecnologia no acampamento. Seus poderes tendiam a fazer aparelhos eletrônicos ficarem loucos. Mas na primeira vez em que ela foi de licença para Berkeley, quase teve um infarto. TVs, computadores, celulares, a internet... Tudo isso fez com que ela ficasse feliz em voltar ao mundo dos fantasmas, unicórnios e deuses. Aquilo parecia muito menos fantasia do que o século XXI.

Nico ainda falava sobre os filhos de Plutão.

— Não existem muitos de nós — disse ele — então nós temos que nos juntar. Quando eu encontrei Hazel...

— Você tem outras irmãs? — Percy perguntou, quase como se já soubesse a resposta. Hazel se perguntou novamente quando ele e Nico se encontraram, e o que seu irmão estava escondendo.

— Uma — admitiu Nico. — Mas ela morreu. Eu vi seu espírito algumas vezes no Mundo Inferior, exceto que da última vez que fui lá...

Para trazê-la de volta, pensou Hazel, embora Nico não tenha dito isso.

— Ela tinha ido — a voz de Nico ficou rouca. — Costumava ficar nos Campos Elísios... tipo o paraíso do Mundo Inferior, mas ela escolheu nascer de novo numa nova vida. Agora, nunca mais a verei novamente. Estava apenas com sorte quando encontrei Hazel... em Nova Orleans, quero dizer.

Dakota grunhiu.

— A não ser que você acredite nos rumores. Não dizendo que eu acredite.

— Rumores? — perguntou Percy.

No refeitório eles ouviram Don, o fauno, gritando:

— Hazel!

Hazel nunca esteve tão feliz por ver o fauno. Ele não tinha ordens para poder estar no acampamento, mas, é claro, que sempre arranjava um jeito de entrar. Estava caminhando em direção à mesa, sorrindo para todo mundo, roubando comida dos pratos e apontando para os campistas:

— Ei! Me liga!

Uma pizza voadora bateu na cabeça dele e ele desapareceu atrás de um divã. Então apareceu, ainda sorrindo, e caminhou novamente.

— Minha garota favorita! — Ele cheirava a bode molhado embrulhado em queijo velho. Ele se reclinou em seu divã e checou a comida. — Diga, garoto novo, você vai comer isso?

Percy franziu as sobrancelhas.

— Faunos não são vegetarianos?

— Não o cheeseburger, cara! O prato! — Ele cheirou o cabelo de Percy.
— Ei... que cheiro é esse?

— Don! — disse Hazel. — Não seja mal-educado.

— Não, cara, eu só...

O deus doméstico Vitellius apareceu tremulando, meio enterrado no divã de Frank.

— Faunos no refeitório! A que ponto chegamos? Centurião Dakota, faça seu trabalho!

— Eu estou... — Dakota rosnou dentro de seu cálice. — Estou jantando!

Don ainda estava farejando Percy.

— Cara, você tem uma ligação empática com um fauno!

Percy escorregou para longe dele.

— Uma o quê?

— Uma ligação empática! É bem fraca, como se alguém estivesse suprimindo a ligação, mas...

— Eu sei o que é! — Nico se levantou repentinamente. — Hazel, que tal nos darmos a você e a Frank um tempo para que Percy seja orientado? Dakota e eu podemos visitar a mesa dos pretores. Don e Vitellius, vocês vêm também. Nós podemos discutir estratégias para os jogos de guerra.

— Estratégias para perder? — murmurou Dakota.

— O Garoto da Morte está certo! — disse Vitellius. — Essa legião luta pior do que lutamos na Judéia, e aquela foi a *primeira* vez que perdemos nossa águia. Por que, se *eu* ainda estivesse no comando...

— Posso só comer a prataria primeiro? — perguntou Don.

— Vamos! — Nico se levantou e puxou as orelhas de Don e Vitellius.

Ninguém a não ser Nico podia realmente tocar os *Lares*. Vitellius reclamou com raiva enquanto ele era levado para a mesa dos pretores.

— Ai! — protestou Don. — Cara, cuidado aí!

— Vamos, Dakota! — Nico chamou sobre seu ombro.

O centurião se levantou relutante. Ele limpou a boca — inutilmente, já que continuava manchada de vermelho.

— Voltaremos logo.

Ele se sacudiu todo, como um cachorro tentando ficar seco. Então cambaleou, derramando seu cálice.

— O que foi? — perguntou Percy. — E o que há de errado com Dakota?

Frank suspirou.

— Ele está bem. Ele é um filho de Baco, o deus do vinho. Tem um problema com a bebida.

Percy esbugalhou os olhos.

— Vocês o deixam beber *vinho*?

— Meus deuses, não! — disse Hazel. — Isso seria um desastre. Ele é viciado em suco de cereja. Bebe com três vezes mais açúcar, e ele ainda tem TDAH... déficit de atenção/hiperatividade. Um dia desses, sua cabeça vai explodir.

Percy olhou para a mesa dos pretores. As maiorias dos comandantes sêniores estavam conversando com Reyna. Nico e seus dois prisioneiros, Don e Vitellius, ficaram mais afastados. Dakota estava correndo de um lado para o outro ao longo de uma pilha de escudos, batendo neles com seu cálice como se tocasse um xilofone.

— TDAH — disse Percy. — Não me diga.

Hazel tentou não rir.

— Bem, as maiorias dos semideuses têm. Ou dislexia. Só de ser um semideus significa que nossos cérebros têm os fios plugados diferentes. Como você... você disse que tinha problema com leitura.

— Vocês são assim também? — perguntou Percy.

— Não sei — admitiu Hazel. — Talvez. No meu tempo eles chamavam crianças assim de preguiçosas.

Percy franziu as sobrancelhas.

— No *seu* tempo?

Hazel se xingou.

Por sorte, Frank disse:

— Eu queria ter TDAH ou dislexia. Tudo que tenho é intolerância à lactose.

Percy sorriu.

— Sério?

Frank deveria ser o semideus mais idiota de todos, mas Hazel achava bonitinho quando ele fazia beicinho. Ele deixou os ombros caírem.

— E eu amo sorvete também...

Percy riu. Hazel não pode deixar de fazer o mesmo. Era bom se sentar para comer e realmente sentir que estava entre amigos.

— Ok, então me diga — Percy disse — por que é ruim ficar na Quinta Coorte? Vocês são legais.

O elogio fez os dedos de Hazel formigar.

— É... complicado. Além de ser filha de Plutão, eu quero cavalgar.

— Então é por isso que você usa a espada de cavalaria?

Ela balançou a cabeça.

— É idiotice, eu acho. Pensamento sonhador. Só tem um pégaso no campo... o de Reyna. Os unicórnios são mantidos aqui porque as raspas de seus chifres curam envenenamento e tal. De qualquer forma, as guerras romanas são sempre feitas a pé. Cavalaria... eles meio que não gostam disso. Então eles não gostam de mim.

— São eles quem perdem — disse Percy. — E você, Frank?

— Arco e flecha — murmurou ele. — Eles não gostam disso também, a não ser que você seja filho de Apolo. Então você tem uma desculpa. Espero que meu pai *seja* Apolo, mas não sei. Não sei fazer poesia muito bem. E não tenho certeza se quero ser parente de Octavian.

— Não posso te culpar — disse Percy. — Mas você é muito bom com o arco... o jeito com que acertou aquelas Górgonas. Esqueça o que os outros falam.

O rosto de Frank ficou vermelho como o suco de Dakota.

— Queria que pudesse. Todos acham que eu deveria ser um espadachim, porque sou grande e corpulento — ele olhou para seu corpo como se não pudesse acreditar que ele era aquilo. — Eles dizem que eu sou muito gordo para um arqueiro. Talvez se meu pai me reclamasse...

Eles comeram em silêncio por alguns minutos. Um pai que não o reclamaria... Hazel já tinha sentido aquilo. Ela podia dizer o mesmo de

Percy.

— Você perguntou sobre a Quinta — disse ela finalmente. — Porque é a pior Coorte. Isso começou antes mesmo de nós chegarmos. — Ela apontou para a parede do fundo, onde os estandartes da legião estavam à mostra. — Vê o mastro vazio no meio?

— A águia — disse Percy.

Hazel estava atordoadada.

— Como você sabe?

Percy deu de ombros.

— Vitellius estava falando sobre como a legião perdeu sua águia há muito tempo atrás... *na primeira vez*, ele disse. Ele agiu como se fosse a maior desgraça. Suponho que é isso que está faltando. E o jeito que você e Reyna estavam falando mais cedo, suponho que a águia foi perdida pela segunda vez, mais recentemente, e que tem alguma coisa a ver com a Quinta Coorte.

Hazel anotou mentalmente para não subestimar Percy de novo. Quando ele chegou, ela pensou que ele fosse meio idiota por causa de suas perguntas — sobre o Festival de Fortuna e tudo o mais — mas claramente ele era mais esperto do que deixava perceber.

— Certo — disse ela. — Foi exatamente isso que aconteceu.

— Mas o que *é* a águia, afinal? Por que é tão importante?

Frank olhou ao redor para ter certeza que ninguém estava espiando.

— É o símbolo do acampamento – uma grande águia de ouro. Supostamente serve para nos proteger na batalha e amedrontar nossos inimigos. A águia de cada legião dá todos os tipos de poderes, e os nossos vêm do próprio Júpiter. Dizem que Júlio César apelidou nossa legião de “Fulminata” – armada com raios – por causa do que a águia pode fazer.

— Eu não gosto de raios — disse Percy.

— É, bem — Hazel disse — não nos deixa invencíveis. A Duodécima perdeu sua águia pela primeira vez nos dias antigos, durante a Rebelião Judia.

— Acho que vi um filme assim — disse Percy.

Hazel deu de ombros.

— Poderia ser. Existem vários livros e filmes sobre legiões que perdem sua águia. Infelizmente isso aconteceu algumas vezes. A águia era tão importante... bem, arqueólogos nunca descobriram uma águia da Roma Antiga. Cada legião guardava a sua para o último homem, porque é carregada de poder dos deuses. Eles preferem escondê-la ou derretê-la do que entregar a um inimigo. A Duodécima teve sorte da primeira vez. Nós conseguimos a águia de volta. Mas da segunda vez...

— Vocês estavam lá? — perguntou Percy.

Os dois balançaram a cabeça.

— Eu sou quase tão novo quanto você. — Frank tocou em sua placa de *probatio*. — Só cheguei no mês passado. Mas todo mundo já ouviu a história. Dá azar até mesmo falar sobre isso. Houve essa expedição enorme para o Alasca na década de oitenta...

— Aquela profecia que você reparou no templo — Hazel continuou — aquela sobre os sete semideuses e as Portas da Morte... Nosso pretor sênior naquele tempo era Michael Varus, da Quinta Coorte. Naquela época a Quinta Coorte era a melhor do acampamento. Ele achou que traria glória à legião se ele descobrisse a profecia e a fizesse acontecer, salvar o mundo da tempestade e do fogo e tudo aquilo. Ele falou com o Áugure, e o Áugure disse que a resposta estava no Alasca. Mas ele avisou a Michael que ainda não tinha chegado o tempo. A profecia não era para ele.

— Mas ele foi de qualquer forma — supôs Percy. — O que aconteceu?

Frank abaixou a voz.

— História longa e repulsiva. Quase todo mundo da Quinta Coorte foi varrido do mapa. A maioria das armas de ouro imperial da legião foi perdida, e também a águia. Os sobreviventes ficaram loucos ou se recusaram a falar sobre o que os havia atacado.

Eu sei, pensou Hazel, solenemente. Mas ficou quieta.

— Desde que a águia foi perdida — Frank continuou — o acampamento tem ficado cada vez mais fraco. As missões são mais perigosas. Os monstros atacam nas fronteiras mais frequentemente. O ânimo das tropas está cada vez mais baixo. No mês passado, as coisas ficaram muito piores, muito mais rápido.

— E a Quinta Coorte levou a culpa — disse Percy. — Agora todo mundo pensa que somos amaldiçoados.

Hazel percebeu que sua sopa estava fria. Ela bebeu a colher cheia, mas a comida de consolo não estava muito reconfortante.

— Nós temos sido rejeitados pela legião desde então... Bem, desde o desastre no Alasca. Nossa reputação melhorou quando Jason se tornou pretor...

— O campista que está perdido? — perguntou Percy.

— É — disse Frank. — Eu nunca o conheci. Foi antes de eu chegar. Mas eu ouvi que ele foi um bom líder. Ele praticamente cresceu na Quinta Coorte. Não ligava sobre o que as pessoas falavam de nós. Começou a reconstruir nossa reputação. Aí desapareceu.

— O que nos colocou de volta à fase um — disse Hazel, amargamente. — Nos fez parecer amaldiçoados de novo. Sinto muito, Percy. Agora você sabe no que se meteu.

Percy bebeu seu refrigerante azul e observou todo o refeitório.

— Eu nem sei de onde eu vim... mas acho que essa não foi a primeira vez em que fui excluído — ele focou os olhos em Hazel e sorriu. — Além

do mais, se juntar à legião é melhor do que ser caçado na selva por monstros. Eu fiz alguns amigos. Talvez, juntos, nós possamos mudar as coisas para a Quinta Coorte, né?

Uma corneta soprou no fim do salão. Os comandantes na mesa dos pretores se levantaram — até mesmo Dakota, sua boca manchada como a de um vampiro pelo suco.

— Que os jogos comecem! — anunciou Reyna. Os campistas gritaram e correram para coletar seus equipamentos nas estantes das paredes.

— Nós somos o time de ataque, não é? — Percy perguntou apesar do barulho. — Isso é bom?

Hazel deu de ombros.

— Boa notícia: nós ficamos com o elefante. Má notícia...

— Deixa eu adivinhar — disse Percy. — A Quinta Coorte sempre perde.

Frank deu um tapa no ombro de Percy.

— Eu amo esse cara. Vamos presenciar minha décima terceira derrota consecutiva!

IX

FRANK

ENQUANTO MARCHAVA PARA OS JOGOS DE GUERRA, Frank lembrava o dia em sua mente. Ele não podia acreditar no quão perto ele chegou da morte.

Naquela manhã, de guarda, antes de Percy aparecer, Frank quase tinha dito seu segredo à Hazel. Os dois haviam ficado parados por horas na neblina fria, observando o trânsito suburbano na autoestrada. Hazel estava reclamando do frio.

— Eu daria tudo para estar quente — disse ela, seus dentes rangendo.
— Eu gostaria que tivéssemos uma fogueira.

Mesmo com sua armadura, ela parecia ótima. Frank gostava da forma como o seu cabelo cor de café torrado se enrolava em torno das bordas de seu capacete, e da forma como formavam covinhas no seu queixo quando ela franzia a testa. Ela era pequena em comparação à Frank, o que o fazia se sentir como um boi grande e desajeitado. Ele queria colocar seus braços em

volta dela para aquecê-la, mas nunca faria isso. Ela provavelmente lhe bateria, e ele perderia a única amiga que ele tinha no acampamento.

Eu poderia fazer uma fogueira realmente impressionante, pensou Frank. É claro, iria apenas queimar por alguns minutos, e então eu morreria...

Mesmo considerar isso era assustador. Hazel tinha esse efeito sobre ele. Sempre que ela queria algo, ele tinha o desejo irracional de lhe fornecer. Ele queria ser o cavaleiro à moda antiga cavalgando para resgatá-la, o que era estúpido, já que ela era muito mais capaz em *tudo* do que ele.

Imaginou o que sua avó diria: *Frank Zhang cavalgando para o resgate? Há! Ele iria cair de seu cavalo e quebrar o pescoço.*

Difícil de acreditar que tinham sido apenas seis semanas desde que deixou a casa de sua avó — seis semanas desde o funeral de sua mãe.

Tudo tinha acontecido desde então: lobos chegando na porta de sua avó, a viagem até o Acampamento Júpiter, as semanas que passara na Quinta Coorte tentando não ser um completo fracasso. Por tudo isso, ele manteve a peça de lenha meio-queimada envolta em um pano no bolso do casaco.

Mantenha-a por perto, avisara sua avó. Enquanto isso estiver seguro, você está seguro.

O problema era que isso queimava tão facilmente. Ele se lembrou da viagem do sul de Vancouver. Quando a temperatura caiu abaixo de zero perto do Monte Hood, Frank trouxe o pedaço de estopa e segurou-o em suas mãos, imaginando como seria bom ter algum fogo. Imediatamente, o resto de carvão brilhou com uma chama amarela ardente. Aquilo iluminou a noite e aqueceu Frank até os ossos, mas ele podia sentir a sua vida indo embora, como se *ele* estivesse sendo consumido ao invés da madeira. Ele empurrou a chama em um banco de neve. Por um momento horrível ela se manteve acesa. Quando finalmente apagou, Frank controlou seu pânico.

Enrolou o pedaço de madeira e colocou-o de volta no bolso do casaco, determinado a não tirá-lo novamente. Mas não pôde esquecer isso.

Era como se alguém tivesse dito: *“Faça o que fizer, não pense nesse graveto explodindo em chamas!”*

Então, é claro, nisso era tudo o que ele pensava.

De guarda com Hazel, tentava tirar isso de sua mente. Ele adorava passar o tempo com ela. Lhe perguntou sobre sua infância em Nova Orleans, mas ela ficou nervosa com suas perguntas, então, ao invés disso, ficaram de conversa fiada. Apenas por diversão, tentaram falar francês um com o outro. Hazel tinha um pouco de sangue francês pelo lado de sua mãe. Frank tinha tido francês na escola. Nenhum deles era muito fluente, e o francês de Louisiana era tão diferente do francês canadense que era quase impossível conversar. Quando Frank perguntou a Hazel como seu bife estava hoje, e ela respondeu que seu sapato era verde, eles decidiram desistir.

Então Percy Jackson chegou.

Claro, Frank tinha visto monstros lutando com crianças antes. Ele havia lutado com muitos deles em sua viagem de Vancouver. Mas nunca tinha visto Górgonas. Ele nunca tinha visto uma deusa em pessoa. E a maneira como Percy havia controlado o Pequeno Tibre — *Nossa!* Frank desejava ter poderes assim.

Ele ainda podia sentir as garras das Górgonas pressionando seus braços e o cheiro de sua respiração ofídica — como ratos mortos e veneno. Se não fosse por Percy, aquelas megeras grotescas o teriam levado. Ele seria uma pilha de ossos na parte de trás de um Mercado da Barganha agora.

Depois do incidente no rio, Reyna mandou Frank para o arsenal, o que lhe tinha dado tempo demais para pensar.

Enquanto polia espadas, lembrou-se de Juno, alertando-os para libertar a Morte.

Infelizmente Frank tinha uma boa ideia do que a deusa queria dizer. Ele tentou esconder seu choque quando Juno apareceu, mas ela parecia exatamente como sua avó a havia descrito — perfeitamente, até a capa de pele de cabra.

Ela escolheu o seu caminho anos atrás, a avó tinha lhe dito. E não vai ser fácil.

Frank olhou para seu arco no canto do arsenal. Ele teria se sentido melhor se Apolo o reclamasse como filho. Frank tinha *certeza* que seu pai divino falaria até seu décimo sexto aniversário, o que tinha passado há duas semanas.

Dezesseis anos era um marco importante para os romanos. Tinha sido o primeiro aniversário de Frank no acampamento. Mas nada aconteceu. Agora Frank esperava ser reivindicado no Festival de Fortuna, apesar do que Juno tinha dito, eles estariam em uma batalha por suas vidas nesse dia.

Seu pai *tinha* que ser Apolo. Tiro com arco era a única coisa em que Frank era bom. Anos atrás, sua mãe havia lhe dito que seu nome de família, *Zhang*, significa “mestre de arcos” em chinês. Isso deve ter sido uma dica sobre seu pai.

Frank derrubou seus panos de polimento. Ele olhou para o teto.

— Por favor, Apolo, se você é meu pai, me diga. Eu quero ser um arqueiro como você.

— Não, você não é — resmungou uma voz.

Frank pulou da sua cadeira. Vitellius, o *Lar* da Quinta Coorte, estava brilhando atrás dele. Seu nome completo era Gaius Vitellius Reticulus, mas as outras Coortes o chamavam de Vitellius, o Ridículo.

— Hazel Levesque me enviou para verificar você — disse Vitellius, caminhando até o cinto da sua espada. — Boa coisa, também. Examinar o estado desta armadura!

Vitellius não era alguém para conversar. Sua toga era larga, sua túnica mal cabia sobre sua barriga, e sua espada caía do seu cinto a cada três segundos, mas Frank não se incomodou em apontar isso.

— Quanto aos arqueiros — o fantasma disse — eles são fracos! Na minha época, tiro com arco era um trabalho de bárbaros. Um bom romano deve estar na briga, eviscerar seu inimigo com lança e espada como um homem civilizado! É assim que nós fizemos nas Guerras Púnicas. Se aproxime dos romanos, garoto!

Frank suspirou.

— Eu pensei que você esteve no exército de César.

— Eu estive!

— Vitellius, César foi centenas de anos após as Guerras Púnicas. Você não pode ter estado vivo por tanto tempo.

— Questionando a minha honra? — Vitellius parecia tão furioso, sua aura roxa brilhava. Ele sacou seu *Gládio* fantasmagórico e gritou: — Tome isso!

Ele passou a espada, o que foi quase tão mortal quanto um laser, através do peito de Frank algumas vezes.

— Ai! — disse Frank, apenas para ser agradável.

Vitellius pareceu satisfeito e afastou sua espada.

— Talvez você pense duas vezes antes de duvidar dos mais velhos da próxima vez! Agora... foi o seu décimo sexto aniversário recentemente, não foi?

Frank assentiu. Ele não tinha certeza de como Vitellius sabia disso, já que Frank não tinha contado a ninguém, exceto a Hazel, mas fantasmas tinham formas de descobrir segredos. Escutar enquanto invisível provavelmente era uma delas.

— Então é por isso que você está como um gladiador rabugento — disse o *Lar*. — Compreensível. O décimo sexto aniversário é seu dia de masculinidade! Seu pai divino deveria ter reivindicado você, nenhuma dúvida sobre isso, mesmo com apenas um pequeno prenúncio. Talvez ele pensou que você fosse mais jovem. Você parece mais jovem, com essa cara de bebê rechonchudo.

— Obrigado por me lembrar — murmurou Frank.

— Sim, eu lembro do meu décimo sexto — disse Vitellius, alegremente. — Agouro Maravilhoso! Uma galinha na minha cueca.

— Hein?

Vitellius se encheu de orgulho.

— É isso mesmo! Eu estava no rio mudando de roupa para o meu *Liberália*, rito de passagem para a idade adulta. Nós fazíamos as coisas corretamente na época. Eu tinha levado a minha toga de infância e fui lavar-me para vestir a de adulto. De repente, uma galinha branca correu para fora do nada, furtou a minha tanga e fugiu com ela. Eu não estava usando-a na hora.

— Isso é bom — disse Frank. — E eu posso apenas dizer: Muita informação?

— Mmm. — Vitellius não estava escutando. — Esse foi o sinal que eu descendia de Esculápio, o deus da medicina. Eu tomei meu *cognome*, meu terceiro nome, Reticulus, porque significava roupa íntima, para me lembrar do dia abençoado que uma galinha roubou minha tanga.

— Então... o seu nome significa Senhor Roupa Íntima?

— Louvados sejam os deuses! Tornei-me um cirurgião na legião, e o resto é história. — Ele abriu os braços generosamente. — Não desista, rapaz. Talvez seu pai esteja atrasado. A maioria dos augúrios não são tão

dramáticos quanto uma galinha, é claro. Eu conheci um colega que, uma vez teve um estrume de besouro...

— Obrigado, Vitellius — disse Frank. — Mas eu tenho que terminar de polir esta armadura...

— E o sangue da Górgona?

Frank congelou. Ele não tinha contado a ninguém sobre isso. Tanto quanto ele sabia, só Percy tinha visto ele colocar no bolso os frascos no rio, e eles não tinham tido a oportunidade de falar sobre isso.

— Vamos — Vitellius repreendeu. — Eu sou um curandeiro. Eu conheço as lendas sobre o sangue de Górgona. Mostre-me os frascos.

Relutantemente, Frank tirou os dois frascos de cerâmica que ele tinha recuperado do Pequeno Tibre. Despojos de guerra eram muitas vezes deixados para trás quando um monstro se dissolvia — às vezes um dente, ou uma arma, ou mesmo a cabeça inteira do monstro. Frank soube o que os dois frascos eram imediatamente. Por tradição eles pertenciam a Percy, que havia matado as Górgonas, mas Frank não podia deixar de pensar, *e se eu pudesse usá-los?*

— Sim. — Vitellius estudou os frascos com aprovação. — Sangue retirado do lado direito do corpo de uma Górgona pode curar qualquer doença, até mesmo trazer os mortos de volta à vida. A deusa Minerva deu uma vez um frasco disso para meu ancestral divino, Esculápio. Mas o sangue retirado do lado esquerdo de uma Górgona... instantaneamente fatal. Então, qual é qual?

Frank olhou para os frascos.

— Eu não sei. Eles são idênticos.

— Há! Mas você está esperando que o frasco certo poderia resolver seu problema com o palito queimado, hein? Talvez quebrar sua maldição?

Frank estava tão atordoado, não conseguia falar.

— Ah, não se preocupe, rapaz. — O fantasma riu. — Eu não vou contar a ninguém. Eu sou um *Lar*, um protetor da Coorte! Eu não faria qualquer coisa para te pôr em perigo.

— Você me apunhalou no peito com sua espada.

— Confie em mim, rapaz! Eu tenho simpatia por você, carregando a maldição do Argonauta.

— O... o quê?

Vitellius afastou a questão.

— Não seja modesto. Você tem raízes antigas. Gregas, assim como romanas. Não é de admirar que Juno... — Ele inclinou a cabeça, como se estivesse ouvindo uma voz de cima. Seu rosto ficou frouxo. Sua aura toda tremulou verde. — Mas eu já disse o suficiente! De qualquer forma, eu vou deixar você descobrir para quem é o sangue da Górgona. Suponho que o novato Percy poderia usá-lo também, com o seu problema de memória.

Frank se perguntou o que Vitellius estava prestes a dizer e o que lhe tinha deixado tão assustado, mas ele teve a sensação que dessa vez Vitellius ia ficar de boca fechada.

Ele olhou para os dois frascos. Ele não tinha sequer pensado que Percy precisava deles. Ele se sentiu culpado por ter tido a intenção de usar o sangue em si mesmo.

— Sim. É claro. Ele deve ter isso.

— Ah, mas se você quiser o meu conselho... — Vitellius olhou nervoso novamente. — Você deve guardar ambos os sangues de Górgona. Se minhas fontes estiverem corretas, você vai precisar deles na sua busca.

— Busca?

As portas do arsenal abriram.

Reyna invadiu com seus galgos de metal. Vitellius desapareceu. Ele poderia ter gostado de galinhas, mas não gostava dos cães da pretora.

— Frank. — Reyna parecia perturbada. — Isso é o suficiente com a armadura. Vá encontrar Hazel. Traga Percy Jackson aqui em baixo. Ele esteve lá em cima por muito tempo. Eu não quero que Octavian... — Ela hesitou. — Basta trazer Percy aqui embaixo.

Então, Frank tinha corrido todo o caminho até o Templo da Colina.

Caminhando de volta, Percy fez milhares de perguntas sobre o irmão de Hazel, Nico, mas Frank não sabia muito.

— Ele é ok — disse Frank. — Ele não é como Hazel...

— O que você quer dizer? — perguntou Percy.

— Ah, hã... — Frank tossiu. Ele queria dizer que Hazel era de melhor aparência e mais agradável, mas ele decidiu não dizer isso. — Nico é uma espécie de mistério. Ele deixa todo mundo nervoso, sendo filho de Plutão, e tudo.

— Mas você não?

Frank deu de ombros.

— Plutão é legal. Não é sua culpa que ele dirige o Mundo Inferior. Ele só teve má sorte quando os deuses estavam dividindo o mundo. Júpiter tem o céu, Netuno tem o mar, e Plutão tem o Mundo Inferior.

— A morte não te assusta?

Frank quase teve vontade de rir. *Nem um pouco!*

Em vez disso, ele disse:

— Volte aos velhos tempos, como os tempos gregos, quando Plutão era chamado de Hades, ele não era mais que um deus da morte. Quando ele se tornou romano, se tornou mais... eu não sei, respeitável. Se tornou o deus da riqueza, também. Tudo sob a terra pertence a ele. Então eu não penso nele como sendo realmente assustador.

Percy coçou a cabeça.

— Como se torna um deus romano? Se ele era grego, ele não deveria se *manter* grego?

Frank caminhou alguns passos, pensando nisso. Vitellius teria dado a Percy uma palestra de uma hora sobre o assunto, provavelmente com uma apresentação do PowerPoint, mas Frank fez a sua melhor tentativa:

— A forma como os romanos viam isso, eles adotaram o material grego e aperfeiçoaram.

Percy fez uma cara azeda.

— Aperfeiçoaram? Como se houvesse algo de errado com eles?

Frank se lembrou do que Vitellius tinha dito: *Você tem raízes antigas. Gregas, assim como Romanas*. Sua avó tinha dito algo semelhante.

— Não sei — admitiu ele. — Roma era mais bem-sucedida do que a Grécia. Eles fizeram esse império imenso. Os deuses se tornaram um grande negócio nos tempos romanos, mais poderosos e amplamente conhecidos. É por isso que ainda estão por aí hoje. Então, muitas civilizações se baseiam em Roma. Os deuses mudaram para Roma porque era onde o centro do poder estava. Júpiter era... bem, mais responsável como um deus romano do que ele foi quando ele era Zeus. Marte tornou-se muito mais importante e disciplinado.

— E Juno se tornou uma senhora com bolsa hippie — observou Percy.
— Então você está dizendo que os antigos deuses gregos mudaram permanentemente para romanos? Não sobrou nada dos gregos?

— Hã... — Frank olhou em volta para se certificar de que não haviam campistas ou Lares nas proximidades, mas os portões principais ainda estavam a cem metros de distância. — Esse é um tópico delicado. Algumas pessoas dizem que a influência grega ainda está ao redor, como se ainda fosse uma parte da personalidade dos deuses. Eu já ouvi histórias de semideuses, ocasionalmente, fora do Acampamento Júpiter. Eles rejeitam a

formação romana e tentam seguir o estilo mais antigo, como o grego, sendo heróis individuais em vez de trabalhar como uma equipe, da forma como a legião faz. E de volta aos dias antigos, quando Roma caiu, a metade oriental do império sobreviveu – a *metade grega*.

Percy olhou para ele.

— Eu não sabia disso.

— Era chamado Bizâncio. — Frank gostava de dizer essa palavra. Isso soava legal. — O Império Oriental durou mais mil anos, mas foi sempre mais grego do que romano. Para aqueles de nós que seguem o caminho romano, é uma espécie de assunto delicado. É por isso que, independentemente do país em que se estabeleça, o Acampamento Júpiter é sempre no Oeste, a parte *Romana* do território. O Leste é considerado má sorte.

— Huh. — Percy franziu a testa.

Frank não podia culpá-lo por sentir-se confuso. O negócio grego/romano também lhe dava dor de cabeça.

Eles chegaram aos portões.

— Vou levá-lo para as casas de banho para você se limpar — disse Frank. — Mas primeiro... sobre aqueles frascos que eu encontrei no rio.

— Sangue de Górgona — disse Percy. — Um frasco cura. O outro é veneno mortal.

Os olhos de Frank se arregalaram.

— Você *sabe* sobre isso? Ouça, eu não ia ficar com eles. Eu só...

— Eu sei por que você fez isso, Frank.

— Você sabe?

— Sim. — Percy sorriu. — Se eu entrasse no Acampamento carregando um frasco de veneno, isso teria parecido ruim. Você estava tentando me proteger.

— Ah... certo. — Frank limpou o suor da palma das mãos. — Mas se pudéssemos descobrir qual é qual frasco, poderia curar a sua memória.

O sorriso de Percy desapareceu. Ele olhou através das colinas.

— Talvez... eu acho. Mas você deve guardar os frascos agora. Há uma batalha vindo. Podemos precisar deles para salvar vidas.

Frank olhou para ele, um pouco espantado. Percy teve a chance de recuperar a sua memória, e estava disposto a esperar no caso de alguém mais precisar do frasco? Romanos deveriam ser generosos e ajudar os seus companheiros, mas Frank não tinha certeza de ninguém no acampamento que teria feito essa escolha.

— Então você não se lembra de nada? — perguntou Frank. — Família, amigos?

Percy dedilhou as contas de argila em volta de seu pescoço.

— Só vislumbres. Coisas confusas. Uma namorada... Eu pensei que ela estaria no acampamento. — Ele olhou para Frank com cuidado, como se tomasse uma decisão. — O nome dela era Annabeth. Você não a conhece, não é?

Frank balançou a cabeça.

— Eu conheço todos no acampamento, mas não Annabeth. E a sua família? A sua mãe é mortal?

— Eu acho que sim... ela provavelmente está fora de si com preocupação. Sua mãe consegue te ver bastante?

Frank parou na entrada da casa de banho. Ele pegou algumas toalhas no galpão de abastecimento.

— Ela morreu.

Percy franziu a testa.

— Como?

Normalmente Frank mentiria. Ele diria *um acidente* e interromperia a conversa. Caso contrário, suas emoções ficavam fora de controle. Ele não podia chorar no Acampamento Júpiter. Ele não podia mostrar fraqueza. Mas, com Percy, Frank achava mais fácil falar.

— Ela morreu na guerra — disse ele. — Afeganistão.

— Ela estava no exército?

— Canadense. Sim.

— Canadá? Eu não sabia...

— A maioria dos americanos não sabe. — Frank suspirou. — Mas sim, o Canadá tem tropas lá. Minha mãe era capitã. Ela foi uma das primeiras mulheres a morrer em combate. Ela salvou alguns soldados que foram derrubados por fogo inimigo. Ela... ela não fez isso. O funeral foi pouco antes de eu vir para cá.

Percy assentiu. Ele não pediu mais detalhes, o que Frank apreciou. Ele não disse que sentia muito, ou fez qualquer um dos comentários bem-intencionados que Frank sempre odiou: *Ah, pobre garoto. Deve ser tão difícil para você. Você tem as minhas mais profundas condolências.*

Era como se Percy tivesse enfrentado a morte antes, como se ele soubesse sobre dor. O que importava era ouvir. Você não precisa dizer que sente muito. A única coisa que ajudava era prosseguir – seguir adiante.

— Que tal você me mostrar as casas de banho agora? — sugeriu Percy.
— Estou sujo.

Frank conseguiu dar um sorriso.

— Sim. Você meio que está.

Enquanto caminhavam para a sala de vapor, Frank pensou em sua avó, sua mãe e sua maldita infância, graças a Juno e seu pedaço de lenha. Ele quase desejou poder esquecer seu passado, da forma como Percy esqueceu.

FRANK

FRANK NÃO LEMBRAVA MUITO SOBRE o funeral em si.

Mas ele se lembrava das horas que o antecederam – sua avó saindo para o quintal, para encontrá-lo atirando flechas em sua coleção de porcelana.

A casa de sua avó era uma mansão de pedras cinzentas desconexas de doze acres no norte de Vancouver. Seu quintal corria em linha reta até o Parque Lynn Canyon.

A manhã estava fria e chuvosa, porém Frank não sentia o frio. Ele usava um terno de lã preto e um sobretudo que haviam pertencido a seu avô. Frank se sentiu assustado e chateado ao descobrir que se encaixavam muito bem nele. As roupas cheiravam a lã molhada e jasmim. O tecido causava um comichão, mas era quente. Com seu arco e flecha, ele devia parecer um mordomo muito perigoso.

Ele havia carregado algumas das porcelanas de sua avó em um carrinho de mão e levou-as para o quintal, onde as estabeleceu como alvos em placas

na cerca velha à beira da propriedade. Ele estava puxando seu arco à tanto tempo que perdeu os sentidos dos dedos, com cada flecha ele imaginava que estava derrubando seus problemas.

Atiradores no Afeganistão. *Estrondo*. Um bule explodiu com uma flecha no meio.

A medalha de sacrifício, um disco de prata em uma fita vermelha e preta, dado pela morte no exercício de suas funções, apresentada à Frank como se fosse algo importante, algo que fazia tudo ficar bem. *Pancada*. Uma xícara girou para dentro da floresta.

— Sua mãe foi uma heroína — disse-lhe o oficial. — A capitã Emily Zhang morreu para salvar seus companheiros.

Crack. O prato azul e branco dividido em pedaços.

Sua avó as vezes lhe dava um sermão: *Homens não choram, especialmente os homens Zhang. Você vai resistir, Fai*.

Ninguém o chamava de Fai, exceto sua avó.

Que tipo de nome é Frank? Ela criticava. *Isso não é um nome chinês*.

Eu não sou chinês, Frank pensava, mas não ousava dizer isso. Sua mãe lhe tinha dito anos atrás: *Não se pode discutir com a avó. Isso só vai fazer você sofrer mais*. Ela tinha razão. E agora Frank não tinha ninguém, exceto sua avó.

Uma quarta flecha acertou a trave da cerca e ficou presa lá, tremendo.

— Fai — disse sua avó.

Frank se virou.

Ela estava segurando uma caixa de sapatos de mogno que Frank nunca tinha visto antes. Com o seu vestido de gola alta preta e um sério coque de cabelos grisalhos, ela parecia uma professora da escola do século XIX.

Ela analisou o massacre: a porcelana na carroça, os cacos de seu jogo de chá favorito espalhados pelo gramado, as flechas de Frank saindo do chão, das árvores, dos postes, e uma na cabeça de um sorridente gnomo de jardim.

Frank pensou que ela iria gritar ou bater nele com a caixa. Ele nunca fez nada tão ruim antes. Nunca se sentira com tanta raiva.

O rosto de sua avó estava cheio de amargura e desaprovação. Ela não se parecia em nada com a mãe de Frank. Ele se perguntou como sua mãe havia se tornado tão legal – sempre rindo, sempre gentil. Frank não conseguia imaginar sua mãe crescendo com a avó mais do que ele conseguia imaginá-la no campo de batalha – embora as duas situações, possivelmente não eram assim tão diferentes.

Ele esperou sua avó explodir. Talvez ele fosse triturado e não tivesse que ir ao funeral. Ele queria machucá-la por ser tão má o tempo todo, por deixar sua mãe ir para a guerra, por repreendê-lo para superar isso. Tudo com o que ela se preocupava era com sua coleção estúpida.

— Pare com esse comportamento ridículo — disse a avó. Ela não parecia muito irritada. — Você não está nesse nível.

E para a surpresa de Frank ela chutou para o lado uma de suas xícaras de chá favoritas.

— O carro estará aqui em breve — disse ela. — Precisamos conversar.

Frank ficou surpreso. Ele olhou mais de perto a caixa de mogno. Por um momento horrível, ele se perguntou se ela continha as cinzas de sua mãe, mas isso era impossível. Sua avó tinha lhe dito que haveria um enterro militar. Então porque a avó segurava a caixa tão cautelosamente como se seu conteúdo a entristecesse?

— Venha para dentro — disse ela.

Sem esperar para ver se ele a seguiria, ela virou-se e marchou em direção à casa, Frank a acompanhou.

Na sala, Frank sentou em um sofá de veludo, cercado por reconhecidas fotos da família, vasos de porcelana que eram muito grandes para o seu carrinho e bandeiras vermelhas com caligrafia chinesa. Frank não sabia o

que estava escrito. Ele nunca teve muito interesse em aprender. Também não sabia quem a maioria das pessoas nas fotografias eram.

Sempre que a avó começava a lhe falar sobre seus antepassados, como eles vieram da China e prosperaram no negócio de importação/exportação, tornando-se, em Vancouver, uma das mais ricas famílias chinesas, bem, isso era chato. Frank era da quarta geração canadense. E ele não se importava com a China e todas estas antiguidades cheias de mofo. Os únicos caracteres chineses que ele poderia reconhecer eram seu nome de família: Zhang. *Mestre dos arcos*. Isso era legal.

Sua avó sentou-se ao seu lado, sua postura rígida, com as mãos cruzadas sobre a caixa.

— Sua mãe queria que isso fosse seu — disse ela com relutância. — Ela manteve-o desde que você era um bebê. Quando foi embora para a guerra, confiou-o a mim. Mas agora ela se foi. E logo você estará indo também.

— Indo? Indo aonde? — O estômago de Frank tremulava.

— Eu estou velha — disse a avó, como se isso fosse um anúncio surpreendente. — Tenho minha própria consulta com a morte em breve. Não posso lhe ensinar as habilidades que vai precisar, e eu posso manter esse fardo. Se algo acontecer a ele, eu nunca poderia me perdoar. Você iria morrer.

Frank não tinha certeza se tinha ouvido direito. Parecia que ela tinha dito que a sua vida dependia daquela caixa. Ele se perguntou por que nunca tinha visto aquilo antes. Ela deve ter mantido trancado no sótão, o único lugar que Frank era proibido de explorar. Ela sempre disse que mantinha seus tesouros mais valiosos lá em cima.

Entregou a caixa para ele. Ele abriu a tampa com os dedos trêmulos. No interior, com um revestimento almofadado em veludo, havia um

aterrorizante, capaz de alterar vidas, incrivelmente importante... pedaço de madeira.

Parecia madeira flutuante – dura e lisa, esculpida em uma forma ondulada. Era do tamanho de um controle remoto da TV. A ponta estava carbonizada. Frank tocou no final queimado. Ainda estava quente. As cinzas deixaram uma mancha negra em seu dedo.

— É um pedaço de madeira — disse ele. Ele não conseguia descobrir o porquê sua avó estava agindo de modo tão tenso e sério.

Seus olhos brilhavam.

— Fai, você conhece profecias? Você conhece os deuses?

As perguntas o deixaram desconfortável. Ele pensou nas bobas estátuas de ouro dos imortais chineses que sua avó tinha, suas superstições sobre a colocação de móveis em determinados lugares e evitar números de azar. Profecias o faziam pensar em biscoitos da sorte, que nem sequer eram chineses, não realmente, mas alguns garotos na escola zombavam dele sobre coisas estúpidas como esta: *Confúcio dizia...* e todo esse lixo. Frank nunca tinha ido para a China. Ele não queria nada com ela. Mas, claro, a avó não queria ouvir isso.

— Um pouco, vó — disse ele — não muito.

— A maioria teria zombado do conto de sua mãe — disse ela — mas eu não. Eu sei de profecias e deuses. Gregos, romanos, se entrelaçam com chineses em nossa família. Eu não tive dúvida que o que ela me contou sobre seu pai era verdade.

— Espere... o quê?

— Seu pai era um deus — disse ela claramente.

Se sua avó tivesse um senso de humor, Frank teria pensado que era uma brincadeira, mas sua avó nunca tinha feito uma brincadeira antes, estaria senil?

— Pare de me olhar assim — disse a avó. — Minha mente não está confusa. Você nunca se perguntou por que ele nunca voltou?

— Ele era... — Frank vacilou. A perda de sua mãe foi dolorosa o suficiente. Ele não queria pensar sobre seu pai, também. — Ele estava no exército, como a mamãe. Ele desapareceu. No Iraque.

— Besteira. Ele era um deus. Ele se apaixonou por sua mãe, porque ela era uma guerreira nata. Ela era como eu, forte, corajosa, boa, bela.

Forte e corajosa, Frank concordava. Agora retratar a avó tão boa e bonita era mais difícil.

Ele ainda suspeitava que ela podia estar perdendo sua sanidade, porém perguntou:

— Que tipo de deus?

— Romano — disse ela. — Além disso, eu não sei. Sua mãe não quis dizer, ou talvez ela não soubesse. Não é nenhuma surpresa um deus se apaixonar por ela, dada a nossa família. Ele deve ter sabido que ela era de sangue antigo.

— Espere... somos chineses. Por que deuses romanos iriam querer namorar uma canadense/chinesa?

As narinas da avó queimaram.

— Se você se preocupasse em aprender a história da família, Fai, poderia saber isso. China e Roma não são tão diferentes, nem tão separadas como você parece acreditar. Nossa família é da província de Gansu, uma cidade, uma vez chamado Li-Jien. E antes que... como eu disse sangue antigo. O sangue dos príncipes e heróis.

Frank só encarava-a.

Ela suspirou, irritada.

— Minhas palavras são desperdiçadas neste bezerro! Você vai aprender a verdade quando for para o acampamento. Talvez o seu pai vá reclamá-lo.

Mas por enquanto, devo explicar sobre a lenha.

Ela apontou para a grande lareira de pedra.

— Pouco depois que você nasceu, uma visitante apareceu em nosso lar. Sua mãe e eu estávamos sentadas aqui no sofá, exatamente onde nós estamos sentados. Você era uma coisa minúscula, enrolado em um cobertor azul, e ela aninhava-o em seus braços.

Soou como uma doce memória, mas a avó disse num tom amargo, como se ela soubesse, até então, que Frank iria se transformar em uma grande madeireira imbecil.

— A mulher apareceu no fogo — continuou ela. — Ela era uma mulher branca usando um vestido de seda azul, com uma capa estranha como a pele de uma cabra.

— Uma cabra — disse Frank entorpecido.

A avó fez uma careta.

— Sim, limpe os ouvidos, Fai Zhang! Estou velha demais para contar todas as histórias duas vezes! A mulher com a pele de cabra era uma deusa. Eu posso sempre dizer estas coisas. Ela sorriu para o bebê que você era e disse para sua mãe, em mandarim perfeito, nada menos: *“Ele irá fechar o círculo. Irá fazer a sua família retornar para suas raízes e trazer-lhe grande honra.”*

A avó bufou.

— Eu não discuto com deusas, mas talvez esta não veja o futuro com muita clareza. Seja qual for o caso, ela disse, *“Ele vai ir para o acampamento e restaurar sua reputação lá. Ele irá libertar Thanatos de suas correntes de gelo...”*

— Espere, quem?

— Thanatos — disse a avó, impaciente. — O nome grego para a Morte. Agora posso continuar sem interrupções? Pois bem a deusa disse: *“O sangue*

de Pilos é forte nessa criança pelo lado de sua mãe. Ele terá o dom da família Zhang, mas também terá os poderes de seu pai.”

De repente, a história da família Zhang não parecia tão chata. Ele queria desesperadamente perguntar o que aquilo significava – poderes, dom, sangue de Pilos. O que era esse acampamento, e quem era seu pai? Mas ele não queria interromper a avó novamente. Ele queria que ela continuasse falando.

— Nenhum poder vem sem um preço, Fai — disse ela. — Antes da deusa desaparecer, ela apontou para o fogo e disse: *“Ele vai ser o mais forte de seu clã, o maior. Mas as Parcas decretaram que ele será também o mais vulnerável. Sua vida vai queimar brilhante e curta. Quando aquele pedaço de lenha for consumido na borda do fogo, o seu filho estará destinado a morrer.”*

Frank mal podia respirar. Ele olhou para a caixa em seu colo, e as manchas de cinzas em seu dedo. A história parecia ridícula, mas de repente o pedaço de madeira flutuante parecia mais sinistro, mais frio e mais pesado.

— Isso... isso...

— Sim, meu boi estúpido — disse a avó. — Esse é o graveto. A deusa desapareceu, e eu tirei a madeira do fogo imediatamente. Temos mantido guardado desde então.

— Se ele queimar, eu morrerei?

— Não é tão estranho — disse a avó. — Romanos, chineses os destinos dos homens muitas vezes podem ser previstos, e às vezes adiados, pelo menos por um tempo. A lenha está em sua posse agora. Mantenha-a por perto. Enquanto ela estiver segura, você estará seguro.

Frank balançou a cabeça. Ele queria protestar que isso era apenas uma lenda estúpida. Talvez a avó estivesse tentando assustá-lo como uma espécie de vingança por quebrar sua porcelana.

Mas os olhos de sua avó eram desafiadores, era como se ela dissesse: *Se não acredita queime-a.*

Frank fechou a caixa.

— Se é tão perigoso porque não revesti-lo de uma substância que não queime como pedra ou aço? Porque não colocá-lo em um cofre?

— O que aconteceria — perguntou a avó. — Se tivéssemos revestido a madeira em outra substância? Será que você, também, sufocaria? Eu não sei. Sua mãe não iria assumir o risco. Ela não podia carregar a parte com ela, por medo de algo dar errado. Bancos podem ser roubados. Edifícios podem queimar. Coisas estranhas conspiram quando se tenta enganar o destino. Sua mãe achava que a madeira estaria segura, deste que ficasse com ela, até que ela foi para a guerra, e a deu para mim. — Sua avó exalava mau humor. — Foi besteira de sua mãe ir para guerra, embora suponho que sempre soube que era seu destino, ela esperava reencontrar seu pai.

— Ela pensou... pensou que ele estaria no Afeganistão?

A avó estendeu suas mãos, como se isso fosse além de sua compreensão.

— Ela foi. Morreu bravamente. Pensei que o dom da família iria protegê-la. Não tenho nenhuma dúvida que foi assim que ela salvou aqueles soldados. Ela nunca quis o dom que nossa família carrega. Não ajudou meu pai nem o pai *dela*. Não me ajudou. E agora você se tornou um homem. Você deve seguir o caminho.

— Mas... Que caminho? O nosso dom é... arco e flecha?

— Você e seu arco e flecha! Menino tolo. Logo você vai descobrir. Hoje à noite, depois do funeral, você deve ir para o sul. Sua mãe disse que se ela não voltasse do combate, Lupa iria enviar mensageiros. Eles o acompanharão para um lugar onde os filhos dos deuses podem ser treinados para o seu destino.

Frank se sentiu como se estivesse sendo espetado com inúmeras flechas, seu coração dividido em cacos de porcelana. Ele não entendeu a maior parte do que a avó disse, mas uma coisa era clara: ela estava chutando-o para fora.

— Você está me mandando embora? — perguntou Frank. — Sua família restante?

A boca de sua avó tremia. Seus olhos pareciam úmidos. Frank ficou chocado ao perceber que ela estava quase chorando. Ela havia perdido o marido há anos, então sua filha e agora ela estava prestes a mandar embora seu único neto. Mas se levantou do sofá e ficou ereta, sua postura rígida e correta como sempre.

— Quando você chegar ao acampamento — ela instruiu. — Você deverá falar com o pretor em privado. Diga-lhe que o seu bisavô era Shen Lun. Já tem muitos anos desde o incidente de São Francisco. Esperamos que eles não o matem pelo que ele fez, mas você pode querer pedir perdão por suas ações.

— Isso está ficando cada vez melhor — resmungou Frank.

— A deusa disse que você faria o círculo da família ficar completo. — A voz da avó não tinha nenhum traço de simpatia. — Ela escolheu o seu caminho anos atrás e não vai ser fácil. Mas agora é hora do funeral. Temos obrigações. Venha. O carro está esperando.

A cerimônia foi um borrão: faces solenes, o tamborilar da chuva no toldo do enterro, o estalido dos fuzis da guarda de honra, o afundamento do caixão dentro da terra.

Naquela noite, os lobos chegaram. Eles uivaram na varanda da frente. Frank saiu para encontrá-los. Ele levou o seu pacote de viagem, suas roupas mais quentes, seu arco e sua aljava. A medalha de sacrifício da sua mãe estava enrolada em sua mochila. O graveto carbonizado estava embrulhado

cuidadosamente em três camadas de pano no bolso do casaco, junto ao seu coração.

Sua jornada para o sul começou – para a Casa do Lobo em Sonoma e, eventualmente, para o Acampamento Júpiter, onde falou com Reyna privadamente como sua avó lhe havia instruído. Ele implorou perdão para o bisavô, embora não soubesse nada sobre aquilo. Reyna deixou ele se juntar à legião. Nunca lhe disse o que seu bisavô tinha feito, mas ela obviamente sabia. Frank podia dizer que era ruim.

— Eu julgo as pessoas pelos seus próprios méritos — dissera Reyna. — Mas não mencione o nome de Shen Lun para qualquer outra pessoa. Deve permanecer o nosso segredo ou você vai ser maltratado.

Infelizmente, Frank não teve muitos méritos. Seu primeiro mês no acampamento foi gasto derrubando linhas de armas, quebrando carros e derrubando Coortes inteiras enquanto marchavam. Seu trabalho favorito era cuidar de Aníbal, o elefante, mas ele conseguiu cometer erros nisso também – dando à Aníbal uma indigestão, alimentando-o com amendoim. Quem sabia que os elefantes poderiam ser intolerantes a amendoim? Frank imaginou se Reyna estava lamentando a sua decisão de deixá-lo entrar.

Todos os dias, ele acordava se perguntando se o graveto de alguma forma pegaria fogo e queimaria, e ele morreria.

Tudo isto correu pela cabeça de Frank enquanto ele caminhava com Hazel e Percy para os jogos de guerra. Ele pensou sobre o graveto acondicionado dentro de seu bolso do casaco, e o que significava o fato de Juno ter aparecido no acampamento. Ele estava prestes a morrer? Achava que não. Ele com certeza não trouxe qualquer honra para sua família ainda. Talvez Apolo o reclamasse hoje e explicaria seus poderes e dons.

Uma vez que eles saíram do acampamento, a Quinta Coorte formou-se em duas linhas atrás de seus centuriões, Dakota e Gwen. Eles marcharam para o norte, contornando a orla da cidade, e seguiram para o Campo de Marte – a maior e mais plana parte do vale. A grama era cortada bem curta por todos os unicórnios, touros e faunos sem-teto que pastavam aqui. A terra estava repleta de crateras de explosão e marcada com trincheiras de jogos anteriores. No extremo norte do campo estava o seu alvo. Os engenheiros construíram uma fortaleza de pedra com uma ponte levadiça de ferro, torres de guarda, balistas escorpião, canhões de água e sem dúvida muitas outras surpresas desagradáveis para os defensores usarem.

— Eles fizeram um bom trabalho hoje — observou Hazel. — Isso é ruim para nós.

— Espere — disse Percy. — Você está me dizendo que fortaleza foi construída *hoje*?

— Legionários são treinados para construir — Hazel disse sorrindo. — Se quiséssemos, poderíamos quebrar todo o campo e reconstruí-lo em algum outro lugar. Leva talvez três ou quatro dias, mas nós poderíamos fazê-lo.

— Não vamos — disse Percy. — Então vocês atacam uma fortaleza diferente a cada noite?

— Nem todas as noites — disse Frank. — Temos exercícios de treinamento diferentes. Às vezes, a bola da morte, que é como paintball, exceto que com... bolas de veneno, ácido e fogo. Às vezes fazemos competições de bigas e de gladiadores, às vezes jogos de guerra.

Hazel apontou para o forte.

— Em algum lugar lá dentro, a Primeira e Segunda Coorte estão mantendo seus estandartes. Nosso trabalho é entrar e capturá-los sem sermos abatidos. Se fizermos isso, ganhamos.

Os olhos de Percy se iluminaram.

— Como captura da bandeira. Eu acho que eu gosto de captura da bandeira.

Frank riu.

— Sim, bem... é mais difícil do que parece. Temos que passar os escorpiões e os canhões de água nas paredes, lutar pelo interior da fortaleza, encontrar os estandartes, derrotar os guardas e ao mesmo tempo proteger os nossos próprios estandartes e as tropas de captura. E a nossa Coorte está em concorrência com os outros dois grupos de ataque. Nós trabalhamos juntos, mas não realmente. A Coorte que captura as bandeiras recebe toda a glória.

Percy tropeçou, tentando manter o tempo com o ritmo de marcha esquerda-direita. Frank simpatizou. Ele tinha passado suas primeiras duas semanas caindo.

— Então por que estamos praticando isso, afinal? — perguntou Percy.
— Vocês passam muito tempo assaltando cidades fortificadas?

— Trabalho em equipe — disse Hazel. — Raciocínio rápido. Táticas. Habilidades de batalha. Você ficaria surpreso com o que você pode aprender nos jogos de guerra.

— Como quem vai apunhalá-lo pelas costas — disse Frank.

— É uma das coisas principais — concordou Hazel.

Eles marcharam para o centro do Campo de Marte e formaram fileiras. A Terceira e Quarta Coorte montadas na medida do possível a partir da Quinta. Os centuriões do lado atacante se reuniram para uma conferência. No céu acima deles, Reyna circulou em seu pégaso, Cipião, pronta para arbitrar.

Meia dúzia de águias gigantes voavam em formação atrás dela preparadas para o serviço de ambulância de transporte aéreo, se necessário. A única pessoa que não participava do jogo era Nico di Angelo, o

“Embaixador de Plutão”, que havia subido para a torre de observação a cerca de cem metros do forte e estaria assistindo com binóculos.

Frank apoiou o *pilo* contra o seu escudo e checou a armadura de Percy. Cada tira estava correta. Cada peça de armadura estava adequadamente ajustada.

— Você fez certo — disse ele com espanto. — Percy, você deve ter participado de jogos de guerra antes.

— Eu não sei. Talvez.

A única coisa que não estava normal era a brilhante espada de bronze de Percy ao invés de ouro imperial, e não era um gládio. A lâmina estava em forma de folha e a escrita no punho era grega.

Olhando para ela Frank ficou desconfortável. Percy franziu a testa.

— Nós *podemos* usar armas de verdade, certo?

— Sim — concordou Frank. — Com certeza. Eu apenas nunca vi uma espada como essa.

— E se eu machucar alguém?

— Nós curamos o alguém — disse Frank. — Ou tentamos. Os médicos da legião são muito bons com ambrósia e néctar, e unicórnios de tração.

— Ninguém morre — disse Hazel. — Bem, não, geralmente. E se morrerem...

Frank imitou a voz de Vitellius:

— Eles são covardes! Na minha época, nós morríamos o tempo todo, e gostávamos disso!

Hazel riu.

— Basta ficar com a gente, Percy. As chances são de que teremos os piores deveres e seremos eliminados cedo. Eles nos lançam nas paredes primeiro para suavizarmos as defesas. Em seguida, as Terceira e Quarta Coortes marcharão para obter as honras, *se* eles puderem quebrar o forte.

Cornetas soaram. Dakota e Gwen voltaram da conferência dos oficiais, parecendo tristes.

— Tudo bem, aqui está o plano! — Dakota tomou um gole rápido de suco de seu frasco de viagem. — Eles irão nos jogar nas paredes primeiro para suavizar as defesas.

Toda a Coorte gemeu.

— Eu sei, eu sei, — disse Gwen. — Mas talvez desta vez nós tenhamos alguma sorte!

Gwen quis ser otimista. Todo mundo gostava dela porque ela tinha o cuidado de tentar manter o ânimo de seu povo. Ela poderia até mesmo controlar Dakota durante seu bug hiperativo de suco de caixinha. Ainda assim, os campistas resmungaram e se queixaram. Ninguém acreditava em sorte na Quinta Coorte.

— Dakota fica com a primeira linha — disse Gwen. — Bloqueie com escudos e avancem na formação de tartaruga para os portões principais. Tentem ficar em uma só peça. Chame o seu fogo. Segunda linha... — Gwen voltou-se para Frank, sem muito entusiasmo. — Você dezessete assuma o comando do elefante e as escadas de escalada. Tente um ataque de acompanhamento na parede ocidental. Talvez possamos espalhar os defensores deixando a linha deles muito fina. Frank, Hazel, Percy... bem, basta fazer o de sempre. Mostrem a Percy as cordas. Tentem mantê-lo vivo. — Ela voltou-se para toda a Coorte. — Se alguém passar pela primeira parede, vou ter certeza de obter a Coroa Mural. Vitória para a Quinta Coorte!

A Coorte aplaudiu empenhadamente e rompeu-se.

Percy franziu a testa.

— Fazer o de sempre?

— Sim — suspirou Hazel. — Grande voto de confiança.

— O que é a Coroa Mural? — perguntou Percy.

— Medalha militar — disse Frank. Ele tinha sido forçado a memorizar todos os prêmios possíveis. — Grande honra para o primeiro soldado a entrar em um forte inimigo. Você vai notar que ninguém na Quinta Coorte está vestindo uma. Geralmente nós nem sequer entramos no forte porque estamos queimando ou afogando ou... — Ele vacilou, e olhou para Percy. — Canhões de água.

— O quê? — perguntou Percy.

— Os canhões nas paredes — Frank disse — eles tiraram água do aqueduto. Há um sistema de bomba... eu não sei como isso funciona, mas eles estão sob muita pressão. Se você pudesse controlá-los, como você controlou o rio...

— Frank! — Hazel comemorou. — Isso é brilhante!

Percy não parecia tão certo.

— Eu não sei como fiz isso no rio. Eu não tenho certeza de que posso controlar os canhões desta distância.

— Vamos chegar mais perto. — Frank apontou para a parede oriental da fortaleza, onde a Quinta Coorte não estaria atacando.

— É aí que a defesa irá ser mais fraca. Eles nunca vão levar três crianças a sério. Acho que podemos nos aproximar muito antes de nos verem.

— Aproximar como? — perguntou Percy.

Frank virou-se para Hazel.

— Você pode fazer aquela coisa de novo?

Ela socou-o no peito.

— Você disse que não iria dizer nada!

Frank imediatamente sentiu-se péssimo. Ele tinha ficado tão animado com a ideia...

Hazel murmurou baixinho.

— Não se preocupe. Está tudo bem. Percy, ele está falando sobre as trincheiras. O Campo de Marte está repleto de túneis ao longo de tantos anos. Alguns estão desmoronados, ou enterrados, mas muitos deles ainda são transitáveis. Eu sou muito boa em encontrá-los e usá-los. Eu posso até mesmo desmoroná-los, se precisar.

— Como você fez com as Górgonas — disse Percy. — Para atrasá-las.

Frank assentiu com aprovação.

— Eu disse que Plutão era legal. Ele é o deus de tudo debaixo da terra. Hazel pode encontrar cavernas, túneis, alçapões...

— E lá se foi o *nosso* segredo — resmungou ela.

Frank sentiu-se corar.

— Sim, me desculpe. Mas, se pudermos chegar perto...

— E se eu puder tirar os canhões de água da jogada... — Percy balançou a cabeça, como se ela fosse aquecer com a ideia. — O que faremos então?

Frank checkou sua aljava. Ela sempre estocava flechas especiais. Ele nunca chegou a utilizá-las antes, mas talvez esta noite fosse a noite. Talvez ele pudesse, finalmente, fazer algo bom o suficiente para chamar a atenção de Apolo.

— O resto depende de mim — disse ele. — Vamos.

FRANK

FRANK NUNCA HAVIA SE SENTIDO tão certo de nada, o que o deixava nervoso. Nada que ele planejava dava certo. Ele sempre conseguiu quebrar, estragar, queimar, sentar ou derrubar algo importante, mas ele *sabia* que sua estratégia iria funcionar.

Hazel encontrou um túnel sem nenhum problema. Na verdade, Frank tinha uma suposição que ela não tinha *simplesmente* encontrado o túnel. Era como se os próprios túneis se fabricassem para atender às necessidades dela. Passagens que haviam sido preenchidas anos atrás, de repente não estavam mais preenchidas, mudando direções para conduzir Hazel, onde quer que ela queira ir. Eles rastejaram junto à luz da espada brilhante de Percy, Contracorrente. Acima, eles ouviam os sons da batalha — crianças berrando, Aníbal o elefante gritando de alegria, flechas de escorpião explodindo e canos de água disparando. O túnel sacudiu. Pó choveu sobre eles.

Frank escorregou sua mão dentro de sua armadura. O pedaço de madeira ainda estava seguro no bolso do casaco, embora um bom tiro de um escorpião pudesse colocar a sua linha da vida em chamas...

Ruim Frank, ele repreendeu a si mesmo. *Fogo* é a “*palavra-F*”, não pense nisso.

— Há uma abertura lá na frente — anunciou Hazel. — Vamos chegar a três metros da parede leste.

— Como você sabe? — perguntou Percy.

— Eu não sei — disse ela. — Mas tenho certeza.

— Poderíamos seguir o túnel em linha reta, sob a parede? — perguntou Frank.

— Não — disse Hazel. — Os engenheiros foram espertos. Eles construíram as paredes em fundações antigas que vão até alicerce. E não pergunte como eu sei. Só sei.

Frank tropeçou em alguma coisa e amaldiçoou. Percy usou espada em volta para dar mais luz. A coisa que Frank tinha tropeçado era prata reluzente.

Ele se agachou.

— Não toque nisso! — disse Hazel.

A mão de Frank parou a poucos centímetros do pedaço de metal. Parecia um pedaço gigante de chocolate, quase do tamanho de seu punho.

— É maciço — disse ele — prata?

— Platina. — Hazel parecia assustada. — Vai sumir em um segundo. Por favor, não toque nisso. É perigoso.

Frank não entendeu como um pedaço de metal poderia ser perigoso, mas ele levou Hazel a sério. Enquanto observavam, o pedaço de platina afundou no solo.

Ele olhou para Hazel.

— Como você sabia?

A luz da espada de Percy fez Hazel parecer fantasmagórica como um *Lar*.

— Vou explicar mais tarde — prometeu ela.

Outra explosão abalou o túnel, e eles seguiram em frente.

Eles saltaram de um buraco exatamente onde Hazel havia previsto. Em frente deles, a parede leste do forte se aproximava. À sua esquerda, Frank podia ver a linha principal da Quinta Coorte avançando na formação de tartaruga, formando escudos de concha sobre suas cabeças e lados. Estavam tentando chegar aos portões principais, mas os defensores de cima os prenderam com pedras e atingiram com flechas flamejantes de escorpião, crateras explodiram em torno de seus pés. Um canhão de água descarregou com um barulho de mandíbula arranhada e um jato líquido atingiu a trincheira no chão em frente à Coorte.

Percy assobiou.

— Isso é muita pressão, cara.

A Terceira e Quarta Coorte não estavam nem mesmo avançando. Elas ficaram para trás e riram, assistindo seus “aliados” apanharem. Os defensores agrupados na parede de cima dos portões, gritavam insultos para a formação de tartaruga, uma vez que cambaleava para trás e para frente. Jogos de guerra tinham se deteriorado em “abater a Quinta”.

A visão de Frank ficou vermelha de raiva.

— Vamos agitar as coisas.

Ele pegou na sua alijava a flecha mais pesada de todas. A ponta de ferro fino era formada como o nariz cônico de um foguete. Uma corda de ouro ultrafina se arrastava desde as penas. Atirava com precisão e exigia mais força e habilidade que a maioria dos arqueiros poderia conseguir, mas Frank tinha armas fortes e uma boa pontaria.

Talvez Apolo esteja assistindo, pensou Frank esperançosamente.

— O que isso faz? — perguntou Percy. — Engancha?

— Isso se chama flecha da Hidra — disse Frank. — Você pode derrubar os canhões de água?

Um defensor apareceu na parede acima deles:

— Ei! — Ele gritou para seus amigos. — Vejam isso! Mais vítimas!

— Percy — disse Frank. — Agora seria bom.

Mais crianças riram deles. Alguns correram para a água mais próxima e viraram o canhão em direção a Frank.

Percy fechou seus olhos. Ele levantou a mão.

Na parede alguém gritou:

— Já era, perdedores!

KA-BOOM.

O cano explodiu em azul, verde e branco. Os defensores gritavam com uma onda de choque aquosa achatando-os contra as muralhas. As crianças caíram das paredes, mas foram capturadas pelas gigantes águias e levadas para longe em segurança. Todo leste da parede explodiu por meio dos dutos. Um depois do outro, os canhões de água explodiram. Os disparos dos escorpiões ficaram encharcados. Os defensores se dispersaram na confusão ou foram atirados para o ar, dando às águias de resgate um exercício completo. Nos portões principais, a Quinta Coorte esqueceu sua formação. Mistificados, abaixaram o escudo e olharam para o caos.

Frank atirou sua flecha. Ela subiu, levando sua corda brilhante. Quando chegou ao topo, o ponto de metal se dividiu em dúzia de linhas que atacaram e condicionaram em torno de qualquer coisa que poderiam encontrar – partes da parede, um escorpião quebrado, um canhão de água e um par de campistas defensores, que gritaram e se encontraram batendo

contra o parapeito como âncoras. A corda principal, estendeu-se em dois intervalos, fazendo uma escada.

— Vai! — disse Frank.

Percy sorriu.

— Você primeiro, Frank. Essa é sua festa.

Frank hesitou. Então pendurou seu arco nas costas e começou a subir. Ele estava a meio caminho antes de defensores recuperarem seus sentidos o suficiente para tocar o alarme.

Frank olhou atrás para o principal grupo da Quinta Coorte. Em seguida eles o olharam, surpresos.

— Bem... — gritou Frank. — Atacar!

Gwen foi a primeira a descongelar. Ela sorriu e repetiu a ordem. A alegria encheu o campo de batalha. Aníbal, o elefante, trombou com felicidade, mas Frank não pode se dar ao luxo de assistir. Ele subiu o topo da parede, onde três defensores estavam tentando cortar a sua escada de corda.

Uma coisa boa de ser grande, desajeitado e estar vestido de metal: Frank era uma bola de boliche fortemente blindada. Ele se lançou nos defensores, e os derrubou como alfinetes. Frank ficou de pé. Ele assumiu o comando das ameias, varrendo com seu *pilo* para frente e para trás, derrubando os defensores. Algumas flechas foram disparadas. Alguns tentaram ficar sob sua guarda com suas espadas, mas Frank se sentiu invencível. Então Hazel apareceu perto dele, balançando sua grande espada de cavalaria como se tivesse nascido para a batalha.

Percy pulou o muro e levantou Contracorrente.

— Divertido — disse ele.

Juntos, eles limparam as muralhas. Abaixo deles, o portão foi quebrado. Aníbal foi para o forte, flechas e pedras quicando inofensivamente pela sua

armadura à prova de balas.

A Quinta Coorte foi atrás do elefante e a batalha começou corpo-a-corpo.

Finalmente, da borda do Campo de Marte um grito de guerra foi declarado. A Terceira e Quarta Coorte correram para se juntar à luta.

— Um pouco tarde — resmungou Hazel.

— Não podemos deixar o estandarte — disse Frank.

— Não — concordou Percy. — Eles são nossos.

Mais nenhuma conversa foi necessária. Eles se moveram como uma equipe. Como se os três trabalhassem juntos há anos. Eles correram para a base inimiga.

XII

FRANK

DEPOIS DISSO, A BATALHA FICOU CONFUSA.

Frank, Percy e Hazel uniram-se por causa do inimigo, levando abaixo todos que estivessem em seu caminho. A Primeira e a Segunda Coortes – orgulho do acampamento Júpiter, uma bem lubrificada máquina de guerra altamente disciplinada – desmoronou sob o ataque e a novidade absoluta de estar no lado perdedor.

Parte do seu problema era Percy. Ele lutou como um demônio, rodopiando através das fileiras dos defensores em um estilo pouco ortodoxo, rolando sob seus pés, cortando com sua espada em vez de esfaquear como um romano faria, golpeando campistas com a palma da sua lâmina e, geralmente, causando pânico em massa. Octavian gritou com uma voz estridente – talvez ordenando que a Primeira Coorte se mantivesse firme, talvez tentando cantar como um soprano – mas Percy pôs um fim a isso. Ele

saltou sobre uma linha de escudos e bateu a coronha da sua espada no capacete de Octavian. O centurião desmoronou como um fantoche.

Frank disparou flechas até sua aljava estar vazia, usando flechas com ponta arredondada que não matariam, mas deixariam alguns hematomas desagradáveis. Ele quebrou o *pilo* sobre a cabeça de um defensor, então relutantemente puxou o *gládio*.

Enquanto isso, Hazel escalou sobre as costas de Aníbal. Ela foi carregada na direção do centro da fortaleza, sorrindo para seus amigos.

— Vamos, molengas!

Pelos deuses do Olimpo, como ela é linda, pensou Frank.

Eles correram para o centro da base. A fortaleza interior estava praticamente desprotegida. Obviamente nunca os defensores sonharam que um ataque iria chegar tão longe. Aníbal arrebentou as portas enormes. No interior, os porta-estandartes das Coortes Primeira e Segunda estavam assentados em torno de uma mesa de jogo Mitomagia com cartões e figurinhas. Os estandartes das Coortes estavam apoiados descuidadamente contra uma parede.

Hazel e Aníbal andaram direto para a sala, e os porta-estandartes caíram para trás de suas cadeiras. Aníbal pisou em cima da mesa, e peças do jogo espalharam-se.

No momento que o restante da Coorte os alcançou, Percy e Frank haviam desarmado os inimigos, capturado os estandartes e Hazel tinha subido nas costas de Aníbal. Eles marcharam para fora do castelo triunfantemente com as cores do inimigo.

A Quinta Coorte formou fileiras em torno deles. Juntos, eles desfilaram para fora do forte, passando por inimigos atordoados e linhas de aliados igualmente mistificados.

Reyna circulou baixo sobre as cabeças em seu pégaso.

— O jogo está ganho! — Ela parecia como se ela estivesse tentando não rir. — Reúnam-se para as honras!

Lentamente, os campistas se reagruparam no Campo de Marte.

Frank viu a abundância de pequenas lesões – algumas queimaduras, ossos quebrados, olhos roxos, cortes e arranhões, além de um monte de penteados interessantes por causa do fogo e dos canhões de água explodindo – mas nada que não pudesse ser corrigido.

Ele escorregou do elefante. Seus camaradas cercaram-no, batendo em suas costas e elogiando-o. Frank perguntou se ele estava sonhando. Foi a melhor noite de sua vida – até que viu Gwen.

— Ajudem! — gritou alguém.

Um par de campistas correu para fora da fortaleza, carregando uma menina em uma maca. Eles colocaram-na no chão, e outras crianças começaram a correr muito. Mesmo à distância, Frank poderia dizer que era Gwen. Ela estava em péssimo estado. Estava deitada de lado na maca com um *pilo* saindo de sua armadura – quase como se estivesse segurando-o entre o peito e o braço, mas não havia muito sangue.

Frank balançou a cabeça em descrença.

— Não, não, não... — ele murmurou enquanto corria para o lado dela.

Os médicos berraram para todos afastarem-se para dar-lhe ar. Toda a legião calou-se enquanto os curandeiros trabalhavam, tentando colocar gaze e chifre de unicórnio em pó sob a armadura de Gwen para parar o sangramento, tentando forçar algum néctar em sua boca. Gwen não se moveu. Seu rosto estava cinza pálido.

Finalmente, um dos médicos olhou para Reyna e balançou a cabeça.

Por um momento, não houve nenhum som, exceto a água dos canhões em ruínas escorrendo pelas paredes do forte. Aníbal aninhou o cabelo de Gwen com sua tromba.

Reyna encarou os campistas de seu pégaso. Sua expressão era tão dura e escura quanto o ferro.

— Haverá uma investigação. Quem fez isso, custou à legião um bom oficial. A morte honrosa é uma coisa, mas isto...

Frank não tinha certeza do que ela quis dizer. Então ele percebeu a marca gravada na haste de madeira do *pilo*: CHT I LEGIO XII F. A arma pertencia à Primeira Coorte, e a ponta estava saindo na frente de sua armadura. Gwen foi atingida por trás – possivelmente após o jogo ter terminado.

Frank examinou a multidão à procura de Octavian. O centurião estava assistindo com mais interesse do que preocupação, como se ele estivesse examinando um dos seus estúpidos eviscerados ursos empalhados. Ele não tinha um *pilo*.

O sangue rugiu nos ouvidos de Frank. Ele queria estrangular Octavian com as próprias mãos, mas naquele momento, Gwen engasgou.

Todos recuaram. Gwen abriu os olhos. A cor voltou ao seu rosto.

— O que... o que foi? — Ela piscou. — O que todo mundo está olhando? — Ela não parecia notar o arpão de dois metros saindo através de seu peito.

Atrás de Frank, um médico sussurrou:

— Não tem como. Ela estava morta. Ela *tinha* que estar morta.

Gwen tentou sentar-se, mas não conseguiu.

— Havia um rio e um homem perguntando... por uma moeda? Virei-me e a porta de saída estava aberta. Então, eu só... Eu só entrei. Não estou entendendo. O que aconteceu?

Todo mundo olhou para ela com horror. Ninguém tentou ajudar.

— Gwen. — Frank se ajoelhou ao lado dela. — Não tente se levantar. Basta fechar os olhos por um segundo, ok?

— Por quê? O que...

— Basta confiar em mim.

Gwen fez o que ele pediu.

Frank pegou o eixo do *pilo* abaixo de sua ponta, mas suas mãos tremiam.

A madeira estava escorregadia.

— Percy, Hazel... ajudem-me.

Um dos médicos percebeu o que ele estava planejando.

— Não! — disse ele. — Você pode...

— O quê? — Hazel agarrou. — Piorar?

Frank respirou fundo.

— Segurem-na firme. Um, dois, três!

Ele puxou o *pilo* pela frente. Gwen nem sequer estremeceu. O sangramento parou rapidamente.

Hazel se abaixou para examinar a ferida.

— Está fechando por si só — disse ela. — Eu não sei como, mas...

— Eu me sinto bem — protestou Gwen. — Por que está todo mundo preocupado?

Com a ajuda de Frank e Percy, ela ficou de pé. Frank olhou furioso para Octavian, mas o rosto do centurião era uma máscara de preocupação educada.

Mais tarde, pensou Frank. *Lidar com ele mais tarde*.

— Gwen — Hazel disse gentilmente. — Não há nenhuma maneira fácil de dizer isso. Você estava morta. De alguma forma você voltou.

— Eu... o quê? — Ela tropeçou em Frank. Sua mão pressionada contra o furo irregular em sua armadura. — Como... como?

— Boa pergunta. — Reyna virou-se para Nico, que estava assistindo severamente da borda da multidão. — Este é algum poder de Plutão?

Nico balançou a cabeça.

— Plutão nunca permite que as pessoas retornem dos mortos.

Ele olhou para Hazel como aviso para ela ficar quieta. Frank se perguntou o que era, mas ele não tinha tempo para pensar nisso.

Uma voz de trovão rolou pelo campo: *a Morte perde sua posse. Este é apenas o começo.*

Os campistas tiraram as armas. Aníbal alardeou nervosamente. Cipião empinou-se, quase jogando Reyna.

— Eu conheço esta voz — disse Percy. Ele não soava satisfeito.

No meio da legião, uma coluna de fogo explodiu no ar. O calor queimou os cílios de Frank. Os campistas que tinham sido encharcados pelos canhões encontraram suas roupas instantaneamente secas a vapor. Todos foram forçados para trás quando um soldado enorme saiu da explosão.

Frank não tinha muito cabelo, mas o que ele tinha se arrepiou. O soldado tinha três metros de altura, vestido como um camuflado das Forças Canadenses do deserto. Ele irradiava confiança e poder. Seu cabelo preto era cortado em uma cunha no topo achatado como o de Frank. Seu rosto era anguloso e brutal, marcado com cicatrizes antigas. Seus olhos estavam cobertos com óculos infravermelhos que brilhavam no interior. Ele usava um cinto de utilidades com uma arma, uma faca na bainha e várias granadas. Em suas mãos estava um enorme rifle.

O pior era que Frank se sentiu atraído por ele. Quando todos os outros recuaram, Frank deu um passo adiante. Ele percebeu que o soldado estava silenciosamente querendo que ele se aproximasse.

Frank desesperadamente queria fugir e se esconder, mas não podia. Ele deu mais três passos. Então ele caiu em um joelho.

Os outros campistas seguiram seu exemplo e se ajoelharam. Até mesmo Reyna desmontou.

— Isso é bom — disse o soldado. — Ajoelhar é bom. Já tem um longo tempo desde que eu visitei o Acampamento Júpiter.

Frank percebeu que uma pessoa não estava ajoelhada. Percy Jackson, sua espada ainda na mão, estava olhando para o soldado gigante.

— Você é Ares — disse Percy. — O que quer?

Um suspiro coletivo subiu de duzentos campistas e de um elefante. Frank queria dizer alguma coisa para desculpar Percy e aplacar o deus, mas não sabia o quê. Temia que o deus da guerra fosse explodir seu novo amigo com esse rifle extragrande.

Em vez disso, o deus mostrou os brilhantes dentes brancos.

— Você tem coragem, semideus — disse ele. — Ares é a minha forma grega. Mas, para esses seguidores, para as crianças de Roma, eu sou Marte – patrono do império, pai divino de Rômulo e Remo.

— Nós nos encontramos — disse Percy. — Nós... nós tivemos uma briga...

O deus coçou o queixo, como se tentasse se lembrar.

— Eu lutei contra um monte de gente. Mas garanto-vos – você nunca lutou comigo como Marte. Se tivesse, você estaria morto. Agora, ajoelhe-se, como convém a uma criança de Roma, antes de testar a minha paciência.

Ao redor dos pés de Marte, o chão fervia em um círculo de fogo.

— Percy — disse Frank. — Por favor.

Percy claramente não gostou, mas ele se ajoelhou.

Marte examinou a multidão.

— Romanos, emprestem-me seus ouvidos! — Ele riu – um riso bom, baixo, saudável e tão contagiante que quase fez Frank sorrir, embora ele ainda estivesse tremendo de medo. — Eu sempre quis dizer isso. Eu venho do Olimpo com uma mensagem. Júpiter não gosta que nós nos comuniquemos diretamente com os mortais, especialmente hoje em dia,

mas ele permitiu essa exceção, já que vocês romanos sempre foram o meu povo especial. Eu só estou autorizado a falar por alguns minutos, então ouçam.

Ele apontou para Gwen.

— Ela devia estar morta, mas ela não está. Os monstros com os quais vocês lutam não retornam mais para o Tártaro quando eles são mortos. Alguns mortais que morreram há muito tempo estão agora caminhando na terra novamente.

Foi a imaginação de Frank, ou o deus olhou para Nico di Angelo?

— Thanatos foi acorrentado — anunciou Marte. — As Portas da Morte foram arrombadas, e ninguém está policiando-a – pelo menos, não de forma imparcial. Gaia permite que nossos inimigos entrem no mundo dos mortais. Seus filhos, os gigantes estão reunindo exércitos contra vocês – exércitos que vocês não serão capazes de matar. A menos que a Morte seja libertada para voltar aos seus deveres, vocês vão ser invadidos. Vocês devem encontrar Thanatos e libertá-lo dos gigantes. Só ele pode reverter a maré.

Marte olhou ao redor, e percebeu que todo mundo ainda estava em silêncio ajoelhado.

— Ah, vocês podem começar agora. Alguma pergunta?

Reyna se levantou inquieta. Ela aproximou-se do deus, seguida por Octavian, que estava se curvando e fazendo reverências como um campeão ordinário.

— Lorde Marte — disse Reyna. — Estamos honrados.

— *Além* de honrados — disse Octavian. — Muito além de honrados...

— Bem? — Marte esperou.

— Bem. — disse Reyna. — Thanatos é o deus da morte, o tenente de Plutão, certo?

— Certo — disse o deus.

— E você está dizendo que ele foi capturado pelos gigantes.

— Certo.

— E, portanto, as pessoas vão parar de morrer?

— Nem todos ao mesmo tempo — disse Marte. — Mas a barreira entre a vida e a morte continuará a se enfraquecer. Aqueles que sabem como tirar proveito disso vão explorá-la. Monstros já são mais difíceis de despachar. Em breve eles serão completamente impossíveis de matar. Alguns semideuses também serão capazes de encontrar o seu caminho de volta do Mundo Inferior – como sua amiga Centurião Shishkebab.

Gwen fez uma careta.

— Centurião Shish kebab?

— Se não for controlada — continuou Marte. — Até mesmo mortais acabarão por achar que é impossível morrer. Você consegue imaginar um mundo em que ninguém morre... nunca?

Octavian levantou a mão.

— Mas, ah, todo-poderoso lorde Marte, se nós não pudermos morrer, não será uma coisa boa? Se pudermos permanecer vivos indefinidamente...

— Não seja tolo rapaz! — berrou Marte. — Matança sem fim, sem uma conclusão? Carnificina sem nenhuma razão? Inimigos que se levantam de novo e de novo e nunca podem ser mortos? É isso que você quer?

— Você é o deus da guerra — disse Percy. — Não quer carnificina sem fim?

Os óculos infravermelhos de Marte resplandeceram mais brilhantes.

— Insolente, não é? Talvez eu *tenha* lutado com você antes. Eu posso entender porque quero te matar. Eu sou o deus de Roma, filho. Sou o deus da força militar usada para uma causa justa. Eu protejo as legiões. Fico feliz por esmagar os meus inimigos debaixo dos pés, mas não luto sem motivo. Não quero uma guerra sem fim. Você vai descobrir isso. Você irá me servir.

— Não é provável — disse Percy.

Mais uma vez, Frank esperou o deus assassiná-lo, mas Marte apenas sorriu como se fossem dois velhos amigos conversando baboseiras.

— Eu solicitei uma missão! — anunciou o deus. — Vocês irão para o norte e encontrarão Thanatos, na terra além dos deuses. Vocês irão libertá-lo e frustrar os planos dos gigantes. Cuidado com Gaia! Cuidado com seu filho, o mais velho gigante!

Ao lado de Frank, Hazel emitiu um chiado.

— A terra para além dos deuses?

Marte olhou para ela, seu punho apertando seu rifle.

— É isso mesmo, Hazel Levesque. Você sabe o que eu quero dizer. Todo mundo aqui se lembra da terra onde a legião perdeu sua honra! Talvez se a busca for bem-sucedida, e vocês retornarem para o Festival de Fortuna... Talvez então a sua honra seja restaurada. Se você não conseguir, não haverá qualquer Acampamento de treinamento para voltar. Roma será superada, seu legado perdido para sempre. Portanto, meu conselho é: *não falhem*.

Octavian de alguma forma conseguiu se curvar ainda mais.

— Hã, lorde Marte, apenas uma coisa minúscula. A busca exige uma profecia, um poema místico para nos guiar! Nós os obtemos a partir dos livros Sibilinos, mas agora o Áugure a usará para recolher o desejo dos deuses. Então, se eu pudesse correr e obter cerca de setenta animais empalhados e possivelmente uma faca...

— Você é o Áugure? — interrompeu o deus.

— Si... sim, meu senhor.

Marte retirou um pergaminho de seu cinto de utilidades.

— Alguém tem uma caneta?

Os legionários olharam para ele.

Marte suspirou.

— Duzentos romanos, e *ninguém* tem uma caneta? Não importa!

Ele jogou o rifle em suas costas e tirou uma granada de mão. Houve muitos romanos gritando. Então a granada se transformou em uma caneta esferográfica, e Marte começou a escrever.

Frank olhou para Percy com os olhos arregalados. Ele murmurou: *Sua espada pode virar granada?*

Percy murmurou de volta: *Não. Cale a boca.*

— Aqui! — Marte terminou de escrever no pergaminho e jogou para Octavian. — A profecia. Você pode adicioná-la em seus livros, gravá-la em seu piso, o que quiser.

Octavian leu o pergaminho.

— Aqui diz, “Vá para o Alasca. Encontre Thanatos e liberte-o. Volte no pôr do sol de 24 de junho ou morra.”

— Sim — disse Marte. — Não está claro?

— Bem, meu senhor... normalmente profecias *não são claras*. Elas estão envolvidas em enigmas. Rimam e...

Marte casualmente estalou outra granada para fora de seu cinto.

— E o que?

— A profecia é clara! — anunciou Octavian. — Uma missão!

— Boa resposta. — Marte bateu a granada no queixo. — Agora, o que mais? Havia algo mais... Ah, sim.

Ele virou-se para Frank.

— Vem cá, garoto.

Não, pensou Frank. O bastão queimado no bolso do casaco pareceu mais pesado. Suas pernas ficaram bambas. A sensação de pavor caiu sobre ele, pior do que o dia em que o oficial do exército havia chegado à porta.

Ele sabia o que estava por vir, mas não conseguiu parar. Ele avançou contra a sua vontade.

Marte sorriu.

— Bom trabalho tomando o forte, garoto. Quem é o juiz para este jogo?

Reyna levantou a mão.

— Você vê este jogador, juíza? — perguntou Marte. — É o *meu* filho. O primeiro a ultrapassar a muralha, ganhou o jogo para sua equipe. A menos que você seja cega, ele foi o jogador mais valioso. Você não está cega, não é?

Reyna parecia que estava tentando engolir um rato.

— Não, lorde Marte.

— Então, certifique-se que ele receba a Coroa Mural — exigiu Marte. — Meu filho, *aqui!* — Ele gritou para a legião, caso alguém não tivesse ouvido. Frank queria fundir-se com a terra. — Filho de Emily Zhang — continuou Marte. — Ela era uma boa soldada. Boa mulher. Este garoto Frank provou do que é feito nesta noite. Feliz aniversário atrasado, garoto. Hoje você se tornou um guerreiro de verdade.

Ele jogou para Frank seu rifle. Por uma fração de segundo Frank seria esmagado sob o peso do fuzil, mas a arma mudou em pleno ar, tornando-se menor e mais fina. Quando Frank a pegou, a arma era uma lança. Ela tinha uma haste de ouro imperial e um ponto estranho como um osso branco, cintilando com uma luz fantasmagórica.

— A ponta é do dente de um dragão — disse Marte. — Você não aprendeu a usar os talentos da sua mãe, não é? Bem... esta lança vai lhe dar algum espaço para respirar até que você aprenda. Você tem três cargas nela, para usá-las sabiamente.

Frank não entendeu, mas Marte agiu como se o assunto estivesse encerrado.

— Agora, meu filho Frank Zhang vai liderar a missão de libertar Thanatos, a menos que haja alguma objeção. Há?

Obviamente, ninguém disse uma palavra. Mas muitos dos campistas olharam para Frank com inveja, ciúme, raiva, amargura.

— Você pode ter dois companheiros — disse Marte. — Essas são as regras. Um deles precisa ser *esse* garoto. — Ele apontou para Percy. — Ele vai aprender um pouco de respeito para com Marte nesta viagem, ou morrer tentando. Quanto ao segundo, não me importo. Escolha quem você quiser. Façam um dos seus debates do Senado. Todos vocês são bons para isto.

A imagem do deus tremulou. Relâmpagos crepitaram no céu.

— Essa é a minha sugestão — disse Marte. — Até a próxima vez, Romanos. Não me desapontem!

O deus explodiu em chamas, e então se foi.

Reyna se voltou para Frank. Sua expressão era parte espanto parte náuseas, como se ela tivesse finalmente conseguido engolir aquele rato. Ela levantou o braço em uma saudação romana.

— *Ave*, Frank Zhang, filho de Marte.

Toda a legião seguiu seu exemplo, mas Frank não queria mais a sua atenção. Sua noite perfeita tinha sido arruinada.

Marte era seu pai. O deus da guerra estava mandando-o para o Alasca. Frank havia recebido mais do que uma lança em seu aniversário. Ele havia sido condenado a uma pena de morte.

XIII

PERCY

PERCY DORMIU COMO UMA VÍTIMA DA MEDUSA – ou seja, como uma pedra.

Ele não havia deitado em uma cama segura e confortável desde... bem, desde que conseguia se lembrar. Fora um dia insano e com milhões de pensamentos correndo por sua cabeça, seu corpo parou e disse: *Você irá dormir, agora.*

Ele teve sonhos, é claro. Percy sempre tinha sonhos, mas eles passavam como imagens borradas como uma janela de trem. Então ele viu um fauno com cabelo crespo em roupas esfarrapadas correndo para alcançá-lo.

— Eu não tenho nenhum troco sobrando — disse Percy.

— O quê? — disse o fauno — não, Percy. Sou eu, Grover! Fique onde está, nós estamos no caminho para te encontrar. Tyson está perto... pelo menos nós *pensamos* que ele é o que está mais perto de te alcançar. Estamos tentando triangular sua posição.

— Como assim? — Percy perguntou, mas o fauno já havia desaparecido no meio da névoa.

Então Annabeth estava correndo ao seu lado estendendo sua mão.

— Graças aos deuses! — disse ela. — Durante meses nós não conseguíamos vê-lo! Você está bem?

Percy lembrou o que Juno havia lhe dito. *Durante meses ele havia estado dormindo. Mas agora estava acordado.* A deusa intencionalmente o manteve escondido, mas por quê?

— Você é real? — Ele perguntou à Annabeth.

Ele queria muito acreditar nisso, mas sentia como se Aníbal, o elefante estivesse de pé sobre seu peito. Mas a face dela começou a dissolver. E ela choramingou:

— Fique parado! Será mais fácil para Tyson te encontrar! Fique onde está!

Então ela se foi. As imagens aceleraram. Ele viu um navio enorme em um porto seco, com trabalhadores lutando para finalizar o casco, e um cara com um maçarico soldando uma cabeça de dragão à proa. Viu o deus da guerra procurando por ele, com uma espada nas mãos.

A cena mudou repentinamente. Percy estava no Campo de Marte, olhando para a Colina e Berkeley. Então o capim dourado ondulou e uma imagem formou-se na grama – uma mulher dormindo, suas características se formando com sombras e dobras na terra. Ela permanecia com os olhos ainda fechados, mas sua voz falava na mente de Percy:

Então este é o semideus que destruiu o meu filho Cronos. Você não parece muita coisa, Percy Jackson, mas me é valioso. Venha para o norte. Procure por Alcioneu. Juno pode fazer seus joguinhos com gregos e romanos, mas no final, você será o meu peão. Você será a chave para a ruína dos deuses.

Então a visão de Percy escureceu. Ele estava em um teatro do tamanho do quartel general do acampamento. Uma *principia* com paredes de gelo e névoa pairando no ar. O chão estava cheio de esqueletos em armaduras romanas e armas de ouro imperial tomadas pelo gelo. No fundo da sala havia uma enorme figura sombria. Sua pele brilhava a ouro e prata, parecia um autômato, como os cães de Reyna. Atrás dele havia uma coleção de emblemas em ruínas, estandartes esfarrapados e um cajado de ferro com uma grande águia dourada na ponta.

A voz do gigante atravessou a vasta câmara:

— Isto será divertido, filho de Netuno, tem muito tempo desde que acabei com um semideus do seu calibre. Espero por você em cima do gelo.

Percy se levantou, tremendo. Por um momento se esqueceu de onde estava. Então se lembrou: Acampamento Júpiter, o quartel da Quinta Coorte. Estava deitado em sua cama, encarando o teto e tentando controlar seu coração acelerado.

Um gigante dourado estava esperando para esmagá-lo. *Maravilha!* Mas o que mais o assustou foi o rosto da mulher dormindo em Berkeley Hills. *Você será o meu peão.* Percy não jogava xadrez, mas ele sabia muito bem que ser um peão era muito ruim. Eles morriam muito.

Até mesmo as partes amigáveis do sonho eram perturbadoras. Um fauno chamado Grover estava à sua procura. Talvez seja isso que Don havia detectado, um – como ele tinha chamado mesmo? – uma ligação empática. Alguém chamado Tyson estava procurando por ele também, e Annabeth havia avisado Percy para ficar onde estava.

Ele se sentou na cama. Seus colegas de quarto estavam por todos os lados, se vestindo e escovando os dentes. Dakota estava enrolando-se em

um pedaço de pano vermelho-manchado, uma toga. Um dos veteranos estava dando-lhe dicas de onde tinha que dobrar ou onde tinha que prender.

— Hora do café? — Percy perguntou esperançoso.

A cabeça de Frank apareceu no beliche abaixo. Ele tinha olheiras abaixo dos olhos como se não tivesse dormido muito bem.

— Um rápido café da manhã. Então temos uma reunião no senado.

Naquele momento Dakota passou cambaleando com a cabeça presa na toga, parecia um fantasma manchado de suco.

— Hã — disse Percy. — Eu deveria vestir o lençol da minha cama?

Frank bufou.

— Isso é apenas para os senadores. Eles são dez, eleitos anualmente. Você deve estar no acampamento no mínimo há cinco anos para estar qualificado.

— Então, como nós fomos convidados para a reunião?

— Por causa... da missão. — Frank soou preocupado, como se estivesse com medo de que Percy voltasse atrás. — Nós temos que estar na discussão. Você, eu, Hazel. Quero dizer, se você estiver bem...

Frank provavelmente não queria culpá-lo, mas Percy se sentia puxado como um camelo. Ele tinha simpatia por Frank. Sendo reivindicado pelo deus da guerra na frente de todo o acampamento – que pesadelo. Além disso, como Percy poderia dizer não para aquele grande rosto de bebê? Tinha sido dada a Frank uma tarefa que provavelmente o mataria. Ele estava apavorado e precisava do apoio de Percy.

E os três *fizeram* uma bela equipe noite passada. Frank e Hazel eram duros, pessoas de confiança. Aceitaram Percy como se fosse da família. Ainda assim, não havia gostado de ter que ir numa missão, especialmente porque tinha sido ideia de Marte e gostou menos ainda depois de seus sonhos.

— Eu, hã... é melhor eu me arrumar...

Ele saiu da cama e se vestiu. Durante todo o tempo estava pensando em Annabeth. A ajuda estava a caminho. Ele poderia ter sua antiga vida de volta. Tudo o que tinha que fazer era ficar parado.

Durante o café da manhã inteiro Percy notou que todos estavam olhando para ele. Estavam sussurrando sobre a noite anterior:

— Dois deuses em um único dia...

— Um não-romano lutando...

— Um canhão de água no meu nariz...

Ele estava com muita fome para se preocupar. Ele se encheu de panquecas, ovos, bacon, *waffles*, maçãs, e vários copos de suco de laranja. Provavelmente teria comido mais, mas Reyna anunciou que o senado deveria se reunir na cidade, e todas as pessoas em togas se levantaram para sair.

— Aqui vamos nós. — Hazel mexia em uma pedra que mais parecia um rubi de dois quilates.

O fantasma Vitellius apareceu perto deles em um tremeluzir roxo.

— Boa sorte, para vocês três! Ah, reunião do senado. Eu lembro daquela em que César foi assassinado. Aquela enorme quantidade de sangue em sua toga...

— Obrigado Vitellius — interrompeu Frank. — Nós devemos nos apressar.

Reyna e Octavian lideraram a procissão dos senadores através do acampamento, com os autômatos dela correndo na frente e ao longo da estrada. Hazel, Frank e Percy caminhavam logo atrás. Percy notou Nico di Angelo no grupo, usando uma toga negra e conversando com Gwen, que parecia um pouco pálida, mas surpreendentemente bem considerando que esteve morta na noite passada. Nico acenou para Percy, então voltou para

sua conversa, deixando Percy com mais certeza que o irmão de Hazel estava tentando evitá-lo.

Dakota tropeçou em sua túnica vermelha manchada. Vários outros senadores pareciam estar tendo problemas com suas togas também — caminhando e levantando suas bainhas, tentando manter o pano sem escorrer de seus ombros. Percy estava contente de estar usando apenas uma camiseta roxa e uma calça jeans.

— Como os romanos podiam se mover dentro destas coisas? — perguntou ele.

— Elas eram apenas para ocasiões formais — disse Hazel. — Como *smokings*. Aposto que os romanos antigos odiavam togas tanto quando nós odiamos. Então, você não trouxe nenhuma arma, não é?

A mão de Percy foi até seu bolso, onde sua caneta sempre esteve.

— Por quê? Não devemos?

— Não são permitidas armas dentro da Linha Pomeriana. — disse ela.

— Linha *o quê?*

— Pomeriana — disse Frank. — Os limites da cidade. O interior é como uma sagrada “zona segura”. Legiões não podem marchar por aí. Não são permitidas armas. Isto é para as reuniões do senado não serem sangrentas.

— Como quando Júlio César foi assassinado? — perguntou Percy.

Frank assentiu com a cabeça.

— Não se preocupe. Nada parecido com isso acontece faz meses.

Percy esperava que ele estivesse brincando.

À medida que se aproximavam da cidade, Percy pôde perceber como era bonita. Os telhados e cúpulas brilhavam ao sol. Jardins floresciam com madressilva e rosas. A praça principal era pavimentada com pedras brancas e cinzas, decorada com estátuas de mármore, fontes e colunas douradas. Nos

arredores dos bairros, as ruas estavam cheias de casas recém-pintadas, lojas, cafeterias e parques. À distância, estava o coliseu e a arena de corrida de cavalos.

Percy não percebeu que tinham atingido os limites da cidade até que os senadores à sua frente começaram a parar.

Ao lado da estrada erguia-se uma estátua de mármore branco – um homem em tamanho real com cabelo crespo, sem braços, e uma expressão muito irritada. Talvez ele parecesse zangado por ter sido esculpido apenas da cintura para cima. Abaixo disso, era apenas um grande bloco de mármore.

— Fila única, por favor! — disse a estátua. — Tenham as suas identidades preparadas.

Percy olhou para a esquerda e para a direita. Ele não havia notado antes, mas uma fila idêntica de estátuas cercava a cidade em intervalos de cem metros cada. Os senadores passaram facilmente pela estátua, que chamava cada senador pelo nome:

— Gwendolyn, senadora, Quinta Coorte, sim. Nico di Angelo, embaixador de Plutão... muito bem. Reyna, pretora, é claro. Hank, senador, Terceira Coorte... ah, belos sapatos, Hank! Ah, o que temos aqui?

Frank, Hazel e Percy eram os últimos.

— Término — disse Reyna — este é Percy Jackson. Percy, este é Término, deus dos limites.

— Novo, é? — disse o deus. — Sim, placa de *probatio*. Certo. Ah, uma arma em seu bolso? Tire isso! Tire isso!

Percy não sabia como Término descobriu, mas ele levou embora sua caneta.

— Muito perigoso — disse Término. — Deixe-a na bandeja. Espere, onde está minha assistente? Julia!

Uma menina de cerca de seis anos de idade espiou por trás da base da estátua. Ela tinha tranças, usava um vestido rosa e tinha um sorriso travesso com dois dentes faltando.

— Julia? — Término olhou para trás, mas Julia correu para a outra direção. — Para onde foi aquela garota?

O deus olhou para a outra direção e pegou-a em seu campo de visão antes que ela pudesse se esconder. A menina gritou em deleite.

— Ah, aí está você — disse a estátua. — Em frente, e traga a bandeja.

Julia se retirou e afastou o vestido. Ela pegou uma bandeja e a apresentou para Percy. Nela haviam várias facas, um saca rolhas, um enorme pote de protetor solar e uma garrafa d'água.

— Você pode pegar sua arma no caminho de volta — disse Término. — Julia irá tomar conta muito bem disso. Ela é uma profissional treinada.

A menininha concordou.

— Pro-fis-sio-nal. — Ela disse cada sílaba com muito cuidado, como se estivesse praticando.

Percy olhou para Hazel e Frank, que não pareciam ter achado isto muito estranho. Ainda assim, não se sentia confortável em entregar uma arma mortal para uma criança.

— O problema é que — ele disse — a caneta volta automaticamente para o meu bolso, então mesmo se eu a deixar aqui...

— Não se preocupe — Término assegurou. — Nós mesmos cuidaremos para que isto não aconteça. Não é mesmo Julia?

— Sim, lorde Término.

Relutante, Percy colocou sua caneta na bandeja.

— Agora, algumas regras, já que vocês são novatos — disse Término. — Vocês estão entrando nos limites da cidade propriamente dita. Mantenham a paz dentro da linha. Deem preferência a circulação de carruagens

enquanto estiverem em estradas públicas. Quando chegarem ao senado, sentem-se no lado esquerdo. É lá em baixo, enxergam onde eu estou apontando?

— Hã — disse Percy. — Você não possui nenhuma mão.

Aparentemente este era um ponto sensível para Término. Sua face de mármore se tornou em um tom escuro de cinza.

— Mais um espertinho, é? Muito bem, senhor quebrador de regras, lá no fórum, Julia aponte por mim, por favor.

Julia baixou obedientemente a bandeja de segurança e apontou para a praça principal.

— A loja com o toldo azul — continuou Término. — Aquela é a loja geral. Eles vendem fitas métricas. Compre uma! Eu quero estas calças exatamente um centímetro acima dos tornozelos e esse cabelo devidamente cortado. E também coloque a camisa para dentro.

Hazel o interrompeu.

— Obrigada, Término. Nós precisamos nos apressar.

— Certo, certo, vocês podem passar — o deus disse com irritação. — Mas fiquem no lado direito da estrada! E aquela rocha logo ali. Não, Hazel, olhe onde eu estou apontando. Aquela rocha está muito perto da árvore. Mova-a cinco centímetros para a esquerda...

Hazel fez o que ele havia mandado, e eles continuaram o seu caminho, Término continuava gritando ordens para eles enquanto Julia fazia piruetas pela grama.

— Ele é sempre assim? — Perguntou Percy.

— Não — admitiu Hazel. — Hoje ele está um pouco descontraído. Normalmente é mais obsessivo-compulsivo.

— Ele habita cada pedra na fronteira ao redor da cidade — disse Frank. — É a nossa última linha de defesa se a cidade for atacada.

— Término não é tão ruim — Hazel concluiu. — Apenas não o faça ficar irritado, ou ele te forçará a reverenciar a cada lâmina de grama de todo o vale.

Percy arquivou a informação.

— E a criança? Julia?

Hazel sorriu.

— Sim, ela é uma gracinha. Seus pais vivem na cidade. Agora vamos. Temos que alcançar os senadores.

Enquanto se aproximavam do fórum, Percy ficou assustado com o imenso número de pessoas. Em idade de estar na escola, crianças passavam o tempo na fonte. Várias delas acenaram para os senadores que passavam. Um cara de uns trinta anos de idade sentou-se em um balcão de padaria enquanto flertava com uma jovem que comprava café. Um casal de idosos assistia um menino ainda nas fraldas com uma miniatura de Júpiter correndo atrás de gaivotas. Comerciantes estavam abrindo seus estabelecimentos, colocando para fora sinais em latim anunciando potes, joias e ingressos pela metade do preço para o hipódromo.

— *Todas* essas pessoas são semideuses? — perguntou Percy.

— Ou descendentes deles — disse Hazel. — Como eu lhe falei, é um bom lugar para ir à universidade ou construir uma família sem ter que se preocupar com ataque de monstros todos os dias. Talvez duzentas ou trezentas pessoas vivam aqui. Os veteranos agem como consultores, ou forças de reserva conforme necessário, mas na maioria são apenas cidadãos vivendo suas vidas.

Percy imaginou como seria conseguir um apartamento nesta minúscula réplica de Roma, protegido por legiões e Término, o deus da fronteira. Se imaginou segurando as mãos de Annabeth em uma cafeteria. Talvez quando

fossem mais velhos, olhando suas próprias crianças correndo atrás de gaivotas pelo fórum...

Ele enxotou a ideia de sua mente. Não podia se dar ao luxo de ter este pensamento. A maioria de suas memórias havia desaparecido, mas sabia que este lugar não era sua casa. Ele pertencia a outro lugar, com outros amigos.

Além do mais, o Acampamento Júpiter estava em perigo. Se Juno estivesse certa, um ataque estava chegando em menos de cinco dias. Percy imaginou a face da mulher dormindo – a face de Gaia – se formando em Berkeley Hills sobre o campo. Ele imaginou hordas de inimigos invadindo o vale.

Se você não obtiver sucesso, Marte avisou, não haverá acampamento para o qual voltar. Roma será invadida, e seu legado perdido para sempre.

Ele pensou na pequena Julia, as famílias com seus filhos, seus companheiros da Quinta Coorte, mesmo aqueles faunos bobos. Ele não queria nem imaginar o que aconteceria a eles se esse lugar fosse destruído.

Os senadores fizeram seu caminho para um prédio com uma enorme cúpula branca no lado oeste do fórum. Percy estacou na entrada, tentando não pensar em Júlio César sendo cortado até a morte em uma reunião do senado. Então respirou fundo e seguiu Hazel e Frank para dentro.

XIV

PERCY

O **INTERIOR DO SENADO** parecia uma sala de aula do colegial. Um semicírculo de assentos enfileirados diante de um trono com um pódio e mais duas cadeiras. As cadeiras estavam vazias, mas em uma havia um pequeno pacote de veludo no assento.

Percy, Hazel e Frank sentaram no lado esquerdo do semicírculo. Os dez senadores e Nico di Angelo ocuparam o resto da fila da frente. As fileiras superiores foram ocupadas por vários convidados e alguns antigos veteranos da cidade, todos em togas formais. Octavian ficou na frente com uma faca e um leãozinho de pelúcia, apenas para o caso de alguém precisar consultar o deus das fofuras colecionáveis. Reyna andou até o pódio e levantou a mão para chamar a atenção de todos.

— Certo, essa é uma reunião de emergência — disse ela. — Não vamos ficar em formalidades.

— Eu amo formalidades! — reclamou um fantasma.

Reyna lhe lançou um olhar cortante.

— Primeiro de tudo — disse ela. — Não estamos aqui para votar na missão em si. A busca foi emitida por Marte Ultor, padroeiro de Roma. Vamos obedecer a seus desejos. Também não estamos aqui para debater a escolha dos companheiros de Frank Zhang.

— Todos os três da Quinta Coorte? — perguntou Hank da Terceira. — Isso não é justo.

— E não muito inteligente — disse o rapaz ao lado dele. — Nós *sabemos* que a Quinta vai atrapalhar. Eles devem ter alguém *bom*.

Dakota levantou-se tão rápido, que derramou suco de seu frasco.

— Fomos muito bem ontem à noite quando chicoteamos seu traseiro, Larry!

— Basta, Dakota — disse Reyna. — Vamos deixar o traseiro de Larry fora disso. Como líder da busca, Frank tem o direito de escolher seus companheiros. Ele escolheu Percy Jackson e Hazel Levesque.

Um fantasma da segunda fileira gritou:

— *Absurdus!* Frank Zhang não é nem mesmo um membro pleno da legião! Ele está em *probatio*. Deve ser liderado por alguém do centurião ou superior. Isto é completamente...

— Cato — gritou Reyna. — É preciso obedecer à vontade de Marte Ultor. O que significa certos... ajustes.

Reyna bateu palmas, e Octavian veio para frente. Ele abaixou sua faca e a pelúcia, pegando o pacote de veludo da cadeira.

— Frank Zhang — disse ele. — Apresente-se.

Frank olhou nervosamente para Percy. Então ele se levantou e aproximou-se do Áugure.

— É um... prazer meu — disse Octavian, forçando para fora as últimas palavras. — Conferir-lhe a Coroa Mural por ser o primeiro sobre as

muralhas na guerra de cerco. — Octavian entregou-lhe uma placa de bronze com a forma de uma coroa de louros. — Além disso, por ordem da pretora Reyna, você está promovido ao posto de centurião.

Ele entregou a Frank outra placa, um crescente de bronze, e o senado explodiu em protestos.

— Ele ainda é um novato! — gritou um.

— Impossível! — disse outro.

— Canhão d'água no meu nariz! — gritou um terceiro.

— Silêncio! — a voz de Octavian soou muito mais autoritária do que na noite anterior no campo de batalha. — Nossa pretora reconhece que ninguém abaixo do posto de centurião pode conduzir uma busca. Para o bem ou para o mal, Frank deve conduzir esta missão – então nossa pretora decretou que Frank Zhang deve se tornar centurião.

De repente, Percy entendeu o que um orador eficaz como Octavian fazia. Ele parecia sensato e apoiador, mas sua expressão era de dor. Ele elaborava cuidadosamente suas palavras para colocar toda a responsabilidade sobre Reyna. *Foi ideia dela*, ele parecia dizer.

Se desse errado, Reyna seria a culpada. Se apenas Octavian fosse o responsável, as coisas seriam feitas com mais sensatez. Mas, infelizmente, ele não tinha outra escolha a não ser apoiar Reyna, porque Octavian era um soldado romano leal.

Octavian conseguiu transmitir tudo isso dizendo aquilo, simultaneamente acalmando o senado e simpatizando com eles. Pela primeira vez, Percy percebeu que essa esquelética criança de engraçado olhar de espantalho poderia ser um inimigo perigoso.

Reyna deve ter percebido isso também. Um olhar de irritação passou pelo seu rosto.

— Há uma vaga para centurião — disse ela. — Um dos nossos diretores, também um senador, decidiu renunciar. Depois de dez anos na legião, ela vai retirar-se para a cidade e frequentar a universidade. Gwen da Quinta Coorte, obrigada por seu serviço.

Todos se viraram para Gwen, que conseguiu dar um sorriso valente. Ela parecia cansada da prova da noite anterior, mas também aliviada. Percy não podia culpá-la. Comparado a ser espetada com um *pilo*, faculdade soava muito bem.

— Como pretora — continuou Reyna. — Tenho o direito de substituir os ofícios. Admito que é incomum para um campista em *probatio*, subir diretamente para o posto de centurião, mas acho que podemos concordar que... ontem à noite foi incomum. Frank Zhang, sua identidade, por favor.

Frank retirou a placa que estava em torno do seu pescoço e entregou a Octavian.

— Seu braço — disse Octavian.

Frank levantou o antebraço. Octavian levantou as mãos para os céus.

— Aceitamos Frank Zhang, Filho de Marte, para o *XII Legião Fulminata* por seu primeiro ano de serviço. Você promete comprometer sua vida com o senado e com povo de Roma?

Frank murmurou algo como:

— Ee-pomet. — Então ele limpou a garganta e conseguiu dizer: — Eu prometo.

Os senadores gritaram:

— *Senatus Populusque Romanus!*

Fogo flamejou no braço de Frank. Por um momento seus olhos se encheram de terror, e Percy ficou com medo de que seu amigo pudesse desmaiar. Em seguida, a fumaça e as chamas morreram e tatuagens foram

marcadas a ferro na pele de Frank: SPQR, uma imagem de lanças cruzadas, e uma única faixa, representando o primeiro ano de serviço.

— Você já pode se sentar. — Octavian olhou para o público como se dissesse: *Isto não foi ideia minha, pessoal.*

— Agora — disse Reyna. — Devemos discutir a missão.

Os senadores se viraram e começaram a murmurar quando Frank voltou para seu lugar.

— Doeu? — sussurrou Percy.

Frank olhou para o antebraço, que ainda estava fumegando.

— Sim. Bastante. — Ele parecia encantado pelos emblemas na sua mão — a marca do centurião e a Coroa Mural — como se não soubesse o que fazer com eles.

— Aqui — os olhos de Hazel brilhavam de orgulho. — Eu arrumo.

Ela prendeu as medalhas na camisa de Frank.

Percy sorriu. Ele só conhecia Frank há um dia, mas sentia orgulho dele também.

— Você merece isso, cara — disse ele. — O que você fez na noite passada? Liderança nata.

Frank fez uma careta.

— Mas *centurião*...

— Centurião Zhang — chamou Octavian. — Você ouviu a pergunta?

Frank piscou.

— Hmm... desculpe. O quê?

Octavian se virou para o senado e sorriu tolamente, como *O que eu lhes disse?*

— Eu estava *perguntando* — Octavian disse como se estivesse falando com alguém de três anos de idade. — Se você tem um plano para a missão. Você sabe mesmo para onde está indo?

— Hã...

Hazel colocou a mão no ombro de Frank e se levantou.

— Você não estava ouvindo noite passada, Octavian? Marte foi muito claro. Estamos indo para as terras além dos deuses: Alasca.

Os senadores se contorceram em suas togas. Alguns dos fantasmas brilharam e desapareceram. Até mesmo os cães de metal de Reyna rolaram de costas e choramingaram.

Finalmente o Senador Larry se levantou.

— Eu sei o que Marte disse, mas isso é loucura. O Alasca é amaldiçoado! Eles o chamam de as terras além dos deuses por uma razão. É tão distante no Norte, que os deuses romanos não têm poder lá. O lugar é cheio de monstros. Nenhum semideus tem voltado de lá vivo desde...

— Desde que vocês perderam sua águia — disse Percy.

Larry ficou tão assustado, que caiu para trás em cima de seu traseiro.

— Olha — continuou Percy. — Eu sei que sou novo aqui. Sei que vocês não gostam de mencionar o massacre da década de oitenta...

— Ele mencionou aquilo! — choramingou um dos fantasmas.

— ...mas vocês não entenderam? — continuou Percy. — A Quinta Coorte que conduziu a expedição. Nós falhamos e temos que ser responsáveis para fazer as coisas certas. É por isso que Marte está nos enviando. Esse gigante, filho de Gaia... foi aquele que derrotou suas forças trinta anos atrás. Tenho certeza disso. Agora ele está sentado lá no Alasca com um deus da morte acorrentado e com todos os seus armamentos antigos. Ele está reunindo seus exércitos e enviando-os para o sul para atacar este acampamento.

— Sério? — disse Octavian. — Você parece saber bastante sobre planos do nosso inimigo, Percy Jackson.

Percy poderia se livrar da maioria dos insultos – como ser chamado de fraco ou estúpido ou de qualquer outra coisa. Mas ficou claro para ele que Octavian estava o chamando de espião – *um traidor*. Essa foi uma ideia tão estranha para Percy, tão o que ele *não* era, que ele quase não pôde processar o insulto. Quando conseguiu, seus ombros ficaram tensos. Ele ficou tentado a bater na cabeça de Octavian de novo, mas percebeu que Octavian estava o atraindo, tentando fazê-lo parecer instável.

Percy respirou fundo.

— Nós vamos enfrentar esse filho de Gaia — disse ele, conseguindo manter a compostura. — Vamos pegar de volta sua águia e libertar esse deus... — Ele olhou para Hazel. — Thanatos, certo?

Ela concordou.

— Leto, em Roma. Mas seu antigo nome grego é Thanatos. Quando se trata da Morte... ficamos felizes em deixá-lo em grego.

Octavian suspirou, irritado.

— Bem, *tanto faz* como você o chama... como você espera fazer tudo isso e voltar para o Festival de Fortuna? Que é na tarde do dia 24. É dia 20 agora. Você sabe por onde procurar? Você pelo menos sabe qual é filho de Gaia?

— Sim. — Hazel disse com tanta certeza que até mesmo Percy ficou surpreso. — Eu não sei exatamente onde procurar, mas eu tenho uma boa ideia. O nome do gigante é Alcioneu.

O nome parecia ter abaixado a temperatura da sala em cinquenta graus. Os senadores estremeceram.

Reyna agarrou-se ao pódio.

— Como você sabe? — disse à Hazel. — Porque você é filha de Plutão?

Nico di Angelo estava tão quieto, Percy tinha quase esquecido que ele estava lá. Agora ele se levantou em sua toga negra.

— Pretora, se eu puder... — disse ele. — Hazel e eu... nós aprendemos um pouco sobre os gigantes com nosso pai. Cada gigante foi criado especificamente para se opor a um dos doze deuses olímpianos... para roubar o domínio dos deuses. O rei dos gigantes era Porfírio, o antiJúpiter. Mas o gigante *mais velho* era Alcioneu. Ele nasceu para se opor a Plutão. É por isso que nós sabemos desse particularmente.

Reyna franziu a testa.

— Verdade? Você parece *bastante* familiarizado com ele.

Nico pegou na borda de sua toga.

— De qualquer forma... os gigantes eram difíceis de matar. De acordo com a profecia, só poderiam ser derrotados por deuses e semideuses trabalhando juntos.

Dakota arrotou.

— Desculpe, você disse deuses e semideuses... lutando lado a lado? Isso nunca poderia acontecer!

— Isso *já* aconteceu — disse Nico. — Na primeira guerra contra um gigante, os deuses chamaram os heróis para se juntar a eles. Se isso vai acontecer de novo, eu não sei. Mas com Alcioneu... *ele* era diferente. Era completamente imortal, impossível de ser morto por um deus ou semideus, desde que permanecesse em sua terra natal – o lugar onde ele nasceu.

Nico pausou para deixar o que disse afundar.

— E se Alcioneu renasceu no Alasca...

— Então não pode ser derrotado lá — Hazel terminou. — Nunca. Por qualquer meio que seja. Foi por isso que a nossa expedição da década de oitenta foi um fracasso.

Outra rodada de discussões e gritos estourou.

— A missão é impossível! — gritou um senador.

— Estamos condenados! — choramingou um fantasma.

— Mais suco! — gritou Dakota.

— Silêncio! — chamou Reyna. — Senadores, devemos agir como romanos. Marte nos deu esta missão e nós temos que acreditar que é possível. Estes três semideuses devem viajar para o Alasca. Eles devem libertar Thanatos e voltar antes do Festival de Fortuna. Se conseguirem recuperar a águia perdida no processo, ainda melhor. Tudo que podemos fazer é aconselhá-los e garantir que tenham um plano. — Reyna olhou para Percy sem muita esperança. — Você tem um plano?

Percy queria dar um passo à frente bravamente e dizer: *Não, eu não tenho.*

Essa era a verdade, mas olhando ao redor para todos os rostos nervosos, Percy sabia que não podia dizer isso.

— Primeiro, eu preciso entender algumas coisas. — Ele se virou para Nico. — Eu pensava que Plutão fosse o deus dos mortos. Agora ouço sobre esse outro cara, Thanatos, e as Portas da Morte daquela profecia... a Profecia dos Sete. O que tudo isso significa?

Nico respirou fundo.

— Ok, Plutão é o deus do Mundo Inferior, mas o verdadeiro deus da morte, aquele que é responsável por garantir a ida das almas para a vida após a morte e ficarem lá... é o tenente de Plutão, Thanatos. Ele é como... bem, imagine que a Vida e a Morte são dois países diferentes. Todo mundo gostaria de estar na Vida, certo? Então, há uma fronteira guardada para impedir as pessoas de atravessar para o outro lado sem permissão. Mas é uma *grande* fronteira, com vários buracos na cerca que as divide. Plutão tenta fechar essas brechas, mas novas se formam o tempo todo. É por isso que ele depende de Thanatos, que é como a patrulha da fronteira, a polícia.

— Thanatos captura as almas — disse Percy. — E as deporta de volta ao Mundo Inferior.

— Exato — disse Nico. — Mas agora Thanatos foi capturado, acorrentado.

Frank levantou a mão.

— Hã... como você captura a Morte?

— Isso já foi feito antes — disse Nico. — Antigamente, um cara chamado Sísifo enganou a Morte e o amarrou. Outra vez, Hércules o derrubou no chão.

— E agora um gigante o capturou — disse Percy. — Então, se nós conseguirmos libertar Thanatos, os mortos vão continuar mortos? — Ele olhou para Gwen. — Hã... sem ofensas.

— É mais complicado que isso — disse Nico.

Octavian revirou os olhos.

— Por que *isso* não me surpreende?

— Você quer dizer que as Portas da Morte — disse Reyna, ignorando Octavian. — Elas são mencionadas na Profecia dos Sete, que enviou a primeira expedição ao Alasca...

Cato, o fantasma, bufou.

— Todos nós sabemos como isso acabou! Nós, *Lares*, lembramos!

Os outros fantasmas resmungaram em acordo.

Nico colocou o dedo nos lábios. De repente, todos os *Lares* ficaram em silêncio. Alguns olharam alarmados, como se suas bocas tivessem sido coladas. Percy desejava que ele tivesse esse poder sobre certas pessoas vivas... como Octavian, por exemplo.

— Thanatos é apenas parte da solução — explicou Nico. — As Portas da Morte... bem, isso é um conceito que nem mesmo eu entendo completamente. Existem muitos caminhos para o Mundo Inferior: o Rio Estige, a Porta de Orfeu... além de pequenas rotas de fuga que se abrem de tempos em tempos. Com Thanatos preso, todas aquelas saídas serão mais

fáceis de usar. Às vezes, elas podem trabalhar ao nosso favor e deixar que uma alma amiga volte... como Gwen aqui. Mas frequentemente irá beneficiar as almas do mal e os monstros, os sorrateiros que estão à procura de escapar. Agora, as Portas da Morte... estas são as portas pessoais de Thanatos, sua via rápida entre a Vida e a Morte. Apenas Thanatos deveria saber onde elas estão, e sua localização que muda ao longo dos tempos. Se entendi corretamente, as Portas da Morte têm sido forçadas a se abrir. Os servos de Gaia assumiram controle delas...

— O que significa que é Gaia que controla quem pode voltar ou não dos mortos — supôs Percy.

Nico concordou.

— Ela pode selecionar e escolher quem vai para fora: os piores monstros, as almas mais malvadas. Se nós resgatarmos Thanatos, significa que pelo menos ele pode pegar almas de novo e enviá-las para baixo. Monstros irão morrer quando nós os matarmos, como antigamente, e vamos conseguir um pequeno espaço para respirar. Mas a menos que sejamos capazes de retomar as Portas da Morte, nossos inimigos não irão ficar lá embaixo por muito tempo. Eles têm uma maneira fácil de voltar ao mundo dos vivos.

— Então poderemos pegá-los e matá-los — resumiu Percy. — Mas eles simplesmente continuarão voltando.

— Em poucas palavras, deprimentes, sim — disse Nico.

Frank coçou a cabeça.

— Thanatos sabe onde as portas estão, certo? Se nós o libertarmos, ele pode retomá-las.

— Eu acho que não — disse Nico. — Não sozinho. Ele não é páreo para Gaia. Isso precisaria de uma missão enorme... um exército dos melhores semideuses.

— *Inimigos com armas às Portas da Morte afinal* — disse Reyna. — Essa é a Profecia dos Sete... — ela olhou para Percy, e por um momento ele pôde ver como ela estava com medo. Ela fez um bom trabalho em esconder isso, mas Percy se perguntou se ela tinha tido pesadelos com Gaia também – se ela tivesse tido visões do que aconteceria quando o acampamento fosse invadido por monstros que não podiam ser mortos. — Se isso inicia a antiga profecia, não temos recursos para enviar um exército para essas Portas da Morte e proteger o acampamento. Eu não consigo nem mesmo imaginar poupar sete semideuses...

— Coisas importantes primeiro. — Percy soar confiante, embora ele pudesse sentir o nível de pânico crescente na sala. — Eu não sei quem são os sete, ou o que significa a antiga profecia, exatamente. Mas primeiro temos que libertar Thanatos. Marte nos disse que só precisaríamos de três pessoas para a missão no Alasca. Vamos nos concentrar em ter sucesso com isso e voltar antes do Festival de Fortuna. Então poderemos nos preocupar com as Portas da Morte.

— Sim — Frank disse em voz baixa. — Isso provavelmente é suficiente por uma semana.

— Então você *tem* um plano? — Octavian perguntou cético.

Percy olhou para seus companheiros.

— Nós vamos para o Alasca o mais rápido possível...

— E nós improvisamos — disse Hazel.

— Bastante — acrescentou Frank.

Reyna os estudou. Ela parecia como se estivesse escrevendo mentalmente seu próprio obituário.

— Muito bem. — disse ela. — Nada nos resta a não ser votar em que tipo de apoio poderemos dar para a missão – transporte, dinheiro, magia, armas.

— Pretora, se eu puder — disse Octavian.

— Ah, ótimo — murmurou Percy. — Lá vem ele.

— O acampamento está em grave perigo — disse Octavian. — Dois deuses nos advertiram que seremos atacados em quatro dias a partir de agora. Não devemos dividir nossos recursos tão escassos, especialmente para financiar projetos que têm uma pequena chance de sucesso. — Octavian olhou para os três com piedade, como se dissesse, *Coitadinhos*. — Marte escolheu claramente os candidatos menos prováveis para esta missão. Talvez seja porque ele os considere os mais dispensáveis. Talvez Marte esteja jogando com vantagem por muito tempo. Qualquer que seja o caso, ele sabiamente não ordenou uma expedição enorme, nem nos pediu para financiar sua aventura. Eu digo para manter nossos recursos aqui e defendermos o acampamento. Este é o lugar onde a batalha vai ser perdida ou ganha. Se esses três forem bem-sucedidos, maravilha! Mas devem fazê-lo com suas próprias habilidades.

Um murmúrio inquieto passou no meio da multidão. Frank pulou de seu assento. Antes que pudesse começar uma briga, Percy disse:

— Tudo bem! Sem problemas. Mas pelo menos nos deem transporte. Gaia é a deusa da terra, certo? Indo por terra, através da terra... suponho que devemos evitar isso. Além disso, assim vai ser muito lento.

Octavian riu.

— Você gostaria que fretássemos um avião?

A ideia provocou náuseas em Percy.

— Não. Viagens aéreas... Eu tenho uma impressão de que não seria bom, também. Mas um barco. Você pode pelo menos nos dar um barco?

Hazel fez um som de grunhido. Percy olhou para ela. Ela balançou a cabeça e murmurou, *Bem. Eu estou bem.*

— Um barco! — Octavian virou-se para os senadores. — O filho de Netuno quer um barco. Viagens marítimas nunca foram um jeito romano, mas ele não é muito romano!

— Octavian — Reyna disse severamente. — Um barco é pequeno o suficiente para se pedir. E desde que não haja outro auxílio parece bastante...

— Tradicional — exclamou Octavian. — É muito tradicional. Vamos ver se estes aventureiros têm a força para sobreviver sem ajuda, como romanos de verdade!

Mais murmúrios encheram a câmara. Os olhos dos senadores se mudavam de um lado para o outro entre Octavian e Reyna, assistindo o teste de vontades.

Reyna endireitou na cadeira.

— Muito bem. — disse ela com firmeza. — Vamos colocá-lo em votação. Senadores, a proposta é a seguinte: A missão deve ir para o Alasca. O Senado deve fornecer acesso completo para a marinha romana ancorada na Alameda. Nenhum outro auxílio futuro. Os três aventureiros irão sobreviver ou não por seus próprios méritos. Todos a favor?

As mãos de cada senador subiram.

— A proposta foi aceita. — Reyna virou-se para Frank. — Centurião, seu grupo está dispensado. O Senado tem outros assuntos para discutir. E, Octavian, se eu puder conversar com você por um momento.

Percy estava incrivelmente feliz em ver a luz do sol. Naquele corredor escuro, com todos aqueles olhos sobre ele, sentia como se o mundo estivesse sobre seus ombros e tinha certeza que tivera essa experiência antes.

Ele encheu seus pulmões com ar fresco.

Hazel pegou uma grande esmeralda do caminho e colocou-a no bolso.

— Então... estamos bem ferrados, não é?

Frank balançou a cabeça miseravelmente.

— Se qualquer um de vocês quiser voltar atrás, eu não os culparei.

— Você está brincando? — disse Hazel. — E ficar no posto de vigia o resto da semana?

Frank conseguiu dar um sorriso. Ele se virou para Percy.

Percy olhou através do fórum. *Fique parado*, Annabeth havia dito em seu sonho. Mas se ficasse parado, este acampamento seria destruído. Ele olhou para as colinas, e imaginou o rosto de Gaia sorrindo nas sombras e nas cristas. *Você não pode ganhar, pequeno semideus*, ela parecia dizer. *Me servirá ficando ou me servirá indo*.

Percy fez um voto silencioso: Depois do Festival de Fortuna, ele iria encontrar Annabeth. Mas por agora, tinha que agir. Não podia deixar Gaia ganhar.

— Estou com você — disse ele para Frank. — Além disso, quero verificar a marinha romana.

Eles estavam apenas do outro lado do fórum quando alguém chamou:

— Jackson! — Percy se virou e viu Octavian correndo na direção deles.

— O que você quer? — perguntou Percy.

Octavian sorriu.

— Já decidiu que eu sou o seu inimigo? Isso é uma escolha imprudente, Percy. Sou um romano leal.

Frank rosnou.

— Seu traidor, viscoso... — Ambos, Percy e Hazel, tiveram que segurá-lo.

— Ah, querido — disse Octavian. — Dificilmente esse é o comportamento certo para um centurião novo. Jackson, eu só o segui porque Reyna me confiou uma mensagem. Ela quer que você se reporte à *principia* sem seus... hã... dois lacaios aqui. Reyna irá encontrá-lo lá após o

recesso do Senado. Ela gostaria de ter uma conversa em particular com você antes de sair em sua busca.

— Sobre o quê? — disse Percy.

— Tenho certeza de que não sei. — Octavian sorriu maliciosamente. — A última pessoa com quem ela teve uma conversa privada foi com Jason Grace. E essa foi a última vez que eu o vi. Boa sorte e adeus, Percy Jackson.

PERCY

PERCY FICOU CONTENTE POR CONTRACORRENTE ter retornado ao seu bolso. A julgar pela expressão de Reyna, pensou que poderia precisar defender-se.

Ela invadiu a *principia* com seu manto púrpura ondulante, seus galgos a seus pés. Percy estava sentado em uma das cadeiras de pretor, a qual ele tinha puxado para o lado do visitante, o que talvez não fosse a coisa certa a fazer. Ele começou a se levantar.

— Fique sentado — rosnou Reyna. — Você sai depois do almoço. Temos muito a discutir.

Ela jogou sua adaga para baixo com tanta força que a tigela de gelatinas chacoalhou. Aurum e Argentum tomaram seus lugares em sua esquerda e direita e seus olhos de rubi se fixaram em Percy.

— O que eu fiz de errado? — perguntou Percy. — Se é sobre a cadeira...

— Não é você — Reyna fez uma careta. — Eu *odeio* reuniões do Senado. Quando Octavian fica falando...

Percy assentiu.

— Você é uma guerreira. Octavian é um locutor. Coloque-o na frente do Senado, e de repente *ele* se torna o poderoso.

Ela estreitou os olhos.

— Você é mais esperto do que parece.

— Puxa, obrigado. Ouvi que Octavian pode ser eleito pretor, assumindo que o acampamento sobreviva tempo suficiente.

— O que nos leva ao tema do dia do juízo final — Reyna disse — e como você pode ajudar a preveni-lo. Mas antes de eu colocar o destino do Acampamento Júpiter em suas mãos, precisamos deixar algumas coisas claras.

Ela se sentou e colocou um anel na mesa – um elo de prata gravado com um desenho de espada-e-tocha, como a tatuagem de Reyna.

— Você sabe o que é isto?

— O símbolo da sua mãe — disse Percy. — A... hã, a deusa da guerra. — Ele tentou lembrar o nome, mas ele não queria errar. — Alguma coisa como Bolonhesa. Ou salame?

— Belona, sim — Reyna examinou-o cuidadosamente. — Você não se lembra onde você viu este anel antes? Você realmente não se lembra de mim ou da minha irmã, Hylla?

Percy balançou a cabeça.

— Sinto muito.

— Teria sido há quatro anos.

— Pouco antes de você vir para o acampamento.

Reyna franziu a testa.

— Como você...?

— Você tem quatro listras em sua tatuagem. Quatro anos.

Reyna olhou para seu antebraço.

— É claro. Parece há muito tempo. Suponho que você não se lembraria de mim mesmo se você tivesse sua memória. Eu era apenas uma menina... uma atendente entre tantas outras no *spa*. Mas você falou com minha irmã, pouco antes de você e aquela outra, Annabeth, destruírem a nossa casa.

Percy tentou se lembrar. Ele realmente fez isso. Por alguma razão, Annabeth e ele tinham visitado um *spa* e decidido destruí-lo. Ele não podia imaginar por quê. Talvez eles não tivessem gostado da massagem? Talvez eles tenham recebido manicures ruins?

— É um espaço em branco — disse ele. — Desde que seus cães não estão me atacando, espero que você acredite em mim. Eu estou dizendo a verdade.

Aurum e Argentum rosaram. Percy teve a sensação de que eles estavam pensando: *Por favor, minta. Por favor, minta.*

Reyna bateu de leve no anel de prata.

— Acredito que você seja sincero — disse ela. — Mas nem todos no acampamento acreditam. Octavian acha que você é um espião. Acha que você foi enviado aqui por Gaia para encontrar nossas fraquezas e nos distrair. Ele acredita nas antigas lendas sobre os gregos.

— Antigas lendas?

A mão de Reyna descansava a meio caminho entre sua adaga e a tigela de gelatinas. Percy teve a sensação de que se ela fizesse um movimento repentino, não seria para pegar os doces.

— Alguns acreditam que semideuses gregos ainda existem — disse ela. — Heróis que seguem as formas mais antigas dos deuses. Há lendas de batalhas entre heróis romanos e gregos em tempos relativamente modernos... a Guerra Civil Americana, por exemplo. Eu não tenho nenhuma prova disso, e se os nossos *Lares* sabem qualquer coisa, se recusam a dizer. Mas Octavian acredita que os Gregos ainda estão por aí, planejando

nossa queda, trabalhando com as forças de Gaia. E acha que você é um deles.

— É nisso que você acredita?

— Eu acredito que você veio de *algum lugar* — disse ela. — Você é importante, e perigoso. Dois deuses tomaram um interesse especial em você desde que chegou, então não posso acreditar que você trabalha contra o Olimpo... ou Roma. — Ela deu de ombros. — É claro, eu poderia estar errada. Talvez os deuses tenham o enviado aqui para testar o meu juízo. Mas acredito... acredito que você foi mandado aqui para compensar a perda de Jason.

Jason... Percy não podia ir muito longe neste acampamento, sem ouvir esse nome.

— A maneira como você fala dele... — disse Percy. — Vocês dois eram um casal?

Reyna olhou aborrecida para ele – com os olhos de um lobo faminto. Percy tinha visto lobos famintos o suficiente para saber.

— Nós poderíamos ter sido — Reyna disse — se tivesse dado tempo. Pretores trabalham em conjunto. É comum que eles tornem-se romanticamente envolvidos. Mas Jason foi pretor por apenas alguns meses antes do seu desaparecimento. Desde então Octavian tem insistido comigo, agitando para novas eleições. Eu tenho resistido. Preciso de um parceiro no poder, mas prefiro alguém como Jason. Um guerreiro, não um conspirador.

Ela esperou. Percy percebeu que ela estava enviando-lhe um convite silencioso.

Sua garganta ficou seca.

— Ah... você quer dizer... ah.

— Eu acredito que os deuses lhe enviaram para me ajudar — disse Reyna. — Eu não entendo de onde você veio, mais do que eu entendi há

quatro anos. Mas acho que sua chegada é algum tipo de reembolso. Você destruiu minha casa uma vez. Agora foi enviado para salvar a minha casa. Eu não guardo rancor contra você pelo passado, Percy. Minha irmã te odeia ainda, é verdade, mas o destino me trouxe aqui para o Acampamento Júpiter. Eu fiz bem. Tudo o que peço é que você trabalhe comigo no futuro. Tenho a intenção de salvar este acampamento.

Os cães de metal olharam para ele, suas bocas congeladas no modo de rosnado. Percy encontrou os olhos Reyna, ficou muito mais difícil de aceitar.

— Olha, eu vou ajudar — prometeu Percy. — Mas eu sou novo aqui. Você tem um monte de gente boa que conhece sobre o acampamento melhor do que eu. Se tivermos sucesso nesta busca, Hazel e Frank serão heróis. Você poderia pedir a um deles...

— Fala sério — disse Reyna. — Ninguém vai seguir um filho de Plutão. Há algo sobre essa garota... rumores sobre de onde ela veio... Não, ela não. Quanto a Frank Zhang, ele tem um bom coração, mas é ingênuo e inexperiente demais. Além disso, se os outros descobrirem sobre a história de sua família nesse acampamento...

— História da família?

— O ponto é, Percy, que *you* é o verdadeiro líder nessa missão. *You* é um veterano. Eu vi o que você pode fazer. Um filho de Netuno não seria minha primeira escolha, mas se retornar com sucesso desta missão, a legião pode ser salva. A pretoria será sua por mérito. Juntos, você e eu podemos expandir o poder de Roma. Nós poderíamos levantar um exército e encontrar as Portas da Morte, esmagar as forças de Gaia de uma vez por todas. Você iria se tornar para mim um... *amigo* muito útil.

Ela disse essa palavra como se pudesse ter vários significados, e ele pudesse escolher qual deles.

O pé de Percy começou a bater no chão, ansioso para correr.

— Reyna... Sinto-me honrado, e tudo mais. Sério. Mas eu tenho uma namorada. E eu não quero poder, ou uma pretoria.

Percy temeu que ele a deixasse furiosa. Ao contrário, ela apenas ergueu as sobrancelhas.

— Um homem que recusa o poder? — disse Reyna. — Isso não é muito romano. Basta pensar nisso. Em quatro dias, eu tenho que fazer uma escolha. Se lutarmos contra uma invasão, nós *precisamos* ter dois pretores fortes. Eu prefiro você, mas se você falhar em sua missão, ou não voltar, ou se recusar a minha oferta... Bem, eu irei trabalhar com Octavian. Quero dizer, para salvar este acampamento, Percy Jackson. As coisas estão piores do que você imagina.

Percy se lembrou do que Frank disse sobre os ataques de monstros cada vez mais frequentes.

— Quão ruins?

As unhas de Reyna escavaram a mesa.

— Mesmo o Senado não sabe toda a verdade. Eu pedi para Octavian não compartilhar seus agouros, ou teríamos pânico em massa. Ele previu um grande exército marchando para o sul, mais do que podemos possivelmente derrotar. Eles são liderados por um gigante...

— Alcioneu?

— Acho que não. Se ele é verdadeiramente invulnerável no Alasca, seria tolo de vir aqui. Deve ser um de seus irmãos.

— Ótimo — disse Percy. — Então, temos dois gigantes com que se preocupar.

A pretora assentiu.

— Lupa e seus lobos estão tentando atrasá-los, mas isso é demais até para eles. O inimigo estará aqui em breve... no Festival de Fortuna, ou antes.

Percy estremeceu. Ele tinha visto Lupa em ação. Ele sabia tudo sobre a deusa lobo e seu bando. Se esse inimigo era muito poderoso para Lupa, o Acampamento Júpiter não tinha chance.

Reyna leu sua expressão.

— Sim, é ruim, mas não sem esperança. Se você conseguir trazer de volta a nossa águia, se libertar a morte para que possamos realmente *matar* nossos inimigos, então nós temos uma chance. E há mais uma possibilidade...

Reyna deslizou o anel de prata sobre a mesa.

— Eu não posso te dar muita ajuda, mas sua jornada vai levá-lo para perto de Seattle. Eu estou lhe pedindo um favor, que também pode ajudá-lo. Encontre a minha irmã Hylla.

— Sua irmã... a que me odeia?

— Ah, sim — concordou Reyna. — Ela adoraria te matar. Mas mostre a ela o anel com o meu símbolo, e pode ser que ela te ajude.

— *Pode ser?*

— Eu não posso falar por ela. Na verdade... — Reyna franziu a testa. — Na verdade eu não falo com ela há semanas. Ela está em silêncio. Com esse exército passando...

— Você quer que eu dê uma olhada nela — supôs Percy. — Tipo ter certeza de que ela está bem.

— Parcialmente, sim. Eu não posso imaginar que ela foi superada. Minha irmã tem uma força poderosa. Seu território é bem defendido. Mas se puder encontrá-la, ela poderia oferecer-lhe uma valiosa ajuda. Isso pode significar a diferença entre o sucesso e o fracasso em sua missão. E se contar a ela o que está acontecendo aqui...

— Ela poderia enviar ajuda? — perguntou Percy.

Reyna não respondeu, mas Percy pôde ver o desespero em seus olhos. Ela estava aterrorizada, agarrando *qualquer coisa* que pudesse salvar seu acampamento. Não era à toa que ela queria a ajuda de Percy. Ela era a única pretora. A defesa do acampamento repousava sobre os seus ombros sozinha.

Percy pegou o anel.

— Vou encontrá-la. Onde ela está? Que tipo de força ela tem?

— Não se preocupe. Basta ir a Seattle. Ela vai te encontrar.

Isso não soou encorajador, mas Percy colocou o anel em seu colar de couro com suas contas e sua placa de *probatio*.

— Deseje-me sorte.

— Lute bem, Percy Jackson — disse Reyna. — E obrigado.

Ele pôde dizer que a audiência tinha acabado. Reyna estava tendo problemas para manter-se firme, manter a imagem de comandante confiante. Precisava de algum tempo para si mesma.

Mas na porta da *principia*, Percy não pôde resistir e voltou.

— Como é que nós destruímos sua casa... aquele *spa* onde você viveu?

Os galgos de metal rosnaram. Reyna estalou os dedos para silenciá-los.

— Você destruiu o poder da nossa soberana — disse ela. — Libertou alguns presos, que se vingaram de todos nós que viviam na ilha. Minha irmã e eu... bem, nós sobrevivemos. Foi difícil. Mas a longo prazo, acho que estamos em melhor situação longe daquele lugar.

— Ainda assim, sinto muito — disse Percy. — Se eu te machuquei, me desculpe.

Reyna olhou para ele por um longo tempo, como se tentasse traduzir suas palavras.

— Um pedido de desculpas? Não muito romano, Percy Jackson. Você seria um pretor interessante. Espero que você pense sobre a minha oferta.

PERCY

O ALMOÇO PARECIA UM FUNERAL. Todos comiam. As pessoas falavam em voz baixa. Ninguém parecia particularmente feliz. Os outros campistas continuavam olhando para Percy como se ele fosse o cadáver de honra.

Reyna fez um breve discurso desejando-lhes sorte. Octavian rasgou outra pelúcia e pronunciou agouros sombrios e tempos difíceis pela frente, mas previu que o acampamento seria salvo por um herói inesperado (cujo nome era provavelmente OCTAVIAN). Em seguida, os outros campistas partiram para as suas aulas da tarde – luta de gladiador, aulas de latim, paintball com fantasmas, a formação da águia e uma dúzia de outras atividades que soavam melhor do que uma missão suicida. Percy seguiu Hazel e Frank para o quartel para fazer as malas.

Percy não tinha muito. Ele tinha limpado a mochila de sua viagem ao sul e manteve a maioria de seus suprimentos do Mercado da Barganha.

Pegou um novo par de calças jeans e uma camiseta roxa extra com o Intendente, além de algum néctar, ambrósia, aperitivos, um pouco de dinheiro dos mortais e suprimentos de acampamento. No almoço, Reyna lhe entregou um pergaminho de apresentação do pretor e do Senado do acampamento. Supostamente, qualquer legionário aposentado que eles conhecessem na viagem iria ajudá-los se eles mostrassem a carta. Também manteve seu colar de couro com as contas, o anel de prata e a placa de *probatio*. E, é claro, tinha Contracorrente no bolso.

Ele dobrou a camisa laranja esfarrapada e deixou-a em seu beliche.

— Eu voltarei — disse ele. Ele se sentiu muito estúpido por falar com uma camiseta, mas estava realmente pensando em Annabeth, e em sua velha vida. — Eu não vou embora para sempre. Mas eu tenho que ajudar esses caras. Eles me acolheram. Merecem sobreviver.

A camiseta não respondeu, felizmente.

Um de seus companheiros de quarto, Bobby, deu-lhes uma carona para a fronteira do vale em Aníbal, o elefante. Das colinas, Percy pôde ver tudo abaixo. O Pequeno Tibre serpenteava entre as pastagens douradas onde os unicórnios estavam pastando. Os templos e fóruns da Nova Roma brilhavam com a luz do sol. No Campo de Marte, os engenheiros estavam trabalhando duro, derrubando os restos do forte de ontem à noite e criando barricadas para um jogo de bola da morte. Um dia normal para o Acampamento Júpiter – mas ao norte no horizonte, nuvens de tempestade estavam se reunindo. Sombras atravessavam as montanhas e Percy imaginou o rosto de Gaia chegando mais e mais perto.

Trabalhe comigo no futuro, disse Reyna. Tenho a intenção de salvar este acampamento.

Olhando para o vale, Percy entendeu por que ela se preocupava tanto. Mesmo que ele fosse novo no Acampamento Júpiter, sentiu um forte desejo

de proteger este lugar. Um porto seguro onde semideuses poderiam construir suas vidas – ele queria ser parte disso no futuro. Talvez não da maneira que Reyna imaginou, mas se ele pudesse compartilhar este lugar com Annabeth...

Eles saíram do elefante. Bobby desejou-lhes uma jornada segura. Aníbal envolveu os três aventureiros com sua tromba. Então, o serviço de táxi de elefante voltou para o vale.

Percy suspirou. Virou-se para Hazel e Frank e tentou pensar em algo otimista para dizer.

Uma voz familiar disse:

— Identificações, por favor.

Uma estátua de Término apareceu no topo do morro. O rosto do deus de mármore franziu a testa, irritado.

— Bem? Venham!

— Você de novo? — Percy perguntou — pensei que você apenas guardasse a cidade.

Término bufou.

— Fico feliz em ver você, também, Senhor Zombador de Regras. Normalmente, sim, eu guardo a cidade, mas para partidas internacionais gosto de oferecer segurança extra nas fronteiras do Acampamento. Você realmente deveria ter pedido autorização duas horas antes de seu horário de partida planejado. Mas vamos ter que fazer isso. Agora, venha até aqui para que eu possa te revistar.

— Mas você não tem... — Percy parou. — Hã, certo.

Ele ficou ao lado da estátua sem braços. Término realizou uma revista mental rigorosa.

— Você parece estar limpo — decidiu Término. — Tem algo a declarar?

— Sim — disse Percy. — Eu declaro que isto é estúpido.

— Humpf! Placa de *probatio*: Percy Jackson, Quinta Coorte, filho de Netuno. Tudo bem, vá. Hazel Levesque, filha de Plutão. Certo. Qualquer moeda estrangeira ou, hã, metais preciosos a declarar?

— Não — murmurou ela.

— Você tem certeza? — perguntou Término. — Porque da última vez...

— Não!

— Bem, este é um grupo mal-humorado — disse o deus. — Viajantes em missão! Sempre com pressa. Agora, vamos ver... Frank Zhang. Ah! Centurião? Muito bem, Frank. E esse corte de cabelo está perfeitamente de acordo com o regulamento. Eu aprovo! Já pode ir, então, Centurião Zhang. Você precisa de direções hoje?

— Não. Não, eu acho que não.

— Vá até a estação ferroviária, — disse Término assim mesmo. — Troque de trem em Oakland na Rua 12. Você quer a Estação Fruitvale. De lá, pode passear ou tomar o ônibus para Alameda.

— Vocês não têm um trem mágico ou alguma coisa assim? — perguntou Percy.

— Trens mágicos! — zombou Término. — Você vai querer sua pista própria de segurança e um passe para o próximo saguão executivo. Basta viajar com segurança, e atento para Polibotes. Falando em transgressores da lei... Eu gostaria de poder estrangulá-los com minhas próprias mãos.

— Espera... quem? — perguntou Percy.

Término fez uma expressão de esforço, como se ele fosse flexionar seu bíceps inexistente.

— Ah, bem. Basta ter cuidado com ele. Imagino que ele pode cheirar um filho de Netuno a um quilômetro de distância. Saiam, agora. Boa sorte!

Uma força invisível os chutou para além do limite. Quando Percy olhou para trás, Término tinha ido embora. De fato, o vale inteiro tinha ido

embora. Berkeley Hills parecia estar livre de qualquer acampamento romano.

Percy olhou para seus amigos.

— Alguma ideia sobre o que Término estava falando? Cuidado com os... alguma coisa política ou outra coisa?

— Po-LIB-uh-pote? — Hazel disse o nome com cuidado.

— Nunca ouvi falar dele.

— Parece grego — disse Frank.

— Isso já limita. — Percy suspirou. — Bem, nós provavelmente já aparecemos no radar de cheiro para cada monstro dentro de oito quilômetros. É melhor entrar em movimento.

Levou duas horas para chegar nas docas em Alameda. Comparado aos últimos poucos meses de Percy, a viagem foi fácil. Nenhum monstro atacou. Ninguém olhou para Percy como se ele fosse uma criança selvagem sem-teto.

Frank tinha guardado sua lança, arco e aljava em uma longa bolsa feita para esquis. A espada de cavalaria de Hazel estava envolta em um saco de dormir e pendurada em suas costas. Juntos, os três pareciam colegiais normais em seu caminho para uma viagem durante a noite. Eles caminharam até a Estação Rockridge, compraram seus bilhetes com dinheiro de mortais e pularam no trem.

Eles desceram em Oakland. Tiveram que caminhar por alguns bairros desagradáveis, mas ninguém os incomodou. Sempre que membros de gangues locais vinham perto o suficiente para olhar nos olhos de Percy, rapidamente se desviavam. Ele aperfeiçoou seu olhar de lobo ao longo dos últimos meses – um olhar que dizia: *Por pior que você pense que é, eu sou pior.* Depois de estrangular monstros marinhos e atropelar Górgonas em um

carro de polícia, Percy não estava com medo de gangues. Praticamente mais nada no mundo mortal o assustava.

No final da tarde, conseguiram chegar nas docas de Alameda. Percy olhou para a Bay Area e respirou o ar do mar salgado. Imediatamente ele se sentiu melhor. Este era o domínio de seu pai. Em tudo o que enfrentassem, ele teria vantagem enquanto estivessem no mar.

Dezenas de barcos estavam atracados nas docas – desde iates de quinze metros à barcos de pesca de três metros. Ele examinou procurando por algum tipo de barco mágico – um navio trirreme, talvez, ou um navio de guerra com cabeça de dragão que ele tinha visto em seu sonho.

— Hã... vocês sabem o que estamos procurando?

Hazel e Frank balançaram a cabeça.

— Eu nem sabia que *tínhamos* uma marinha. — Hazel soou como se desejasse que não houvesse uma.

— Ah... — Frank apontou. — Você não acha que...?

No final da doca estava um barco pequeno, como um bote, coberto por uma lona roxa. Bordado em ouro, desbotado ao longo da lona estava *S.P.Q.R.*

A confiança de Percy vacilou.

— De jeito nenhum.

Ele descobriu o barco, com as mãos trabalhando nos nós como se ele tivesse feito isso a vida inteira. Sob a lona estava um velho barco de aço sem remos. O barco tinha sido pintado de azul escuro em algum momento, mas o casco estava tão incrustado de alcatrão e sal que parecia um enorme hematoma náutico.

Na proa, o nome *Pax* ainda era legível, com letras em ouro. Olhos pintados caíam tristemente no nível da água, como se o barco estivesse prestes a adormecer. A bordo estavam dois bancos, uma palha de aço, um

refrigerador velho e um monte de corda desgastada com uma extremidade ligada à amarração. Na parte inferior do barco, uma sacola plástica e duas latas de Coca-Cola vazias flutuavam em vários centímetros de água espumosa.

— Veja — disse Frank. — A poderosa marinha romana.

— Tem que ser um erro — disse Hazel. — Isso é um pedaço de lixo.

Percy imaginou Octavian rindo deles, mas decidiu não deixar-se rebaixar. O *Pax* ainda era um barco. Ele pulou a bordo, e o casco zumbiu debaixo de seus pés, respondendo à sua presença. Ele recolheu o lixo do refrigerador e colocou-o na doca. Desejou que a água espumosa fluísse sobre os lados e para fora do barco. Então ele apontou para a lâ de aço e ela voou pelo chão, lavando e polindo tão rápido que o aço começou a fumar. Quando acabou, o barco estava limpo. Percy apontou para a corda, e a desatou do cais.

Sem remos, mas isso não importava. Percy podia dizer que o barco estava pronto para se mover, apenas aguardando o seu comando.

— Vou fazer isso — disse ele. — Pulem para dentro.

Hazel e Frank pareciam um pouco atordoados, mas subiram a bordo. Hazel parecia especialmente nervosa. Quando se estabeleceram nos assentos, Percy se concentrou, e o barco deslizou para longe do cais.

Juno estava certa. A voz sonolenta de Gaia sussurrou na mente de Percy, assustando-o tanto que o barco balançou. Você poderia ter escolhido uma nova vida no mar. Você estaria salvo de mim lá. Agora é tarde demais. Você escolheu dor e miséria. Você faz parte do meu plano agora... meu pequeno peão importante.

— Saia do meu navio — rosnou Percy.

— Hã, o quê? — perguntou Frank.

Percy esperou, mas a voz de Gaia estava em silêncio.

— Nada — disse ele. — Vamos ver o que este barco pode fazer.

Ele virou o barco para o norte, e em nenhum momento ultrapassaram o excesso de velocidade, avançando em quinze nós, rumo à Ponte Golden Gate.

HAZEL

HAZEL ODIAVA BARCOS.

Ela ficava enjoada tão facilmente, que parecia mais como uma praga do oceano. Ela não tinha mencionado isso para Percy. Não queria atrapalhar a missão, mas se lembrou de quão horrível sua vida tinha sido quando ela e sua mãe tinham se mudado para o Alasca — que não tinha uma estrada sequer. Para onde quer que elas fossem, tinham que pegar um trem ou um barco.

Esperava que sua condição tivesse melhorado desde que ela voltou a viver. Obviamente não melhorou. E esse pequeno barco, o *Pax*, parecia muito com um barco que elas tinham no Alasca. E isso lhe trazia más lembranças...

Assim que deixaram as docas, o estômago de Hazel começou a se embrulhar. Pelo tempo que passaram no píer em São Francisco, ela se sentiu tão tonta que pensou que estava tendo alucinações. Eles passaram

rapidamente por alguns leões-marinhos descansando no cais, e ela jurou que viu um velho mendigo sentado entre eles. Do outro lado da água o homem apontou um dedo ossudo para Percy e movimentou a boca como se dissesse algo como “*Nem sequer pense nisso*”.

— Você viu aquilo? — perguntou Hazel.

O rosto de Percy estava vermelho ao pôr do sol.

— Sim... Eu estive aqui antes. Eu... eu não sei. Acho que estava procurando a minha namorada.

— Annabeth — disse Frank. — Você quer dizer, no seu caminho até o Acampamento Júpiter?

Percy franziu a testa.

— Não. Antes disso.

Ele verificou a cidade como se estivesse à procura de Annabeth enquanto passavam pela ponte Golden Gate e viravam para o norte.

Hazel tentou acalmar seu estômago pensando em coisas agradáveis — a alegria que ela sentiu quando tinha ganhado os jogos de guerra na noite passada, cavalcando Aníbal debaixo do nariz do inimigo, a transformação repentina de Frank em um líder. Ele parecia uma pessoa diferente quando escalava paredes, convocando a Quinta Coorte para atacar. O jeito com que ele varreu os defensores da muralha... Hazel nunca o tinha visto assim antes. Ela ficou tão orgulhosa em colocar a insígnia de centurião em sua camisa.

Então seus pensamentos se voltaram para Nico. Antes de eles partirem, o irmão dela a puxara para um canto para desejar-lhe sorte. Hazel esperava que ele ficasse no Acampamento Júpiter para defendê-lo, mas ele disse que estaria partindo hoje — de volta ao Mundo Inferior.

— Papai precisa de toda ajuda que ele puder conseguir — disse ele. — Parece que ocorreu uma rebelião nos Campos Asfódelos. As Fúrias mal conseguem manter a ordem. Além disso... vou tentar rastrear algumas das

almas que fugiram. Talvez eu possa encontrar as Portas da Morte do outro lado.

— Tenha cuidado — disse Hazel. — Se Gaia está guardando essas portas...

— Não se preocupe. — Nico sorriu. — Eu sei como ficar escondido. Apenas se cuide. Quanto mais perto você chegar do Alasca... Eu não tenho certeza se isso vai tornar os apagões melhores ou piores.

Tenha Cuidado, pensou amargamente. Como se tivesse algum jeito de isso terminar bem para ela.

— Se nós libertarmos Thanatos — disse a Nico — pode ser que eu nunca veja você novamente. Thanatos vai me mandar de volta para o Mundo Inferior...

Nico segurou a mão dela. Seus dedos eram tão pálidos, que era difícil acreditar que Hazel e ele compartilhavam o mesmo pai divino.

— Eu queria lhe dar uma chance nos Elísios — disse ele. — Era o melhor que eu podia fazer por você. Mas agora, eu gostaria que houvesse outra maneira. Não quero perder a minha irmã.

Ele não disse a palavra *novamente*, mas Hazel sabia que ele estava pensando nisso. Pela primeira vez, ela não sentia ciúmes de Bianca di Angelo. Ela só queria ter mais tempo com Nico e seus amigos no acampamento. Não queria morrer pela segunda vez.

— Boa sorte, Hazel — disse ele.

Então ele se misturou às sombras, exatamente como seu pai tinha feito setenta anos antes.

O barco estremeceu, sacudindo Hazel de volta para o presente. Entraram nas correntes do Pacífico e contornaram a costa rochosa do Condado de Marin.

Frank colocou o saco de esqui em seu colo. O saco passou por cima dos joelhos de Hazel como uma barra de segurança em um parque de diversões, o que a fez pensar no tempo em que Sammy a tinha levado ao carnaval durante o Mardi Gras... Ela rapidamente deixou a memória de lado. Não podia correr o risco de apagar.

— Você está bem? — perguntou Frank. — Parece que está enjoada.

— Fico enjoada no mar — confessou. — Eu não achei que ficaria tão mal.

Frank fez beicinho como se fosse de alguma forma sua culpa. Ele começou a cavar em sua mochila.

— Eu tenho algum néctar. E alguns biscoitos. Hã, minha avó diz que gengibre ajuda... Não tenho nada disso, mas...

— Está tudo bem. — Hazel reuniu um sorriso. — Mas que bom que você se preocupa comigo.

Frank tirou um biscoito de água e sal da mochila. Ele agarrou com seus dedos grandes, e biscoitos explodiram por toda parte.

Hazel riu.

— Deuses, Frank... desculpe. Eu não deveria rir.

— Hã, não tem problema — disse ele timidamente. — Acho que você não vai querer.

Percy não estava prestando muita atenção. Ele manteve os olhos fixos na costa. Ao passarem pela Praia Stinson, ele apontou para o interior, onde uma única montanha subia acima das colinas verdes.

— Isso parece familiar — disse ele.

— Monte Tam — disse Frank. — As crianças no acampamento estão sempre falando sobre isso. Uma grande batalha aconteceu no cume, a base de um antigo titã.

Percy franziu a testa.

— Algum de vocês esteve por lá?

— Não — disse Hazel. — Isso foi em agosto, antes de eu, hã, antes de eu chegar ao acampamento. Jason me contou sobre ela. A legião destruiu o palácio do inimigo e cerca de um milhão de monstros. Jason teve que batalhar com Crio... um combate corpo a corpo com um titã, se você puder imaginar.

— Eu posso imaginar — murmurou Percy.

Hazel não tinha certeza do que ele quis dizer, mas Percy a *fez* lembrar-se de Jason, ainda que eles não fossem nada parecidos. Eles tinham a mesma aura de poder tranquilo, além de uma espécie de tristeza, como se tivessem visto o seu destino e sabiam que era apenas uma questão de tempo antes que encontrassem um monstro que não poderiam vencer.

Hazel sabia como era se sentir assim. Ela assistiu ao pôr do sol no oceano, e sabia que tinha menos de uma semana de vida. Tendo sucesso ou não, sua jornada acabaria no Festival de Fortuna.

Ela pensou na sua primeira morte, e os meses que a antecederam — sua casa em Seward, os seis meses que passou no Alasca, pegando o pequeno barco até a Baía da Ressurreição à noite, para visitar a ilha amaldiçoada.

Percebeu seu erro tarde demais. Sua visão escureceu, e ela caiu, voltando no tempo.

Sua casa de férias era uma caixa suspensa em estacas sobre a baía. Quando o trem de Anchorage passava perto, os móveis tremiam e as fotos sacudiam nas paredes. À noite, Hazel adormecia ao som da água gelada gotejando nas rochas sob o piso. O vento fazia a construção ranger e gemer.

Elas tinham uma sala, com um aquecedor e uma geladeira como cozinha. Um canto estava preparado com cortinas para Hazel, onde ela

mantinha seu colchão. Ela fixou desenhos e fotos antigas de Nova Orleans nas paredes, mas apenas fizeram piorar a saudade.

Sua mãe raramente estava em casa. Ela não era mais a Rainha Marie. Era apenas Marie, a ajudante contratada. Ela cozinhava e fazia a limpeza todos os dias no restaurante da Terceira Avenida, para pescadores, trabalhadores ferroviários e a tripulação ocasional de homens da Marinha. Chegava em casa cheirando a pinho e peixe frito.

À noite, Marie Levesque se transformava. A Voz assumia, dando ordens a Hazel, colocando-a para trabalhar em seu projeto horrível.

No inverno ficou pior. A Voz ficou mais constante por causa da escuridão. O frio era tão intenso, que Hazel pensou que nunca estaria quente novamente.

Quando chegou o verão, Hazel não pôde tomar sol o bastante. Todos os dias das férias de verão, ela ficou longe de casa o máximo possível, mas não podia andar pela cidade. Era uma pequena comunidade. As outras crianças espalhavam boatos sobre ela, a filha da bruxa que morava no velho barraco nas docas. Se chegasse muito perto, as crianças zombavam dela ou atiravam garrafas e pedras. Os adultos não eram muito melhores que isso.

Hazel poderia ter tornado suas vidas miseráveis. Ela poderia ter-lhes dado diamantes, pérolas ou ouro. Aqui no Alasca, o ouro era fácil. Havia tanto nas colinas, Hazel poderia ter escavado a cidade em pouquíssimo tempo. Mas não os odiava tanto assim para tirá-los do seu caminho. Ela não podia culpá-los.

Passou o dia andando pelas colinas. Ela atraiu corvos. Eles grasnavam das árvores e esperavam as coisas brilhantes que apareciam embaixo de seus passos. A maldição nunca pareceu incomodá-los. Ela viu ursos marrons, também, mas eles mantiveram distância. Quando Hazel ficou com sede, encontrou uma cachoeira de neve derretida e bebeu água gelada e limpa até

sua garganta doer. Subiu o mais alto que pôde para deixar o sol aquecer o seu rosto.

Não era uma maneira ruim de passar o tempo, mas sabia que eventualmente, teria que ir para casa.

Às vezes, ela pensava em seu pai, o estranho homem pálido no terno prata-e-preto. Hazel desejava que ele voltasse e a protegesse de sua mãe, talvez usar os seus poderes para se livrar da voz horrível. Se ele era um deus, ele devia ser capaz de fazer isso.

Ela olhou para os corvos e imaginou que eram seus emissários. Seus olhos eram escuros e maníacos, como os dele. Ela se perguntava se eles relatavam seus movimentos para o seu pai.

Mas Plutão tinha advertido sua mãe sobre o Alasca. Era uma terra além dos deuses. Ele não podia protegê-las aqui. Se estava observando Hazel, ele não falava com ela. Muitas vezes ela se perguntava se não o teria imaginado. Sua antiga vida parecia tão distante como os programas de rádio que ouvia ou o Presidente Roosevelt falando sobre a guerra. Ocasionalmente, os moradores iam discutir sobre os japoneses e alguns combates nas ilhas que compunham o Alasca, mas mesmo parecendo distante, era quase tão assustador quanto o problema de Hazel.

Um dia em pleno verão, ela ficou mais tempo fora do que o comum, perseguindo um cavalo.

Tinha o visto primeiro quando ouviu um som de mastigação atrás dela. Quando se virou e viu um maravilhoso garanhão de crina negra — exatamente como o que ela tinha montado em seu último dia em Nova Orleans, quando Sammy a tinha levado aos estábulos. Poderia ter sido o mesmo cavalo, mas era impossível. Ele estava comendo algo fora da trilha, e por um segundo, Hazel teve a louca impressão de que ele estava mastigando uma das jazidas de ouro que sempre apareciam em seu caminho.

— Ei, camarada — chamou ela.

O cavalo olhou para ela com cautela.

Hazel imaginou que ele deveria pertencer a alguém. Estava muito bem tratado, o seu pelo muito elegante para um cavalo selvagem. Se ela pudesse chegar perto o suficiente... O quê? Poderia encontrar seu dono? Devolvê-lo?

Não, pensou ela. *Eu só quero cavalgar novamente.*

Ela deu dez passos, e o cavalo fugiu. Passou o resto da tarde tentando pegá-lo ficando irritantemente perto antes que ele fugisse novamente.

Perdeu a noção do tempo, o que era fácil de fazer com o sol de verão constante durante tanto tempo. Finalmente, parou em um riacho para tomar água e olhou para o céu, pensando que devia ser por volta das três da tarde. Então ouviu um apito de trem no vale abaixo. Percebeu que tinha que ele estava indo para Anchorage, o que significava que eram dez da noite.

Ela olhou para o cavalo pastando, de forma pacífica em volta do riacho.

— Você está tentando me deixar em apuros?

O cavalo relinchou. Então... Hazel devia ter imaginado isso. O cavalo fugiu em um borrão de preto e castanho, mais rápido do que um relâmpago — quase rápido demais para seus olhos registrarem. Hazel não entendia como, mas o cavalo tinha *definitivamente* desaparecido.

Ela olhou para o local onde o cavalo estava. Vapor saía do solo.

O apito do trem ecoou através das montanhas de novo, e ela percebeu o quão encrencada estava. Ela correu para casa.

Sua mãe não estava lá. Por um segundo Hazel se sentiu aliviada. Talvez a mãe dela tivesse trabalhado até tarde. Talvez hoje elas não tivessem que fazer a viagem.

Então viu os escombros. A cortina de Hazel estava puxada para baixo. O guarda-roupa estava aberto e suas roupas espalhadas pelo chão. Seu colchão havia sido picado como se um leão o tivesse atacado. O pior de tudo, seu

bloco de desenho foi rasgado em pedaços. Seus lápis de cor foram todos quebrados. O presente de aniversário de Plutão, o único luxo de Hazel, tinha sido destruído. Pregada na parede estava uma nota em vermelho no último pedaço de papel de desenho, escrito algo que não era de sua mãe: *Menina Malvada. Estou te esperando na ilha. Não me desaponte.* Hazel soluçava em desespero. Ela queria ignorar a intimação. Queria fugir, mas não havia para onde ir. Além disso, sua mãe tinha sido aprisionada. A Voz tinha dito que elas estavam quase acabando com a sua tarefa. Se Hazel se mantivesse ajudando, sua mãe seria libertada. Hazel não confiava na Voz, mas ela não via qualquer outra opção.

Ela pegou o barco a remo — um barquinho que a mãe tinha comprado com alguns fragmentos de ouro de um pescador — que teve um acidente trágico com suas redes no outro dia. Tinham apenas um barco, mas a mãe de Hazel parecia capaz, de vez em quando, de chegar à ilha sem qualquer transporte. Hazel aprendeu que não era bom perguntar sobre isso.

Mesmo em pleno verão, pedaços de gelo giravam na Baía da Ressurreição. Focas deslizavam pelo seu barco, olhando para Hazel esperançosamente, farejando em busca de restos de peixe. No meio da baía, as costas brilhantes de uma baleia apareceram na superfície.

Como sempre, o balanço do barco fez seu estômago girar. Ela parou uma vez para vomitar do outro lado. O sol estava finalmente se pondo, transformando o céu em um vermelho-sangue.

Ela remou em direção a boca da baía. Depois de alguns minutos, se virou e olhou para a frente. Bem na frente dela, fora do nevoeiro, a ilha se materializou — um hectare de pinheiros, rochas e neve, com uma praia de areia negra.

Se a ilha tinha um nome, ela não sabia. Uma vez Hazel tinha cometido o erro de perguntar ao povo da cidade, mas eles a tinham olhado como se

ela estivesse louca.

— Não existe nenhuma ilha aqui — disse o peixeiro — ou senão meu barco teria passado por lá muitas vezes.

Hazel estava a cerca de cinquenta metros da costa quando um corvo pousou na popa do barco. Era um pássaro preto oleoso quase tão grande quanto uma águia, com um bico irregular como uma faca de obsidiana.

Seus olhos brilhavam com inteligência, por isso Hazel não ficou muito surpresa quando ele falou.

— Esta noite — resmungou ele. — A última noite.

Hazel deixou o remo cair. Tentou decidir se o corvo estava tentando alertá-la, ou aconselhá-la, ou fazendo uma promessa.

— Você é do meu pai? — perguntou ela.

O corvo inclinou sua cabeça.

— A última noite. Hoje à noite.

Ele bicou a proa do barco e voou em direção à ilha.

A última noite, disse Hazel para si mesma. Ela decidiu tomar como uma promessa. *Não importa o que ele me disse, vou fazer disso a última noite.*

O que lhe deu força suficiente para remar adiante. O barco deslizou na terra, rachando através de uma fina camada de gelo e lodo preto.

Ao longo dos meses, Hazel e sua mãe haviam usado um caminho da praia para a floresta. Ela caminhou para o interior, com o cuidado de ficar na trilha. A ilha estava cheia de perigos, tanto os naturais quanto os mágicos. Os ursos farfalhavam na vegetação rasteira. Espíritos incandescentes brancos, vagamente humanos, deslizavam por entre as árvores. Hazel não sabia o que eram, mas sabia que eles estavam olhando para ela, esperando que ela se perdesse em suas garras.

No centro da ilha, dois enormes pedregulhos negros formaram a entrada de um túnel. Hazel entrou na caverna que ela chamava de o Coração da

Terra.

Era o único lugar realmente quente que Hazel tinha encontrado desde que se mudou para o Alasca. O ar cheirava a terra recém-molhada. O calor, úmido e doce fez Hazel se sentir sonolenta, mas ela lutou para ficar acordada. Imaginava que, se dormisse aqui, seu corpo se afundaria na terra do chão e ficaria coberto de folhas.

A gruta era tão grande como um santuário de uma Igreja, como a catedral de Saint Louis em sua antiga casa na Jackson Square. As paredes brilhavam com musgos luminescentes — verdes, vermelhos e roxos. A câmara toda zumbia com energia, ecoando um *boom, boom, boom*, que lembrava a Hazel batidas de coração. Talvez fossem apenas ondas do mar golpeando a ilha, mas Hazel não pensava assim. Este lugar estava vivo. A terra estava dormindo, mas pulsava com o poder. Seus sonhos eram tão mal-intencionados, tão intermitentes, que Hazel sentiu que estava perdendo a noção da realidade.

Gaia queria consumir a sua identidade, assim como tinha dominado a mãe de Hazel. Ela queria consumir todo ser humano, deus e semideuses que se atrevesse a andar pela sua superfície.

Vocês todos me pertencem, murmurou Gaia como uma canção de ninar. *Rendam-se. Voltem para a terra.*

Não, pensou Hazel. *Eu sou Hazel Levesque. Você não pode me possuir.*

Marie Levesque estava sobre o poço. Em seis meses, seu cabelo tinha se tornado cinza como palha de aço. Ela tinha perdido peso. Suas mãos estavam nodosas pelo trabalho duro. Ela usava botas de neve impermeáveis e uma camisa branca manchada do restaurante. Ela nunca teria sido confundida com uma rainha.

— É tarde demais. — A voz frágil de sua mãe ecoou pela caverna.

Hazel percebeu com um choque que era a voz *dela* — não de Gaia.

— Mãe?

Marie se virou. Seus olhos estavam abertos. Ela estava acordada e consciente. O que deveria ter deixado Hazel aliviada, a deixou nervosa. A Voz nunca renunciou ao controle enquanto elas estavam na ilha.

— O que eu fiz? — sua mãe perguntou desesperadamente. — Ah, Hazel, o que eu te fiz?

Ela olhou com horror para a coisa no poço.

Durante meses elas estavam vindo para cá, quatro ou cinco noites por semana assim como a Voz pedia. Hazel tinha chorado, entrou em colapso com a exaustão, implorou, tinha se dado ao desespero. Mas a voz que controlava sua mãe exortou-a implacavelmente. *Traga objetos de valor da terra. Use seus poderes, criança. Traga meu bem mais precioso para mim.*

No começo, seus esforços trouxeram apenas desprezo. A fissura na terra tinha sido preenchida com ouro e pedras preciosas, borbulhando em uma sopa espessa de petróleo. Parecia que o tesouro de um dragão tinha sido despejado em um poço de piche. Então, lentamente, um cone de pedra começou a crescer como um bulbo enorme de uma tulipa. Ele surgiu de forma gradual, noite após noite, Hazel teve problemas para calcular o seu progresso. Muitas vezes se concentrava toda a noite na elevação, até que sua mente e alma ficavam esgotadas, mas ela não notava qualquer diferença. No entanto, o cone *cresceu*. Hazel agora podia ver o quanto ela tinha feito. A coisa tinha dois andares de altura, um redemoinho de gavinhas rochosas saliente como uma ponta de lança do pântano de óleos. No interior, algo brilhava com o calor. Hazel não podia vê-lo claramente, mas sabia o que estava acontecendo. Um corpo estava se formando com a prata e o ouro, o petróleo era como sangue e o diamante puro, o coração. Hazel estava ressuscitando o filho de Gaia. Ele estava quase pronto para despertar.

A mãe dela caiu de joelhos e começou a chorar.

— Sinto muito, Hazel. Sinto muito.

Ela parecia desesperada e sozinha, terrivelmente triste. Hazel deveria ter ficado furiosa. *Desculpe?* Ela vivia com medo de sua mãe há anos. Tinha sido repreendida e culpada por causa da vida desafortunada de sua mãe. Havia sido tratada como uma aberração, arrastada de sua casa em Nova Orleans para este deserto gélido e trabalhado como uma escrava para uma deusa impiedosa do mal. Um simples *desculpe* não suprimia isso. Ela deveria ter desprezado sua mãe.

Mas não conseguia fazer a si mesma ficar com raiva.

Hazel se ajoelhou e colocou o braço em torno de sua mãe. Não havia quase nada sobrando dela — só pele e ossos e roupas de trabalho manchadas. Mesmo na caverna quente, ela estava tremendo.

— O que podemos fazer? — disse Hazel. — Diga-me como impedir.

Sua mãe balançou a cabeça.

— Ela me deixou ir. Ela sabe que é tarde demais. Não há nada que possamos fazer.

— Ela... A Voz?

Hazel receava lhe dar esperanças, mas se sua mãe estava realmente livre, então nada mais importava. Elas poderiam sair daqui. Elas poderiam fugir, de volta para Nova Orleans.

— Ela se foi?

Sua mãe olhou assustada ao redor da caverna.

— Não, ela está aqui. Há apenas mais uma coisa que ela precisa de mim. Para isso, ela precisa do meu livre-arbítrio.

Hazel não gostou de como isso soava.

— Vamos sair daqui — insistiu ela. — Essa coisa na pedra... Vai eclodir.

— Em breve — concordou a mãe.

Ela olhou para Hazel tão ternamente... Hazel não conseguia se lembrar da última vez que tinha visto esse tipo de afeto nos olhos de sua mãe. Sentiu um soluço em seu peito.

— Plutão me avisou — disse sua mãe. — Ele disse que o meu desejo era muito perigoso.

— O seu... seu desejo?

— De ter toda a riqueza debaixo da terra — disse ela. — Ele controlava isso. Eu queria. Estava tão cansada de ser pobre, Hazel. Tão cansada. Primeiro eu o convoquei... Só para saber se poderia. Nunca pensei que um velho feitiço indígena iria funcionar com um deus. Mas ele cortejou-me, me disse que eu era corajosa e bonita...

Ela olhou para suas mãos calejadas.

— Quando você nasceu ele ficou tão satisfeito e orgulhoso. Prometeu que me daria qualquer coisa. Ele jurou pelo Rio Estige. Pedi todas as riquezas que ele tinha. Ele me avisou que quanto mais grandiosos fossem os desejos, causariam os maiores sofrimentos. Mas insisti. Imaginava viver como uma rainha, a esposa de um deus! E você... Você foi amaldiçoada.

Hazel se sentiu como se estivesse quase a ponto de explodir, tal como o cone no poço. Sua infelicidade logo se tornaria grande demais para conter, e sua pele iria se partir.

— É por isso que posso encontrar coisas que estão debaixo da terra?

— E por que elas te trazem apenas tristeza. — Sua mãe fez um gesto com indiferença em torno da caverna. — Foi assim que ela me achou, e por isso foi capaz de me controlar. Eu estava com raiva de seu pai. Eu o culpava por meus problemas. Eu culpei você. Estava tão amarga, ouvi a voz de Gaia. Fui uma tola.

— Tem que ter algo que possamos fazer — disse Hazel. — Diga-me como pará-la.

O chão tremeu. A voz desencarnada de Gaia ecoou pela caverna.

Meu filho mais velho ascende, disse ela, a coisa mais preciosa na terra... e você o trouxe das profundezas, Hazel Levesque. Você fez-lhe um novo ser. Seu despertar não pode ser interrompido. Só uma coisa permanece.

Hazel cerrou os punhos. Ela estava apavorada, mas agora que sua mãe estava livre, sentiu como se pudesse enfrentar seu inimigo afinal. Esta criatura, esta deusa do mal, havia arruinado suas vidas. Hazel não ia deixá-la vencer.

— Eu não vou mais te ajudar! — gritou ela.

Mas eu terminei com a sua ajuda, menina. Eu a trouxe aqui por uma única razão. Sua mãe exigiu... como um incentivo.

A garganta de Hazel estava apertada.

— Mãe?

— Sinto muito, Hazel. Se você puder me perdoar, por favor... saiba que foi só porque eu te amo. Ela prometeu deixá-la viver se...

— Se *você* se sacrificar — disse Hazel, percebendo a verdade. — Ela precisa de você para dar a sua vida de bom grado para erguer aquela... Aquela coisa.

Alcioneu, Gaia disse, o mais velho dos gigantes. Ele deve subir primeiro, e esta será sua nova pátria, longe dos deuses. Ele vai andar por estas montanhas e florestas geladas. Vai erguer um exército de monstros. Enquanto os deuses estão divididos, lutando uns contra os outros nesta Guerra Mundial mortal, ele enviará os seus exércitos para destruir o Olimpo.

Os sonhos da deusa da Terra eram tão poderosos, que eles se projetaram em sombras nas paredes da caverna — medonhas imagens de deslocamento de exércitos nazistas em fúria por toda a Europa, aviões japoneses destruindo cidades americanas. Hazel finalmente compreendeu. Os deuses do Olimpo tomariam partido na batalha como sempre fizeram em guerras

humanas. Enquanto os deuses lutavam entre si em um impasse sangrento, um exército de monstros se levantaria no Norte. Alcioneu reviveria seus irmãos gigantes e iria enviá-los para conquistar o mundo. Os deuses enfraquecidos cairiam. O conflito mortal seria raivoso por décadas até que toda a civilização fosse varrida, e a deusa da terra despertasse totalmente. Gaia governaria para sempre.

Tudo isto, a deusa sussurrou, porque sua mãe era gananciosa e amaldiçoou-a com o dom de encontrar riquezas. No meu estado de sono, eu precisaria de mais décadas, talvez séculos, antes que encontrasse o poder de ressuscitar Alcioneu sozinho. Mas agora ele vai acordar, e logo, eu serei a próxima!

Com uma certeza terrível, Hazel soube o que iria acontecer a seguir. A única coisa que Gaia precisava era de um sacrifício — uma alma disposta a ser consumida para Alcioneu despertar. Sua mãe iria entrar na fissura e tocar no horrível cone — e ela seria absorvida.

— Hazel, vá. — A mãe dela se levantou cambaleando. — Ela vai deixá-la viver, mas você deve se apressar.

Hazel acreditava. Essa era a coisa mais horrível. Gaia honraria o negócio e deixaria Hazel viva. Hazel sobreviveria para ver o fim do mundo, sabendo que ela o causou.

— Não. — Hazel tomou sua decisão. — Eu não vou viver. Não por isso.

Ela alcançou as profundezas de sua alma. Chamou seu pai, o Senhor do Mundo Inferior, e convocou todas as riquezas que dormiam em seu vasto reino. A caverna tremeu.

Ao redor da torre de Alcioneu, bolhas de óleo, então se agitaram e explodiram como um caldeirão fervente.

Não seja tola, Gaia disse, mas Hazel detectou preocupação no seu tom de voz, talvez até mesmo medo. Você vai destruir a si mesma por nada! Sua mãe ainda vai morrer!

Hazel quase vacilou. Lembrou-se da promessa de seu pai: um dia a sua maldição seria removida, um descendente de Netuno traria a sua paz. Ele mesmo disse que ela poderia encontrar um cavalo por conta própria. Talvez esse garanhão estranho nas montanhas fosse para ela. Mas nada disso aconteceria se ela morresse agora. Ela nunca iria ver Sammy novamente, ou retornar a Nova Orleans. Sua vida seria de treze curtos anos, anos amargos com um final infeliz.

Ela encontrou os olhos de sua mãe. Pela primeira vez, sua mãe não parecia triste ou com raiva. Seus olhos brilhavam com orgulho.

— Você foi meu presente Hazel — disse ela. — Meu presente mais precioso. Eu fui tola em pensar que precisava de mais alguma coisa.

Ela beijou a testa de Hazel e abraçou-a. Seu calor deu a Hazel a coragem para continuar. Elas morreriam, mas não como sacrifícios para Gaia. Hazel instintivamente sabia que seu ato final rejeitaria o poder de Gaia. Suas almas iriam para o Mundo Inferior, e Alcioneu não se ergueria, pelo menos não ainda.

Hazel convocou o último de seus poderes. O ar tornou-se muito quente. O cone começou a afundar. Joias e pedaços de ouro dispararam da fissura com tal força, que as paredes da caverna racharam e estilhaços voaram, a pele de Hazel foi atingida através da jaqueta.

Pare com isso! exigia Gaia. *Você não pode impedir sua ascensão. Na melhor das hipóteses, você vai atrasá-lo... algumas décadas. Meio século. Vocês trocariam suas vidas por isso?*

Hazel deu-lhe uma resposta.

A última noite, o corvo tinha dito.

A fissura explodiu. O telhado ruiu. Hazel afundou nos braços de sua mãe, na escuridão, enquanto o óleo enchia os seus pulmões e a ilha entrou em colapso na baía.

XVIII

HAZEL

— **HAZEL!** — **FRANK AGITOU SEUS BRAÇOS**, parecendo em pânico. —
Vamos lá, por favor! Acorde!

Ela abriu os olhos. O céu noturno brilhou com as estrelas. O balanço do barco tinha ido embora. Ela encontrava-se deitada em terra firme, sua espada e bolsa colocadas ao seu lado.

Ela sentou-se, tonta, a cabeça girando. Estavam em um penhasco com vista para uma praia. Cerca de cem metros de distância, o oceano brilhava ao luar. A rebentação banhava suavemente a popa do barco encalhado. À sua direita, abraçando a beira do precipício, havia uma igreja com uma luz de busca no campanário. Um farol, supôs Hazel. Atrás deles, campos de grama alta farfalhavam ao vento.

— Onde estamos? — perguntou ela.

Frank expirou.

— Graças aos deuses você está acordada! Nós estamos em Mendocino, cerca de duzentos e oitenta quilômetros ao norte da Golden Gate.

— Duzentos e oitenta quilômetros? — Gemeu Hazel. — Fiquei fora por *quanto* tempo?

Percy ajoelhou-se ao lado dela, o vento do mar varrendo seu cabelo. Ele colocou a mão em sua testa, como se conferindo se havia uma febre.

— Não pudemos acordá-la. Decidimos então trazê-la em terra firme. Nós pensamos que talvez o enjoo...

— Não foi nenhum enjoo. — Ela respirou fundo. Não podia mais esconder a verdade deles. Ela se lembrou do que Nico tinha dito: *Se um flashback assim acontecer enquanto você estiver em combate...*

— Eu... Eu não fui honesta com vocês — disse ela. — O que aconteceu foi um desmaio. Eu os tenho de vez em quando.

— Um desmaio? — Frank pegou a mão de Hazel, ela se assustou... embora tenha sido agradável. — É um problema médico? Por que eu não notei isso antes?

— Eu tento escondê-lo — admitiu ela. — Tive sorte até agora, mas está ficando pior. Não é problema médico... não realmente. Nico disse que é um efeito colateral do meu passado. De onde ele me encontrou.

Os olhos verdes intensos de Percy eram difíceis de ler. Ela não saberia dizer se ele estava preocupado ou cauteloso.

— Onde exatamente Nico te encontrou? — perguntou Percy.

A língua de Hazel parecia uma lixa. Estava com medo de que se começasse a falar, mergulharia de novo no passado, mas eles mereciam saber. Se ela falhasse nessa missão, perdesse a consciência quando mais precisassem dela... ela não poderia suportar essa ideia.

— Eu explicarei — prometeu Hazel. Ela tateou através de sua bolsa. Tinha estupidamente esquecido de trazer uma garrafa de água. — Há... há

qualquer coisa para eu beber?

— Sim. — Percy murmurou uma maldição em grego. — Isso foi idiota. Deixei meus suprimentos lá em baixo no barco.

Hazel se sentiu mal, ao pedir para que eles cuidassem dela, mas tinha acordado com muita sede e exausta, como se tivesse vivido as últimas horas tanto no passado como no presente. Ela colocou nos ombros sua mochila e espada.

— Não se preocupem. Eu posso andar...

— Nem pense nisso — disse Frank. — Não até que você tenha um pouco de comida e água. Eu pegarei os suprimentos.

— Não, eu irei. — Percy olhou de relance para mãos de Frank nas de Hazel. Então examinou o horizonte, como se sentisse que havia algum problema, mas não havia nada para ver — apenas o farol e o campo de grama que se estendia para o interior. — Vocês dois podem ficar aqui. Volto daqui a pouco.

— Você tem certeza? — disse Hazel fracamente. — Eu não quero que você...

— Está tudo bem. — disse Percy. — Frank, apenas mantenha seus olhos bem abertos. Há algo sobre esse lugar... eu não sei.

— Vou mantê-la em segurança — prometeu Frank.

Percy saiu apressado.

Uma vez que estavam sozinhos, Frank pareceu perceber que ainda estava segurando a mão de Hazel. Ele limpou a garganta e soltou-a.

— Eu, hã... Acho que entendo seus desmaios — disse ele. — E de onde você vem.

O coração dela acelerou.

— Você entende?

— Você parece tão diferente das outras meninas que conheci. — Ele piscou e então se apressou em dizer. — Não como... diferente para ruim. Apenas a maneira que você fala. As coisas que me surpreendem em você — como as músicas, ou programas de TV ou seu modo de falar. Você fala de sua vida como se ela tivesse acontecido há muito tempo atrás. Você nasceu em um tempo diferente, não é? Você veio do Mundo Inferior.

Hazel queria chorar. Não por que ela estava triste. Mas por que era um alívio para ela ouvir alguém dizer a verdade. Frank não agiu revoltado ou com medo. Ele não olhou para ela como se fosse um fantasma ou um zumbi morto-vivo terrível.

— Frank, eu...

— Nós entenderemos isso — prometeu ele. — O que importa é que você está viva agora. E nós a manteremos dessa maneira.

A grama atrás deles farfalhava. Os olhos de Hazel piscaram no vento frio.

— Eu não mereço um amigo como você — disse ela. — Você não sabe o que sou... o que eu fiz.

— Pare com isso! — disse Frank carrancudo. — Você é formidável! Além disso, você não é a única que possui segredos.

Hazel olhou fixamente para ele.

— Eu não sou?

Frank começou a dizer algo. Então enrijeceu.

— O que foi? — Perguntou Hazel.

— O vento parou.

Ela olhou ao seu redor e notou que ele estava certo. O ar tornou-se perfeitamente imóvel.

— E...? — perguntou ela.

Frank engoliu em seco.

— Então por que a grama ainda continua em movimento?

Pelo canto do olho, Hazel viu formas escuras ondularem através do campo.

— Hazel! — Frank tentou agarrar os braços dela, mas já era tarde demais.

Algo bateu nele por trás. Então uma força como um furacão de grama a envolveu, arrastando-a para dentro dos campos.

XIX

HAZEL

HAZEL ERA ESPECIALISTA EM *ESQUISITICES*. Ela viu sua mãe possuída pela deusa da terra. Ela tinha criado um gigante de ouro. Destruiu uma ilha, morreu e voltou do Mundo Inferior.

Mas ser sequestrada por um campo de grama? Isso era novidade.

Ela se sentiu presa como em um funil tempestuoso de plantas. Tinha ouvido que cantores modernos se jogavam em um mar de fãs e passavam por cima de milhares de mãos. Ela imaginou que isso era similar – apenas estava se movendo mil vezes mais rápido, e as lâminas de grama não eram fãs apaixonados.

Ela não podia se sentar. Não podia tocar o chão. Sua espada ainda estava no seu saco de dormir, amarrado em suas costas, mas Hazel não conseguia alcançá-la. As plantas mantinham-na sem equilíbrio, atirando-a para todo o lado, cortando seu rosto e seus braços. Ela nem podia olhar as estrelas através do turbilhão verde, amarelo e preto.

Os gritos de Frank desapareceram na distância.

Era difícil pensar com clareza, mas Hazel sabia de uma coisa: estava se movendo rápido. Independente de onde fosse levada, em breve estaria muito longe para que seus amigos a encontrassem.

Fechou os olhos e tentou ignorar os balanços e arremessos. Enviou seus pensamentos para a terra abaixo. Ouro, prata – se concentrou em qualquer coisa que pudesse atrapalhar seus sequestradores.

Não conseguiu sentir nada. Riquezas abaixo da terra – zero.

Estava prestes a se desesperar quando sentiu uma grande massa fria passar por baixo dela. Trancou nela com todas as suas forças, lançou uma âncora mental. De repente, a terra tremeu. O redemoinho de plantas a libertou e ela foi lançada para cima como um projétil de catapulta.

Momentaneamente sem peso, ela abriu os olhos. Virou seu corpo no ar e viu o chão a cerca de seis metros de distância. Então ela estava caindo. Com isso lembrou-se do seu treinamento de combate. Ela já havia praticado saltos de águias gigantes antes. Quando atingiu o chão, rolou, deu uma cambalhota e ficou em pé.

Desamarrou seu saco de dormir e sacou sua espada. Alguns metros a sua esquerda um afloramento de rochas se projetava do mar de grama. Hazel percebeu que era a sua âncora. Ela quem tinha *feito* aquela rocha aparecer.

A grama se mexeu ao redor dela. Vozes zangadas sibilaram contra a rocha maciça que havia interrompido seu avanço. Antes que pudessem se reagrupar, Hazel correu para a rocha e escalou até o topo.

A grama balançava e sussurrava ao seu redor como os tentáculos de uma gigantesca anêmona do mar. Hazel podia sentir a frustração de seus sequestradores.

— Não podem crescer nisso aqui, podem? — gritou ela. — Vão embora, bando de ervas daninhas! Deixem-me em paz!

— Xisto — disse uma voz irritada da grama.

Hazel levantou uma sobrancelha.

— Como é?

— Xisto! Uma grande pilha de xisto!

Uma freira na Academia Santa Agnes tinha lavado a boca de Hazel com sabão uma vez por dizer algo parecido, ela não sabia muito bem como responder àquilo. Então todos os sequestradores que estavam ao redor de sua ilha de pedra começaram a se materializar da grama. À primeira vista todos pareciam querubins, uma dúzia de cupidos bebê gordinhos. Então, ao caminharem para mais perto, Hazel percebeu que não eram nem bonitos nem angelicais.

Eles eram do tamanho de crianças, como bebês gordos, mas suas peles tinham uma estranha coloração esverdeada, como se clorofila corresse por suas veias. Tinham asas secas e frágeis como palha de milho e um cabelo branco como seda. Seus rostos eram cobertos com grãos de cereais, seus olhos eram de um verde sólido e seus dentes saiam de suas bocas como caninos.

A maior criatura se aproximou. Ele usava uma tanga amarela e seu cabelo estava espetado como as cerdas de um talo de trigo. Ele sibilou para Hazel e pulou para trás muito rapidamente, ela ficou com medo de que a tanga dele pudesse cair.

— Odeio este xisto! — A criatura se queixou. — O trigo não consegue crescer nele.

— O sorgo não pode crescer! — Outra começou a falar.

— Cevada! — Gritou uma terceira. — Cevada não pode crescer! Amaldiçoo este xisto!

Os joelhos de Hazel tremeram. As pequenas criaturas até pareceriam engraçadas se não a tivessem cercado e a encarando com os famintos olhos

verdes e com dentes pontudos. Eles eram como cupidos-piranha.

— V-vocês querem dizer a rocha? — Ela conseguiu falar. — Esta rocha é chamada de xisto?

— Sim! Xisto! — gritou a primeira criatura. — Pedra desagradável!

Hazel começou a entender como ela convocou a rocha.

— É uma pedra preciosa. É valiosa?

— Bah! — disse o primeiro em uma tanga amarela. — Os nativos fazem joias com essa pedra, sim. Valiosa? Talvez. Não tão boa quanto o trigo!

— Ou sorgo!

— Ou cevada!

Os outros fizeram um coro, dizendo os diferentes tipos de grãos. Eles circundaram a pedra, não fazendo nenhum esforço para escalá-la, pelo menos ainda não. Se decidissem escalar a rocha, ela não iria conseguir se defender de todos.

— Vocês são servos de Gaia — disse ela apenas para mantê-los falando. Talvez Percy e Frank não estivessem tão longe. Talvez eles pudessem vê-la, em pé tão alto sobre o campo. Ela queria que sua espada brilhasse como a de Percy.

O cupido de tanga amarela rosnou:

— Nós somos os *karpoi*, espíritos do grão. Filhos da Mãe Terra, sim! Nós temos sido seus assistentes desde sempre. Antes que os humanos nojentos tivessem nos cultivado nós éramos selvagens. E seremos novamente! O trigo irá destruir tudo!

— Não, o sorgo irá mandar!

— Cevada deverá dominar!

Os outros se juntaram aos gritos, cada *karpas* falando por seu próprio grão.

— Certo. — Hazel engoliu sua repulsa. — Então você é o Trigo... você que está de, hã... calção amarelo.

— HmMMM — disse Trigo. — Desça do seu xisto, semideusa. Nós devemos te carregar até o exército de nossa amada. Eles irão nos recompensar! Irão matá-la lentamente.

— Tentador — disse Hazel. — Mas não, obrigada.

— Eu irei lhe dar trigo! — Disse Trigo, como se essa fosse uma oferta muito valiosa em troca de sua vida. — Muito trigo!

Hazel tentou pensar. O quão longe ela foi carregada? Quanto tempo seus amigos iriam demorar para encontrá-la? Os *karpoi* estavam ficando mais ousados a cada minuto, aproximando-se da rocha em duplas ou trios, arranhando o xisto para ver se isto os machucava.

— Antes que eu desça... — ela ergueu sua voz, esperando que ela atravessasse o campo. — Poderia me explicar uma coisa? Se vocês são os espíritos dos grãos, não deveriam estar do lado dos deuses? A deusa da agricultura não é Ceres...

— Nome ruim! — Gemeu Cevada.

— Nos cultivou! — Sorgo cuspiu. — Nos fez crescer em linhas nojentas. Deixou que os humanos nos colhessem. Besteira! Quando Gaia for a dama do mundo mais uma vez, nós iremos crescer selvagens, sim!

— Bom, naturalmente — disse Hazel. — Então esse exército dela, é para onde vocês irão me levar em troca de trigo...

— Ou cevada — o *karpoi* da cevada ofereceu.

— Isso — concordou Hazel. — Esse exército está aonde, neste momento?

— Justamente sobre o cume! — Sorgo bateu suas mãos animado. — A Mãe Terra, ah, sim! Ela nos disse: “*Procure pela filha de Plutão que voltou à vida. Encontre-a e traga-a viva! Eu tenho muitas torturas planejadas para ela.*”

O gigante Polibotes irá nos recompensar por sua vida! Então, iremos marchar para o sul para destruir os romanos. Nós não podemos ser mortos, mas você pode, sim.

— Que incrível. — Hazel tentou soar entusiasmada. Isso não foi tão fácil, sabendo que Gaia tinha torturas planejadas para ela. — Então você... você não pode ser morto porque Alcioneu capturou a morte, é isso?

— Exatamente! — Disse Cevada.

— E ele está mantendo-o preso no Alasca — disse Hazel. — Bem... vamos ver, qual o nome deste lugar?

Sorgo estava quase respondendo, mas Trigo voou até ele e o derrubou. Os *karpoi* começaram a lutar, se dissolvendo em nuvens de cereais. Hazel considerou começar a correr. Então Trigo se formou novamente segurando Sorgo com uma chave de pescoço.

— Parem! — ele gritou para os outros. — Cereais lutando não é permitido!

Os *karpoi* se solidificaram em gordos cupidos piranha mais uma vez.

Trigo empurrou Sorgo para o lado.

— Ah, semideusa inteligente — disse ele. — Tentando nos enganar para lhe revelar segredos. Você nunca encontrará o covil de Alcioneu.

— Eu já sei onde ele está — ela disse com uma falsa confiança. — Ele está na ilha da Baía da Ressurreição.

— Há! — zombou Trigo. — Esse lugar afundou sob as ondas há muito tempo. Você deve saber disso. Gaia odeia você por isso. Quando você frustrou seus planos ela foi forçada a dormir novamente. Décadas e décadas! Alcioneu não foi capaz de se reerguer até os tempos sombrios.

— Os anos oitenta — concordou Cevada. — Horrível! Horrível!

— Sim — disse Trigo. — E nossa mestra *continua* dormindo. Alcioneu foi forçado a esperar pelo momento certo, no Norte, planejando. Somente

agora que Gaia começou a se agitar. Mas ela ainda lembra de você, assim como seu filho!

Sorgo gargalhou com alegria.

— Você nunca irá encontrar a prisão de Thanatos. Todo o Alasca é a casa do gigante. Ele poderia estar mantendo a Morte em qualquer lugar. Você levaria anos para encontrá-la, e o seu pobre acampamento só têm dias. É melhor você se render. Nós lhe daremos grãos. Muitos grãos.

Hazel sentiu a espada ficar pesada. Ela temia retornar ao Alasca, mas pelo menos tinha uma ideia de onde poderia começar a procurar por Thanatos. Assumiu que a ilha onde ela havia morrido não tinha sido destruída completamente ou possivelmente voltou à superfície novamente quando Alcioneu acordou, esperava que sua base estivesse lá. Mas se a ilha tivesse realmente ido embora, ela não tinha ideia de onde começar a procurar pelo gigante. O Alasca era enorme. Eles poderiam procurar por décadas e nunca encontrá-lo.

— Sim! — Trigo disse, sentindo sua angústia. — Desista.

Hazel agarrou sua *espata*.

— Nunca! — Ela ergueu sua voz novamente, esperançosa de que de alguma maneira a voz chegaria a seus amigos. — Se eu tiver que destruir vocês todos, eu irei. Eu sou a filha de Plutão!

Os *karpoi* avançaram. Agarraram-se na rocha, e rosnaram como se ela estivesse escaldante, mesmo assim começaram a subir.

— Agora você irá morrer — prometeu Trigo, rangendo os dentes. — Você irá sentir a ira dos Grãos!

De repente, houve um som sibilante. Trigo repentinamente congelou. Olhou para baixo, para a flecha dourada que havia perfurado seu peito. Então ele dissolveu em pedaços.

HAZEL

POR UMA BATIDA DO CORAÇÃO, Hazel ficou tão atordoada quanto os *karpoi*. Então Frank e Percy surgiram no campo aberto e começaram a massacrar cada fonte de fibra que puderam encontrar. Frank atirou uma flecha que atravessou Cevada que se despedaçou em sementes. Percy cortou Sorgo e investiu em direção a Milhete e Aveia. Hazel pulou para baixo e se juntou à luta.

Em minutos, os *karpoi* foram reduzidos a montanhas de sementes e cereais para o café da manhã. Trigo começou a se reformar, mas Percy puxou um isqueiro da sua mochila e acendeu uma chama.

— Tente — ele avisou — e eu incendeio todo este campo. Fique morto. Fique longe de nós, ou a grama queimará!

Frank estremeceu como se a chama o aterrorizasse. Hazel não entendeu porque, mas gritou para as pilhas de sementes mesmo assim:

— Ele vai fazer isso! Ele é maluco!

Os restos dos *karpoi* se espalharam ao vento. Frank escalou a pedra e os observou partirem.

Percy extinguiu a chama e sorriu para Hazel.

— Obrigado por gritar, não teríamos te encontrado de outra forma. Como os deteve por tanto tempo?

Ela apontou para a rocha.

— Uma grande pilha de xisto.

— Como?

— Pessoal — Frank chamou de cima da rocha. — Vocês precisam ver isso.

Percy e Hazel escalaram e se juntaram a ele. No momento em que Hazel viu o que ele estava olhando, ela inalou rapidamente.

— Percy, sem luz! Guarde a sua espada!

— Droga!

Ele tocou a ponta da espada, e Contracorrente voltou a ser uma caneta.

Embaixo deles, um exército estava em movimento. O campo caía em uma ribanceira rasa, onde uma estrada gasta ia de norte a sul. Do lado oposto da estrada, colinas verdes se estendiam ao horizonte, vazias de civilização, com exceção de uma loja de conveniência escurecida no topo mais próximo.

Toda a ravina estava cheia de monstros — fileira atrás de fileira marchando para o sul, tantos e tão perto. Hazel estava surpreendida que eles não a tivessem ouvido gritar.

Ela, Percy e Frank se encolheram atrás da rocha. Assistiram desacreditados enquanto dúzias de humanoides grandes e cabeludos passavam, vestidos em pedaços rasgados de armadura e peles de animais. As criaturas tinham seis braços cada, três saindo de cada lado, de forma que pareciam homens das cavernas que evoluíram de insetos.

— *Gegenes* — sussurrou Hazel. — Os Nascidos da Terra.

— Você lutou com eles antes? — Perguntou Percy.

Ela negou com a cabeça.

— Só ouvi sobre eles nas aulas de monstros no acampamento — ela nunca gostou da aula de monstros, lendo Plínio, o Velho e todos os outros autores mofados descrevendo monstros lendários dos arredores do Império Romano. Hazel acreditava em monstros, mas algumas descrições eram tão selvagens que ela pensou que seriam somente rumores ridículos.

Só que agora, todo um exército daqueles rumores ridículos estava marchando ao seu lado.

— Os Nascidos da Terra enfrentaram os Argonautas — murmurou ela. — E aquelas coisas atrás deles...

— Centauros — disse Percy. — Mas isso não está certo... Centauros são caras *bons*.

Frank fez um barulho sufocado.

— Isso não é o que *nos* foi ensinado no acampamento. Centauros são loucos, sempre ficam bêbados e matam heróis.

Hazel via enquanto os homens-cavalo passavam galopando. Eles eram homens da cintura pra cima, cavalos da cintura pra baixo. Estavam vestidos com uma armadura bárbara de pele e bronze, armados com lanças e estilingues. A princípio, Hazel pensou que eles estavam usando capacetes Vikings. Então percebeu que eles tinham verdadeiros chifres saindo dos seus cabelos desgrenhados.

— Era esperado que eles tivessem chifres de touro? — perguntou ela.

— Talvez eles sejam de uma espécie especial, — disse Frank. — Não vamos perguntar a eles, certo?

Percy contemplou mais ao longe na estrada e sua face ficou frouxa.

— Meus deuses... Ciclopes.

Certamente, andando pesadamente atrás dos centauros havia um batalhão de ogros de um só olho, ambos machos e fêmeas com cerca de três metros, vestindo armaduras feitas com metais de ferro-velho. Seis dos monstros estavam atrelados como bois, puxando uma torre de assalto de dois andares com uma balista escorpião gigante.

Percy pressionou os lados de sua cabeça.

— Ciclopes. Centauros. Isto está errado. Tudo errado.

O exército de monstros era o suficiente para fazer qualquer um se desesperar, mas Hazel percebeu que algo a mais estava acontecendo com Percy. Ele parecia pálido e doente sob a luz da lua, como se as suas memórias estivessem tentando voltar, embaralhando a sua mente no processo.

Ela olhou para Frank.

— Temos que levá-lo de volta ao barco. O mar vai fazer com que se sinta melhor.

— Sem chance — disse Frank. — Têm muitos deles. O acampamento... Temos que avisar o acampamento.

— Eles sabem — grunhiu Percy. — Reyna sabe.

Um nó se formou na garganta de Hazel. Não havia forma de a legião enfrentar tantos. Se eles só estavam há algumas centenas de quilômetros ao norte do Acampamento Júpiter, então a missão já estava condenada. Eles nunca chegariam ao Alasca a tempo.

— Venha — pediu ela. — Vamos...

Então ela viu o gigante.

Quando ele apareceu sobre o cume, Hazel não podia acreditar em seus olhos. Ele era mais alto que a torre de assalto – nove metros, no mínimo – com pernas escamosas de réptil, como um Dragão de Komodo da cintura pra baixo e uma armadura verde azulada da cintura pra cima. Seu peitoral

tinha a forma de fileiras de monstros famintos, suas bocas abertas pareciam pedir comida. Seu rosto era humano, mas seu cabelo era verde e selvagem, como um esfregão de algas. Enquanto girava a sua cabeça de um lado ao outro, cobras caíam da sua cabeça. Caspa de víboras – nojento.

Ele estava armado com um tridente imenso e uma rede pesada.

Somente a visão daquelas armas fez o estômago de Hazel encolher. Ela enfrentou aquele tipo de lutador muitas vezes no treinamento de gladiadores. Era o mais complicado, esguio e o pior combate que conhecia. Este gigante era um reciário extragrande.

— Quem é ele? — A voz de Frank tremeu. — Esse não é...

— Não é Alcioneu — disse Hazel fracamente. — Um dos seus irmãos, eu acho. Aquele que Término mencionou. Os espíritos dos grãos também o mencionaram. Esse é Polibotes.

Ela não estava certa de como sabia, mas podia sentir a aura de poder do gigante mesmo dali. Se lembrava desse sentimento por causa do Coração da Terra enquanto erguia Alcioneu – como se estivesse parada perto de um ímã gigante, e todo o ferro do seu corpo estivesse sendo atraído para ele. Esse gigante era outro filho de Gaia – uma criatura da terra tão má e poderosa, que tinha o seu próprio campo gravitacional.

Hazel sabia que eles tinham que ir embora. O seu esconderijo no topo da rocha estaria visível se uma criatura tão alta decidisse olhar na sua direção. Mas sentiu que algo importante estava para acontecer. Ela e os seus amigos rastejaram um pouco mais para baixo no xisto e continuaram assistindo.

Assim que o gigante se aproximou, uma mulher ciclope quebrou a formação e correu para o fundo para falar com ele. Ela era enorme, gorda e horrivelmente feia, vestindo um vestido de malha de corrente como um vestido havaiano – mas perto de um gigante ela parecia uma criança.

Ela apontou para a loja de conveniência fechada no topo da colina mais próxima e murmurou algo sobre comida. O gigante respondeu bruscamente, como se estivesse aborrecido. A ciclope fêmea latiu uma ordem para os da sua raça e três deles a acompanharam colina acima.

Quando estavam a meio caminho da loja, uma luz cegante transformou a noite em dia. Hazel ficou cega. Abaixo dela o exército inimigo se dissolveu em caos, monstros gritando de dor e raiva. Hazel apertou os olhos. Ela sentiu como se acabasse de sair de um teatro escuro para uma tarde de sol.

— Muito bonito! — gritaram os ciclopes. — Queimem nossos olhos!

A loja na colina estava envolta em um arco-íris, mais perto e brilhante que qualquer outro que Hazel já tinha visto. A luz estava ancorada na loja, apontando para o céu, banhando o campo em um estranho brilho caleidoscópico.

A mulher ciclope elevou a sua maçã e avançou para a loja. Assim que atingiu o arco-íris todo o seu corpo começou a fumer. Ela gemeu em agonia, e deixou sua maçã cair, recuando com bolhas multicolorias nos seus braços e rosto.

— Deusas horríveis! — ela berrou para a loja. — Nos deem aperitivos!

Os outros monstros enlouqueceram, avançando contra a loja de conveniência, depois correndo quando o arco-íris os queimava. Alguns jogaram pedras, lanças, espadas e ainda peças das suas armaduras, tudo queimou em chamas de cores bonitas.

Finalmente o líder gigante percebeu que suas tropas estavam jogando fora equipamentos perfeitamente bons.

— Parem! — rugiu ele.

Com alguma dificuldade, ele conseguiu gritar, puxar e surrar as suas tropas para submissão. Quando eles se calaram, ele se aproximou da loja com escudo-de-arco-íris e caminhou em volta da luz.

— Deusa! — gritou ele. — Saia e renda-se!

Nenhuma resposta da loja. O arco-íris continuou com a luz trêmula.

O gigante elevou o seu tridente e rede.

— Eu sou Polibotes! Ajoelhe-se perante mim e assim poderei destruí-lo rapidamente!

Aparentemente, ninguém na loja estava impressionado. Um pequeno objeto escuro saiu navegando pela janela e pousou aos pés do gigante. Polibotes gritou:

— Granada!

Ele cobriu seu rosto. As suas tropas se jogaram ao chão.

Quando a coisa não explodiu, Polibotes se agachou e a agarrou cuidadosamente.

Ele rugiu em raiva.

— Um bolinho de chocolate? Você ousa me insultar com um bolinho de chocolate? — Ele atirou o bolo de volta para a loja e este evaporou na luz.

Os monstros ficaram de pé. Vários murmuraram:

— Bolinho de chocolate? Onde estão os bolinhos de chocolate?

— Vamos atacar — disse a mulher ciclope. — Estou com fome. Os meus garotos querem aperitivos!

— Não! — disse Polibotes. — Nós já estamos atrasados. Alcioneu nos quer no acampamento em quatro dias. Vocês ciclopes se movem indesculpavelmente devagar. Nós não temos tempo para deusas *menores*.

Ele mirou o seu último comentário à loja, mas não teve resposta.

A mulher ciclope grunhiu.

— O acampamento, sim. Vingança! Os laranjas e roxos destruíram a minha casa. Agora Ma Gasket vai destruir a deles! Vocês me escutaram, Leo? Jason? Piper? Eu venho para aniquilar vocês!

Os outros ciclopes berraram em aprovação. Os outros monstros se juntaram.

Todo o corpo de Hazel formigou. Ela olhou para os seus amigos.

— Jason — sussurrou ela. — Ela lutou com Jason. Ele pode ainda estar vivo.

Frank assentiu.

— Os outros nomes significam algo para você?

Hazel negou. Ela não conheceu nenhum Leo ou Piper no acampamento. Percy ainda parecia doente e atordoado. Se os nomes significavam alguma coisa para ele, ele não demonstrou.

Hazel pensou no que a ciclope havia dito: *Laranjas e roxos*. Roxo — obviamente a cor do Acampamento Júpiter. Mas laranja... Percy havia aparecido com uma camisa laranja destruída. Isso não poderia ser uma coincidência.

Abaixo deles, o exército voltou a marchar para sul, mas o gigante Polibotes se afastou para um lado, franzindo a testa e farejando o ar.

— Deus do mar — murmurou ele. Para o horror de Hazel ele se virou em sua direção. — Eu cheiro deus do mar.

Percy estava tremendo. Hazel colocou a mão no seu ombro e tentou pressioná-lo contra a rocha.

A mulher ciclope Ma Gasket rosnou.

— É claro que você cheira deus do mar! O mar está bem ali!

— Mais do que isso — insistiu Polibotes. — Eu nasci para destruir Netuno. Eu posso sentir... — Ele franziu a testa, girando a sua cabeça e balançando-a algumas vezes mais.

— Marchamos ou farejamos o ar? — repreendeu Ma Gasket. — Eu não ganho bolinho de chocolate, você não ganha deus do mar!

Polibotes grunhiu.

— Muito bem. Marchem! Marchem! — Ele olhou mais uma vez para a loja com o escudo de arco-íris, então passou seus dedos pelo seu cabelo. Ele tirou três cobras que pareciam maiores que as outras, com marcas brancas ao redor dos seus pescoços. — Um presente, deusa! O meu nome, Polibotes, significa “Muitos-para-Alimentar!” Aqui há algumas bocas para ti. Veja se a sua loja terá muitos clientes com essas guardas do lado de fora.

Ele riu perversamente e atirou as cobras na grama ao lado da colina.

Então marchou ao sul, suas pesadas pernas de Komodo balançando a terra. Gradativamente, a última fileira de monstros passou pelas colinas e desapareceu na noite.

Quando haviam ido embora, o arco-íris cegante se apagou como um holofote.

Hazel, Frank e Percy foram deixados sozinhos na noite olhando através da estrada para uma loja de conveniência fechada.

— Isso foi diferente — murmurou Frank.

Percy se estremeceu violentamente. Hazel sabia que ele precisava de ajuda, descanso ou alguma coisa. Ver aquele exército deve ter desencadeado algum tipo de memória, deixando-o em estado de choque. Eles deveriam levá-lo de volta ao barco.

Por outro lado, uma campina extensa se encontrava entre eles e a praia. Hazel tinha a sensação de que os *karpoi* não ficariam longe para sempre. Ela não gostava da ideia de eles três fazendo o seu caminho de volta ao barco no meio da noite. E ela não podia tirar a terrível sensação de que se não tivesse invocado o xisto, seria prisioneira de um gigante nessas horas.

— Vamos para a loja — disse ela. — Se há uma deusa lá dentro, talvez ela possa nos ajudar.

— Exceto que um monte de cobras está guardando a colina agora — disse Frank. — E aquele arco-íris abrasador pode voltar...

Ambos olharam para Percy que estava tremendo como se tivesse hipotermia.

— Temos que tentar — disse Hazel.

Frank assentiu sombriamente.

— Bem... qualquer deusa que atira um bolinho de chocolate em um gigante não pode ser tão ruim. Vamos.

FRANK

FRANK ODIAVA BOLINHOS DE CHOCOLATE. Ele odiava cobras. E odiava a sua vida. Não necessariamente nessa ordem.

Enquanto se arrastava colina acima, desejou que pudesse desmaiar como Hazel – só entrar em transe e experimentar algum outro tempo, como antes de ter sido arrastado para essa missão maluca, antes de descobrir que o seu pai era um sargento de instrução divino com um problema de ego.

Seu arco e lança batiam em suas costas. Ele odiava a lança, também. No momento em que a obteve, jurou silenciosamente nunca usá-la. *A arma de um homem de verdade* – Marte era um idiota.

Talvez tivesse sido uma confusão. Não havia algo como um teste de DNA para filhos de deuses? Talvez a enfermaria divina tivesse trocado acidentalmente Frank com um dos ilustres bebês valentões de Marte. Não tinha como a mãe de Frank ter se envolvido com aquele violento deus da guerra.

Ela era uma guerreira nata, argumentou a voz da sua Avó.

Não é de surpreender um deus se apaixonar por ela, dada a nossa família. Sangue antigo. O sangue de príncipes e heróis.

Frank tirou o pensamento de sua cabeça. Ele não era um príncipe ou herói. Era um desajeitado intolerante à lactose, que nem podia proteger sua amiga de ser sequestrada pelo trigo.

As suas novas medalhas pareciam frias contra o seu peito: a lua crescente do centurião, a Coroa Mural. Deveria estar orgulhoso delas, mas sentia que só as havia recebido porque seu pai havia intimidado Reyna.

Frank não podia entender como os seus amigos aguentavam estar ao seu redor. Percy havia deixado claro que odiava Marte, e Frank não podia culpá-lo. Hazel ficava olhando Frank pelo canto dos olhos, como se estivesse assustada de que ele fosse se transformar em uma aberração musculosa.

Frank olhou para o seu corpo e suspirou. Correção: uma aberração ainda *mais* musculosa. Se o Alasca fosse realmente uma terra além dos deuses, Frank talvez ficasse lá. Ele não tinha certeza se tinha algo pelo que voltar.

Não se lastime, diria a sua avó. Homens Zhang não ficam se lastimando.

Ela estava certa. Frank tinha um trabalho a fazer. Tinha que completar esta missão impossível, que no momento era chegar vivo à loja de conveniência.

Enquanto se aproximavam, Frank tinha medo de que a loja explodisse em luz de arco-íris e os vaporizasse, mas o prédio continuou escuro. As cobras que Polibotes havia deixado cair pareciam haver desaparecido.

Eles estavam a uns vinte metros da varanda quando algo sibilou atrás deles.

— Vão! — Gritou Frank.

Percy tropeçou. Enquanto Hazel o ajudava, Frank se virou e colocou uma flecha no arco.

Ele atirou às cegas. Achou que havia pego uma flecha explosiva, mas era só uma chama de sinalização. Ela derrapou pela grama, explodindo em uma chama laranja e assobiando: *WOO!*

Ao menos iluminou o monstro. Sentada em um pedaço de grama amarela embranquecida havia uma cobra verde-limão, tão curta e grossa quanto o braço de Frank. Sua cabeça estava envolta em uma juba de barbatanas brancas e pontudas. A criatura encarou a flecha passando como se estivesse pensando: *Que diabos é aquilo?*

Então ela fixou os seus grandes olhos amarelos em Frank. Avançou como uma lagarta, curvando-se no meio. Onde quer que tocasse, a grama esbranquiçava e morria.

Frank ouviu os seus amigos subindo os degraus da loja. Não se atreveu a virar e correr. Ele e a cobra se estudaram. A cobra sibilou, chamadas ondulando em sua boca.

— Bom réptil arrepiante — disse Frank, bem consciente da madeira no bolso do seu casaco. — Bom réptil venenoso e cuspidor de fogo.

— Frank! — Gritou Hazel atrás dele. — Vamos!

A cobra saltou nele. Ela se moveu tão rápido pelo ar que não houve tempo de preparar uma flecha. Frank balançou seu arco e derrubou o monstro colina abaixo. Ela girou fora de vista, lamentando:

Screeeee!

Frank se sentiu orgulhoso de si mesmo até que olhou para o arco, que estava fumegando onde a cobra havia tocado. Olhou desacreditado enquanto a madeira se desintegrava em poeira.

Ouviu um sibilo furioso, acompanhado de mais dois mais embaixo da colina.

Frank deixou cair seu arco desintegrando e correu para a varanda. Percy e Hazel o puxaram sobre os degraus. Quando Frank se virou, viu os três

monstros circulando na grama, cuspidando fogo e deixando a colina marrom sob o seu toque venenoso. Eles não aparentavam ser capazes ou ter vontade de se aproximar da loja, mas aquilo não era muito conforto para Frank. Ele havia perdido seu arco.

— Nunca sairemos daqui — disse miseravelmente.

— Então é melhor entrarmos. — Hazel apontou para o cartaz pintado à mão sobre a porta: ARCO-ÍRIS COMIDA ORGÂNICA & ESTILO DE VIDA.

Frank não fazia ideia do que aquilo significava, mas soava melhor do que cobras venenosas de fogo. Ele seguiu os seus amigos para dentro.

Assim que passaram pela porta, luzes se acenderam. Música de flauta começou como se estivessem caminhando para um palco. Os amplos corredores estavam alinhados com caixas de nozes e frutas secas, cestos de maçãs e prateleiras de roupa com camisas coloridas e vestidos transparentes à moda da Sininho. O teto estava coberto de carrilhões de vento. Ao longo das paredes, caixas de vidro exibiam bolas de cristal, pedras brilhantes, filtros de sonhos de macramé e um monte de outras coisas estranhas. Deveria haver incenso queimando em algum lugar. Cheirava como se um buquê de flores estivesse queimando.

— Loja de cartomante? — perguntou Frank.

— Espero que não — murmurou Hazel.

Percy inclinou-se sobre ela. Ele estava pior que nunca, como se tivesse sido atingido com uma gripe repentina. Seu rosto brilhava de suor.

— Sentar... — murmurou ele. — Talvez água.

— Sim — disse Frank. — Vamos achar um lugar para você descansar.

As tábuas de madeira rangeram sob seus pés, Frank passou entre duas fontes com estátuas de Netuno.

Uma garota apareceu por detrás das caixas de granola.

— Posso ajudar?

Frank cambaleou para trás, derrubando uma das fontes. Um Netuno de pedra se esmagou no chão. A cabeça do deus do mar rolou e vomitou água do seu pescoço. Borrifando uma prateleira de pastas masculinas coloridas.

— Desculpe! — Frank se agachou para limpar a bagunça.

Ele quase empalou a garota com a sua lança.

— Opa! — disse ela. — Espere! Está tudo bem!

Frank se endireitou lentamente, tentando não causar mais nenhum dano. Hazel olhava mortificada. Percy ganhou uma cor verde doentia enquanto olhava para a cabeça decapitada do seu pai.

A garota bateu palmas. A fonte se dissolveu em névoa. A água evaporou. Ela se virou para Frank.

— Sério, não há problema. Aquelas estátuas de Netuno têm uma aparência mal-humorada, elas me deprimem.

Ela lembrava Frank das alpinistas em idade universitária que ele via às vezes no Parque Lynn Canyon atrás da casa de sua avó. Ela era baixa e musculosa, com botas de laço, bermudas cargo, e uma camisa amarelo-brilhante onde se lia *A.C.O.E.V. Arco-Íris Comida Orgânica & Estilo de Vida*. Ela parecia jovem, mas o seu cabelo enrolado era branco, enrolado dos lados de sua cabeça como a parte branca de um ovo frito gigante.

Frank tentou lembrar de como falar. Os olhos da garota eram realmente distrativos. As íris mudavam de cor de cinza para preto e para branco.

— Hã... Desculpe pela fonte — ele conseguiu dizer. — Nós estávamos apenas...

— Ah, eu sei! — disse a garota. — Vocês querem comprar. Está tudo bem. Semideuses são bem-vindos. Não tenham pressa. Vocês não são como esses monstros terríveis. Eles só querem usar o banheiro e nunca compram nada!

Ela bufou. Seus olhos brilharam com um raio. Frank olhou para Hazel para saber se ele havia imaginado aquilo, mas Hazel estava tão surpresa quanto ele.

Do fundo da loja a voz de uma mulher chamou:

— Fleecy? Não assuste os clientes, vamos. Traga-os aqui, pode ser?

— O seu nome é Fleecy? — perguntou Hazel.

Fleecy riu.

— Bem, na língua das néfeles na verdade é... — Ela fez uma série de sons de estrondo e sopro que lembravam Frank de uma tempestade abrindo caminho para uma frente fria. — Mas podem me chamar de Fleecy.

— Néfeles... — murmurou Percy em um transe. — Ninfas das nuvens.

Fleecy se encheu de luz.

— Ah, eu gosto deste aqui! Usualmente ninguém sabe das ninfas das nuvens. Mas, minha nossa, ele não parece tão bem. Venham para os fundos. Minha chefe quer conhecê-los. Vamos consertar o seu amigo.

Fleecy os guiou pelos corredores de produtos, entre fileiras de berinjelas, kiwis, frutos de lótus e romãs. No fundo da loja, atrás do balcão com uma velha máquina registradora, estava parada uma mulher de meia idade com a pele cor de oliva, longo cabelo preto, óculos sem borda, e uma camisa que lia: *A Deusa Está Viva!* Ela tinha um colar de âmbar e anéis de turquesa. Ela cheirava a pétalas de rosas.

Ela parecia bastante amigável, mas algo nela fazia Frank se sentir um pouco trêmulo, como se quisesse chorar. Levou-lhe um segundo, então ele percebeu o que era – o jeito com que sorria só com um canto da boca, a cor marrom dos seus olhos, a inclinação de sua cabeça, como se estivesse considerando uma pergunta. Ela lembrava Frank de sua mãe.

— Olá! — Ela inclinou-se sobre o balcão, no qual havia dúzias de pequenas estátuas – gatos chineses que acenavam, Budas meditando,

bonecos de São Francisco que balançavam a cabeça, e a novidade, os pássaros amalucados bebendo água com cartola. — Estou tão feliz que estejam aqui. Sou Íris!

Os olhos de Hazel se arregalaram.

— Não *a* Íris... a deusa do arco-íris?

Íris fez uma careta.

— Bem, esse é o meu trabalho *oficial*, sim. Mas eu não me defino pela minha identidade corporativa. No meu tempo livre, eu gerencio isso! — Ela gesticulou ao seu redor orgulhosamente. — A cooperativa A.C.O.E.V. — uma cooperativa gerenciada pelos funcionários promovendo saudáveis estilos de vida alternativos e comida orgânica.

Frank encarou-a.

— Mas você jogou bolinhos de chocolate aos monstros.

Íris olhou horrorizada.

— Ah, eles não são bolinhos de chocolate. — Ela vasculhou sob o balcão e levantou um pacote de bolos cobertos de chocolate que pareciam exatamente iguais a bolinhos de chocolate. — Esses são livres de glúten, sem açúcar adicionado, enriquecidos com vitaminas, livres de soja, com leite de cabra e à base de algas, simulações de cupcakes.

— Tudo natural! — interrompeu Fleecy.

— Reconheço o meu erro. — Frank de repente se sentiu tão enjoado quanto Percy.

Íris sorriu.

— Você deveria experimentar um, Frank. Você é intolerante à lactose, não é?

— Como você...

— Eu sei dessas coisas. Sendo a deusa mensageira... bem, eu aprendo bastante, ouvindo todas as comunicações dos deuses e assim por diante. —

Ela jogou os bolinhos fora do balcão. — Além do mais, aqueles monstros deveriam ficar agradecidos por ter um lanche saudável. Sempre comendo comida vulgar e heróis. Eles são tão *pouco iluminados*. Eu não podia tê-los tropeçando pela minha loja, destruindo coisas e perturbando o nosso *feng shui*.

Percy se inclinou sobre o balcão. Ele parecia que ia vomitar sobre todo o *feng shui* da deusa.

— Monstros marchando para o sul — disse ele com dificuldade. — Vão destruir o nosso acampamento. Você não poderia pará-los?

— Ah, eu sou estritamente não-violenta — disse Íris. — Eu posso agir em defesa pessoal, mas não vou ser arrastada para mais violência Olímpiana, muito obrigada. Estive lendo sobre Budismo. E Taoísmo. Não me decidi entre eles.

— Mas... — Hazel parecia mistificada. — Você não é uma deusa grega? Íris cruzou os seus braços.

— Não me coloque em uma caixa, semideusa! Não sou definida pelo meu passado.

— Uhm, está bem. — disse Hazel. — Poderia ao menos ajudar o nosso amigo aqui? Acho que ele está doente.

Percy se aproximou do outro lado do balcão. Por um segundo Frank achou que ele queria os bolinhos.

— Mensagem de Íris — disse ele. — Você pode mandar uma?

Frank não estava certo de ter ouvido corretamente.

— Mensagem de Íris?

— Sim... — Percy vacilou. — Não é algo que você faz?

Íris estudou Percy mais de perto.

— Interessante. Você é do Acampamento Júpiter, e ainda assim... Ah, eu vejo. Juno está com os seus truques.

— O quê? — perguntou Hazel.

Íris olhou para a sua assistente Fleecy. Elas pareciam ter uma conversa silenciosa. Então a deusa puxou um frasco de trás do balcão e espalhou óleo com cheiro de madressilva ao redor do rosto de Percy.

— Aí, isso deve balancear o seu *chakra*. E quanto às mensagens de Íris... é uma forma antiga de comunicação. Os Gregos a usavam. Os Romanos nunca as tomaram para eles – sempre confiando nos seus sistemas de estradas, águias gigantes e outras coisas. Mas sim... Fleecy, você poderia tentar?

— Claro, chefe!

Íris piscou para Frank.

— Não conte aos outros deuses, mas Fleecy gerencia a maioria das minhas mensagens hoje em dia. Ela é excelente nisso, realmente, e não tenho tempo de atender todos os pedidos pessoalmente. Isso bagunça o meu *wa*.

— O seu *wa*?

— Humm. Fleecy, porque você não leva Percy e Hazel para os fundos? Você pode dar algo para eles comerem enquanto arranja suas mensagens. E para Percy... sim, doença da memória. Imagino que aquele velho Polibotes... bem, encontrá-lo em um estado de amnésia não pode ser bom para uma criança de P... quero dizer, Netuno. Fleecy, dê a ele um chá verde com mel orgânico e gérmen de trigo, e um pouco do meu pó medicinal número cinco. Isso deve consertá-lo.

Hazel franziu a testa.

— E Frank?

Íris se virou para ele. Ela inclinou a sua cabeça intrigada, da mesma forma que sua mãe fazia – como se Frank fosse a maior pergunta na sala.

— Ah, não se preocupe — disse Íris. — Frank e eu temos muito que falar.

FRANK

FRANK PREFERIA TER ido com seus amigos, mesmo que isso significasse aguentar chá verde com gérmen de trigo. Mas Íris enlaçou o seu braço ao dele e o levou até uma mesa de café em uma janela de sacada. Frank deixou a sua lança no chão. Ele sentou do lado oposto à Íris. Do lado de fora na escuridão, os monstros serpentes patrulhavam o lado da colina sem descanso, cuspidos fogo e envenenando a grama.

— Frank, eu sei como se sente — disse Íris. — Imagino que a lenha meio queimada no seu bolso fica mais pesada a cada dia.

Frank não podia respirar. Sua mão foi instintivamente para o seu casaco.

— Como você...?

— Eu te disse, eu sei coisas. Eu fui mensageira de Juno por eras. Sei por que ela te deu uma prorrogação.

— Uma prorrogação? — Frank tirou o pedaço de lenha e o desembrulhou do seu pano.

Tão inviável quanto era a lança de Marte, a peça de lenha era pior. Íris estava certa. Aquilo pesava.

— Juno te salvou por uma razão — disse a deusa. — Ela quer que você sirva no seu plano. Se ela não tivesse aparecido naquele dia quando você era um bebê e avisado sua mãe sobre a lenha, você teria morrido. Você nasceu com muitos dons. Esse tipo de poder tende a queimar uma vida mortal.

— Muitos dons? — Frank sentiu as suas orelhas aquecerem com a raiva. — Eu não tenho *nenhum* dom.

— Isso não é verdade, Frank. — Íris passou a mão na sua frente como se estivesse limpando um para-brisa. Um arco-íris em miniatura apareceu. — Pense sobre isso.

Uma imagem tremulou no arco-íris. Frank viu a si mesmo quando tinha quatro anos, correndo pelo jardim da sua avó. Sua mãe se inclinou na janela do sótão, bem alto, acenando para chamar a sua atenção. Não era para Frank estar no jardim por conta própria. Ele não sabia por que a sua mãe estava no sótão, mas ela lhe disse para ficar na casa, para não se afastar muito. Frank fez exatamente o oposto. Gritou com prazer e correu para a orla da floresta, onde ficou cara a cara com um urso.

Até que vir essa imagem no arco-íris, essa memória estava tão nebulosa que pensou haver sonhado aquilo. Agora podia apreciar quão surreal a experiência havia sido. O urso considerou o garotinho, e era difícil dizer qual dos dois estava mais assustado. Então a mãe de Frank apareceu ao seu lado. Não tinha como ela ter descido do sótão tão rapidamente. Ela se colocou entre o urso e Frank e lhe disse para correr até a casa. Dessa vez, Frank obedeceu. Quando ele chegou à varanda, viu sua mãe voltando da floresta. O urso havia desaparecido. Frank perguntou o que havia acontecido. A sua mãe sorriu. *Mamãe Urso só precisava de direções*, disse ela.

A cena no arco-íris mudou. Frank viu a si mesmo com seis anos. Encolhido no colo da sua mãe mesmo que já fosse muito grande para aquilo. O longo cabelo preto da sua mãe estava puxado para trás. Seus braços ao redor dele. Ela usava seus óculos sem bordas que Frank sempre gostava de roubar, e o seu suéter cinza felpudo que cheirava a canela. Estava lhe contando histórias sobre heróis, querendo dizer que eles estavam relacionados com Frank: Um era Xu Fu, que navegou em busca do elixir da vida. A imagem no arco-íris não tinha som, mas Frank lembrava as palavras de sua mãe: *Ele foi o seu tatara-tatara-tatara...* Ela cutucava o estômago de Frank cada vez que dizia *tatara*, dúzias de vezes, até que ele estava rindo incontrolavelmente.

E também tinha Sung Guo, também chamado de Seneca Gracchus, que lutou com doze dragões Romanos e dezesseis dragões Chineses nos desertos ocidentais da China. *Ele era o dragão mais forte de todos*, sua mãe disse. *Era assim que ele os vencia!* Frank não entendia o que aquilo significava, mas achava animador.

Então ela cutucou o estômago dele com tantos *tataras*, que Frank acabou rolando para o chão para fugir das cócegas. E o seu antepassado mais antigo que conhecemos: *Ele era o Príncipe de Pilos! Hércules lutou com ele uma vez. Foi uma luta difícil!*

Nós ganhamos? perguntou Frank.

Sua mãe riu, mas havia tristeza em sua voz. *Não, o nosso antepassado perdeu. Mas não foi fácil para Hércules. Imagine tentar lutar com um enxame de abelhas. Foi assim. Até Hércules teve problemas!*

O comentário não fez sentido para Frank naquele tempo ou agora. O seu antepassado era um apicultor?

Frank não havia pensado nessas histórias por anos, mas agora elas vinham a ele tão claramente quanto o rosto da sua mãe. Doía vê-la outra

vez. Frank queria voltar para aquele tempo. Ele queria ser um garotinho e se encolher no seu colo.

Na imagem de arco-íris, o pequeno Frank perguntou de onde era a sua família. Tantos heróis! Eles eram de Pilos, Roma, China ou Canadá?

Sua mãe inclinou a cabeça, considerando como responder.

Li-Jien, disse ela. *Nossa família é de vários lugares, mas nosso lar é em Li-Jien. Sempre se lembre, Frank: você tem um dom especial. Você pode ser qualquer coisa.*

O arco-íris dissolveu, deixando apenas ele e Íris.

— Eu não entendo — sua voz estava áspera.

— Sua mãe explicou — disse Íris. — Você pode ser qualquer coisa.

Soava como uma dessas coisas que os teus pais dizem para levantar a sua autoestima – uma frase desgastada que poderia estar impressa nas camisas de Íris, bem ao lado de *A Deusa Está Viva!* e *Meu Outro Carro É Um Tapete Mágico!* Mas da forma que Íris havia dito, soava como um desafio.

Frank apertou sua mão contra o bolso da sua calça, onde tinha a medalha de sacrifício de sua mãe. O medalhão prateado estava frio como gelo.

— Eu *não posso* ser qualquer coisa — insistiu Frank — tenho zero habilidades.

— O que você tentou? — perguntou Íris. — Você queria ser arqueiro. Você conseguiu isso bastante bem. Só arranhou a superfície. Seus amigos, Hazel e Percy – ambos se esticaram por ambos os mundos, Grego e Romano, o passado e o presente. Mas você está esticado por muito mais que qualquer um dos dois. Sua família é antiga... o sangue de Pilos do lado de sua mãe e o seu pai é Marte. Não é de estranhar que Juno quer que você seja um dos seus sete heróis. Ela quer que você enfrente os gigantes e Gaia. Mas pense nisso: O que *você* quer?

— Eu não tenho nenhuma escolha — disse Frank. — Sou filho do estúpido deus da guerra. Tenho que ir nessa missão e...

— *Tem* que ir — disse Íris. — Não, *quer* ir. Eu costumava pensar assim. Então me cansei de ser a serva dos outros. Buscar taças de vinho para Júpiter. Entregar cartas para Juno. Enviar mensagens de um lado ao outro do arco-íris para qualquer um com um *dracma* de ouro...

— Um o quê de ouro?

— Não é importante. Mas eu aprendi a deixar de *ter* que fazer algo. Eu comecei o *A.C.O.E.V.*, e agora estou livre daquela bagagem. Você também pode deixar. Talvez não possa escapar do destino. Algum dia esse pedaço de madeira *irá* queimar. Eu prevejo que você o estará segurando quando acontecer, e a sua vida *irá* terminar...

— Obrigado — murmurou Frank.

— ...mas isso só faz da sua vida mais preciosa! Você não tem que ser o que os seus pais e a sua avó querem que seja. Você não tem que seguir as ordens do deus da guerra ou as de Juno. Faça as suas próprias coisas, Frank! Encontre um novo caminho!

Frank pensou sobre aquilo, a ideia era emocionante: rejeitar os deuses, seu destino, seu pai. Ele não queria ser filho de um deus. Sua mãe havia *morrido* na guerra. Frank havia perdido tudo graças à guerra. Marte certamente não sabia nada sobre ele. Frank não queria ser um herói.

— Por que está me dizendo isso? — perguntou ele. — Você quer que eu abandone a missão, deixe o Acampamento Júpiter ser destruído? Meus amigos estão contando comigo.

Íris estendeu as suas mãos.

— Eu não posso te dizer o que fazer Frank. Mas faça o que você *quiser*, não o que te dizem para fazer. Onde foi que a conformidade me pegou? Passei cinco milênios servindo todos os outros, e nunca descobri minha

verdadeira identidade. Qual é o meu animal sagrado? Ninguém se importou em me dar um. Onde estão os meus templos? Nunca fizeram nenhum. Certo, está bem! Eu encontrei paz aqui na cooperativa. Você poderia ficar conosco se quisesse. Se tornar um *ACOEVador*.

— Um quê?

— O ponto é que você tem opções. Se você continuar essa missão... o que acontecerá quando liberar Thanatos? Será bom para sua família? Seus amigos?

Frank se lembrou do que a sua avó havia lhe dito: ela tinha um encontro com a Morte. A sua avó o enfurecia às vezes; mas ainda assim, ela era sua única familiar viva, a única pessoa viva que o amava. Se Thanatos continuasse acorrentado, Frank talvez não a perdesse. E Hazel – de alguma forma ela havia voltado do Mundo Inferior. Se a Morte a levasse outra vez, Frank não seria capaz de suportar. Sem mencionar o próprio problema de Frank: de acordo com Íris, ele deveria ter morrido quando era um bebê. Tudo que havia entre ele e a Morte era uma vareta meio queimada. Thanatos o levaria também?

Frank tentou imaginar ficar aqui com Íris, colocar uma camisa da *A.C.O.E.V.*, vender cristais e filtros de sonhos para semideuses viajantes e arremessar simulações de bolinhos livres de glúten aos monstros que passavam. Enquanto isso, um exército imortal arrasaria o Acampamento Júpiter.

Você pode ser qualquer coisa, sua mãe havia dito.

Não, pensou ele. Eu não posso ser tão egoísta.

— Eu tenho que ir — disse ele. — É o meu trabalho.

Íris suspirou.

— Eu já esperava isso, mas tinha que tentar. A tarefa à sua frente, bem... Eu não desejaria isso a ninguém, especialmente a um bom garoto como

você. Se você tem que ir, ao menos posso lhe oferecer uns conselhos. Vocês precisarão de ajuda para encontrar Thanatos.

— Você sabe onde os gigantes o estão escondendo? — Perguntou Frank.

Íris olhou pensativa para os carrilhões de vento balançando no teto.

— Não... o Alasca está além da esfera de controle dos deuses. O lugar está protegido da minha visão. Mas tem alguém que sabe onde é. Procure o vidente Fineu. Ele é cego, mas pode ver o presente, passado e futuro. Ele sabe muitas coisas, pode te dizer onde Thanatos está aprisionado.

— Fineu... — disse Frank. — Não havia uma história sobre ele?

Íris assentiu relutantemente.

— Nos dias antigos, ele cometeu crimes terríveis. Usou o poder da visão para o mal. Júpiter enviou as harpias para atormentá-lo. Os Argonautas... incluindo o seu ancestral pelo visto...

— O príncipe de Pilos?

Íris hesitou.

— Sim, Frank. Seu presente, sua história... Você deve descobrir por conta própria. Basta dizer, que os Argonautas expulsaram as harpias em troca da ajuda de Fineu. Isso foi eras atrás, mas entendo que Fineu retornou ao mundo mortal. Vocês o encontrarão em Portland, Oregon, que está no seu caminho para o norte. Mas você deve me prometer uma coisa. Se ele ainda for atormentado pelas harpias, não as matem, não importa o que Fineu ofereça. Ganhem a sua ajuda de outra forma. As harpias não são más, elas são minhas irmãs.

— Suas irmãs?

— Eu sei. Eu não pareço tão velha para ser irmã das harpias, mas é verdade. E Frank... Há outro problema. Se está determinado a sair, terá que limpar esses basiliscos da colina.

— Você quer dizer as cobras?

— Sim — disse Íris. — Basilisco significa “pequena coroa”, o que é um nome bonito para algo não tão bonito assim. Eu preferiria não matá-los. Eles são criaturas vivas, apesar de tudo. Mas vocês não poderão sair até que eles tenham ido. Se os teus amigos tentarem batalhar com eles... Eu prevejo coisas ruins acontecendo. Só *você* tem a habilidade para matá-los.

— Mas como?

Ela olhou para o chão. Frank percebeu que ela estava olhando para a lança.

— Desejaria que houvesse outra forma — disse ela. — Se você tivesse algumas doninhas, por exemplo. Doninhas são mortais para os basiliscos.

— Acabaram as doninhas — admitiu Frank.

— Então vai ter que usar o presente do seu pai. Você tem certeza de que não gostaria de viver aqui ao invés? Nós fazemos um excelente leite de arroz sem lactose.

Frank se levantou.

— Como eu uso a lança?

— Você vai ter que tomar conta disso sozinho. Eu não posso advogar violência. Enquanto você batalha, vou dar uma olhada nos teus amigos. Espero que Fleecy tenha encontrado as ervas medicinais corretas. A última vez houve uma confusão... bem, não acho que aqueles heróis *quisessem* ser margaridas.

A deusa ficou de pé. Seus óculos brilharam, e Frank viu o seu próprio reflexo nas lentes. Ele estava sério e sombrio, nada parecido com o garotinho nas imagens de arco-íris.

— Um último conselho, Frank — disse ela. — Você está destinado a morrer segurando esse pedaço de lenha, vendo-a queimar. Mas talvez se não a tivesse com você... Se você confiasse em alguém o suficiente para guardá-la...

Os dedos de Frank apertaram ao redor da madeira.

— Você está se oferecendo?

Íris riu gentilmente.

— Ah, querido, não. Eu a perderia nessa coleção. Se misturaria com os meus cristais, ou eu a venderia como peso para papel de madeira por acidente. Não, eu queria dizer, um amigo semideus, alguém próximo ao seu coração.

Hazel, pensou imediatamente. Não havia ninguém que ele confiasse mais. Mas como poderia confessar o seu segredo? Se ele admitisse quão fraco era, que toda a sua vida dependia de uma vareta meio queimada... Hazel nunca o veria como um herói. Ele nunca seria o seu cavaleiro em armadura. E como esperava que ela carregasse aquele fardo por ele?

Ele embrulhou o graveto e o guardou de volta no casaco.

— Obrigado... Obrigado, Íris.

Ela apertou sua mão.

— Não perca a esperança, Frank. Arco-íris sempre carregam esperança.

Ela fez o seu caminho para o fundo da loja, deixando Frank sozinho.

— Esperança — grunhiu Frank. — Eu preferiria ter um par de boas doninhas.

Ele pegou a lança do seu pai e marchou para fora para enfrentar os basiliscos.

FRANK

FRANK PERDEU SEU ARCO.

Ele queria ficar na varanda e atirar nas cobras à distância. Algumas bem colocadas flechas explosivas, umas crateras na encosta... problemas resolvidos.

Infelizmente, uma aljava cheia de flechas não ajudava Frank se ele não tinha com o que atirar. Além disso, não tinha ideia de onde os basiliscos estavam. Eles haviam parado de soprar fogo assim que ele chegou lá fora.

Ele desceu da varanda e levantou sua lança de ouro. Não gostava de lutar de perto. Era muito lento e volumoso. Havia feito tudo bem durante os jogos de guerra, mas isso era real. Não existiam águias gigantes prontas para levá-lo para os médicos, se ele cometesse um erro.

Você pode ser qualquer coisa. A voz de sua mãe ecoou em sua mente.

Ótimo, pensou ele. *Eu quero ser bom com uma lança. E imune ao veneno... e fogo.*

Alguma coisa disse a Frank que seus pedidos não tinham sido concedidos. Sentia a lança muito desajeitada em suas mãos.

Trechos de chama ainda ardiam na encosta. A fumaça irritante queimava o nariz de Frank. A grama seca rangia sob os seus pés.

Pensou sobre as histórias que sua mãe costumava contar – gerações de heróis que lutaram. Hércules que lutou com dragões, e navegou por mares infestados de monstros. Frank não compreendia como ele poderia ter evoluído a partir de uma linhagem como aquela, ou como sua família havia migrado da Grécia através do império romano até a china, mas algumas inquietantes ideias estavam começando a se formar. Pela primeira vez, começou a se perguntar sobre esse Príncipe de Pilos, e a desonra de seu bisavô Shen Lun no Acampamento Júpiter, e sobre o que os poderes da família deveriam ser.

O dom nunca manteve a nossa família segura, tinha avisado sua avó.

Um pensamento reconfortante enquanto Frank era caçado por cobras demônio venenosas com hálito de fogo.

A noite estava tranquila, exceto pelo crepitar do fogo nos arbustos. Toda vez que uma brisa fazia a grama farfalhar, Frank pensava nos espíritos de grãos que haviam capturado Hazel. Esperava que eles tenham ido para o sul com o gigante Polibotes. Frank não precisava de mais nenhum problema naquele momento.

Ele rastejou para baixo, com os olhos ardendo da fumaça. Então, cerca de seis metros à frente, ele viu uma rajada de fogo.

Ele considerou atirar sua lança. Ideia estúpida. Assim ficaria sem arma. Ao invés disso, ele avançou na direção do fogo.

Gostaria de ter os frascos do sangue de Górgona, mas eles estavam atrás, no barco. Se perguntou se o sangue de Górgona poderia curar veneno de basilisco... Mas mesmo se tivesse os frascos e conseguisse escolher o

certo, duvidava que tivesse tempo para tomá-lo antes de virar pó como seu arco.

Ele emergiu em uma clareira de grama queimada e encontrou-se cara a cara com um basilisco.

A cobra se levantou em sua cauda. Sibilou e expandiu o colar de espinhos brancos ao redor de seu pescoço. *Pequena coroa*, lembrou Frank. É isso que “Basilisco” significa. Ele tinha pensado que basiliscos eram enormes dragões como monstros que podem petrificar com seus olhos. De alguma forma, o basilisco real era ainda mais terrível. Pequeno como era, este extra pequeno pacote de fogo, veneno e maldade, seria muito mais difícil de matar do que um lagarto grande, corpulento. Frank tinha visto o quão rápido o animal conseguia se mover.

O monstro fixou seus pálidos olhos amarelos em Frank.

Por que não tinha atacado?

A lança de ouro de Frank estava fria e pesada. A ponta de dente-de-dragão mergulhou em direção ao chão totalmente por conta própria.

— Pare com isso. — Frank esforçou-se para levantar a lança. Ele já teria problemas suficientes para espetar o monstro sem sua lança contra ele.

Então ouviu o farfalhar da grama em cada lado dele. Outros dois basiliscos deslizaram até a clareira.

Frank tinha andado em linha reta para uma emboscada.

FRANK

FRANK GOLPEOU COM SUA LANÇA PARA TRÁS E PARA FRENTE.

— Para trás! — Sua voz soou estridente. — Eu tenho... hã... incríveis poderes... E essas coisas.

Os basiliscos sibilaram, os três em harmonia. Talvez estivessem rindo.

A ponta da lança era quase pesada demais para levantar agora, como se o triângulo branco de osso estivesse tentando tocar a terra. Então, alguma coisa veio na cabeça de Frank: Marte disse que a ponta da lança era um dente de dragão. Não tinha alguma história sobre dentes de dragão plantados na terra? Alguma coisa que ele leu na aula de monstros do acampamento...?

Os basiliscos deram voltas nele, tomando seu tempo. Talvez estivessem hesitantes por causa da lança. Ou talvez só não pudessem acreditar como Frank era estúpido.

Parecia loucura, mas Frank deixou a ponta da lança cair. Ela afundou na terra. *Crack.*

Quando levantou a lança, a ponta tinha sumido – quebrada dentro da terra.

Maravilha. Agora ele tinha um palito de ouro.

Alguma parte louca dele queria liberar sua parte incendiária. Se ele fosse morrer de qualquer jeito, talvez pudesse começar um incêndio enorme – incinerar os basiliscos, então pelo menos os amigos dele poderiam escapar.

Antes que ele reunisse coragem, a terra tremeu sob os seus pés. Poeira para todo lado, e a mão de um esqueleto agarrando o ar. Os basiliscos sibilaram e recuaram.

Frank não podia culpá-los. Assistiu horrorizado enquanto um esqueleto humano se arrastava para fora da terra. E foi ganhando carne como se alguém estivesse colocando gelatina nos seus ossos e cobrindo com pele cinza transparente e brilhante. Então, roupas fantasmagóricas o envolveram – camisa regata, calça camuflada e botas de exército. Tudo na criatura era cinza: Roupas cinza em carne cinza em ossos cinza.

Ele virou-se para Frank. Seu crânio sorrindo sob um rosto cinzento inexpressivo. Frank estava chorando como um cachorrinho. Suas pernas tremiam tanto que ele tinha que se sustentar com o cabo da lança. O guerreiro esqueleto estava esperando, Frank percebeu – esperando ordens.

— Mate os basiliscos! — gritou ele. — Não eu!

O guerreiro esqueleto entrou em ação. Ele agarrou a cobra mais próxima, e embora sua carne cinzenta começasse a queimar em contato com ela, estrangulou o basilisco com a mão e largou seu corpo mole. Os outros basiliscos sibilaram com raiva. Um saltou em Frank, mas ele o acertou de lado com a coroa da lança.

A outra cobra soltou fogo direto no rosto do esqueleto. O guerreiro marchou e pisou na cabeça do basilisco.

Frank virou para o último basilisco, que estava enrolado na borda da clareira os estudando. A lança de ouro imperial de Frank estava fumegando, mas ao contrário do seu arco, não parecia estar se desintegrando com o toque do basilisco. O pé direito e a mão do guerreiro esqueleto estavam lentamente se dissolvendo por causa do veneno. E a sua cabeça estava pegando fogo, fora isso ele parecia muito bem.

O basilisco fez a coisa mais esperta. Fugiu. Em um momento de emoção, o esqueleto puxou algo da sua camisa e arremessou pela clareira, empalando o basilisco. Frank pensou que era uma faca. Então ele percebeu que era uma das costelas do esqueleto.

Frank estava muito feliz por seu estômago estar vazio.

— Aquilo... aquilo foi *nojento*.

O esqueleto pulou em cima do basilisco. Pegou a sua costela e usou para cortar a cabeça da criatura. O basilisco se dissolveu em cinzas. Então o esqueleto decapitou a carcaça dos outros dois monstros e chutou as cinzas para dispersá-las. Frank se lembrou das duas Górgonas no Tibre — o jeito que o rio espalhou os restos delas para impedi-las de se refazerem.

— Você está se certificando que elas não voltem — Frank percebeu. — Ou retardando-as, pelo menos.

O guerreiro esqueleto ficou prestando atenção em Frank. Seu pé e mão envenenados estavam quase destruídos. Sua cabeça continuava queimando.

— O que... O que é você? — perguntou Frank. Ele queria adicionar: *Por favor, não me machuque*.

O esqueleto o saudou com a mão. Então começou a desmoronar, afundando de volta no chão.

— Espere! — disse Frank. — Eu nem sei como te chamar! Homem-dente? Ossos? Cinza?

Com o seu rosto desaparecendo na terra, o guerreiro pareceu rir no último nome – ou talvez fossem só os seus dentes do crânio aparecendo. Então ele se foi, deixando Frank sozinho com sua lança sem ponta.

— Cinzento — murmurou ele. — Ok... mas...

Ele examinou a ponta da lança. Um novo dente de dragão estava começando a crescer na ponta dela.

Você tem três cargas, Marte havia dito, então use sabiamente.

Frank escutou passos atrás deles. Percy e Hazel correram para a clareira. Percy parecia melhor, exceto que estava carregando uma bolsa colorida da *A.C.O.E.V.*, estilo anos 60, definitivamente, *não* o seu estilo. Contracorrente estava em sua mão. Hazel tinha sacado sua *espata*.

— Você está bem? — perguntou Hazel.

Percy deu uma volta, procurando por inimigos.

— Íris nos disse que você estava aqui lutando com os basiliscos sozinho, e nós ficou tipo, *O quê?* Nós viemos o mais rápido que conseguimos. O que aconteceu?

— Eu não tenho certeza — admitiu Frank.

Hazel agachou perto da poeira onde Cinzento desapareceu.

— Eu sinto morte. Ou meu irmão esteve aqui ou... os basiliscos estão mortos?

Percy o encarou com admiração.

— Você matou-os *todos*?

Frank engoliu em seco. Ele já se sentia bastante perturbado sem tentar explicar seu ajudante morto-vivo.

Três cargas. Frank poderia chamar *Cinzento* mais duas vezes. Mas ele sentiu maldade no esqueleto. Ele não era um mascote, era um vício, a força

assassina dos mortos-vivos, mal controlados pelo poder de Marte. Frank teve a sensação de que ele faria o que dissesse - mas se os seus amigos estivessem na linha de fogo... se Frank demorasse para lhe dar ordens, ele poderia começar a matar tudo no seu caminho, incluindo seu mestre.

Marte tinha dito a ele que a lança lhe daria tempo até ele aprender a usar os poderes da mãe. O que significava que Frank precisava aprender a usar esses talentos - rápido.

— Muito obrigado, pai — resmungou Frank.

— O quê? — perguntou Hazel. — Frank, você está bem?

— Explico mais tarde — disse ele. — Agora, tem um homem cego em Portland que nós temos que ver.

PERCY

PERCY JÁ SE SENTIA COMO o semideus mais esfarrapado da história dos farrapos. A bolsa foi o insulto final.

Eles deixaram o *A.C.O.E.V.* com pressa, então, talvez assim Íris não tivesse destinado a bolsa como uma crítica. Ela rapidamente a encheu com doces enriquecidos de vitaminas, casca dos frutos secos, charques macrobióticos e também alguns cristais para dar sorte, em seguida ela a empurrou para Percy:

Aqui, você vai precisar disso. Ah, isso parece legal. A bolsa – desculpe, a *maleta de acessórios masculinos* – tinha um arco-íris, com um símbolo da paz costurado em contas de madeira, com o slogan: “*Abrace o mundo inteiro*”. Percy desejou que estivesse escrito: “*abrace a cômoda*”. Ele sentia como se a bolsa estivesse comentando sobre o seu tamanho, incrivelmente inútil. Conforme eles navegavam para o norte, ele colocava a maleta masculina o mais longe possível, mas o barco era pequeno.

Não podia acreditar em como falhara quando seus amigos precisavam dele. Primeiro foi burro o bastante para deixá-los sozinhos quando voltara correndo para o barco, e Hazel fora sequestrada. Então vira o exército marchando para o sul e teve algum tipo de colapso nervoso.

Constrangedor? Sim. Mas ele não podia ajudá-los. Quando viu aqueles centauros malignos e os ciclopes, aquilo parecia tão errado, tão retrógrado, que achou que a sua cabeça iria explodir. E o gigante Polibotes... aquele gigante que dava a ele o oposto do que sentia quando estava no mar. A energia de Percy se drenara, deixando-o fraco e febril, como se por dentro o estivesse corroendo.

O chá medicinal de Íris havia ajudado o seu corpo a melhorar, mas a sua mente ainda doía. Ele ouvira histórias sobre amputados que tinham dores fantasmas, onde suas pernas e braços perdidos costumavam estar. Era assim que sua mente se sentia, como se a suas memórias desaparecidas estivessem doendo.

O pior de tudo, é que, quanto mais ao norte Percy ia, mais essas memórias sumiam. Ele tinha começado a se sentir melhor no Acampamento Júpiter, se lembrando de rostos e lugares aleatórios. Mas agora o rosto de Annabeth estava ficando escuro. Quando tentou enviar uma mensagem de Íris para Annabeth, Fleecy apenas balançou a cabeça tristemente.

É como se você estivesse tentando ligar para alguém, ela disse, mas você esqueceu o número. Ou alguém bloqueou o sinal. Desculpe querido. Eu apenas não posso conectá-lo.

Ele estava com medo de esquecer completamente o rosto de Annabeth quando chegasse ao Alasca. Talvez acordasse num dia e não lembrasse mais o nome dela.

E ainda tinha que se concentrar na sua missão. O vislumbre do exército inimigo havia mostrado o que eles estavam enfrentando. Agora era início da manhã de 21 de junho. Eles teriam que chegar ao Alasca, encontrar Thanatos, localizar o estandarte da legião romana e trazê-lo de volta para o Acampamento Júpiter na noite de 24 de junho. Quatro dias. Enquanto que o inimigo estava a algumas centenas de quilômetros em marcha.

Percy guiou o barco por correntes fortes, ao norte da costa da Califórnia. O vento estava frio, mas a sensação era boa, clareando algumas confusões da sua cabeça. Ele forçou o seu desejo de empurrar o barco o tanto quanto podia. O casco sacudiu e assim o *Pax* navegou para o norte.

Enquanto isso Hazel e Frank trocavam histórias sobre os eventos ocorridos no *Arco-Íris Comida Orgânica*. Frank explicou sobre Fineu, o cego vidente de Portland, e como Íris dissera que ele poderia ser capaz de dizer-lhes onde encontrar Thanatos. Frank não disse como conseguira matar o basilisco, mas Percy teve a sensação de que tinha alguma coisa a ver com a ponta quebrada da sua lança. Seja lá o que tivesse acontecido, Frank parecia mais assustado com a lança do que com o basilisco.

Quando terminou Hazel contou para Frank sobre o seu tempo com Fleecy.

— Então essa mensagem de Íris funcionou? — perguntou Frank.

Hazel deu a Percy um olhar simpático. Ela não mencionou o seu fracasso de contatar Annabeth.

— Você tem que atirar uma moeda dentro de um arco-íris — disse ela. — E dizer esse encantamento, como “*Ah Íris, deusa do arco-íris, aceite a minha oferenda.*” Exceto que Fleecy meio que mudou isso. Ela nos deu, como se chamava mesmo, seu número direto? Então eu tive que dizer “*Fleecy faça-me um favor. Mostre Reyna no Acampamento Júpiter.*” Eu me senti como uma idiota, mas deu certo. A imagem de Reyna apareceu no arco-íris,

como em uma chamada de vídeo. Ela estava no banho. Com medo e fora de si.

— Eu pagaria para ter visto isso — disse Frank. — Quero dizer, a expressão dela, não ela no banho.

— Frank! — ela abanou o rosto como se precisasse de ar, foi um gesto à moda antiga, mas bonito, de qualquer forma. — Certo, então, nós contamos a ela sobre o exército, mas como Percy disse, ela praticamente já sabia disso. Isso não mudou em nada. Está fazendo o que pode para sustentar as nossas defesas, a menos que libertemos a Morte e voltemos com a águia...

— O acampamento não aguentaria contra esse exército — Frank finalizou. — Não sem ajuda.

E depois disso eles navegaram em silêncio.

Percy continuou pensando nos centauros e nos ciclopes. Pensava em Annabeth, no sátiro Grover e no seu sonho com um navio gigante em construção.

Você veio de algum lugar, Reyna tinha dito.

Percy queria se lembrar. Ele poderia pedir ajuda. O Acampamento Júpiter não deveria lutar sozinho contra os gigantes. Deveriam ter aliados lá fora.

Ele apertou as esferas do seu colar, a placa de *probatio* de chumbo e o anel que Reyna lhe dera. Talvez em Seattle, fosse capaz de falar com sua irmã Hylla. Ela poderia enviar ajuda. Assumindo que ela não matasse Percy assim que o visse.

Depois de mais algumas horas de navegação, os olhos de Percy começaram a se fechar. Ele estava com medo de desmaiar de exaustão. Então fez uma pausa. Uma baleia assassina apareceu ao lado do barco e Percy iniciou uma conversa mental com ela.

Não foi exatamente como falar, mas foi algo assim: *Você poderia nos dar uma carona para o norte*, Percy pediu, *o mais próximo de Portland possível?*

Eu como focas, a baleia respondeu, *vocês são focas?*

Não, admitiu Percy, *embora eu tenha uma bolsa cheia de charques macrobióticos*.

Então a baleia estremeceu, *prometa que não vai me alimentar com isso e o levo para o norte*.

Negócio fechado.

Logo Percy havia feito um chicote de fios de corda improvisada, e amarrou na parte superior da baleia. Eles aceleraram para o norte sob o poder dela, e por insistência de Hazel e Frank, Percy se preparou para uma soneca.

Seus sonhos foram tão desconexos e assustadores como sempre.

Ele se imaginou no Monte Tamalpais, ao norte de São Francisco, lutando na fortaleza de um velho titã, e isso não fazia nenhum sentido. Não tinha sido com os Romanos quando eles atacaram, mas ele via tudo claramente, a armadura do titã, as mãos de Annabeth, as outras duas meninas lutando ao lado dele. Uma das meninas morrera na batalha. Percy se ajoelhou sobre ela e vira como ela se dissolvia em estrelas.

Então ele viu o navio gigante em uma doca seca. A figura do dragão de bronze brilhava na luz da manhã. Os equipamentos e armamentos estavam completos, mas alguma coisa estava errada, a escotilha do convés estava aberta, havia fumaça saindo de algum tipo de motor. E um menino de cabelos pretos encaracolados, estava xingando e batendo no motor com uma chave. Dois outros semideuses estavam abaixados ao lado dele, observando com preocupação. Um deles era um adolescente de cabelos louros curto. E outro era uma garota de longos cabelos negros.

— Você percebe que é o solstício — disse a menina. — Nós deveríamos ir embora hoje.

— Eu sei disso! — O mecânico de cabelos encaracolados bateu no motor mais algumas vezes. — Poderiam ser os mísseis. Poderia ser um problema no motor. Poderia ser Gaia brincando com a gente de novo. Eu não tenho certeza!

— Quanto tempo? — perguntou o cara loiro.

— Dois ou três dias.

— Eles podem não ter tanto tempo — avisou a menina.

Algo dizia a Percy, que ela falava do Acampamento Júpiter. Então a cena mudou novamente.

Ele viu um menino e seu cão passeando sobre as colinas amarelas da Califórnia. Mas conforme a imagem se tornava mais clara, Percy percebeu que ele não era um menino. Era um ciclope usando jeans rasgados e uma camiseta xadrez, o cão era uma montanha cambaleante de pelos negros, tão grande quanto um rinoceronte. O ciclope estava carregando uma pesada clava sob os ombros, mas Percy não sentia que ele era um inimigo. Ele gritava o nome de Percy, chamando-o de... Irmão?

— *O cheiro dele está mais longe...* — o ciclope gemeu para o cão. — *Por que o cheiro dele está mais longe?*

— *AUAU!* — O cachorro latia, e o sonho de Percy mudou novamente.

Ele viu uma cadeia de montanhas nevadas, tão altas que ultrapassavam as nuvens. O rosto adormecido de Gaia apareceu nas sombras das rochas.

Como um peão valioso, ela disse suavemente. *Não tenha medo, Percy Jackson. Venha para o norte! Sim, seus amigos irão morrer. Mas vou preservar você por hora. Tenho grandes planos para você.*

Em um vale entre as montanhas havia um campo de gelo, uma borda mergulhava no mar a centenas de metros abaixo, com placas de gelo

constantemente se desintegrando na água. Em cima do campo de gelo havia um acampamento da legião, muralhas, fossos, torres, quartéis, iguais ao do Acampamento Júpiter exceto que três vezes maior. Na encruzilhada fora da *principia*, uma figura de vestes escuras estava acorrentada ao gelo. A visão de Percy passou por ele, na sede lá na escuridão, sentado, um gigante ainda maior do que Polibotes. Sua pele reluzia ouro. Exibida por de trás dele, estavam as imagens esfarrapadas de estandartes de uma legião, incluindo uma grande águia dourada de asas abertas.

Aguardamos você, a voz do gigante cresceu. Enquanto você se atrapalha pelo caminho para o norte, tentando me encontrar, meus exércitos destruirão o seu precioso acampamento, primeiro o dos romanos, depois o outro, você não pode vencer pequeno semideus.

Percy cambaleou e acordou durante um dia frio e cinzento. A chuva caía sobre o seu rosto.

— Pensei que *eu* dormia pesadamente — disse Hazel. — Bem-vindo a Portland.

Percy se sentou e piscou. A cena em torno dele era tão diferente do seu sonho, ele não tinha certeza do que era real. O *Pax* fluía em um rio negro no meio de uma cidade. Nuvens carregadas acima de sua cabeça. A chuva fria estava tão leve que parecia suspensa no ar. À esquerda de Percy estavam armazéns industriais e trilhos de trem. À sua direita uma pequena área de centro, um aglomerado de torres de aparência quase acolhedora, entre as margens do rio uma linha enevoadada de colinas arborizadas.

Percy espantou o sono dos seus olhos.

— Como nós chegamos aqui?

Frank deu-lhe um olhar do tipo, *você não vai acreditar nisso.*

— A baleia assassina nos levou para o Rio Columbia. Então ela passou os arreios para um par de esturjões de três metros e meio.

Percy pensou que Frank tivesse dito *cirurgiões*. Ele tinha uma estranha imagem de doutores gigantes com máscaras cirúrgicas, puxando o barco rio acima. Então percebeu que Frank estava querendo dizer esturjões, como o peixe. Ele estava feliz por não ter dito nada. Teria sido constrangedor, por ele ser o filho do deus do mar e tal...

— De qualquer forma — continuou Frank. — Os esturjões nos puxaram por um bom tempo. Hazel e eu nos revezamos para dormir. Então chegamos a esse rio...

— O Willamette — Hazel ofereceu.

— Certo — disse Frank. — E depois disso o barco tomou o controle e nos trouxe até aqui por conta própria. Dormiu bem?

Conforme o *Pax* deslizava para o sul, Percy contou para eles sobre os seus sonhos. Tentou focar nos aspectos positivos. Um navio de guerra poderia estar a caminho, para ajudar o Acampamento Júpiter. Um ciclope amigável e um cão gigante estavam à procura dele. Porém ele não mencionou o que Gaia havia dito. *Seus amigos irão morrer.*

Quando Percy descreveu o forte romano no gelo, Hazel parecia perturbada.

— Então Alcioneu está sobre uma geleira — disse ela. — Isso não ajuda muito. O Alasca possui centenas delas.

Percy assentiu.

— Talvez este vidente Fineu possa nos dizer em qual.

O barco ancorou num cais. Os três semideuses olharam para os edifícios do centro da chuvosa Portland.

Frank secou a chuva de seus cabelos lisos.

— Então, agora nós encontramos um homem cego na chuva — disse Frank.

— É.

PERCY

NÃO FOI TÃO DIFÍCIL QUANTO ELES PENSARAM. Os gritos e o cortador de grama ajudaram.

Eles haviam trazido jaquetas esportivas leves com seus suprimentos, então se agasalharam contra a chuva fria e andaram por alguns quarteirões, a maioria por ruas desertas. Dessa vez Percy foi esperto e trouxe a maioria dos seus suprimentos do barco. Ele até colocou a carne seca macrobiótica no bolso do casaco, caso tivesse que lidar com mais alguma baleia assassina.

Eles viram a circulação de algumas bicicletas e alguns caras sem-teto estremecendo nas portas, mas a maior parte dos moradores pareciam estar nas suas casas.

Enquanto desciam a Rua Glisan, Percy olhava melancolicamente para as pessoas nas cafeterias, saboreando café e doces. Ele estava prestes a sugerir que parassem para o café da manhã quando ouviu uma voz descendo a rua que gritava:

— HÁ! TOMEM ESSA, GALINHAS ESTÚPIDAS! — Seguido pela aceleração de um pequeno motor e vários grasnados.

Percy olhou para seus amigos.

— Vocês acham...?

— Provavelmente — concordou Frank.

Eles correram em direção ao som.

Passado o próximo quarteirão, encontraram um grande estacionamento aberto, com calçadas arborizadas e fileiras de caminhões de alimentos de frente para a rua em todos os quatro lados. Percy já tinha visto caminhões de alimentos antes, mas nunca tantos em um só lugar. Alguns eram simplesmente caixas de metal sobre rodas, com toldos e balcões de servir. Outros eram pintados de azul, roxo ou bolinhas, com grandes faixas na frente e painéis de menu coloridos e mesas artesanais de cafeterias ao ar livre. Um anunciava um taco Coreano/Brasileiro, o que soou como algum tipo de culinária radioativa ultrassecreta. Outra oferecia sushi no espeto. Uma terceira estava vendendo um sanduíche de sorvete de fritas. O cheiro era maravilhoso – dúzias de diferentes cozinhas cozinhando ao mesmo tempo.

O estômago de Percy roncou. A maioria dos caminhões estava aberta, mas dificilmente havia alguém por perto. Eles podiam comprar tudo o que quisessem. Sanduíche de sorvete de fritas? Ah, isso parecia *bem* melhor que gérmen de trigo.

Infelizmente, havia mais coisas acontecendo do que apenas culinária. No centro do lote, atrás de todos os caminhões de comida um velho em um roupão, estava correndo por toda parte com um cortador de grama, gritando para uma revoada de mulheres-pássaro que estavam tentando roubar comida de uma mesa de piquenique.

— Harpias — Hazel disse. — O que significa...

— Que é o Fineu — disse Frank.

Eles correram pela rua e se espremeram entre o caminhão Brasileiro/Coreano e um chinês vendedor de rolinho primavera e burrito.

As traseiras dos caminhões não eram de longe tão convidativas quanto à frente. Elas estavam cheias de pilhas de baldes de plástico, latas de lixo transbordando e varais improvisados com aventais e toalhas molhadas penduradas. O estacionamento em si não era nada mais que um quadrado de asfalto quebrado, coberto de grama. No meio havia uma mesa de piquenique cheia de comida de todos os caminhões diferentes.

O cara de roupão era velho e gordo. Era quase totalmente careca, com cicatrizes na testa e um amontoado de viscosos cabelos brancos. Seu roupão estava sujo de ketchup e ele continuou a correr por todo lado em seus distorcidos chinelos de coelhinho cor de rosa, balançando seu cortador de grama a gás em direção à meia dúzia de harpias que pairavam sobre sua mesa de piquenique.

Ele era claramente cego, seus olhos eram de um branco leitoso e geralmente errava as harpias por muito, mas continuava fazendo um bom trabalho expulsando-as.

— Afastem-se, galinhas sujas! — berrou ele.

Percy não estava certo do porquê, mas tinha a vaga sensação de que harpias deveriam ser mais gordas. Essas pareciam esfomeadas. Seus rostos humanos tinham olhos encovados e bochechas ocas. Seus corpos estavam cobertos de penas e de suas asas despontavam minúsculas mãos enrugadas. Elas usavam sacos de tecido esfarrapado como vestidos. À medida que mergulhavam para a comida, elas pareciam mais desesperadas do que zangadas. Percy sentiu pena delas.

WHIRRRR! O velho balançou seu cortador de grama. Ele raspou nas asas de uma das harpias. A harpia gritou de dor e voou para longe, deixando

uma trilha de penas amarelas pelo caminho.

Outra harpia circulava mais alto que as demais. Ela parecia menor e mais jovem, com penas vermelho-vivo.

Ela olhava cuidadosamente, procurando uma abertura e quando o velho lhe deu as costas ela fez um mergulho selvagem em direção à mesa. Ela agarrou um burrito com suas garras, mas antes que pudesse escapar, o velho cego balançou seu cortador de grama e atingiu-a nas costas muito fortemente, Percy estremeceu. A harpia gritou, derrubou o burrito e voou para longe.

— Ei, pare com isso! — gritou Percy.

As harpias entenderam isso da maneira errada. Elas olharam para os três semideuses e imediatamente fugiram. A maioria delas voou para longe e se empoleiraram nas árvores ao redor do estacionamento, olhando desanimadamente para a mesa de piquenique. A harpia de penas vermelhas que fora atingida nas costas voou vacilantemente pela Rua Glisan e desapareceu de vista.

— HÁ! — O cego gritou em triunfo e desligou seu cortador de grama. Ele sorriu vagamente na direção de Percy. — Obrigado estranho! Sua ajuda é muito apreciada.

Percy controlou sua raiva. Ele não pretendia ajudar o velho, mas lembrou-se de que precisavam de informações.

— Hã, tanto faz. — Percy se aproximou do velho, mantendo um olho no cortador de grama. — Eu sou Percy Jackson, esse é...

— Semideuses — disse o velho — sempre consigo sentir o cheiro de semideuses.

Hazel franziu a testa.

— Cheiramos tão mal assim?

O velho riu.

— Claro que não minha querida. Mas você ficaria surpresa em descobrir quão afiados ficaram os meus sentidos desde que fiquei cego. Eu sou Fineu, e vocês... esperem, não me digam...

Ele alcançou o rosto de Percy e cutucou-o nos olhos.

— Ai! — Percy queixou-se.

— Filho de Netuno — Fineu exclamou — pensei ter sentido o cheiro do oceano em você Percy Jackson. Eu também sou um filho de Netuno sabia?

— É, ok. — Percy esfregou os olhos.

Apenas sorte que ele fosse parente desse velhinho. Esperava que nem todos os filhos de Netuno compartilhassem do mesmo destino. Primeiro você sai por aí carregando uma bolsa de couro. Antes que perceba você está correndo por aí em um roupão, chinelos de coelhinho rosa, perseguindo galinhas com um cortador de grama.

Fineu se virou para Hazel.

— E aqui... Cheiro de ouro e terra profunda. Hazel Levesque, filha de Plutão. E ao seu lado, o filho de Marte. Entretanto há muito mais em sua história Frank Zhang...

— Sangue Antigo — murmurou Frank. — Príncipe de Pilos. Blá, blá, blá.

— Poriclimeno, exatamente! Ah, ele era um cara legal, eu adorava os argonautas!

O queixo de Frank caiu.

— Espera, Pori *quem*?

Fineu sorriu.

— Não se preocupe, eu conheço a sua família. Aquela história sobre seu bisavô? Ele não destruiu *realmente* o acampamento. Mas que grupo interessante. Estão com fome?

Frank parecia ter sido atropelado por um caminhão, mas Fineu já havia mudado de assunto. Ele acenou em direção à mesa de piquenique. Nas árvores próximas, as harpias guinchavam miseravelmente. Mesmo faminto como Percy estava, não podia pensar em comer com essas pobres harpias o assistindo.

— Olha, eu estou confuso — disse Percy. — Nós precisamos de algumas informações. Nos disseram...

— ...Que as harpias estavam afastando a comida de mim — Fineu terminou. — E que se vocês me ajudassem, eu ajudaria vocês...

— Algo assim — admitiu Percy.

Fineu riu.

— Essas são notícias velhas. Parece que estou passando fome?

Ele acariciou sua barriga, a qual era do tamanho de uma bola de basquete superinflada.

— Hã... não — disse Percy.

Fineu agitou seu cortador de grama em um amplo gesto. Os três se abaixaram.

— As coisas mudaram, amigos! — disse ele. — Quando eu recebi o dom da profecia, eras atrás, é verdade que Júpiter me amaldiçoou. Ele mandou as harpias para roubar minha comida. Vejam vocês, eu tinha uma boca um pouco grande. Eu revelava muitos segredos que os deuses tentavam guardar — ele se virou para Hazel. — Por exemplo, você devia estar morta. E você... — ele se virou para Frank. — Sua vida depende de um pedaço de madeira queimado.

Percy franziu a testa.

— O que você está dizendo?

Hazel piscou como se tivesse sido esbofeteada. Já Frank, parecia que o caminhão tinha engatado a ré e atropelado ele outra vez.

— E você. — Fineu se virou para Percy. — Bem, você nem mesmo sabe quem é. Eu poderia te contar é claro, mas que graça isso teria? E que Brigid O'Shaughnessy atira em Miles Archer em O Falcão Maltês. E Darth Vader é o pai do Luke. E o Vencedor do próximo campeonato de futebol americano será...

— Já entendemos — murmurou Frank.

Hazel apertou sua espada como se ela estivesse tentada a esquartejar o velho.

— Então, você falou demais e os deuses te amaldiçoaram. Por que pararam?

— Ah, eles não pararam — ele levantou suas sobrancelhas numa expressão que dizia *dá pra acreditar?* — Eu tive que fazer um acordo com os argonautas. Eles também queriam informações, vejam só. Eu disse que se matassem as harpias eu cooperaria. Bem, eles assustaram essas criaturas nojentas, mas Íris não os deixaria matar as harpias. Um insulto! Então, *dessa* vez quando minha patrona me trouxe de volta à vida...

— Sua patrona? — perguntou Frank.

Fineu lhe dirigiu um sorriso perverso.

— Gaia é claro. Quem vocês acham que abriu os portões da morte? Sua namoradinha aqui entende bem o que é isso. Gaia não é também sua patrona?

Hazel desembainhou sua espada.

— Eu não sou... Eu não... Gaia não é minha patrona.

Fineu parecia estar se divertindo. Se ele ouviu a espada sendo puxada não pareceu se importar.

— Ótimo, se você que ser *nobre* e ficar do lado perdedor é problema seu. Mas Gaia está acordando, ela já reescreveu as regras da vida e da morte. Estou vivo de novo! E em troca de minha ajuda, uma profecia aqui, outra

ali, ganho meu mais caro desejo. A mesa foi virada, por assim dizer. Posso comer o que eu quiser o dia inteiro, e as harpias tem que assistir e passar fome.

Ele acelerou seu cortador de grama e as harpias gemeram em suas árvores.

— Elas são amaldiçoadas — disse o velho. — Elas só podem comer da minha mesa, não podem deixar Portland e como as portas da morte estão abertas elas não podem nem morrer. É lindo.

— Lindo? — Frank protestou — elas são criaturas vivas. Por que você é tão malvado com elas?

— Elas são monstros — Fineu disse — e *malvado*? Esses cérebros de penas me atormentaram por anos!

— Mas era o dever delas, — Percy disse, tentando se controlar — Júpiter lhes ordenou que fizessem isso.

— Ah, mas eu estou irado com Júpiter também — concordou Fineu. — No tempo certo Gaia cuidará para que os deuses sejam apropriadamente punidos. Eles fizeram um horrível trabalho em governar o mundo. Mas por hora estou gostando de Portland. Os mortais não me dão nenhuma importância. Pensam que sou apenas um velho louco espantando os pombos.

Hazel avançou em direção ao vidente.

— Você é terrível! — disse ela à Fineu. — Seu lugar é nos Campos de Punição.

Fineu zombou.

— De um morto para outro, mocinha? No seu lugar eu não estaria falando. Você começou a coisa toda! Se não fosse por você Alcioneu não estaria vivo!

Hazel cambaleou para trás.

— Hazel — os olhos de Frank se arregalaram. — Do que ele está falando?

— Há! — disse Fineu. — Você vai descobrir logo, logo, Frank Zhang. E então veremos se você continua tão carinhoso com a sua namorada. Mas vocês não estão aqui pra isso, certo? Querem encontrar Thanatos. Ele está sendo mantido no covil de Alcioneu. Claro que eu posso lhes dizer onde fica. Claro que posso. Mas primeiro vocês terão que me fazer um favor.

— Esqueça — disse Hazel, asperamente. — Você está trabalhando para o inimigo. Devíamos te mandar de volta para o Mundo Inferior nós mesmos.

— Vocês podem tentar. — Fineu sorriu. — Mas duvido que eu fique morto por muito tempo. Vejam vocês, Gaia me mostrou o caminho mais fácil para voltar para cá. E com Thanatos nas correntes, não tem ninguém pra me manter lá em baixo. Além disso, se me matarem nunca descobrirão meus segredos.

Percy estava tentado a deixar Hazel usar sua espada. Na verdade, ele queria estrangular aquele velho ele mesmo.

Acampamento Júpiter. Disse ele a si mesmo. *Salvar o acampamento é mais importante.* Ele se lembrou de Alcioneu provocando-o em seus sonhos. Se eles perdessem tempo vagando pelo Alasca à procura do covil do gigante, os exércitos de Gaia iriam destruir os Romanos... e os outros amigos de Percy, quem quer que eles fossem.

Ele cerrou os dentes.

— Qual é o favor?

Fineu lambeu os lábios com impaciência.

— Tem uma harpia que é mais rápida que as outras...

— A vermelha — supôs Percy.

— Eu sou cego! Eu não sei a cor! — resmungou o velho. — De qualquer forma, ela é a única que me dá trabalho. Ela é esperta, essa aí. Sempre faz o que quer, e não se junta às outras. Ela me deu isso.

Ele apontou para as cicatrizes em sua testa.

— Capture essa harpia — disse ele. — Tragam-na até mim. Eu a quero amarrada onde eu possa ficar de olho nela, por assim dizer. Harpias odeiam ficar amarradas. Isso lhes causa dor extrema. Ah, eu vou gostar disso. Talvez eu até a alimente para que ela dure mais.

Percy olhou para seus amigos. Eles entraram num acordo silencioso: Eles *nunca* iriam ajudar esse velho repugnante. Por outro lado, precisavam da informação. Eles precisavam de um plano B.

— Ah, podem ir conversar — Fineu disse despreocupadamente. — Eu não ligo. Só lembrem-se de que sem minha ajuda sua missão irá falhar e todos que vocês amam nesse mundo irão morrer. Agora saiam! Tragam-me aquela harpia!

PERCY

— **VAMOS PRECISAR DE UM POUCO DE SUA COMIDA.** — Percy abriu caminho com os ombros em torno do velho e arrancou coisas da mesa de piquenique – uma tigela coberta de macarrão tailandês com molho de macarrão com queijo e uma massa tubular que parecia uma combinação de burrito e pão de canela.

Antes que ele pudesse perder o controle e esmagar a burrito na cara de Fineu, Percy disse:

— Vamos, pessoal. — Ele levou seus amigos para fora do estacionamento.

Eles pararam na rua. Percy respirou fundo, tentando se acalmar. A chuva tinha diminuído para uma garoa indiferente. A névoa fria dava uma sensação boa no seu rosto.

— Aquele homem... — Hazel bateu ao lado de um banco de uma parada de ônibus. — Ele precisa morrer. *Novamente.*

Era difícil dizer na chuva, mas ela parecia estar piscando as lágrimas. Seus longos cabelos encaracolados estavam emplastrados dos lados de seu rosto. Na luz cinzenta, com seus olhos dourados, parecia mais como estanho.

Percy se lembrava de como ela agiu confiante quando se conheceram, assumindo o controle da situação com as Górgonas e conduzindo-o para a segurança. Ela o confortou no santuário de Netuno e o fez se sentir bem-vindo ao acampamento.

Agora ele queria retribuir o favor, mas não sabia como. Ela parecia perdida, suja, e completamente deprimida.

Percy não estava surpreso que ela tinha voltado do Mundo Inferior. Tinha suspeitado disso por um tempo – a maneira como ela evitava falar sobre seu passado, a forma como Nico di Angelo tinha sido tão reservado e cauteloso.

Mas isso não mudava a forma como Percy a via. Ela parecia... bem, *viva*, como uma criança normal com um coração bom, que merecia crescer e ter um futuro. Ela não era uma carniceira como Fineu.

— Nós vamos pegá-lo — prometeu Percy. — Ele não é *nada* como você, Hazel. Eu não me importo com o que ele diz.

Ela balançou a cabeça.

— Você não conhece a história toda. Eu deveria ter sido enviada para os Campos de Punição. Eu... eu sou tão ruim...

— Não, você não é! — Frank cerrou os punhos. Ele olhou ao redor como se estivesse procurando alguém que pudesse discordar dele – inimigos em quem ele pudesse bater por causa de Hazel. — Ela é uma boa pessoa! — Ele gritou para o outro lado da rua. As poucas harpias gritaram nas árvores, mas ninguém mais deu-lhe qualquer atenção.

Hazel olhou para Frank. Ela estendeu a mão timidamente, como se ela quisesse pegar a mão dele, mas tivesse medo que ele evaporasse.

— Frank... — gaguejou ela. — Eu... eu não...

Infelizmente, Frank parecia envolto em seus próprios pensamentos.

Ele tirou sua lança de suas costas e agarrou-a inquieto.

— Eu poderia intimidar aquele velho — ele ofereceu — talvez assustá-lo.

— Frank, está tudo bem. — disse Percy. — Vamos manter isso como um plano B, mas não acho que Fineu pode ser assustado para cooperar. Além disso, você só tem mais dois usos da lança, certo?

Frank fez uma careta para a ponta de dente de dragão, que tinha crescido para fora completamente durante a noite.

— Sim. Eu acho...

Percy não estava certo sobre o que o velho vidente quis dizer sobre a história da família de Frank — sobre seu bisavô ter destruído o acampamento, seu antepassado Argonauta, e o pouco sobre um pedaço de madeira queimada controlando a vida de Frank. Mas isso tinha claramente o abalado. Percy decidiu não pedir explicações. Ele não queria o grandalhão reduzido às lágrimas, especialmente na frente de Hazel.

— Eu tenho uma ideia. — Percy apontou para a rua. — A harpia de penas vermelhas foi por esse caminho. Vamos ver se podemos fazê-la falar com a gente.

Hazel olhou para o alimento em suas mãos.

— Você vai usar isso como isca?

— Mais como uma oferta de paz — disse Percy. — Vamos lá. Apenas tentem evitar que as outras harpias roubem essas coisas, ok?

Percy descobriu o macarrão tailandês e desembulhou o burrito de canela. Vapor perfumado flutuava no ar. Desceram a rua, Hazel e Frank

com suas armas para fora. As harpias voaram atrás deles, empoleirando nas árvores, caixas de correio e mastros de bandeiras, seguindo o cheiro da comida.

Percy quis saber o que os mortais viam, através da Névoa. Talvez pensassem que as harpias eram pombos e as armas fossem bastões de hóquei ou algo assim. Talvez apenas pensassem que o macarrão com queijo tailandês fosse tão bom que precisasse de uma escolta armada.

Percy segurou firme os alimentos. Ele tinha visto a rapidez com que as harpias poderiam roubar as coisas. Não queria perder a sua oferta de paz antes que ele encontrasse a harpia de penas vermelhas.

Finalmente, ele a viu, circulando acima de um trecho do parque que corria por vários quarteirões entre as fileiras de edifícios de pedra antiga. O caminho era esticado através do parque sob árvores enormes, bordos e olmos, esculturas antigas, parques infantis e bancos na sombra. O lugar lembrava Percy de... algum outro parque. Talvez em sua cidade natal? Ele não conseguia se lembrar, mas o fez sentir saudades de casa.

Atravessaram a rua e encontraram um banco para sentar, ao lado de uma grande escultura de bronze de um elefante.

— Parece Aníbal — disse Hazel.

— Exceto que chinês — disse Frank. — Minha avó tem um desses. — Ele se encolheu. — Quero dizer, o dela não tinha três metros e meio de altura. Mas ela importava coisas... da China. Somos chineses. — Ele olhou para Hazel e Percy, que estavam se esforçando para não rir. — Eu poderia simplesmente morrer de vergonha agora? — Perguntou ele.

— Não se preocupe com isso, cara — disse Percy. — Vamos ver se podemos fazer amizade com a harpia.

Ele levantou o macarrão tailandês e espalhou para cima o cheiro – pimenta picante e queijo excelente. A harpia vermelha circulou mais baixo.

— Nós não vamos machucá-la — Percy chamou em voz normal. — Nós só queremos conversar. Macarrão tailandês por uma chance de conversar, ok?

A harpia raiou para baixo em um lampejo de vermelho e caiu sobre a estátua de elefante.

Ela estava extremamente magra. Suas pernas eram como varas de penas. Seu rosto teria sido bonito, exceto pelas bochechas afundadas. Ela se moveu em uma brusca contração de pássaro, seus olhos marrons-café correndo sem descanso, os dedos agarrando sua plumagem, seus lóbulos das orelhas, o cabelo desgrenhado vermelho.

— Queijo — ela murmurou, olhando para os lados. — Ella não gosta de queijo.

Percy hesitou.

— Seu nome é Ella?

— Ella. Aella. “Harpia”. Em português. Em latim. Ella não gosta de queijo. — disse ela tudo isso sem tomar fôlego ou fazer contato visual. Suas mãos arrancaram seu cabelo, seu vestido de aniagem, as gotas de chuva, o que quer que se movesse.

Mais rápido do que Percy pudesse piscar, ela pulou, agarrou o burrito de canela, e apareceu em cima do elefante novamente.

— Deuses, ela é rápida! — disse Hazel.

— E *muito* cafeinada — disse Frank.

Ella cheirou o burrito. Ela mordiscou a borda e estremeceu da cabeça aos pés, grasnando como se estivesse morrendo.

— Canela é bom — ela pronunciou. — Bom para harpias. Humm.

Ela começou a comer, mas a maior das harpias desceu. Antes que Percy pudesse reagir, começaram a esmurrar Ella com suas asas, pegando o burrito.

— Nnnnnnãooo. — Ella tentou esconder debaixo das suas asas quando suas irmãs a encurralaram, arranhando com suas garras. — NÃÃO — gaguejou ela. — N-n-não!

— Parem com isso! — gritou Percy. Ele e seus amigos correram para ajudar, mas já era tarde demais. A grande harpia amarela agarrou o burrito e todo o rebanho dispersou, deixando Ella encolhida e tremendo em cima do elefante.

Hazel tocou o pé da harpia.

— Eu sinto muito. Você está bem?

Ella enfiou a cabeça para fora de suas asas. Ainda estava tremendo. Com os ombros curvados, Percy podia ver a ferida sangrando nas costas, onde Fineu tinha batido com o cortador de grama. Ela bicou suas penas, arrancando tufo de plumagem.

— P-pequena Ella — ela gaguejou, irritada. — P-pequena Ella. Não canela para Ella. Só queijo.

Frank olhou para o outro lado da rua, onde as outras harpias estavam sentadas em uma árvore de bordo, rasgando o burrito em pedaços.

— Nós vamos pegar para você mais alguma coisa — prometeu Frank.

Percy colocou o macarrão tailandês de lado. Ele percebeu que Ella era diferente, mesmo para uma harpia. Mas depois de vê-la convalescer, tinha certeza de uma coisa: o que quer que acontecesse, ele iria ajudá-la.

— Ella — disse ele — nós queremos ser seus amigos. Podemos te dar mais alimentos, mas...

— “*Friends*” — disse Ella. — “Dez Temporadas. 1994 a 2004.”

Ela olhou de soslaio para Percy, depois olhou para o ar e começou a recitar para as nuvens.

— “*Um meio-sangue dos deuses antigos filho, chegará aos dezesseis apesar de empecilhos.*” Dezesseis. Você tem dezesseis anos. Página dezesseis de

Dominando a Arte da Culinária Francesa. “Ingredientes: Bacon, Manteiga...”

Os ouvidos de Percy estavam ecoando. Sentiu-se tonto, como se tivesse acabado de mergulhar de uma centena de metros de profundidade e voltado novamente.

— Ella... o que foi que você disse?

— Bacon. — Ela pegou uma gota de chuva no ar. — Manteiga.

— Não, antes disso. Essas linhas... Eu *conheço* essas linhas.

Ao lado dele, Hazel estremeceu.

— Soa familiar, como... eu não sei, como uma profecia. Talvez seja algo que ela ouviu Fineu dizer?

Ao nome *Fineu*, Ella gritou em terror e voou para longe.

— Espere! — chamou Hazel. — Eu não quis dizer... Ah, deuses, como sou estúpida.

— Está tudo bem. — Frank apontou. — Olha.

Ella não estava se movendo tão rapidamente agora. Ela voou até o topo de um edifício de tijolos vermelhos de três andares e correu fora de vista sobre o telhado. Uma única pena vermelha voou para a rua.

— Você acha que é seu ninho? — Frank olhou de soslaio para a placa do edifício. — Biblioteca do Condado de Multnomah?

Percy assentiu.

— Vamos ver se está aberta.

Eles correram para o outro lado da rua e no saguão.

A biblioteca não teria sido a primeira escolha de Percy para algum lugar para se visitar. Com sua dislexia, ele teve bastante dificuldade em ler as placas. Um edifício cheio de livros? Isso soava tão divertido quanto tortura chinesa da água ou extração de dentes.

À medida que corriam pelo saguão, Percy imaginou que Annabeth gostaria deste lugar. Era espaçoso e bem iluminado, com grandes janelas

abobadadas. Livros e arquitetura, que era definitivamente o que ela...

Ele congelou no meio do caminho.

— Percy? — perguntou Frank. — O que há de errado?

Percy tentou desesperadamente se concentrar. De onde esses pensamentos vieram? Arquitetura, livros... Annabeth o levara para a biblioteca uma vez, de volta para casa na... na... memória desbotada. Percy bateu com o punho do lado de uma estante.

— Percy? — Hazel perguntou gentilmente.

Ele estava tão irritado, tão frustrado com suas memórias em falta que queria dar um soco em outra estante, mas seus amigos com faces preocupadas o trouxeram de volta para o presente.

— Estou... estou bem — mentiu ele. — Só tive tonturas por um segundo. Vamos encontrar um caminho para o telhado.

Levou um tempo, mas eles finalmente encontraram uma escada com acesso ao telhado. No topo estava uma porta com um alarme manual, mas alguém tinha o apoiado aberto com uma cópia de *Guerra e Paz*.

Lá fora, Ella, a harpia, estava encolhida em um ninho de livros debaixo de um abrigo improvisado de papelão.

Percy e seus amigos avançaram lentamente, tentando não assustá-la. Ella não deu-lhes qualquer atenção. Ela limpava suas penas e murmurava baixinho, como se estivesse praticando linhas para uma peça.

Percy se aproximou um metro e meio e ajoelhou-se.

— Oi. Nos desculpe por te assustar. Olha, eu não tenho muita comida, mas...

Ele pegou um pouco do charque macrobiótico do bolso. Ella deu um bote e pegou-o imediatamente. Ela se encolheu de volta em seu ninho, farejando o charque, mas suspirou e jogou fora.

— N-não de sua mesa. Ella não pode comer. Triste. Charque seria bom para harpias.

— Não de sua... Ah, certo — disse Percy. — Isso é parte da maldição. Você só pode comer o alimento dele.

— Tem que haver uma maneira — disse Hazel.

— “Fotossíntese” — murmurou Ella. — “Substantivo. Biologia. A síntese de materiais orgânicos complexos, foi o melhor dos tempos, foi o pior dos tempos, era a idade da sabedoria, era a idade da insensatez...”

— O que ela está dizendo? — sussurrou Frank.

Percy olhou para o monte de livros ao seu redor. Todos pareciam velhos e mofados. Alguns tinham preços escritos no marcador nas capas, como se a biblioteca tivesse se livrado deles em uma liquidação.

— Ela está citando livros — supôs Percy.

— “*Almanaque do Fazendeiro de 1965*” — disse Ella. — “Comece com animais reprodutores, janeiro vigésimo sexto.”

— Ella — disse ele — você já leu tudo isso?

Ela piscou.

— Mais. Mais no andar inferior. Palavras. Palavras acalmam Ella. Palavras, palavras, palavras.

Percy pegou um livro ao acaso, uma cópia esfarrapada de *A História da Corrida de Cavalos*.

— Ella, você se lembra do, hã, terceiro parágrafo na página sessenta e dois...

— “Secretariat” — disse Ella instantaneamente, — “favorecido em três para um no Derby de 1973 em Kentucky, terminou no histórico permanente de um e dois quintos.”

Percy fechou o livro. Suas mãos tremiam.

— Palavra por palavra.

— Isso é incrível — disse Hazel.

— Essa é uma galinha gênio — concordou Frank.

Percy se sentia desconfortável. Ele estava começando a formar uma ideia terrível sobre o porquê de Fineu querer capturar Ella, e não era porque ela tinha arranhado ele. Percy lembrou da linha que ela recitou: *Um meio-sangue dos deuses antigos filho*. Ele tinha certeza que era sobre ele.

— Ella — disse ele — vamos encontrar uma maneira de quebrar a maldição. Gostaria disso?

— “É impossível” — disse ela. — “Gravado em Inglês por Perry Como, de 1970”.

— Nada é impossível — disse Percy. — Agora, olha, eu vou dizer o nome dele. Você não tem que fugir. Vamos salvá-la da maldição. Só precisamos descobrir uma maneira de vencer... Fineu.

Ele esperou que ela fugisse, mas ela apenas balançou a cabeça vigorosamente.

— N-n-não! Não Fineu. Ella é rápida. Muito rápida para ele. M-mas ele quer p-prender Ella. Ele machuca Ella.

Ela tentou chegar ao corte em suas costas.

— Frank — disse Percy — você tem suprimentos de primeiros socorros?

— Aqui.

Frank trouxe uma garrafa térmica cheia de néctar e explicou suas propriedades curativas para Ella. Quando chegou mais perto, ela recuou e começou a gritar. Em seguida, Hazel tentou e Ella deixou-a passar um pouco de néctar nas costas. A ferida começou a fechar.

Hazel sorriu.

— Vê? Assim é melhor.

— Fineu é ruim — insistiu Ella. — E cortadores de grama. E queijo.

— Absolutamente — concordou Percy. — Nós não vamos deixá-lo ferir você novamente. Mas precisamos descobrir como enganá-lo. Vocês harpias devem conhecê-lo melhor do que ninguém. Existe alguma maneira de podermos enganá-lo?

— N-não — disse Ella. — “Os truques são para crianças. *Cinquenta truques para ensinar seu cão*, por Sophie Collins, ligue para o número 6-3-6...”

— Ok, Ella — Hazel disse com uma voz suave, como se ela estivesse tentando acalmar um cavalo. — Mas será que Fineu tem pontos fracos?

— Cego. Ele é cego.

Frank revirou os olhos, mas Hazel continuou pacientemente:

— Certo. Além disso?

— “Probabilidade” — disse ela. — “Jogos de azar. Dois para um. Probabilidades ruins. Pagar ou desistir.”

O entusiasmo de Percy aumentou.

— Você quer dizer que ele é um apostador?

— Fineu v-vê coisas grandes. Profecias. Fatos. Coisas de deuses. Não pequenas coisas. Aleatórias. Emocionantes. E ele é cego.

Frank coçou o queixo.

— Qualquer ideia do que isso significa?

Percy assistiu a harpia bicar seu vestido de aniagem. Ele sentiu pena dela, mas também estava começando a perceber o quão inteligente ela era.

— Acho que entendi — disse ele. — Fineu vê o futuro. Ele sabe de milhares de eventos importantes. Mas não pode ver as coisas, como pequenas ocorrências aleatórias, jogos espontâneos do acaso. O que torna o jogo emocionante para ele. Se nós pudermos tentá-lo a fazer uma aposta...

Hazel balançou a cabeça lentamente.

— Você quer dizer que se ele perder, ele tem que nos dizer onde está Thanatos. Mas o que temos para apostar? Que tipo de jogo que nós jogamos?

— Algo simples, com altos riscos — disse Percy. — Como duas escolhas. Uma você vive, outra você morre. E o prêmio tem que ser algo que Fineu quer... Quer dizer, além de Ella. Isso está fora do jogo.

— Visão — murmurou Ella. — A visão é boa para os homens cegos. Cura... não, não. Gaia não vai fazer isso por Fineu. Gaia mantém Fineu cego, dependente de Gaia. Sim.

Frank e Percy trocaram um olhar significativo.

— Sangue de Górgona — disseram eles ao mesmo tempo.

— O quê? — perguntou Hazel.

Frank mostrou os dois frascos de cerâmica que ele tinha recuperado do Pequeno Tibre.

— Ella é um gênio — disse ele. — A não ser que a gente morra.

— Não se preocupe com isso — disse Percy. — Eu tenho um plano.

XXVIII

PERCY

O VELHO ESTAVA BEM ONDE eles o haviam deixado, no meio do estacionamento de caminhões-lanchonete. Ele estava sentado no banco de piquenique com suas pantufas de coelho, comendo um prato de espetinho de churrasco gorduroso. Seu cigarro estava de um lado. Seu roupão estava manchado com molho de churrasco.

— Bem-vindos de volta! — ele gritou alegremente. — Ouvi asinhas nervosas batendo. Trouxeram minha harpia?

— Ela está aqui — disse Percy. — Mas não é sua.

Fineu chupou a gordura dos dedos. Seus olhos leitosos pareciam se fixar em um ponto bem acima da cabeça de Percy.

— Deixe-me ver... bem, na verdade, sou cego, então *não posso* ver. Vocês vieram para me matar, então? Se for, boa sorte para terminar sua jornada.

— Vim para fazer uma aposta.

A boca do velho se contraiu. Ele abaixou o espetinho e se inclinou na direção de Percy.

— Uma aposta... que interessante. Uma informação em troca da harpia? O vencedor leva tudo?

— Não — disse Percy. — A harpia não faz parte do acordo.

Fineu riu.

— Sêrio? Talvez você não entenda o valor que ela tem.

— Ela é uma pessoa — disse Percy. — Não está à venda.

— Ah, faça-me o favor! Você é do acampamento romano, não é? Roma foi *construída* pela escravidão. Não tente ser grande e poderoso comigo. Além disso, ela nem mesmo é humana. É um monstro. Um espírito do vento. Uma escrava de Júpiter.

Ella grasnou. Só para trazê-la ao estacionamento tinha sido um enorme desafio, mas agora ela começava a recuar, murmurando:

— “Júpiter. Hidrogênio e hélio. Sessenta e três satélites.” Sem escravos. Não.

Hazel colocou o braço em volta das asas de Ella. Ela parecia ser a única que podia tocar a harpia sem causar um monte de gritos e contorções.

Frank ficou do lado de Percy. Ele tinha sua lança pronta, como se o velho pudesse atacá-los.

Percy mostrou os frascos de cerâmica.

— Tenho uma aposta diferente. Conseguimos duas garrafas de sangue de Górgona, uma cura e a outra mata. Elas parecem exatamente iguais, e nem mesmo nós sabemos qual é qual. Se você escolher a certa, poderá curar sua cegueira.

Fineu ergueu a mão ansioso.

— Deixe-me senti-las, deixe-me cheirá-las!

— Não tão rápido — disse Percy. — Primeiro tem que concordar com nossos termos.

— Termos. — Fineu respirava superficialmente. Percy percebia que ele estava morrendo de vontade de aceitar a oferta. — Profecia *e* visão, eu seria invencível! Poderia ser *dono* dessa cidade. Construiria meu palácio aqui, com caminhões de comida por todos os lugares. Eu mesmo poderia capturar essa harpia!

— Nã-nãão — Ella disse nervosa. — Não, não, não.

É difícil rir como um vilão quando se está vestindo chinelos de coelhinhos cor-de-rosa, mas Fineu fez o melhor que pôde.

— Muito bem, semideus, quais são seus termos?

— Pode escolher o frasco — disse Percy. — Sem tirar a rolha, sem dar uma cheirada antes de decidir.

— Isso é injusto, sou cego! — disse Fineu.

— E eu não tenho sua sensibilidade com o olfato — disse Percy. — Pode segurar os frascos, e juro pelo Rio Estige que são idênticos. São exatamente como te disse: sangue de Górgona, um frasco do lado esquerdo do monstro, um do direito. E juro que nenhum de nós sabe qual é qual.

Percy olhou para Hazel.

— Hã, você é nossa especialista do Mundo Inferior. Com todas essas coisas estranhas saindo da morte, o juramento no Rio Estige ainda funciona? — disse Percy.

— Sim — disse ela, sem hesitar. — Para quebrar esse voto... Bem, melhor não fazer isso. Coisas piores que a morte acontecem.

Fineu coçou sua barba.

— Então devo escolher qual frasco tomar e você deve beber o outro. Juramos beber ao mesmo tempo?

— Tudo bem. — disse Percy.

— O perdedor obviamente morre — disse Fineu. — Esse tipo de veneno me impediria de voltar à vida, por uma vez pelo menos. Minha essência seria dispersada e degradada. Então estou me arriscando muito.

— Mas se vencer, pode conseguir tudo — disse Percy. — Se eu morrer, meus amigos juram te deixar em paz e não se vingarem. A visão é algo que nem mesmo Gaia te daria.

A expressão do velho azedou. Percy achou que acertou em cheio. Fineu queria ver. Por mais que Gaia o tivesse dado coisas, ele se ressentia por ainda ser cego.

— Se eu perder, estarei morto — disse o velho — incapaz de te dar a informação. Como isso vai ajudá-lo?

Percy ficou aliviado de ter falado sobre isso com seus amigos antes. Frank tinha sugerido a solução.

— Você vai escrever a localização do esconderijo de Alcioneu antes de bebermos — disse Percy. — Deixe com você, mas jure pelo Rio Estige que será específico e preciso. Também tem que jurar que, se morrer, as harpias vão estar livres da maldição.

— Esses são riscos altos — grunhiu Fineu. — Está diante da morte, Percy Jackson. Não seria mais fácil você simplesmente me passar a harpia?

— Não é uma opção.

Fineu sorriu lentamente.

— Então *está* começando a entender seu valor. Assim que tiver minha visão, vou capturá-la eu mesmo. Seja lá quem controla essa harpia... bem, já fui um rei. Esse acordo pode me fazer rei novamente.

— Está sendo confiante demais — disse Percy. — Temos um acordo?

Fineu tocou seu nariz pensativo.

— Não posso prever o desfecho, é irritante como isso funciona. Um risco completamente inesperado. Faz o futuro ficar nebuloso. Mas posso te

dizer isso, Percy Jackson: se sobreviver hoje, não vai gostar do seu futuro. Um grande sacrifício está por vir e você não terá coragem para enfrentá-lo. Isso vai te custar caro, vai custar caro ao mundo todo. Será bem mais fácil se você escolher o veneno.

A boca de Percy azedou como o gosto de chá verde. Ele queria pensar que o velho só estava brincando com a mente dele, mas algo na predição era verdade. Ele se lembrou do aviso de Juno quando tinha escolhido ir para o Acampamento Júpiter: *Você vai sentir dor, miséria e perder tudo o que já conheceu. Mas terá uma chance de salvar seus velhos amigos e sua família.*

Nas árvores ao redor do estacionamento, as harpias se reuniram para assistir como se sentissem o que estava em jogo. Frank e Hazel estudaram o rosto de Percy com preocupação. Ele assegurou-os que a probabilidade não era pior que 50%. Ele *tinha* um plano. Mas é claro que o plano podia sair pela culatra. Sua chance de sobrevivência podia ser de cem por cento - ou zero. Ele não havia mencionado isso.

— Temos um acordo? — Percy disse novamente.

Fineu sorriu.

— Juro pelo Rio Estige que concordo com seus termos. Bem como os descreveu. Encontre algo em que eu possa escrever. Frank Zhang, você é descendente de um Argonauta. Acredito na sua palavra. Se eu vencer, você e sua amiga Hazel juram me deixar em paz, e não tentar a vingança?

As mãos de Frank estavam tão cerradas que Percy achou que ele quebraria sua lança de ouro, mas murmurou mesmo assim:

— Juro pelo Rio Estige.

— Também juro — disse Hazel.

— Juro — murmurou Ella. — Juro não pela lua, mas pela lua inconstante.

Fineu riu.

— Nesse caso, encontre algo no qual eu possa escrever. Vamos começar.

Frank pegou emprestado um guardanapo e uma caneta de um vendedor do caminhão de comida. Fineu rabiscou alguma coisa no guardanapo e o colocou no bolso do roupão.

— Juro que essa é a localização da toca de Alcioneu. Não que vá viver o bastante para ler isso.

Percy tirou sua espada e toda a comida da mesa. Fineu sentou de um lado e Percy do outro.

Fineu levantou as mãos.

— Deixe-me sentir os frascos.

Percy olhou para as colinas distantes. Ele imaginou o rosto sombrio de uma mulher dorminhoca. Jogou os pensamentos para longe e esperou que a deusa estivesse ouvindo.

Certo, Gaia, estou provando seu blefe. Você disse que sou um peão valioso. Disse que vai me poupar até chegar ao norte. Quem é mais valioso para você, eu ou esse velho? Porque um de nós está prestes a morrer.

Fineu ergueu as mãos em um movimento apreensivo.

— Perdendo sua coragem, Percy Jackson? Dê-me os frascos.

Percy passou os frascos ao velho.

O velho comparou o peso. Correu os dedos pela superfície de cerâmica. Então as colocou gentilmente na mesa com uma mão em cada. Um terremoto suave sacudiu o chão. Uma sacudida suficiente para fazer os dentes de Percy baterem.

O frasco da esquerda pareceu tremer mais levemente que o da direita.

Fineu sorriu maliciosamente e passou a mão ao redor do frasco da esquerda.

— Você é um tolo, Percy Jackson. Eu escolho este aqui. Agora vamos tomar.

Percy pegou o frasco da direita, seus dentes batendo.

O velho levantou seu frasco.

— Um brinde aos filhos de Netuno.

Os dois destamparam e esvaziaram os frascos.

Imediatamente Percy sentiu um gosto parecido com gasolina.

— Ah, deuses! — disse atrás dele.

— Não! — disse Ella. — Não, não, não!

A visão de Percy ficou nublada, pôde ver Fineu sorrindo de triunfo. Sentou-se reto piscando os olhos de expectativa.

— Sim! — gritou ele. — A qualquer segundo minha visão voltará.

Percy tinha escolhido errado. Se sentiu idiota de ter tomado tanto risco. Sentiu como se cacos de vidro tivessem ido parar no seu estômago e estavam passando pelo intestino.

— Percy! — Frank segurou seus ombros. — Percy, você não pode morrer!

Ele recuperou o fôlego... e de repente sua visão clareou.

Na mesma hora Fineu se curvou como se tivesse levado um soco.

— Você... você não pode! — gritou o velho. — Gaia, você... você... — Ele cambaleou e tropeçou para longe da mesa segurando o estômago. — Sou muito valioso! — Vapor saiu de sua boca. Um fraco vapor amarelado saiu das orelhas. — Injustiça! — gritou ele. — Você trapaceou!

Ele tentou pegar o papel do bolso de seu manto. Seus dedos viraram areia.

Percy se levantou cambaleando. Ele não se sentia *curado* ou algo do tipo. Sua memória não tinha voltado, mas a dor tinha parado.

— Ninguém trapaceou — disse Percy. — Você fez sua escolha por si mesmo. E mantive meu juramento.

O rei cego gemeu de agonia. Ele lentamente se desfez em um círculo, até que tudo o que havia sobrado era seu roupão de banho manchado e um par de pantufas de coelho.

— Esses — Frank disse — são os despojos de guerra mais *nojentos* que já vi.

Uma voz de mulher falou na mente de Percy. *Uma troca, Percy Jackson. Era um sussurro sonolento, com uma pitada de admiração. Você me forçou a escolher, e você é mais importante para meus planos do que o velho vidente. Mas não pressione sua sorte. Quando sua morte chegar, prometo que vai ser bem mais dolorosa do que sangue de Górgona.*

Hazel cutucou o roupão com sua espada. Não havia nada lá — nenhum sinal de que Fineu estivesse tentando se regenerar. Ela olhou para Percy com admiração.

— Essa foi a coisa mais corajosa que já vi, ou a mais estúpida.

Frank balançou a cabeça em descrença.

— Percy, como você soube? Tinha quase certeza que você tinha escolhido o veneno.

— Gaia — disse Percy. — Ela me *quer* vivo para fazer isso no Alasca. Ela acha... não tenho certeza. Acha que pode me usar como parte de seu plano. Influenciou Fineu a escolher o frasco errado.

Frank encarou com horror os restos do velho.

— Gaia preferiu matar seu próprio criado a você? É isso o que está dizendo?

— Planos — murmurou Ella. — Planos e tramas. A dama no chão. Grandes planos para Percy. Carne em conserva macrobiótica para Ella.

Percy entregou o saco de carne em conserva para ela, que grasnou de alegria.

— Não, não, não — ela murmurou, meio cantando. — Fineu, não. Comida e palavras para Ella, sim.

Percy se agachou sobre o roupão e puxou a anotação do bolso do velho. Lia-se: GELEIRA HUBBARD.

Todo aquele risco por duas palavras. Ele passou a anotação para Hazel.

— Sei onde é — disse ela. — É bem famoso. Mas temos um longo caminho pela frente.

Nas árvores ao redor do estacionamento, as outras harpias finalmente superaram o choque. Grasnaram com animação e voaram a noroeste dos caminhões de comida, mergulharam pelas janelas de serviço e invadiram as cozinhas. Os cozinheiros gritaram em várias línguas. Os caminhões balançaram para frente e para trás. Penas e caixas de comida voaram para todo lugar.

— É melhor voltarmos para o barco — disse Percy. — Estamos correndo contra o tempo.

HAZEL

ANTES MESMO DE ENTRAR NO BARCO, Hazel se sentiu enjoada.

Ela não parava de pensar em Fineu com aquele vapor saindo de seus olhos e suas mãos se desintegrando em pó. Percy tinha lhe assegurado de que ela não era como Fineu. Mas ela *era*. Havia feito algo ainda pior do que amaldiçoar as harpias.

Você começou tudo isso! Fineu havia-lhe dito. *Se não fosse por você, Alcioneu não estaria vivo!*

Conforme o barco acelerava para descer o Rio Columbia, Hazel tentava esquecer. Ela ajudou Ella a fazer um ninho com os velhos livros e revistas que haviam pego da caixa de reciclagem na biblioteca.

Eles não tinham realmente planejado levar a harpia com eles, mas foi Ella quem decidiu.

— *Friends* — murmurou ela. — “Dez Temporadas. 1994 a 2004.” Amigos que derreteram Fineu e deram charque para Ella. Ella irá com seus

amigos.

Agora ela estava empoleirada confortavelmente na proa, mordiscando pedaços de carne seca e recitando linhas aleatórias de *Charles Dickens* e *Cinquenta Truques Para Ensinar ao Seu Cão*.

Percy ajoelhou-se sobre a proa, orientando-os em direção ao oceano com seus esquisitos poderes da mente sobre a água. Hazel se sentou ao lado de Frank no banco central, com seus ombros se tocando, o que a fez se sentir confusa como uma harpia.

Ela se lembrou como Frank a defendeu em Portland, gritando: *Ela é uma boa pessoa!*, como se ele estivesse pronto para bater em qualquer um que negasse isso.

Ela lembrou da maneira como ele havia parecido na encosta em Mendocino, sozinho em uma clareira de grama envenenada com sua lança na mão, incêndios queimando tudo ao seu redor e as cinzas de três basiliscos a seus pés.

Há uma semana, se alguém tivesse sugerido que Frank era uma criança de Marte, Hazel teria rido. Frank era muito fofo e gentil para isso. Sempre se sentiu como a protetora dele por causa de sua falta de jeito e seu talento para se meter em encrenca.

Desde que deixaram o acampamento, ela o via de uma forma diferente. Ele tinha mais coragem do que ela havia percebido. Era ele que a protegia. Teve que admitir que a mudança foi bem legal.

O rio estendeu-se para o oceano. O *Pax* virou-se para o norte. Enquanto navegavam, Frank manteve seu ânimo para cima fazendo piadas tolas – *Por que o Minotauro atravessou a rua? Quantos faunos são precisos para trocar uma lâmpada?* Ele indicou edifícios ao longo da costa que o lembrava de lugares em Vancouver.

O céu começou a escurecer, e o mar ficou da mesma cor enferrujada das asas de Ella. 21 de junho estava se aproximando do fim. O Festival de Fortuna, que aconteceria à noite, estava a exatamente setenta e duas horas a partir de agora.

Finalmente Frank tirou um pouco de comida de sua bolsa – refrigerantes e muffins que havia pegado da mesa de Fineu. Ele passou para todos.

— Está tudo bem, Hazel — disse ele calmamente. — Minha mãe costumava dizer que você não deve tentar cuidar de um problema sozinho. Mas se não quiser falar sobre isso, tudo bem.

Hazel respirou instavelmente. Tinha medo de falar, não só porque estava envergonhada. Não queria desmaiar e voltar a deslizar pelo seu passado.

— Você estava certo — disse Hazel. — Quando supôs que vim do Mundo Inferior. Eu sou... eu sou uma *fugitiva*. Não deveria estar viva.

Ela se sentia como se uma represa tivesse se rompido. Inundando a história. Explicou como sua mãe havia convocado Plutão e se apaixonado pelo deus. Explicou o desejo de sua mãe por todas as riquezas da terra, e como isso havia se tornado a maldição de Hazel. Descreveu sua vida em Nova Orleans – tudo, exceto seu namorado Sammy. Olhando para Frank, não teve coragem de falar sobre isso.

Ela descreveu a *Voz*, e como Gaia tinha assumido lentamente a mente de sua mãe. Falou como elas haviam se mudado para o Alasca, como Hazel havia ajudado a levantar o gigante Alcioneu e como tinha morrido, afundando a ilha na Baía da Ressurreição.

Sabia que Percy e Ella estavam ouvindo, mas ela falou principalmente para Frank. Quando tinha terminado, estava com medo de olhar para ele.

Esperou que ele se afastasse, talvez dizendo que ela *era* um monstro depois de tudo isso.

Em vez disso, ele pegou em sua mão.

— Você se sacrificou para impedir o gigante de acordar. Eu nunca seria tão corajoso assim.

Hazel sentiu sua pulsação no pescoço.

— Não foi coragem. Eu deixei minha mãe morrer. Cooperei com Gaia por um tempo muito longo. Quase a deixei ganhar.

— Hazel — disse Percy. — Você se levantou contra uma deusa sozinha. Você fez o certo... — Sua voz sumiu, como se tivesse tido um pensamento desagradável. — O que aconteceu no Mundo Inferior... Quero dizer, depois que você morreu? Você deveria ter ido para o Elísio. Mas se Nico trouxe você de volta...

— Eu não fui para o Elísio — sua boca estava seca como areia. — Por favor, não pergunte...

Mas era tarde demais. Ela se lembrou de sua queda nas trevas, sua chegada às margens do Rio Estige, e sua consciência começou a escorregar.

— Hazel? — perguntou Frank.

— “Slip Sliding Away” — murmurou Ella. — Número cinco EUA Paul Simon. Frank, vá com ela. Paul Simon disse: Frank, vá com ela.

Hazel não fazia ideia do que Ella estava falando, mas sua visão escurecia enquanto se agarrava na mão de Frank. Ela se viu de volta ao Mundo Inferior, e dessa vez Frank estava ao seu lado.

Eles estavam no barco de Caronte, atravessando o Estige. Coisas rodavam nas águas escuras – um balão murcho de aniversário, a chupeta de uma criança, os noivinhos de plástico de um bolo de casamento – tudo remanescente de curtas vidas humanas.

— O-onde nós estamos? — Frank estava ao seu lado, brilhando com uma fantasmagórica luz roxa como se tivesse se tornado um *Lar*.

— É o meu passado. — Hazel se sentia estranhamente calma. — É apenas um eco. Não se preocupe.

O barqueiro se virou e sorriu. Em um momento ele era um bonito homem africano em um terno de seda cara. No outro, era um esqueleto em um manto negro.

— Claro que você não deve se preocupar — disse ele com um sotaque britânico. Ele abordou Hazel, como se não pudesse ver Frank ao seu lado. — Eu disse que iria atravessá-la, não disse? Tudo bem se você não tem nenhuma moeda... Não seria apropriado, deixar uma filha de Plutão no lado errado do rio.

O barco deslizou para uma praia escura. Hazel levou Frank para os portões negros do Érebo. Os espíritos se dividiram para eles, sentindo que ela era uma filha de Plutão. Cérbero, o gigante cão de três cabeças, rosnou na escuridão, mas os deixou passar. Dentro dos portões, eles andaram através de um largo pavilhão e pararam na frente de uma arquibancada de jurados. Três figuras de túnica preta com máscaras de ouro olharam para Hazel.

Frank choramingou.

— Quem...?

— Eles vão decidir meu destino — disse ela. — Veja.

Assim como antes, os juízes não lhe perguntaram nada. Simplesmente olharam em sua mente, puxando os pensamentos de sua cabeça e examinando-os como uma coleção de fotos antigas.

— Frustrou Gaia — disse o primeiro juiz. — Impediu Alcioneu de acordar.

— Mas ela levantou o gigante primeiramente. — O segundo juiz tentou argumentar. — Culpada de fraqueza, covardia.

— Ela é jovem — disse o terceiro juiz. — A vida da mãe dela está pendurada na balança.

— Minha mãe. — Hazel tomou coragem para falar. — Onde ela está? Qual o é o seu destino?

Os juízes consideraram-na, suas máscaras de ouro congeladas em um sorriso assustador.

— Sua mãe...

A imagem de Marie Levesque brilhou acima dos juízes. Ela estava congelada no tempo, abraçando Hazel enquanto a caverna desmoronava, com seus olhos fechados.

— Uma questão interessante — disse o segundo juiz. — A divisão da culpa.

— Sim — disse o primeiro juiz. — A criança morreu por uma causa nobre. Impediu muitas mortes por atrasar a ascensão do gigante. Teve coragem de ficar contra o poder de Gaia.

— Mas agiu tarde demais — o terceiro juiz disse com tristeza. — Ela é culpada por auxiliar um inimigo dos deuses.

— A mãe a influenciou — disse o primeiro juiz. — A criança pode ir para o Elísio. Punição eterna para Marie Levesque.

— Não! — gritou Hazel. — Não, por favor! Isso não é justo!

Os juízes inclinaram a cabeça ao mesmo tempo. *Máscaras de ouro*, pensou Hazel. *Ouro sempre foi amaldiçoado para mim*. Ela perguntou-se se o ouro estava envenenando o pensamento deles de alguma forma, de modo que eles nunca dessem um julgamento justo.

— Tenha cuidado, Hazel Levesque — o primeiro juiz advertiu. — Você pode assumir a total responsabilidade? Você pode colocar essa culpa na alma

da sua mãe. O que seria razoável. Você foi destinada a grandes coisas. Sua mãe lhe desviou do caminho. Veja o que você poderia ter sido...

Outra imagem apareceu sobre os juízes. E Hazel se viu como uma menininha, sorrindo, com as mãos cobertas de tinta. A imagem envelheceu. Hazel viu-se crescer – o cabelo dela ficando mais longo, com os olhos tristes. Se viu em seu décimo terceiro aniversário, passeando através de campos em seu cavalo emprestado. Sammy ria enquanto corria atrás dela: *Do que você está correndo? Eu não sou tão feio, sou?* Ela se viu no Alasca, caminhando pela Rua 3 na neve e na escuridão em seu caminho de volta para casa.

Então a imagem envelheceu ainda mais. Hazel se viu com vinte anos. Ela se parecia muito com sua mãe, cabelos trançados em volta da cabeça, olhos dourados que piscavam com divertimento. Usava um vestido branco – um vestido de noiva? Estava sorrindo tão calorosamente, Hazel sabia instintivamente que devia estar olhando para alguém especial – alguém que ela amava.

A visão não a fez se sentir amarga. Ela nem mesmo queria saber com quem teria se casado. Em vez disso, pensou: *Talvez minha mãe pudesse ter se parecido com isso se tivesse deixado sua raiva ir embora, se Gaia não tivesse a enrolado.*

— Você perdeu a vida — disse o primeiro juiz simplesmente. — Circunstâncias especiais. Elísio para você. Punição para sua mãe.

— Não — disse Hazel. — Não, não foi tudo culpa dela. Ela foi enganada. Ela me *amava*, e no final, tentou me proteger.

— Hazel — Frank sussurrou — o que você está fazendo?

Ela apertou sua mão, incentivando-o a ficar em silêncio. Os juízes não lhe deram atenção.

Finalmente, o segundo juiz suspirou.

— Sem resolução. Nada suficientemente bom. Nada suficientemente mau.

— A culpa deve ser dividida — concordou o primeiro juiz. — Ambas as almas serão mandadas para o Campo de Asfódelos. Sinto muito, Hazel Levesque. Você poderia ter sido uma heroína.

Ela passou pelo pavilhão, para os campos amarelos sem fim. Levou Frank através de uma multidão de espíritos para um bosque de choupos negros.

— Você desistiu do Elísio — Frank disse espantado. — Para que sua mãe não sofresse?

— Ela não merecia a Punição — disse Hazel.

— Mas... o que acontece agora?

— Nada — disse Hazel. — Nada... por toda a eternidade.

Eles vagaram sem rumo. Espíritos ao seu redor faziam barulhos como morcegos – perdidos e confusos, eles não se lembravam de seu passado, nem mesmo seus próprios nomes.

Hazel se lembrava de tudo. Talvez porque era filha de Plutão, mas ela nunca se esqueceu de quem era, ou o porquê de estar ali.

— Lembrar da minha vida após a morte foi difícil — disse ela à Frank, que ainda flutuava ao lado dela como um *Lar* roxo e brilhante. — Muitas vezes eu tentei ir até o palácio de meu pai... — Ela apontou para um grande castelo negro à distância — mas nunca pude alcançá-lo. Não posso deixar o Campo de Asfódelos.

— Alguma vez viu a sua mãe novamente?

Hazel balançou a cabeça.

— Ela não me reconheceria, mesmo se eu pudesse encontrá-la. Esses espíritos... é como um sonho eterno para eles, um transe sem fim. Isso é o melhor que pude fazer por ela.

O tempo não significava nada, mas depois de uma eternidade, ela e Frank sentaram-se debaixo de um choupo negro, ouvindo os gritos dos Campos de Punição. À distância, sob a luz do sol artificial do Elísio, a Ilha dos Bem-Aventurados brilhava como cintilantes esmeraldas em um lago azul. Velas brancas atravessavam a água e as almas dos grandes heróis se aqueciam nas praias em uma felicidade perpétua.

— Você não merecia o Asfódelos — protestou Frank. — Você deveria estar com os heróis.

— Isso é apenas um eco — disse Hazel. — Vamos acordar, Frank. Isso só *parece* para sempre.

— Não é esse o ponto! — protestou ele. — Sua vida foi tirada de você. Você ia crescer e ser uma mulher linda. Você...

Seu rosto ficou em um tom mais escuro de roxo.

— Você iria se casar com alguém — disse ele calmamente. — Poderia ter tido uma boa vida. Você perdeu tudo isso.

Hazel engoliu um soluço. Não tinha sido tão difícil nos Asfódelos na primeira vez, quando estava sozinha. Ter Frank com ela a fez se sentir muito triste. Mas estava determinada a não ficar com raiva sobre o seu destino.

Hazel pensou em sua imagem quando adulta, sorrindo e apaixonada. Sabia que não seria necessária muita amargura para azedar sua expressão e fazer dela exatamente como a “Rainha Marie”. *Eu mereço o melhor*, sua mãe dizia. Hazel não podia permitir se sentir assim.

— Me desculpe, Frank — disse ela. — Eu acho que sua mãe estava errada. Compartilhar segredos não os torna mais fáceis de carregar.

— Comigo torna. — Frank enfiou a mão no bolso do casaco. — Na verdade... já que temos a eternidade para conversar, tem algo que eu queria te dizer.

Ele trouxe para fora um objeto enrolado em um pano, do mesmo tamanho de um par de óculos. Quando desdobrou o pano, Hazel viu um pedaço de madeira meio queimado, brilhando com uma luz roxa.

Ela franziu a testa.

— O que é... — Então a verdade bateu, tão fria e áspera como uma rajada de vento de inverno. — Fineu disse que sua vida depende de um pedaço de madeira queimada...

— É verdade — disse Frank. — Esta é a minha vida, literalmente.

Ele contou como a deusa Juno tinha aparecido quando ele era um bebê, como sua avó tinha arrancado um pedaço de madeira da lareira.

— Vovó disse que eu tinha talentos, alguns talentos que recebemos do nosso ancestral, o Argonauta. Isso, e meu pai sendo Marte... — Ele deu de ombros. — Tenho que ser muito forte. É por isso que minha vida pode queimar tão facilmente. Íris disse que eu iria morrer segurando isso, assistindo-o queimar.

Frank virou o pedaço de madeira em seus dedos. Mesmo em sua fantasmagórica forma roxa, ele parecia tão grande e robusto. Hazel imaginou que ele seria enorme quando fosse adulto – tão forte e saudável como um touro. Não podia acreditar que sua vida dependia de algo tão pequeno como um pedaço de madeira.

— Frank, como você pode carregar isso com você? — perguntou ela. — Você não tem medo que alguma coisa aconteça com isso?

— É por isso que estou lhe dizendo — ele estendeu a madeira. — Eu sei que é pedir demais, mas você poderia guardar isso para mim?

A cabeça de Hazel girava. Até agora, ela aceitou a presença de Frank em seu desmaio. O levou junto, revivendo entorpecida o seu passado, porque parecia justo lhe mostrar a verdade.

Mas agora ela se perguntava se Frank estava realmente experimentando isso com ela, ou se estava apenas imaginando sua presença. Por que ele confiaria sua vida nela?

— Frank — disse ela — você sabe *quem* eu sou. Sou filha de Plutão. Tudo em que toco dá errado. Por que você confiaria em mim?

— Você é a minha melhor amiga — ele colocou a madeira nas mãos dela. — Eu confio em você mais do qualquer um.

Ela queria dizer que ele estava cometendo um erro. Queria devolver a madeira para ele. Mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, uma sombra caiu sobre eles.

— Nosso passeio termina aqui — supôs Frank.

Hazel tinha quase esquecido que estava revivendo seu passado. Nico di Angelo estava sobre ela com o seu sobretudo preto, sua espada de ferro estígio, ao seu lado. Ele não notou Frank, mas focou seus olhos em Hazel, ele parecia poder ler toda a sua vida.

— Você é diferente — disse ele. — Uma criança de Plutão. Você se lembra de seu passado.

— Sim — disse Hazel. — E você está vivo.

Nico estudou-a como se estivesse lendo um cardápio, decidindo ou não fazer seu pedido.

— Eu sou Nico di Angelo — disse ele. — Eu vim à procura de minha irmã. Está morta, tenho sentido sua falta, então pensei... pensei que poderia trazê-la de volta e ninguém notaria.

— De volta à vida? — perguntou Hazel. — Isso é possível?

— Deveria ser. — Nico suspirou. — Mas ela se foi. Escolheu renascer para uma nova vida. Estou muito atrasado.

— Sinto muito.

Ele estendeu a mão.

— Você é minha irmã também. Merece outra chance. Venha comigo.

HAZEL

— **HAZEL.** — **PERCY ESTAVA BALANÇANDO SEU OMBRO.** — Acorde. Nós chegamos a Seattle.

Ela sentou-se tonta, com os olhos semicerrados no sol da manhã.

— Frank?

Frank gemeu, esfregando os olhos.

— Nós acabamos de... eu acabei de...?

— Vocês dois desmaiaram — disse Percy. — Eu não sei por que, mas Ella me disse para não me preocupar. Ela disse que vocês estavam... compartilhando?

— Compartilhando — concordou Ella. Ela se agachou na popa, alisando suas penas com seu dente, o que não parecia uma forma muito eficiente de higiene pessoal. Ela cuspiu algumas penas vermelhas. — Compartilhar é bom. Sem mais apagões. Maior apagão americano, 14 de agosto de 2003. Hazel compartilhou. Sem mais apagões.

Percy coçou a cabeça.

— É... nós estamos tendo conversas assim à noite toda. Eu ainda não sei sobre o que ela está falando.

Hazel pressionou sua mão contra o bolso do casaco. Ela pôde sentir o pedaço de lenha enrolado em um pano.

Ela olhou para Frank.

— Você *estava* lá.

Ele balançou a cabeça. Não disse nada, mas sua expressão era clara: ele queria dizer o que ele disse. Queria que ela mantivesse o pedaço de madeira seguro. Ela não tinha certeza se se sentia honrada ou com medo. Ninguém jamais tinha confiado a ela algo tão importante.

— Espera — disse Percy. — Você quer dizer que vocês *compartilharam* um desmaio? Vocês dois vão desmaiar juntos de agora em diante?

— Não — disse Ella. — Não, não e não. Sem mais desmaios. Mais livros para Ella. Livros em Seattle.

Hazel olhava por cima da água. Eles estavam navegando através de uma grande baía, fazendo o seu caminho em direção a um aglomerado de edifícios no centro da cidade. Bairros através das colinas. Da mais alta, subia uma torre branca estranha com um disco no topo, como uma nave espacial dos antigos filmes de Flash Gordon que Sammy costumava amar.

Sem mais desmaios? pensou Hazel. Depois de sofrer com eles por tanto tempo, a ideia parecia boa demais para ser verdade.

Como Ella podia ter certeza que eles acabaram? Agora Hazel se *sentia* diferente... Mais presa ao chão, como se não estivesse mais tentando viver em dois períodos. Todo músculo no seu corpo começou a relaxar. Ela sentiu como se ela finalmente tirasse um casaco de chumbo que estivera usando por meses. De algum modo, ter Frank com ela durante o apagão ajudou. Ela reviveu seu passado inteiro, até chegar direto no presente. Nenhum

obstáculo que ela tivesse que se preocupar no futuro – assumindo que ela *tivesse* um.

Percy dirigiu o barco para o cais do centro da cidade. Conforme chegavam mais perto, Ella arranhava nervosamente no seu ninho de livros.

Hazel começou a se sentir nervosa também. Não tinha certeza do porquê. Era um dia ensolarado, e Seattle parecia um lugar bonito, com enseadas e pontes, ilhas arborizadas pontilhando a baía, montanhas cobertas de neve crescendo na distância. Ainda assim, sentia como se estivesse sendo vigiada.

— Hã... porque estamos parando aqui? — perguntou ela.

Percy lhes mostrou o anel de prata em seu colar.

— Reyna tem uma irmã aqui. Me pediu para encontrá-la e mostrar isso.

— Reyna tem uma *irmã*? — Frank perguntou, como se a ideia o assustasse.

Percy assentiu.

— Aparentemente, Reyna pensa que a irmã dela pode mandar ajuda para o acampamento.

— Amazonas — murmurou Ella. — País das Amazonas. Hmm. Ella vai procurar bibliotecas ao invés. Não gosto de Amazonas. Cerca. Escudos. Espadas. Pontudo. Ai.

Frank pegou sua lança.

— Amazonas? Como... mulheres guerreiras?

— Isso faria sentido — disse Hazel. — Se a irmã de Reyna também é filha de Belona, posso entender porque se juntou às Amazonas. Mas... é seguro para nós estarmos aqui?

— Não, não, não — disse Ella. — Pegue livros ao invés disso. Sem Amazonas.

— Nós temos que tentar — disse Percy. — Eu prometi a Reyna. Além disso, *Pax* não está indo muito bem. Eu tenho o forçado bastante.

Hazel olhou para seus pés. Água estava vazando entre o piso.

— Ah.

— Sim — concordou Percy. — Nós vamos precisar concertar isso ou encontrar um barco novo. Ella, você faz ideia de onde podemos encontrar as Amazonas?

— E, hã — Frank disse nervosamente — elas não... tipo, matam os homens que aparecem, não é?

Ella olhou para o cais, só algumas centenas de metros adiante.

— Ella vai encontrar amigos mais tarde. Ella vai voar agora.

E voou.

— Bem... — Frank pegou uma única pena vermelha no ar. — Isso é encorajador.

Eles ancoraram no cais. Mal tiveram tempo para descarregar suas coisas antes do *Pax* estremecer e quebrar em pedaços. A maior parte dele afundou, deixando apenas uma borda com um olho pintado e outro com a letra *P* balançando nas ondas.

— Acho que não vamos concertá-lo — disse Hazel. — E agora?

Percy olhou para as colinas do centro de Seattle.

— Torcemos para que as Amazonas nos ajudem.

Eles exploraram por horas. Encontraram alguns chocolates em uma loja de doces. Compraram um pouco de café tão forte que a cabeça de Hazel parecia com um gongo vibrando. Eles pararam em uma lanchonete e comeram uns sanduíches de salmão grelhado excelentes.

Uma vez eles viram Ella voando entre os arranha-céus, um livro em cada pata. Mas não encontraram as Amazonas. Durante todo o tempo, Hazel

estava preocupada com o tempo passando. Era 22 de Junho agora, e o Alasca ainda estava muito longe.

Finalmente eles foram para o sul do centro da cidade, em uma praça cercada de pequenos prédios de vidro e tijolos. Os nervos de Hazel começaram a formigar. Ela olhou ao redor, certa de que estava sendo observada.

— Ali — disse ela.

O prédio na sua esquerda tinha uma única palavra gravada nas portas de vidro: AMAZON.

— Ah — disse Frank. — Hã, não, Hazel. Isso é uma coisa moderna. É uma empresa, certo? Eles vendem coisas na Internet. Não são Amazonas de verdade.

— A não ser... — Percy andou através das portas. Hazel tinha um sentimento ruim sobre esse lugar, mas ela e Frank o seguiram.

O saguão era como um aquário vazio – paredes de vidro, um piso preto brilhante, algumas plantas e mais nada. Contra a parede de trás, uma escada de pedra negra subia e descia. No meio da sala estava uma mulher jovem em um terninho preto, com longos cabelos ruivos e um fone de ouvido da segurança. Seu crachá dizia Kinzie. Seu sorriso era suficientemente amigável, mas seus olhos lembravam Hazel dos policiais de Nova Orleans que costumavam patrulhar o Bairro Francês durante a noite. Eles sempre pareciam olhar por *dentro* de você, como se estivessem pensando quem poderiam atacar em seguida.

Kinzie acenou para Hazel, ignorando os rapazes.

— Posso ajudá-los?

— Hã... Espero que sim — disse Hazel. — Nós estamos procurando por Amazonas.

Kinzie olhou para a espada de Hazel, e para a lança de Frank, apesar de que não deveriam ser visíveis através da Névoa.

— Essa é a base principal das Amazonas — disse ela, cuidadosamente.
— Vocês têm um compromisso com alguma, ou...

— Hylla — interrompeu Percy. — Nós estamos procurando por uma garota chamada...

Kinzie se mexeu tão rápido, que os olhos de Hazel quase não conseguiram acompanhar. Ela chutou Frank no peito e o mandou voando pelo saguão. Puxou uma espada e derrubou Percy com a parte chata da lâmina, e pressionou o ponto em baixo do queixo.

Tarde demais, Hazel sacou sua espada. Mais uma dúzia de meninas de preto inundaram a escadaria, espadas na mão e a renderam.

Kinzie olhou para Percy.

— Primeira regra: Homens não falam sem permissão. Segunda regra, invadir o nosso território é punível com a morte. Vocês vão encontrar a Rainha Hylla, tudo bem. Ela será a que decidirá o seu destino.

As Amazonas confiscaram as armas deles e marcharam para baixo tantos lances de escada que Hazel perdeu a conta.

Finalmente surgiram em uma caverna tão grande que poderia ter acomodado dez colégios, quadras esportivas e tudo. Luzes fluorescentes brilhavam no teto de pedra. Correias percorriam a sala toda, como tobogãs, carregando caixas para todo lado. Prateleiras de metal se estendiam indefinidamente, repletas de caixas de mercadoria. Guindastes e braços robóticos estavam dobrando caixas de papelão e embalando encomendas. Algumas das prateleiras eram tão altas que eram acessíveis somente através de escadas e passarelas, que corriam pelo teto como arquibancadas de teatro.

Hazel se lembrou de noticiários que ela viu quando criança. Sempre ficara impressionada pelas cenas de fábricas construindo aviões e armas para a guerra – centenas e centenas de armas saindo da fábrica todo dia. Mas aquilo não era nada comparado a *isto*, e quase todo o trabalho feito por computadores e robôs. Os únicos humanos que Hazel conseguia ver eram algumas mulheres da segurança patrulhando as passarelas, e alguns homens de laranja, como uniformes de prisão, dirigindo empilhadeiras pelos corredores, entregando mais caixas. Os homens usavam colares de ferro no pescoço.

— Vocês têm *escravos*? — Hazel sabia que devia ser perigoso falar, mas estava tão ofendida que não conseguiu evitar.

— Os homens? — disse Kinzie. — Eles não são escravos. Apenas conhecem seu lugar. Agora, ande.

Eles andaram tanto que o pé de Hazel começou a doer. Ela pensou que eles deviam estar chegando ao final do armazém quando Kinzie abriu um grande conjunto de portas duplas e os deixou entrar em outra caverna, tão grande quando a primeira.

— O *Mundo Inferior* não é tão grande. — Hazel se queixou, o que provavelmente não era verdade, mas parecia para os seus pés.

Kinzie sorriu, convencida.

— Você admira nossa base de operações? Sim, nosso sistema de distribuição é mundial. Levou muitos anos e boa parte de nossa fortuna para construir. Agora, finalmente, estamos tendo algum lucro. Os mortais não percebem que estão financiando o reino das Amazonas. Logo, nós seremos mais ricas que qualquer nação mortal. Então quando os fracos mortais dependerem de nós em tudo – a revolução começará.

— O que vocês vão fazer? — Frank disse — cancelar o frete grátis?

Uma das guardas bateu o punho da espada no seu intestino. Percy tentou ajudar, mas duas outras guardas o empurraram de volta.

— Você vai aprender a ter respeito — disse Kinzie. — São machos como você que arruinaram o mundo mortal. A única sociedade harmoniosa é uma governada pelas mulheres. Nós somos mais fortes, mais espertas...

— Mais humildes — disse Percy. As mulheres tentaram atingi-lo, mas ele se esquivou.

— Parem com isso! — disse Hazel. Surpreendentemente, as guardas ouviram. — Hylla vai nos julgar, certo? — perguntou Hazel. — Então nos leve até ela. Nós estamos perdendo tempo.

Kinzie assentiu.

— Talvez você esteja certa. Nós temos problemas mais importantes. E tempo... tempo é definitivamente um problema.

— O que você quer dizer? — perguntou Hazel.

Uma guarda grunhiu.

— Nós poderíamos levá-los direto para Otrera. Talvez ganhar o apoio dela desse jeito.

— Não! — disse Kinzie. — Eu usaria um colar de ferro e dirigiria uma empilhadeira antes de fazer isso. Hylla é a rainha.

— Até hoje à noite — grunhiu outra.

Kinzie sacou sua espada. Por um segundo Hazel pensou que as Amazonas começariam a lutar umas contra as outras, mas Kinzie pareceu controlar a raiva.

— Já chega — disse ela. — Vamos.

Eles atravessaram um trânsito de empilhadeiras, um labirinto de correias e engatinharam embaixo de uma fileira de braços robóticos que estavam empilhando caixas.

A maior parte da mercadoria parecia completamente comum: Livros, eletrônicos, fraldas. Mas em uma parede estava uma carruagem com um grande código de barras do lado. Pendurado nela estava uma placa escrita: SOMENTE UMA SOBRANDO NO ESTOQUE. ENCOMENDE LOGO! (MAIS A CAMINHO)

Finalmente eles entraram em uma caverna menor que parecia uma combinação de sala do trono com zoológico. As paredes estavam revestidas com prateleiras de metal de seis andares, decoradas com estandartes de guerra, escudos pintados e cabeças empalhadas de dragões, hidras, leões gigantes e javalis selvagens. De guarda de cada lado, estavam dúzias de empilhadeiras modificadas para guerra. Um homem com colar de ferro dirigia cada máquina, mas uma Amazona estava em uma plataforma atrás de cada uma, manejando uma besta gigante. As pontas de cada empilhadeira foram afiadas como espadas.

As prateleiras nessa sala estavam cheias com caixas de animais vivos. Hazel não pode acreditar no que ela via – águias gigantes, uma mistura de águia com leão que deveria ser um grifo e um tamanduá vermelho do tamanho de um carro.

Ela assistia horrorizada enquanto uma empilhadeira entrava na sala, pegava uma gaiola com um belo pégaso branco e saía enquanto o cavalo grunhia em protesto.

— O que vocês estão fazendo com aquele pobre animal? — perguntou Hazel.

Kinzie franziu a testa.

— O pégaso? Ele ficará bem. Alguém o encomendou. Os custos de manuseio e transporte são altos, mas...

— Podemos *comprar* um pégaso online? — perguntou Percy.

Kinzie olhou para ele.

— Obviamente *você* não pode, homem. Mas Amazonas podem. Nós temos seguidores pelo mundo todo. Elas precisam de suprimentos. Desse jeito.

No fundo do armazém estava um estrado feito de capas de livros: Capas de histórias de vampiros, pôsteres de filmes de James Patterson e um trono feito de aproximadamente mil cópias de algo chamado *Os cinco Hábitos da Mulher Altamente Agressiva*.

Na base estavam várias Amazonas em camuflagem. Elas estavam tendo uma discussão enquanto uma jovem mulher – rainha Hylla, Hazel supôs – assistia e escutava do trono.

Hylla tinha por volta dos vinte anos, magra e rápida como um tigre. Ela usava uma capa preta e botas pretas. Não tinha nenhuma coroa, mas em volta dela tinha um estranho cinto feito juntando vários elos de ouro, como um labirinto. Hazel não podia acreditar como ela parecia com Reyna – um pouco mais velha, talvez, mas com o mesmo longo cabelo preto, os mesmos olhos negros e a mesma expressão, como se estivesse tentando decidir qual das Amazonas em sua frente mais mereciam morrer.

Kinzie ouviu os argumentos e grunhiu com desgosto.

— Agentes da Otrera, espalhando suas mentiras.

— O que? — perguntou Frank.

Então Hazel parou tão rapidamente, que as guardas atrás dela tropeçaram. Alguns passos do trono, duas Amazonas guardavam uma gaiola.

Dentro estava um cavalo lindo – não alado, mas um majestoso e poderoso alazão com um casaco cor de mel e uma crina preta. Seus ferozes olhos castanhos analisaram Hazel, e ela podia jurar que ele parecia impaciente, como se estivesse pensando: *Finalmente você chegou aqui*.

— É ele — murmurou Hazel.

— Ele quem? — perguntou Percy.

Kinzie fez uma careta de aborrecimento, então ela viu o que Hazel estava olhando, sua expressão suavizou.

— Ah, sim. Bonito, não?

Hazel piscou para ter certeza de que não estava alucinando. Era o mesmo cavalo que ela perseguiu no Alasca. Ela tinha *certeza* disso... Mas era impossível. Nenhum cavalo poderia viver tanto.

— Ele está... — Hazel mal podia controlar sua voz. — Ele está à venda?
As guardas todas riram.

— Aquele é Árion — Kinzie disse pacientemente, como se ela entendesse a fascinação de Hazel. — Ele é um tesouro real das Amazonas, a ser herdado pela nossa mais corajosa guerreira, se acredita na profecia.

— Profecia? — perguntou Hazel.

A expressão de Kinzie mudou, quase constrangida.

— Deixa para lá. Mas não, ele não está à venda.

— Então porque ele está em uma gaiola?

Kinzie fez uma careta.

— Porque... ele é difícil de lidar.

Bem na hora, o cavalo bateu com a cabeça contra a porta da gaiola. O metal estremeceu e as guardas recuaram nervosas.

Hazel queria libertar o cavalo. Ela queria isso mais que qualquer coisa que ela já quis antes. Mas Percy, Frank e uma dúzia de Amazonas estavam encarando-a, então ela tentou mascarar as suas emoções.

— Só perguntando — disse ela. — Vamos ver a rainha.

A discussão na sala foi ficando mais barulhenta. Finalmente a rainha notou o grupo de Hazel se aproximando e disse:

— Já chega!

As Amazonas ficaram quietas imediatamente. A rainha as deixou de lado e chamou Kinzie.

Kinzie levou Hazel e seus amigos até o trono.

— Minha rainha, esses semideuses...

A rainha saltou para a base do trono.

— Você!

Ela encarou Percy Jackson com muita raiva.

Percy amaldiçoou algo em Grego Antigo que Hazel estava certa que Santa Agnes não gostaria.

— Prancheta — disse ele. — Spa. Piratas.

Isso não fez sentido para Hazel, mas a rainha assentiu. Ela desceu do estrado de Best Sellers e sacou uma adaga.

— Você foi incrivelmente tolo ao vir aqui — disse ela. — Você destruiu minha casa. Fez com que minha irmã e eu fôssemos presas e exiladas.

— Percy — disse Frank. — O que a mulher assustadora com a adaga está dizendo?

— Ilha da Circe — disse Percy. — Acabei de lembrar. O sangue de Górgona provavelmente está começando a curar minha memória. O Mar de Monstros. Hylla... ela nos recebeu nas docas, nos levou até sua mestra. Hylla trabalhava para as feiticeiras.

Hylla arreganhou seus perfeitos dentes brancos.

— Você está me dizendo que teve amnésia? Eu poderia acreditar em você. Como seria tão estúpido a ponto de vir aqui?

— Nós viemos em paz — insistiu Hazel. — O que Percy fez?

— Paz? — A rainha levantou suas sobrancelhas. — O que *ele fez*? Esse *homem* destruiu a escola de magia da Circe!

— Circe me transformou em um porquinho da índia! — protestou Percy.

— Sem desculpas! — disse Hylla. — Circe era uma sábia e generosa empregadora. Eu tinha um quarto, um bom plano dentário e de saúde, mascotes, poções grátis – tudo! E *esse* semideus com seus amigos, a loira...

— Annabeth. — Percy deu um tapa em sua testa como se ele quisesse que suas memórias voltassem mais rápido. — Está certo. Eu estava lá com Annabeth.

— Você libertou os prisioneiros, Barba Negra e seus piratas — ela virou para Hazel. — Você já foi sequestrada por piratas? Não é legal. Eles queimaram o SPA. Minha irmã e eu fomos prisioneiras por meses. Felizmente nós éramos filhas de Belona. Aprendemos a lutar rapidamente. Se nós não tivéssemos... — Ela estremeceu. — Bem, os piratas aprenderam a nos respeitar. Eventualmente nós achamos nosso caminho até Califórnia, onde nós... — Ela hesitou como se a memória fosse dolorosa. — Onde minha irmã e eu nos separamos.

Ela andou até Percy até que estivesse nariz com nariz. Ela apontou sua adaga para seu queixo.

— Claro, eu sobrevivi e prosperei. Consegui me tornar a rainha das Amazonas. Então talvez devesse agradecer você.

— De nada — disse Percy.

A rainha enfiou a adaga um pouco mais fundo.

— Deixa para lá. Acho que vou te matar.

— Espere! — disse Hazel. — Reyna nos mandou! Sua irmã! Olhe o anel no colar dele.

Hylla franziu a testa. Ela abaixou a adaga até o colar de Percy até que a ponta ficasse sobre o anel de prata. A cor deixou seu rosto.

— Explique isso — ela olhou para Hazel. — Rápido.

Hazel tentou. Ela descreveu Acampamento Júpiter. Contou para as Amazonas sobre Reyna ser sua pretora, e o exército de monstros que

estavam indo para sul. Contou sobre sua missão para libertar Thanatos.

Enquanto Hazel falava, outro grupo de Amazonas entrou na sala. Uma era mais alta e mais velha que o resto, com cabelos prateados e um fino robe de seda como uma Romana. As outras Amazonas foram até ela, tratando-a com tanto respeito que Hazel imaginou se era a mãe de Hylla – até que ela notou como Hylla e as mulheres mais velhas apontaram as adagas umas contra as outras.

— Então nós precisamos de sua ajuda. — Hazel terminou sua história.
— *Reyna* precisa de sua ajuda.

Hylla agarrou o colar de Percy e arrancou do seu pescoço – contas, anel, placa de *probatio* e tudo.

— Reyna... aquela tola garota...

— Bem! — interrompeu a mulher mais velha. — Romanos precisam de nossa ajuda? — Ela riu, e as Amazonas a sua volta se juntaram a ela. — Quantas vezes lutamos com os Romanos em meu tempo? — perguntou a mulher. — Quantas vezes eles mataram nossas irmãs em batalhas? Quando eu era uma rainha...

— Otrera — Hylla interrompeu — você está aqui como uma convidada. Você *não é* mais rainha.

A mulher mais velha fez um gesto de zombaria.

— Como você dizia, ao menos, até hoje à noite. Mas eu disse a verdade, *Rainha* Hylla. — Ela disse a palavra como um insulto. — Eu fui trazida de volta pela Mãe Terra! Trouxe notícias de uma nova guerra. Porque as Amazonas deveriam seguir Júpiter, aquele tolo rei do Olimpo, quando nós podemos seguir uma *rainha*? Quando eu assumir o controle...

— *Se* você assumir o controle — disse Hylla. — Mas por enquanto, eu sou a rainha. Minha palavra é lei.

— Entendo. — Otrera olhou para as Amazonas, que estavam muito paradas, como se elas se encontrassem entre dois tigres selvagens. — Nós ficamos tão fracas que temos que ouvir a *homens* semideuses? Você vai poupar a vida desse filho de Netuno, mesmo quando ele destruiu sua casa? Talvez você o deixe destruir sua *nova* casa também!

Hazel prendeu a respiração. As Amazonas olhavam entre Hylla e Otrera, procurando qualquer sinal de fraqueza.

— Eu vou julgar — Hylla disse em um tom frio — quando eu tiver todos os fatos. É assim que *eu* governo — por razão, não medo. Primeiro, vou falar com essa aqui. — Ela apontou para Hazel. — É meu dever escutar primeiro uma mulher guerreira antes de sentenciar seus aliados à morte. Esse é o jeito das Amazonas. Ou seus anos no Mundo Inferior prejudicaram sua memória, Otrera?

A mulher mais velha suspirou, mas não tentou argumentar.

Hylla virou para Kinzie.

— Leve esses guerreiros para suas celas. O resto de vocês, saiam.

Otrera levantou sua mão para a multidão.

— Como nossa *rainha* deseja. Mas qualquer um de vocês que gostaria de ouvir mais sobre Gaia e nosso glorioso futuro com ela, venha comigo!

Aproximadamente metade das Amazonas a seguiram para fora da sala. Kinzie suspirou com desgosto, então levou Percy e Frank.

Logo Hylla e Hazel estavam sozinhas, exceto pela guarda pessoal da rainha. Ao sinal de Hylla, até eles saíram da sala.

A rainha virou para Hazel. Sua raiva dissolvida e Hazel viu desespero em seus olhos. A rainha parecia um de seus animais engaiolados sendo retirados por uma correia.

— Nós devemos conversar — disse Hylla. — Nós não temos muito tempo. À meia noite, eu provavelmente estarei morta.

HAZEL

HAZEL PENSOU EM CORRER DALI.

Ela não confiava na rainha Hylla e certamente não confiaria na outra senhora, Otrera. Somente três guardas foram deixadas na sala. Todas elas mantiveram distância.

Hylla estava armada somente com uma adaga. No subterrâneo profundo, Hazel poderia causar um terremoto na sala do trono, ou convocar uma pilha de xisto ou ouro. Se pudesse causar uma distração, poderia escapar e encontrar seus amigos.

Infelizmente ela tinha visto como as Amazonas lutavam. Mesmo a rainha tendo somente uma adaga, Hazel suspeitava que ela pudesse usá-la muito bem. E Hazel estava desarmada. Eles não a tinham revistado, o que significava que felizmente eles não tinham lhe tomado a lenha de Frank no bolso do seu casaco, mas sua espada se fora.

A rainha pareceu ler seus pensamentos.

— Esqueça sobre a fuga. Claro, te respeitáramos por tentar. Mas teríamos que matá-la.

— Obrigada pelo aviso.

Hylla deu de ombros.

— É o mínimo que posso fazer. Acredito que você veio em paz. Creio que Reyna lhe enviou.

— Mas você não irá ajudar?

A rainha estudou o colar que ela tinha tirado de Percy.

— É complicado — disse a rainha. — As Amazonas sempre tiveram uma relação complicada com outros semideuses, especialmente semideuses *masculinos*. Lutamos pelo rei Príamo na guerra de Tróia, mas Aquiles matou nossa rainha, Pentésiléia. Alguns anos antes disso, Hércules roubou o cinto da rainha Hipólita — este cinto que estou usando. Levou séculos para recuperá-lo. Bem antes disso, no início da nação Amazona, um herói chamado Belerofonte matou a nossa primeira rainha, Otrera.

— Isso significa que a senhora...

— ...que acabou de sair, sim. Otrera, nossa primeira rainha, filha de Ares.

— Marte?

Hylla fez uma careta azeda.

— Não. Definitivamente *Ares*. Otrera viveu muito antes de Roma, numa época em que todos os semideuses eram gregos. Infelizmente, alguns de nossos guerreiros preferem os velhos modos. Filhos de Ares... sempre são os piores.

— Os velhos modos...

Hazel tinha ouvido boatos sobre os semideuses gregos. Octavian acreditava que eles existiam e que conspiravam secretamente contra Roma. Mas ela nunca realmente tinha acreditado, mesmo quando Percy veio para o

acampamento. Ele simplesmente não iria golpeá-la por causa das conspirações gregas.

— Você quer dizer que as Amazonas são uma mistura... Greco-Romanas?

Hylla continuou a examinar o colar – as contas de argila, a placa de *probatio*. Ela deslizou o anel de prata de Reyna pelo cordão e colocou-o em seu próprio dedo.

— Suponho que eles não ensinem sobre isso no Acampamento Júpiter. Os deuses possuem muitos aspectos. Marte, Ares. Plutão, Hades. Sendo imortais, tendem a acumular personalidades. São Greco-Romanos, americanos... uma combinação de todas as culturas que os influenciaram durante a eternidade. Está me entendendo?

— Eu... eu não tenho certeza. Todas as Amazonas são semideusas?

A rainha estendeu as mãos.

— Todas nós temos *algum* sangue imortal, mas muitas de minhas guerreiras são descendentes de semideuses. Algumas foram Amazonas por incontáveis gerações. Outras são filhas de deuses menores. Kinzie, aquela que te trouxe aqui, é filha de uma ninfa. Ah... ela está aqui agora.

A menina de cabelo ruivo se aproximou da rainha e se curvou.

— Os prisioneiros estão presos em segurança — Kinzie informou. — Mas...

— Mas o que? — perguntou a rainha.

Kinzie engoliu como se tivesse um gosto ruim em sua boca.

— Otrera certificou-se que *suas* seguidoras vigiassem as celas. Sinto muito, minha rainha.

Hylla franziu os lábios.

— Não importa. Fique conosco, Kinzie. Estávamos falando sobre a nossa, hã, situação.

— Otrera — supôs Hazel. — Gaia a trouxe dos mortos para lançar as Amazonas em uma guerra civil.

A rainha expirou.

— Se esse era o plano dela, está funcionando. Otrera é uma lenda entre nosso povo. Ela planeja voltar ao trono e conduzir-nos a uma guerra contra os romanos. Muitas de minhas irmãs irão segui-la.

— Nem todas — resmungou Kinzie.

— Mas Otrera é um espírito! — disse Hazel. — Ela nem mesmo é...

— Real? — A rainha estudou Hazel cuidadosamente. — Trabalhei com a feiticeira Circe durante muito tempo. Conheço uma alma devolvida quando vejo uma. Quando *você* morreu, Hazel... mil novecentos e vinte? Mil novecentos e trinta?

— Mil novecentos e quarenta e dois — disse Hazel. — Mas... mas eu não fui mandada por Gaia. Voltei para detê-la. Esta é minha segunda chance.

— Sua segunda chance... — Hylla olhou para as fileiras de empilhadeiras de batalha, agora vazias. — Eu sei sobre segundas chances. Aquele menino, Percy Jackson, ele destruiu minha antiga vida. Se você me visse antigamente, não me reconheceria. Eu usava vestidos e maquiagem. Era uma secretária glorificada. Uma maldita boneca Barbie.

Kinzie fechou a mão sobre o peito, apontando três dedos para o coração, como o gesto vodu que a mãe de Hazel usava para afastar mal olhado.

— A ilha de Circe era um lugar seguro para Reyna e para mim — continuou a rainha. — Éramos as filhas da deusa da guerra, Belona. Eu queria proteger Reyna de toda essa violência. Então Percy Jackson soltou os piratas. Eles nos sequestraram, e Reyna e eu aprendemos a ser duras. Descobrimos que éramos boas com armas. Nos últimos quatro anos eu quis *matar* Percy Jackson pelo que ele nos fez passar.

— Mas Reyna tornou-se pretora do Acampamento Júpiter — disse Hazel. — Você se tornou a rainha das Amazonas. Talvez esse fosse seu destino.

Hylla tocou o colar em sua mão.

— Eu não posso ser rainha por muito tempo...

— Você prevalecerá! — insistiu Kinzie.

— Como o decreto dos Destinos — disse Hylla sem entusiasmo. — Entenda Hazel, Otrera desafiou-me para um duelo. Cada Amazona tem esse direito. Hoje à meia-noite, iremos batalhar pelo trono.

— Mas... você é boa, certo? — perguntou Hazel.

Hylla conseguiu dar um sorriso seco.

— Boa, sim, mas Otrera é a fundadora das Amazonas.

— Ela é muito mais velha. Talvez esteja sem prática, estando morta por tanto tempo.

— Espero que tenha razão, Hazel. Entenda, é uma luta até a morte...

Ela pareceu se afundar por dentro. Hazel lembrou o que Fineu tinha dito em Portland — como ele tinha conseguido um atalho para voltar da morte, graças a Gaia. Se lembrou das Górgonas tentando se reformar no Tibre.

— Mesmo que você a mate — disse Hazel. — Ela voltará. Enquanto Thanatos estiver acorrentado, ela não morrerá.

— Exatamente — disse Hylla. — Otrera já nos falou que *não pode* morrer. Assim, mesmo que eu consiga derrotá-la hoje à noite, amanhã simplesmente ela irá voltar e me desafiará novamente. Não há nenhuma lei contra desafiar a rainha várias vezes. Ela pode insistir em lutar comigo todas as noites, até que finalmente me derrote. Eu não posso vencer.

Hazel olhou para o trono. Imaginou Otrera lá, sentada com suas vestes finas e seu cabelo prateado, ordenando suas guerreiras para atacar Roma.

Ela imaginou a voz de Gaia enchendo a caverna.

— Tem que haver um jeito — disse Hazel. — As Amazonas não têm poderes especiais... ou algo parecido?

— Não mais do que outros semideuses — disse Hylla. — Nós podemos morrer, como qualquer mortal. *Há* um grupo de arqueiras que seguem a deusa Ártemis. Elas são confundidas muitas vezes com as Amazonas, mas as Caçadoras abandonaram a companhia dos homens em troca de uma vida quase eterna. Nós, Amazonas... preferimos viver a vida ao máximo. Amamos, lutamos, morremos.

— Eu achava que vocês odiavam os homens.

Hylla e Kinzie riram juntas.

— Odiar os homens? — disse a rainha. — Não, não, gostamos de homens. Nós apenas queremos mostrar quem está no comando. Mas isso não vem ao caso. Se eu pudesse, reuniria minhas tropas e as colocaria para ajudar minha irmã. Infelizmente meu poder é frágil. Quando eu morrer em combate, e isso é apenas uma questão de tempo, Otrera será a rainha. Ela irá marchar para o Acampamento Júpiter com nossas forças, mas não para ajudar minha irmã. Ela irá se juntar ao gigantesco exército.

— Temos que impedi-la — disse Hazel. — Eu e meus amigos matamos Fineu, um dos servos de Gaia em Portland. Talvez possamos ajudar.

A rainha balançou a cabeça.

— Você não pode interferir. Como rainha, devo lutar minhas próprias batalhas. Além disso, seus amigos estão presos. Se eu deixá-los ir, parecerei fraca. Ou *eu* executo os três como invasores, ou Otrera o fará, quando se tornar rainha.

O coração de Hazel gelou.

— Então acho que ambas estamos mortas. Pela segunda vez.

Na jaula de canto, o garanhão Árion relinchou furiosamente. Ele empinou e bateu seus cascos de encontro às grades.

— O cavalo parece sentir seu desespero — disse a rainha. — Interessante. Ele é imortal... filho de Netuno e de Ceres.

Hazel piscou.

— Dois deuses tiveram um cavalo como filho?

— É uma longa história.

— Ah — o rosto de Hazel ficou quente de vergonha.

— Ele é o cavalo mais rápido do mundo — disse Hylla. — Pégaso é famoso por suas asas, mas Árion corre como o vento, sobre a terra ou sobre o mar. Nenhuma criatura é mais rápida. Levamos anos para capturá-lo... um dos nossos maiores prêmios. Mas ele não nos fez nenhum bem. O cavalo não permite que ninguém o monte. Acho que ele odeia Amazonas. E é dispendioso para se manter. Come qualquer coisa, mas prefere ouro.

A parte de trás do pescoço de Hazel formigava.

— Ele come ouro?

Lembrou-se do cavalo que a seguiu há muito tempo atrás no Alasca. Ela tinha pensado que ele estava comendo as pepitas de ouro que ficavam por onde ela passava.

Ela ajoelhou-se e apertou sua mão de encontro ao chão. Imediatamente a pedra rachou. Um pedaço de ouro do tamanho de uma ameixa brotou da terra. Hazel ficou de pé, examinando seu prêmio.

Hylla e Kinzie a encararam.

— Como você...? — Engasgou a rainha. — Hazel, tenha cuidado!

Hazel aproximou-se da jaula do garanhão. Ela colocou a mão entre as barras e Árion comeu lentamente o grosso pedaço de ouro na palma de sua mão.

— Incrível! — disse Kinzie. — A última garota que tentou isso...

— Agora tem um braço de metal — terminou a rainha. Ela estudou Hazel com um novo interesse, como se decidisse se deveria dizer mais ou não. — Hazel... nós passamos anos caçando esse cavalo. Foi predito que a mulher guerreira mais corajosa domaria Árion algum dia e o montaria para a vitória, conduzindo-nos para uma nova era de prosperidade para as Amazonas. Contudo, *nenhuma* Amazona pode tocar nele, muito menos controlá-lo. Mesmo Otrera, tentou e falhou. Outras duas morreram tentando montá-lo.

Isso provavelmente deveria ter preocupado Hazel, mas ela não poderia imaginar esse lindo cavalo lhe ferindo. Passou sua mão através das barras outra vez, e acariciou o nariz de Árion. Ele aninhou o braço dela, murmurando alegremente, como se perguntasse: *Mais ouro? Humm.*

— Gostaria de alimentá-lo mais, Árion. — Hazel olhou de relance para a rainha. — Mas acho que estou prestes a ser executada.

A rainha Hylla olhou da Hazel para o cavalo, e para Hazel novamente.

— Inacreditável.

— A profecia — disse Kinzie. — É possível...?

Hazel quase podia ver as engrenagens girando dentro da cabeça da rainha e formulando um plano.

— Você tem coragem, Hazel Levesque. E parece que Árion te escolheu. Kinzie?

— Sim, minha rainha?

— Você disse que as seguidoras de Otrera estão protegendo as celas?

Kinzie assentiu com a cabeça.

— Eu deveria ter previsto isso. Sinto muito.

— Não, está tudo bem — os olhos da rainha brilharam da mesma maneira que o elefante Aníbal faz, quando está prestes a destruir uma fortaleza. — Seria constrangedor para Otrera, se suas seguidoras falhassem

em seus deveres, por exemplo, sendo superadas por um estrangeiro e uma fuga da prisão ocorresse.

Kinzie começou a sorrir.

— Sim, minha rainha. Muito vergonhoso.

— Naturalmente — continuou Hylla. — Nenhuma das minhas guardas saberiam *nada* sobre isso. Kinzie *nunca* permitiria uma fuga.

— Certamente não — concordou Kinzie.

— E nós não poderíamos ajudá-las — a rainha levantou as sobrancelhas para Hazel. — Mas se de alguma forma você dominar as guardas e libertar os seus amigos... e se, por exemplo, você tomar um dos cartões de proteção das Amazonas...

— Com um clique de adesão habilitado — disse Kinzie. — Abrirá as celas da prisão com um clique.

— Se... os deuses impedissem ou algo como isso acontecesse — continuou a rainha. — Você encontraria as armas de seus amigos no posto de guarda, ao lado das celas... E quem sabe? Se você de alguma forma conseguisse voltar a essa sala do trono, quando eu estivesse fora me preparando para o duelo... bem, como mencionei, Árion é um cavalo muito rápido. Seria uma vergonha se ele fosse roubado e usado para uma fuga.

Hazel sentiu como se tivesse sido ligada a uma tomada na parede. Eletricidade percorria por todo seu corpo. Árion... Árion poderia ser dela. Tudo que ela teria que fazer era salvar seus amigos e lutar contra uma nação inteira de guerreiras altamente treinadas.

— Rainha Hylla — disse ela. — Eu... eu não sou muito boa lutadora.

— Ah, há muitos tipos de luta, Hazel. Tenho a sensação que você é muito engenhosa. E se a profecia estiver correta, você vai ajudar a nação Amazona a alcançar a prosperidade. Se tiver sucesso em sua procura para libertar Thanatos, por exemplo...

— ...então Otrera não voltaria, se fosse morta — disse Hazel. — Você só teria que derrotá-la... hã, todas as noites até que tenhamos sucesso.

A rainha assentiu com seriedade.

— Parece que ambas temos tarefas impossíveis à nossa frente.

— Mas você está confiando em mim — disse Hazel. — E eu confio em você. Irá *ganhar* quantas vezes for preciso.

Hylla estendeu o colar de Percy e colocou nas mãos de Hazel.

— Espero que tenha razão — disse a rainha. — Mas quanto mais cedo você conseguir melhor, certo?

Hazel colocou o colar no bolso. Sacudiu a mão da rainha, querendo saber se era possível fazer uma amiga tão rápido, especialmente uma que estava prestes a lhe enviar para a prisão.

— Essa conversa nunca aconteceu — disse Hylla para Kinzie. — Leve nossa prisioneira para as celas e entregue-a às guardas de Otrera. E, Kinzie, certifique-se que você saia antes que qualquer coisa infeliz aconteça. Não quero que minha leal seguidora seja responsabilizada por uma fuga da prisão.

A rainha sorriu maliciosamente e pela primeira vez Hazel sentiu ciúmes de Reyna. Desejou ter uma irmã como esta.

— Adeus, Hazel Levesque — disse a rainha. — Se ambas morrermos hoje à noite... bem, estou feliz de ter te conhecido.

HAZEL

A CADEIA DAS AMAZONAS ERA NO TOPO DE um corredor de armazenamento, à dezoito metros no ar.

Kinzie subiu três escadas diferentes até uma passarela de metal, então amarrou as mãos de Hazel folgadoamente atrás das costas e a empurrou ao longo das caixas de joias.

Uns trinta metros na frente, sob o duro brilho das luzes fluorescentes, tinha uma linha de gaiolas penduradas por cabos. Percy e Frank estavam em duas das gaiolas, conversando um com o outro em tons silenciosos. Perto deles, na passarela, três guardas Amazonas que pareciam chateadas inclinavam-se contra as suas lanças e olhavam uns retângulos pretos como se estivessem lendo.

Hazel pensou que os retângulos pareciam muito finos para livros. Então lhe ocorreu que eles podiam ser um certo tipo de... como mesmo que as pessoas modernas os chamam? Computadores *laptop*. Tecnologia Amazona

Secreta, talvez. Hazel achou a ideia quase tão inquietante quanto a batalha de empilhadeiras lá embaixo.

— Mexa-se, garota — Kinzie ordenou, alto o bastante para as guardas ouvirem. Ela cutucou Hazel nas costas com a sua espada.

Hazel andou tão devagar quanto podia, mas a mente dela estava a mil. Ela precisava surgir com um plano brilhante de resgate. Até ali ela não tinha nada. Kinzie tinha certeza que Hazel poderia desamarrar o nó facilmente, mas ela ainda estaria de mãos vazias contra três guerreiras bem treinadas, e tinha que agir antes que elas a pusessem na jaula.

Ela passou por uma pilha de caixas marcadas ANÉIS DE TOPÁZIO AZUIS ²⁴ QUILATES, e outra etiquetada com BRACELETES DE PRATA DA AMIZADE. Lia-se em um display eletrônico próximo dos braceletes: Pessoas que comprem esse item também comprem GNOMOS DE JARDIM PARA PÁTIOS e LANÇAS ARDENTES DA MORTE. COMPRE TODOS OS TRÊS ITENS E ECONOMIZE ^{12%}!

Hazel congelou. Deuses do Olimpo, como ela era estúpida.

Prata. Topázio. Ela estendeu os seus sentidos, procurando por metais preciosos, e o cérebro dela quase explodiu com a resposta. Ela estava parada perto de uma montanha de seis metros de joias. Mas na frente dela, dali até as guardas, não havia nada a não ser jaulas de prisioneiros.

— O que é isso? — Kinzie sibilou. — Continue se mexendo! Elas vão ficar desconfiadas.

— Faça-as virem aqui, — Hazel murmurou por cima do seu ombro.

— Por que...

— Por favor.

As guardas franziram a testa na direção delas.

— O que vocês estão olhando? — Kinzie gritou para elas. — Aqui está a terceira prisioneira. Venham pegá-la.

A guarda mais próxima parou a leitura do seu *tablet*.

— Por que você não pode andar trinta passos, Kinzie?

— Hã, porque...

— *Ooof!* — Hazel caiu de joelhos e tentou fazer a sua melhor cara de enjoo. — Eu estou me sentindo enjoada! Não consigo... andar. Amazonas... muito... assustadoras.

— Aí está — Kinzie disse para as guardas. — Agora, vocês vão vir pegar a prisioneira, ou eu deveria contar a rainha Hylla que vocês não estão fazendo o seu trabalho?

A guarda mais próxima rolou os olhos e marchou até lá. Hazel tinha esperanças que as outras duas guardas iriam vir também, mas teria que se preocupar com isso mais tarde.

A primeira guarda agarrou o braço de Hazel.

— Ótimo. Eu pegarei a custódia da prisioneira. Mas se eu fosse você, Kinzie, não me preocuparia com Hylla. Ela não será rainha por muito tempo.

— Veremos, Dóris. — Kinzie virou-se para sair.

Hazel esperou até seus passos desaparecerem passarela abaixo.

A guarda Dóris puxou o braço de Hazel.

— Bem? Vamos.

Hazel concentrou-se na parede de joias perto dela: quarenta caixas longas de braceletes de prata.

— Não estou... me sentindo muito bem.

— Você *não* vai vomitar em mim — grunhiu Dóris.

Ela tentou arrancar Hazel do chão, mas Hazel ficou mole, como uma criança fazendo pirraça em uma loja. Perto dela, as caixas começaram a tremer.

— Lulu! — Dóris gritou para uma de suas companheiras. — Me ajude com essa menininha aleijada.

Amazonas chamadas Dóris e Lulu? pensou Hazel. *Ok...*

A segunda guarda caminhou até lá. Hazel deduziu que esta era a sua melhor chance. Antes que elas pudessem rebocá-la para os seus pés, ela gritou:

— Ooooh! — e se jogou contra a passarela.

Dóris começou a dizer:

— Ah, me dê uma...

A pilha inteira de joias explodiu com um som que parecia de mil de máquinas caça-níqueis acertando a bolada. Uma onda de braceletes prateados da amizade foi derramada pela passarela, levando Dóris e Lulu para os trilhos.

Elas teriam caído até a morte, mas Hazel não era má a *esse* ponto. Ela convocou algumas centenas de braceletes, os quais saltaram até as guardas e amarraram-se em volta dos seus tornozelos, deixando-as suspensas de cabeça para baixo na margem da passarela, gritando como menininhas.

Hazel virou em direção da terceira guarda. Ela desamarrou o nó, o qual estava tão apertado quanto um papel toalha. Ela pegou uma lança das guardas que tinham caído. Ela era terrível com lanças, mas esperava que a terceira Amazona não soubesse disso.

— Eu deveria matar você daqui? — rosnou Hazel. — Ou você vai me fazer ir até aí?

A guarda virou-se e correu.

Hazel gritou para o lado de Dóris e Lulu.

— Os cartões das Amazonas! Passe-os, a menos que vocês queiram que eu desfaça esses braceletes da amizade e deixe vocês caírem!

Quatro segundos e meio depois, Hazel tinha dois cartões das Amazonas. Ela correu até as jaulas e passou o cartão. As portas abriram.

Frank a olhava com admiração.

— Hazel, aquilo foi... *incrível*.

Percy concordou.

— Eu nunca mais vou usar joias.

— Exceto essa. — Hazel mostrou o colar dele. — Nossas armas e suprimentos estão no final da passarela. Nós deveríamos nos apressar. Daqui a pouco...

Alarmes começaram a soar pela caverna.

— Sim — disse ela — isso iria acontecer. Vamos!

A primeira parte da fuga fora fácil. Eles recuperaram as suas coisas sem problemas, então começaram a descer escada a baixo. Sempre que um enxame de Amazonas aparecia abaixo deles, exigindo a sua rendição, Hazel fazia com que joias encaixotadas explodissem, enterrando os seus inimigos em Cataratas do Niágara de ouro e prata. Quando já estavam no final da escada, acharam uma cena que parecia como um Mardi Gras do Armageddon – Amazonas amarradas até o pescoço em colares de conta, várias outras de cabeça para baixo em uma montanha de brincos de ametistas e uma pilha de charmosos braceletes de prata.

— Você, Hazel Levesque — Frank disse — é *completamente* inacreditável.

Ela queria beijá-lo lá mesmo, mas eles não tinham tempo. Correram de volta até a sala de tronos.

Eles tropeçaram em uma Amazona que devia ser leal a Hylla. Assim que viu os fugitivos, virou-se como se eles fossem invisíveis.

Percy começou a perguntar:

— Que diab...

— Algumas delas querem que *nós* escapemos — disse Hazel. — Eu explicarei depois.

A segunda Amazona que eles encontraram não fora tão amigável. Estava vestida com a armadura, bloqueando a entrada da sala do trono. Ela girou a sua lança na velocidade da luz, mas desta vez Percy estava preparado. Ele puxou Contracorrente e entrou na batalha. Assim que a Amazona o golpeou, ele foi para o lado, cortou a haste da lança ao meio e bateu o punho da sua espada contra o seu capacete.

A guarda ficou deitada.

— Santo Marte — disse Frank. — Como você... aquilo não foi nenhuma técnica romana!

Percy sorriu.

— Os gregos tem alguns movimentos, meu amigo. Depois de você.

Eles correram para dentro da sala do trono. Como prometido, Hylla e suas guardas tinham esvaziado o local. Hazel correu até a jaula de Árion e passou o cartão das Amazonas na fechadura. Instantaneamente o garanhão saiu, relinchando em triunfo.

Percy e Frank cambalearam para trás.

— Hã... essa coisa é *mansa*? — disse Frank.

O cavalo relinchou com raiva.

— Acho que não — presumiu Percy. — Ele acabou de dizer, “*Eu vou pisar em você até a morte, bebezinho chinês canadense.*”

— Você fala com cavalos? — perguntou Hazel.

— *Bebezinho*? — Frank balbuciou.

— Falar com cavalos é uma coisa de Poseidon — disse Percy. — Hã, quero dizer uma coisa de Netuno.

— Então você e Árion vão se dar bem — disse Hazel. — Ele é um filho de Netuno também.

Percy ficou pálido.

— Como é?

Se eles não estivessem em uma situação má, a expressão de Percy poderia tê-la feito rir.

— A questão é, ele é rápido. Pode nos tirar daqui.

Frank não parecia assustado.

— Três de nós não podem caber em um cavalo, podemos? Nós iremos cair dele, ou atrasá-lo, ou...

Árion relinchou de novo.

— Ai — disse Percy. — Frank, o cavalo disse que você é um... na verdade, eu não vou traduzir aquilo. De qualquer forma, disse que há uma biga no depósito, e está disposto a puxar aquilo.

— Ali! — alguém gritou dos fundos da sala do trono. Uma dúzia de Amazonas entrou, seguidas por homens em macacões laranja. Quando viram Árion, eles recuaram rapidamente e foram para a pilha de braceletes.

Hazel pulou nas costas de Árion.

Ela sorriu para os seus amigos.

— Eu lembro de ter visto essa biga. Me sigam, pessoal!

Ela galopou para dentro da longa caverna e espalhou uma multidão de homens. Percy bateu em uma Amazona. Frank varreu mais duas com a sua espada fazendo-as ficarem aos seus pés. Hazel podia sentir o esforço de Árion para correr. Eles tinham que conseguir sair.

Hazel foi até a patrulha das Amazonas, que dispersaram em terror ao sinal de um cavalo. Por um segundo, a *espata* de Hazel parecia do comprimento certo. Ela balançou isso em todos que vinham ao seu alcance. Nenhuma Amazona ousou desafiá-la.

Percy e Frank correram atrás dela. Finalmente eles alcançaram a biga. Árion parou para colocar o laço e Percy começou a trabalhar com as rédeas e arreios.

— Você já fez isso antes? — perguntou Frank.

Percy não precisou responder. As suas mãos voaram. Em pouco tempo a biga estava pronta. Ele pulou a bordo e gritou:

— Frank, vamos! Hazel, vá!

Um barulho de batalha ficou para trás deles. Uma armada inteira de Amazonas entrou no depósito. Otrera levantou-se montando em empilhadeira, o seu cabelo prateado flutuava enquanto ela balançava a sua besta montada até a biga.

— Parem eles! — gritou Otrera.

Hazel esporeou Árion. Eles correram através da caverna, ziguezagueando em volta de montes e montes de coisas. Uma flecha passou zunindo pela cabeça de Hazel. Alguma coisa explodiu atrás dela, mas ela não olhou para trás.

— As escadas! — gritou Frank. — Sem chance que esse cavalo possa puxar uma biga... AI MEUS DEUSES!

Felizmente as escadas eram largas o bastante para a biga, por que Árion nem sequer diminuiu. Ele subiu os degraus com a biga batendo e gemendo. Hazel olhou para trás algumas vezes para ter certeza que Frank e Percy não tinham caído. Os nós dos dedos deles estavam brancos ao segurar a biga, seus dentes rangendo muito.

Finalmente alcançaram a portaria. Árion atravessou as portas principais para dentro do centro comercial e botou para correr um monte de caras de ternos.

Hazel sentiu a tensão na caixa torácica de Árion. O ar fresco estava deixando-o louco para correr, mas Hazel puxou as suas rédeas.

— Ella! — Hazel gritou para o céu. — Onde está você? Nós precisamos partir!

Por um segundo horrível, ficou aterrorizada que a harpia pudesse ter ido muito longe para ouvi-la. Ela podia ter se perdido ou ter sido capturada

pelas Amazonas.

Atrás deles uma empilhadeira moveu-se pelas escadas e rugiu pela portaria, uma multidão de Amazonas atrás dela.

— Rendam-se! — gritou Otrera.

A empilhadeira ergueu seus dentes afiados.

— Ella! — Hazel chorou desesperadamente.

Em um flash de asas vermelhas, Ella pousou na biga.

— Ella está aqui. Amazonas são pontudas. Vão agora.

— Segurem-se! — avisou Hazel. Ela inclinou-se para frente e disse: — Árion, corra!

O mundo parecia se arrastar. A luz do sol se curvava em volta deles. Árion disparou para longe das Amazonas e correu pelo centro de Seattle. Hazel olhou para trás e viu uma linha de fumaça na calçada onde os cascos de Árion tinham tocado o chão. Ele trovejou em direção ao cais, saltando sobre carros, passando através de cruzamentos.

Hazel gritou à plenos pulmões, mas não foi um grito de prazer. Pela primeira vez na sua vida – nas suas *duas* vidas – ela se sentiu absolutamente incontrolável. Árion alcançou a água e saltou direto do cais.

Os ouvidos de Hazel estouraram. Ouviu um rugido que ela depois percebeu que era um ruído sônico, e Árion arrancou, as águas do mar transformaram-se em vapor no seu caminho enquanto a linha do céu de Seattle recuava atrás deles.

FRANK

FRANK FICOU ALIVIADO QUANDO AS RODAS CAÍRAM.

Ele já havia sido lançado duas vezes da parte de trás da biga, o que não foi divertido na velocidade do som. O cavalo parecia dobrar o tempo e o espaço enquanto corria, borrando a paisagem e fazendo Frank se sentir como se tivesse acabado de beber um galão de leite integral sem seu remédio de intolerância à lactose. Ella não estava ajudando muito. Ela continuava a resmungar:

— 750 km/h. Oitocentos. Oitocentos e três. Rápido. Muito rápido.

O cavalo correu para o norte através do Estuário de Puget, ilhas passavam rápido, barcos de pesca e frutos do mar e um muito surpreso grupo de baleias. A paisagem à frente começou a parecer familiar – Praia Crescent, Boundary Bay. Frank tinha ido velejar ali uma vez durante uma viagem da escola. Eles cruzaram a fronteira com o Canadá.

O cavalo disparou em terra seca. Ele seguiu correndo pela estrada 99 norte, correndo tão rápido que os carros pareciam estar parados.

Por fim, assim que entraram em Vancouver, as rodas da biga começaram a soltar fumaça.

— Hazel! — gritou Frank. — Estamos quebrando!

Ela entendeu o recado e puxou as rédeas. O cavalo não pareceu feliz com isso, mas desacelerou para subsônico enquanto andavam pelas ruas da cidade. Atravessaram a Ponte Ironworkers no norte de Vancouver, e a biga começou a chacoalhar perigosamente. Finalmente Árion parou no topo de uma colina arborizada. Ele bufou, com satisfação, como se dissesse: *É assim que se corre, idiotas*. A biga desmoronou em meio à fumaça, derrubando Percy, Frank e Ella no chão molhado, coberto de musgo.

Frank tropeçou em seus pés. Ele tentava piscar para tirar pontos amarelos da frente de seus olhos. Percy gemeu e começou a desengatar Árion da biga arruinada. Ella esvoaçou em círculos tontos, em cima das árvores resmungando:

— Árvore. Árvore. Árvore.

Apenas Hazel não parecia afetada por causa da viagem. Sorrindo com satisfação, ela deslizou das costas do cavalo.

— Isso foi divertido!

— Sim. — Frank engoliu sua náusea. — Tão divertido.

Árion relinchou.

— Ele disse que precisa comer — traduziu Percy. — Não é de admirar. Provavelmente queimou cerca de seis milhões de calorias.

Hazel estudou o solo aos seus pés e franziu a testa.

— Eu não estou sentindo nenhum ouro por aqui... Não se preocupe, Árion. Vou encontrar daqui a pouco. Enquanto isso, por que você não vai pastar? Nós vamos te chamar...

O cavalo correu, deixando um rastro de vapor por seu caminho.

Hazel uniu as sobrancelhas.

— Você acha que ele vai voltar?

— Eu não sei — disse Percy. — Ele é como um... espírito.

Frank quase esperava que o cavalo permanecesse longe. Ele não disse isso, é claro. Podia dizer que Hazel ficaria aflita com a ideia de perder seu novo amigo. Mas Árion o assustava, e Frank estava certo de que o cavalo sabia disso.

Hazel e Percy começaram a salvar os suprimentos dos destroços da biga. Havia algumas caixas aleatórias de mercadoria da Amazon na frente, e Ella gritou de alegria quando descobriu um carregamento de livros. Ela pegou uma cópia de *Os Pássaros do Norte da América*, escorregou para o galho mais próximo e começou a passar as páginas tão rápido, que Frank não tinha certeza se ela estava lendo ou retalhando o livro.

Frank apoiou-se contra uma árvore, tentando controlar sua tontura. Ainda não tinha se recuperado de sua prisão com as Amazonas – chutado por toda a entrada, desarmado, enjaulado e insultado de bebezinho por um cavalo egocêntrico. Isso não tinha exatamente ajudado a sua autoestima.

Mesmo antes disso, a visão que ele tinha compartilhado com Hazel o deixara abalado. Ele se sentia mais próximo dela agora. Sabia que havia feito a coisa certa dando a ela o pedaço de lenha. Um grande peso tinha sido retirado de seus ombros.

Por outro lado, tinha visto o Mundo Inferior em primeira mão. Sentia como se fosse se sentar para sempre e não fazer nada, apenas se lamentando pelos seus erros. Ele olhou para as máscaras de ouro assustadoras sobre as bancas dos mortos e percebeu que ele estaria diante delas um dia, talvez muito em breve.

Frank sempre sonhava em ver sua mãe de novo quando morresse. Mas talvez isso fosse impossível para semideuses. Hazel tinha estado no campo por mais ou menos setenta anos e nunca encontrou sua mãe. Frank esperava que ele e sua mãe acabassem no Elísio juntos. Mas se Hazel não chegou lá – sacrificar sua vida e parar Gaia, assumindo a responsabilidade por suas ações de forma que sua mãe não acabasse na punição – quais chances Frank teria? Ele nunca tinha feito nada heroico.

Ele se endireitou e olhou ao redor, tentando se orientar.

Ao Sul, no porto de Vancouver o horizonte brilhava em um pôr-do-sol vermelho. Ao Norte, as colinas e florestas tropicais do Parque Lynn Canyon serpenteavam entre as subdivisões do Norte de Vancouver, até que davam lugar à imensidão.

Frank tinha explorado este parque há anos. Ele viu uma curva no rio que parecia familiar. Reconheceu um pinheiro morto que havia sido dividido por um raio em uma clareira próxima. Frank sabia onde estavam.

— Estou praticamente em casa — disse ele. — A casa da minha avó é bem ali.

Hazel apertou os olhos.

— Quão longe?

— Basta subir o rio através do bosque.

Percy levantou uma sobrancelha.

— Sério? Nós vamos para a casa da sua avó?

Frank limpou a garganta.

— Sim, de qualquer maneira.

Hazel juntou as mãos em oração.

— Frank, *por favor*, me diga que ela vai nos deixar passar a noite. Eu sei que temos um prazo, mas temos que descansar, certo? Árion nos deu algum tempo. Talvez pudéssemos ter uma refeição realmente cozida?

— E um banho quente? — implorou Percy. — E uma cama com lençóis e travesseiro?

Frank tentava imaginar o rosto de sua avó se ele aparecesse com dois amigos fortemente armados e uma harpia. Tudo tinha mudado desde o funeral de sua mãe, desde a manhã em que os lobos o levaram para o sul. Ele estava tão irritado em ter que ir. Agora, não podia se imaginar voltando.

Ainda assim, ele e seus amigos estavam esgotados. Não conseguiriam viajar mais dois dias sem dormir e comida descente. Sua avó poderia dar suprimentos. E talvez responder algumas perguntas que estavam se formando na mente de Frank – uma suspeita crescente sobre seu dom de família.

— Vale a pena tentar — decidiu Frank. — Vamos para a casa da minha avó.

Frank estava tão distraído que ele teria caminhado diretamente para os ogros no campo. Felizmente Percy o puxou de volta.

Eles se agacharam ao lado de Hazel e Ella que estavam atrás de um tronco caído e olharam para a clareira.

— Ruim — murmurou Ella. — Isso é muito ruim para as harpias.

Estava totalmente escuro agora. Em torno de uma fogueira ardente, estavam meia dúzia de humanoides cabeludos. De pé, eles provavelmente tinham dois metros e meio. Pequenos em comparação ao gigante Polibotes ou até mesmo aos ciclopes que tinham visto na Califórnia, mas isso não os tornava menos assustadores. Usavam apenas bermudas de surfistas. A pele era vermelha como insolação – coberta por tatuagens de dragões, corações e mulheres de biquíni. Pendurado num espeto sobre o fogo havia um animal de pele clara, talvez um javali, e os ogros estavam arrancando pedaços de carne com as unhas em forma de garra, rindo e conversando enquanto

comiam, expondo os dentes pontudos. Ao lado dos ogros sentados, haviam bolsas de malha com várias esferas de bronze como balas de canhão. As esferas deviam estar quentes, porque soltavam vapor no ar frio da noite.

Cento e oitenta metros além da clareira, as luzes da mansão Zhang brilhavam através das árvores. *Tão perto*, pensou Frank. Ele se perguntou se poderiam se esgueirar em torno dos monstros, mas quando olhou para os lados, viu mais fogueiras em todas as direções, como se os ogros tivessem cercado a propriedade. Frank cravou os dedos no tronco da árvore. Sua avó poderia estar sozinha dentro da casa, presa.

— O que são esses caras? — sussurrou ele.

— Canadenses — disse Percy.

Frank inclinou-se para longe dele.

— *O quê?*

— Hã, sem ofensa — disse Percy. — É isso que Annabeth disse quando lutamos com eles antes. Ela disse que eles viviam no Norte, no Canadá.

— Hã... — Frank murmurou — estamos *no* Canadá. Eu sou canadense. Mas nunca vi *essas* coisas antes.

Ella arrancou uma pena de suas asas e virou em seus dedos.

— Lestrigões — disse ela. — Gigantes canibais do Norte. A lenda do pé-grande. Sim, Sim. Eles não são pássaros. Não pássaros da América do Norte.

— É assim que eles são chamados — concordou Percy. — Lestri... hã, que seja, isso aí que a disse Ella.

Frank fez uma careta para os caras na clareira.

— Eles *podem* ser confundidos com o pé grande. Talvez seja onde a lenda começou. Ella, você é muito inteligente.

— Ella é inteligente — concordou ela. Ela timidamente ofereceu à Frank sua pena.

— Ah... Obrigado. — Ele guardou a pena em seu bolso, então notou Hazel olhando para ele. — O quê? — perguntou Frank.

— Nada. — Ela se virou para Percy. — Sua memória está voltando? Você lembra como vencer esses caras?

— Um pouco — disse Percy. — Ainda é confuso. Acho que tive ajuda. Nós os matamos com bronze celestial, mas isso foi antes... você sabe.

— Antes da morte ser sequestrada — disse Hazel. — Portanto, agora eles não poderiam morrer de verdade.

Percy assentiu.

— Essas balas de canhão de bronze são as más notícias. Acho que usamos algumas delas contra os gigantes, eles pegaram fogo e explodiram.

A mão de Frank foi para o bolso de seu casaco. Então ele se lembrou de que Hazel estava com o seu pedaço de lenha.

— Se nós causarmos uma explosão — disse ele — todos os ogros ao redor do acampamento vão correr pra cá. Acho que eles cercaram a casa, o que significa que podem haver cinquenta ou sessenta desses caras na floresta.

— Então isso é uma armadilha. — Hazel olhou para Frank com preocupação. — E o que acontece com sua avó? Nós temos que salvá-la.

Frank sentiu um nó na garganta. Nunca em um milhão de anos ele tinha pensado que fosse preciso resgatar sua avó, mas agora começou a pensar em cenários de combate — sua mente tinha voltado para o acampamento durante os jogos de guerra.

— Nós precisamos de uma distração — decidiu Frank. — Se pudermos trazer esse grupo para a campina, nós nos esgueiramos sem alertar os outros.

— Eu gostaria que Árion estivesse aqui — disse Hazel. — Eu poderia fazer os ogros me perseguirem.

Frank escorregou sua lança de suas costas.

— Eu tenho outra ideia.

Frank não queria fazer isso. A ideia de trazer Cinzento o assustava ainda mais que o cavalo de Hazel. Mas ele não viu outra alternativa.

— Frank, você não pode ir lá pra fora! — disse Hazel. — É suicídio!

— Não sou eu quem atacarei, — disse Frank. — Eu tenho um amigo. Só... ninguém grite, ok?

Ele espetou a lança no chão e uma lasca se rompeu.

— Oops — disse Ella. — Não, sem ponta de lança. Não, não.

O chão tremeu. Uma mão cinzenta quebrou a superfície. Percy se atrapalhou com sua espada. E Hazel gritou como um gato com uma bola de pelo. Ella desapareceu e se reapareceu no topo de uma árvore próxima.

— Está tudo bem — prometeu Frank. — Ele está sob controle!

Cinzento se arrastou para fora da terra. Ele não tinha nenhum sinal de dano do seu encontro com o basilisco. Estava bem, com uma nova camuflagem e coturnos, a carne estava cinza translúcida, cobrindo os ossos brilhantes como gelatina. Ele virou seus olhos fantasmagóricos para Frank à espera de uma ordem.

— Frank ele é um *esparto* — disse Percy. — Um guerreiro esqueleto. Eles são o mal. São assassinos. Eles são...

— Eu sei — disse Frank, amargamente. — Mas é um dom de Marte. Agora isso é tudo que tenho. Ok, Cinzento. Suas ordens: atacar aquele grupo de ogros, levá-los para o oeste, causando um desvio para que possamos...

Infelizmente, Cinzento tinha perdido o interesse depois da palavra “ogros”. Talvez apenas tivesse entendido essa simples palavra. Ele marchou para a direção da fogueira dos ogros.

— Espera! — Frank disse, mas era tarde demais.

Cinzento puxou duas de suas costelas e correu ao redor do fogo, esfaqueando-os na parte de trás em uma velocidade tão incrível que eles nem sequer tiveram tempo para gritar. Seis lestrigões extremamente surpresos caíram de lado como peças de dominó se desfazendo em pó.

Cinzento pisou ao redor, chutando as cinzas quando eles tentavam se refazer. Quando ficou satisfeito, voltou sua atenção para Frank, saudando-o elegantemente e se afundando no chão da floresta.

Percy olhou para Frank.

— Como...

— Não lestrigões. — Ella voou e pousou ao lado deles. — Seis menos seis é zero. As lanças são boas para subtração. São sim.

Hazel olhou para Frank como se ele tivesse se transformado em um esqueleto zumbi. Frank pensou que seu coração estivesse pulverizado, mas ele não poderia culpá-la. As crianças de Marte eram violentas. O símbolo de Marte era uma lança sangrenta. Porque Hazel não deveria estar chocada?

Ele olhou para baixo, para a ponta quebrada de sua lança. Desejava ter um pai *qualquer*, mas ele tinha Marte.

— Vamos lá — disse ele. — Minha avó pode estar com problemas.

FRANK

ELES PARARAM EM FRENTE A VARANDA. Como Frank temia, pequenas fogueiras estavam espalhadas pelo jardim, mas a casa permanecia intocada.

Os sinos de vento de sua avó balançavam com a brisa noturna. A cadeira de balanço permanecia vazia, de frente para a estrada. Luzes brilhavam através das janelas dos andares de baixo, mas Frank decidiu tocar a campainha. Ele não sabia se era tarde, se sua avó estava dormindo ou se até mesmo estava em casa. Instantaneamente, verificou a estátua de elefante no canto – uma cópia da que estava em Portland. A chave reserva estava escondida em baixo da escultura.

Frank hesitou em abrir a porta.

— O que houve? — Perguntou Percy.

Frank se lembrou da vez em que abriu a porta para o militar que contou o acontecido com sua mãe. Se lembrou de ter andado por esses mesmos degraus para o funeral dela, segurando um pedaço de lenha sobre seu o

casaco pela primeira vez. Se lembrou de ter ficado parado naquele mesmo lugar observando os lobos saírem da mata – os servos de Lupa, que o levaram ao Acampamento Júpiter. Aquilo parecia ter acontecido há tanto tempo, mas havia apenas seis semanas.

Agora ele estava de volta. Será que vovó o abraçaria? Será que ela diria “*Frank graças aos deuses você está de volta, estou cercada de monstros!*”

Era mais provável ela repreendê-lo ou confundi-los com intrusos e persegui-los com uma frigideira.

— Frank? — perguntou Hazel.

— Ella está nervosa — murmurou a harpia de seu poleiro nas grades. — O elefante... o elefante está encarando Ella.

— Vai ficar tudo bem — a mão de Frank estava tremendo tanto que ele mal conseguia encaixar a chave na fechadura. — Apenas fiquem juntos.

Do lado de dentro, a casa fedia à lugar fechado e mofo. Geralmente o ar cheirava a incenso de jasmim, mas todos os perfumadores estavam vazios.

Eles examinaram a sala de estar, a sala de jantar, a cozinha. Havia louça suja na pia, o que não estava certo. A empregada de sua avó vinha todos os dias – a não ser que tenha sido assustada pelos gigantes.

Ou tenha virado almoço, pensou Frank. Ella tinha dito que os lestrigões eram canibais.

Ele afastou esses pensamentos. Monstros ignoravam os mortais, pelo menos até *agora*.

Na sala de estar, estátuas de Buda e deuses Taoístas sorriam para eles como palhaços psicopatas. Frank lembrou também que Íris, a deusa do arco íris, era interessada por budismo e taoísmo. Imaginou que uma visita a essa casa velha e assustadora tiraria isso da cabeça dela.

Os vasos de porcelana estavam cobertos de teias de aranha. Novamente – aquilo não estava certo. Sua avó insistia que sua coleção de vasos fosse

espanada regularmente. Vendo as porcelanas, Frank sentiu uma pontada de culpa por ter destruído tantas peças no dia do funeral. Isso parecia estúpido para ele agora – zangar-se com sua avó quando havia tantas outras pessoas para ficar com raiva: Juno, Gaia, os gigantes, seu pai Marte. *Especialmente* Marte.

A lareira estava fria e escura.

Hazel abraçou o peito como se para impedir o pedaço de lenha de pular na lareira.

— Aquilo é...

— Sim — disse Frank. — É isso mesmo.

— Aquilo o que? — perguntou Percy.

A expressão de Hazel era simpática, mas aquilo só fez com que Frank se sentisse pior. Ele se lembrou do quão horrorizada ela havia ficado, a repulsa que havia sentido quando ele invocou Cinzento.

— É a lareira — ele disse para Percy, o que soou estupidamente óbvio. — Vamos checar o andar de cima.

Os degraus rangiam debaixo de seus pés. O antigo quarto de Frank permanecia o mesmo. Nenhuma de suas coisas havia sido tocada – seu arco e aljava extras (ele tinha que pegá-los mais tarde), seus prêmios de concursos de soletrar da escola (sim, ele provavelmente era o único semideus não-disléxico campeão de soletrar no mundo, como se ele já não fosse estranho o suficiente), e as fotos de sua mãe – em sua jaqueta camuflada e capacete, sentada em um jipe na província de Kandahar; na sua roupa de treinadora de futebol, no verão em que ela treinou o time de Frank; em seu uniforme militar, suas mãos nos ombros de Frank, quando ela foi a sua escola no dia das profissões.

— Sua mãe? — Hazel perguntou gentilmente. — Ela é linda.

Frank não conseguiu responder. Ele se sentiu um pouco envergonhado – um cara de dezesseis anos de idade cheio de fotos de sua mãe.

O quão desesperado soava aquilo? Mas, principalmente, ele se sentiu triste. Havia seis semanas desde que esteve aqui. De alguma forma, parecia como sempre. Mas quando olhou para o sorriso de sua mãe nas fotos, a dor de perdê-la ficou mais forte que nunca.

Eles checaram os outros quartos. Os dois do meio estavam vazios. Uma fraca luz escapava pela última porta – o quarto de sua avó.

Frank bateu de leve na porta. Ninguém respondeu. Ele puxou a maçaneta e abriu a porta. Sua avó estava deitada na cama, magra e frágil, seu cabelo branco estava espalhado pelo seu rosto como uma coroa de basilisco. Uma única vela queimava sobre o criado mudo. Sentado ao lado da cama estava um homem grande em uma farda bege canadense. Apesar do escuro ele usava óculos de sol pretos com uma luz vermelho-sangue por trás das lentes.

— Marte — disse Frank.

O deus o olhou indiferente.

— Ei, garoto, venha aqui. Diga aos seus amigos para darem um passeio.

— Frank — sussurrou Hazel. — O que você quis dizer com *Marte*? É a sua avó... Ela está bem?

Frank olhou para os amigos.

— Vocês não o veem?

— Ver quem? — Percy sacou sua espada. — Marte? Onde ele está?

O deus da guerra sorriu.

— Não, eles não podem me ver. Dessa vez é melhor assim. Só uma conversa entre pai e filho, certo?

Frank cerrou os punhos. Ele contou até dez antes de confiar em si mesmo para falar.

— Pessoal, não... não é nada. Por que vocês não verificam os outros quartos?

— Telhado — disse Ella. — Telhados são bons para harpias.

— Claro — disse Frank ainda atordoado. — Provavelmente há comida na cozinha. Vocês me dariam alguns minutos sozinho com a minha avó? Eu acho que ela está...

Sua voz falhou. Ele não tinha certeza se queria chorar ou gritar ou socar Marte no meio dos olhos. Talvez os três.

Hazel colocou sua mão gentilmente nos ombros de Frank.

— Claro, Frank. Ella, Percy, vamos.

Frank esperou até não poder escutar mais os passos dos amigos. Então entrou no quarto e fechou a porta.

— É realmente você? — ele perguntou a Marte. — Isso não é um truque ou uma ilusão nem nada do tipo, certo?

O deus balançou a cabeça.

— Você preferia que não fosse eu?

— Sim — Frank confessou.

Marte deu de ombros.

— Não posso te culpar. Ninguém recebe bem a guerra – pelo menos os espertos. Mas a guerra sempre acha as pessoas, cedo ou tarde. É inevitável.

— Isso é estupidez — disse Frank. — A guerra não é inevitável. Ela mata as pessoas. Ela...

— ...levou sua mãe — Marte finalizou.

Frank queria arrancar esse olhar calmo da cara do deus, mas isso talvez só fosse a aura de Marte o fazendo ficar agressivo. Ele olhou para sua avó, que dormia calmamente. O garoto imaginou se ela iria acordar. Se alguém podia enfrentar o deus da guerra, esse alguém era sua avó.

— Ela está pronta para morrer — disse o deus. — Ela está pronta há semanas, mas estava esperando você.

— Eu? — Frank ficou tão chocado que quase esqueceu sua raiva. — Por quê? Como ela poderia saber que eu estava voltando? *Eu* mesmo não sabia.

— Os lestrigões lá de fora sabiam — Marte disse — imaginei que uma certa deusa havia informado.

Frank piscou.

— Juno?

O deus da guerra gargalhou tão alto que as janelas sacudiram, mas a avó nem se agitou.

— Juno? Pelos bigodes do javali, criança. Juno não! Estou falando de Gaia. Obviamente ela está vigiando você. Acho que você a preocupa mais do que Percy, Jason ou qualquer outro dos sete.

Frank se sentiu como se o quarto tremesse. Ele queria que houvesse outra cadeira para se sentar.

— Os sete... Você quer dizer os da antiga profecia, dos Portões da Morte? Eu sou um dos sete? E o Jason, e...

— Sim, sim. — Marte sacudiu a mão impacientemente. — Vamos lá garoto. Era pra você ser um bom estrategista. Pense direito! Obviamente seus amigos estão se preparando para essa missão também, presumindo que você volte vivo do Alasca. Juno pretende unir os Gregos e os Romanos e enviá-los para batalhar contra os gigantes. Ela acredita que esse seja o único modo de deter Gaia.

Marte deu de ombros, claramente insatisfeito com o plano.

— De qualquer forma, Gaia não quer que você seja um dos sete. Percy Jackson... Ela acredita que pode controlá-lo. Todos os outros possuem fraquezas que ela pode explorar. Mas *você*, você a preocupa. Ela preferiu

matá-lo imediatamente. Esse é o motivo de ela ter ressuscitado os lestrigões. Eles estão esperando você aqui há dias.

Frank balançou a cabeça. Marte estava planejando algum tipo de armadilha? De jeito nenhum uma divindade iria se preocupar com Frank, especialmente quando há caras iguais ao Percy Jackson para se preocupar.

— Sem fraquezas? Eu não sou nada senão fraquezas. Minha vida depende de um pedaço de madeira!

Marte sorriu.

— Você está se julgando muito cedo. De qualquer maneira, Gaia convenceu esses lestrigões de que se eles comessem o último membro da sua família – e isso quer dizer *você* – eles herdariam o seu dom de família. Se é verdade ou não, eu não sei. Mas esses lestrigões estão famintos o suficiente para tentar.

Um nó se formou no estômago de Frank. Cinzento havia matado seis desses ogros, mas julgando pelos círculos de fogueiras ao redor da casa, existiam mais dezenas – e todos estavam esperando para ter Frank como café da manhã.

— Eu vou vomitar — disse o garoto.

— Não, você não vai. — Marte estalou os dedos e o enjoo de Frank desapareceu. — Nervosismo pré-batalha. Acontece com todo mundo.

— Mas a minha avó...

— Sim, ela está esperando para falar com você. Os ogros a deixaram em paz, por hora. Ela é a isca, vê? Agora que está aqui, eles já devem ter sentido a sua presença. Eles irão atacar pela manhã.

— Então nos tire daqui! — exigiu Frank. — Estale seus dedos e destrua os canibais.

— Há! Isso seria engraçado. Mas eu não luto as batalhas de meus filhos. As Parcas possuem ideias claras sobre os trabalhos pertencentes aos deuses e

os que devem ser feitos por mortais. Essa missão é sua, garoto. E, hã, caso você ainda não tenha percebido, a sua lança só poderá ser usada novamente daqui vinte e quatro horas, então espero que você tenha aprendido a usar os dons da sua família. Caso contrário, vai virar café da manhã de canibais.

Os Dons da Família. Frank estava esperando falar com sua avó sobre isso, mas agora a única pessoa com quem poderia falar era Marte. Ele encarou o deus da guerra, que estava sorrindo sem absolutamente simpatia alguma.

— Poriclimeno — Frank disse o nome cautelosamente, como em uma competição de soletrar. — Ele é meu ancestral, um príncipe grego, um Argonauta. Morreu lutando contra Hércules.

Marte fez um gesto “*continue!*” com as mãos.

— Ele possuía uma habilidade que o ajudava em batalha — disse Frank. — Alguma espécie de “dom dos deuses”. Minha mãe disse que ele lutava como um enxame de abelhas.

Marte riu.

— É verdade. O que mais?

— De algum modo a família foi para a China. Eu acho, como no Império Romano, um descendente de Poriclimeno serviu a uma legião. Minha mãe costumava falar de um cara chamado Seneca Gracchus, mas ele também tinha um nome chinês, Sung Guo. Acho... bem, essa é a parte que eu não sei muito bem, mas Reyna sempre disse que havia várias legiões perdidas. A *Duodécima* fundou o Acampamento Júpiter. Talvez haja outra legião, perdida no Leste.

Marte aplaudiu em silêncio.

— Nada mau garoto. Já ouviu falar na Batalha de Carras? Grande desastre para os romanos. Eles lutaram contra esses caras chamados Partas nas fronteiras do império. Quinze mil romanos morreram. Mais de dez mil viraram prisioneiros.

— E um desses prisioneiros era o meu ancestral Seneca Gracchus?

— Exatamente — concordou Marte. — Os Partas fizeram os legionários capturados de escravos, já que eram tão bons lutadores. Até que a Parta foi invadida novamente, pelos...

— Pelos chineses — supôs Frank. — E os prisioneiros romanos foram capturados novamente.

— Sim. Meio que constrangedor. De qualquer forma, foi assim que a legião romana foi para a China. Eventualmente os romanos criaram raízes e construíram uma nova cidade chamada...

— Li-Jien — disse Frank. — Minha mãe disse que esse era o nosso antigo nome. Li-Jien. *Legião*.

Marte parecia satisfeito.

— Agora você está entendendo. E o velho Seneca Gracchus possuía o dom de sua família.

— Minha mãe disse que ele derrotou dragões — lembrou Frank. — disse ela que ele era... que ele era o dragão mais poderoso de todos.

— Ele era bom — admitiu Marte. — Não bom o suficiente para tirar a má reputação de sua legião, mas bom. Ele se estabeleceu na China, passou os dons da família para seus filhos, e assim por diante. Eventualmente sua família imigrou para a América do Norte e se envolveu com o Acampamento Júpiter...

— Completando o círculo — terminou Frank. — Juno disse que eu completaria o círculo da família.

— Vamos ver. — Marte acenou para a avó de Frank. — Ela mesma quer contar tudo a você, mas decidi falar um pouco já que a velha não possui muita força. Então, você compreende o seu dom?

Frank hesitou. Ele tinha uma ideia, mas soava maluca – mais louco do que sua família mudando da Grécia para Roma para China e depois para o

Canadá. Ele não queria dizer em voz alta. Ele não queria estar errado e ver Marte rindo de sua cara.

— E-eu acho que sim. Mas contra um exército de ogros...

— Sim, vai ser difícil. — Marte se levantou e espreguiçou. — Quando sua avó acordar ela irá lhe oferecer ajuda. Depois imagino que irá morrer.

— *O quê?* Mas eu preciso salvá-la! Ela não pode simplesmente me deixar!

— Ela teve uma vida longa — disse Marte. — Está pronta para seguir em frente. Não seja egoísta.

— Egoísta!

— Essa velha só ficou por aqui tanto tempo por causa de um senso de dever. Com a sua mãe foi a mesma coisa. Esse foi o motivo de eu tê-la amado. Ela sempre colocava o dever na frente de tudo, até da própria vida.

— Até de mim.

Marte tirou os óculos de sol. Aonde deveriam estar seus olhos, haviam mini esferas de fogo como explosões nucleares.

— Auto piedade não é útil, garoto. Não é digno de você. Mesmo sem os dons da família, sua mãe lhe deu os melhores traços – bravura, lealdade, inteligência. Agora você tem que decidir como vai usá-los. Ao amanhecer, escute a sua avó. Tome seu conselho. Você ainda pode libertar Thanatos e salvar o acampamento.

— E deixar a minha avó para trás para morrer.

— A vida só é preciosa porque acaba, garoto. Veja pelos deuses. Vocês mortais não sabem o quão sortudos são.

— Sim — murmurou Frank. — Realmente sortudos.

Marte gargalhou – um som metálico cortante.

— Sua mãe costumava me contar esse provérbio chinês. Comer amargo...

— *Prove amargo, para saborear doce* — Frank completou — odeio esse provérbio.

— Mas é verdade. Como eles dizem esses dias – sem dor, sem valor? Mesmo conceito. Você tem o caminho fácil, o caminho apelativo, e o caminho *pacífico*, todos dão na mesma no final. Mas quando você toma o caminho difícil – ah, é aí que você colhe os doces frutos. Dever. Sacrifício. Eles querem dizer algo.

Frank estava tão revoltado que mal conseguia falar. *Esse* era seu pai?

Claro, Frank entendeu sobre sua mãe virando uma heroína. Entendeu que ela havia salvado vidas e havia sido muito corajosa. Mas ela o deixou sozinho. Isso não era justo. Isso não era certo.

— Eu vou indo — disse Marte. — Mas primeiro, você tinha dito que era fraco. Isso não é verdade. Você quer saber por que Juno poupou você, Frank? Por que esse pedaço de lenha ainda não queimou? É porque você tem uma função a cumprir. Você acha que não é tão bom quanto os outros romanos. Você acha que Percy Jackson é melhor que você.

— E ele é — grunhiu Frank. — Ele lutou contra *você* e ganhou.

Marte deu de ombros.

— Talvez. Só talvez. Mas todo herói possui um ponto fraco. Percy Jackson? Ele é muito leal aos amigos. Ele não desiste deles. Ele disse isso, há alguns anos. E algum dia vai encarar um sacrifício que não poderá fazer. Sem você, Frank – sem o seu senso de dever – ele irá falhar. Iremos perder a guerra, e Gaia destruirá o nosso mundo.

Frank balançou a cabeça. Ele não podia escutar isso.

— A guerra é um dever — continuou Marte. — A única escolha é você aceitar isso e aquilo pelo que você luta. O legado de Roma está em jogo... cinco mil anos de lei, ordem, civilização. Os deuses, as tradições, as culturas que formam o mundo em que você vive: estão ao ponto de ruir, Frank, a não

ser que você vença isso. Acho que esse é um motivo para se lutar. Pense a respeito.

— Qual é o meu? — perguntou Frank.

Marte levantou a sobrancelha.

— O seu o quê?

— O meu ponto fraco. Você disse que todos os heróis possuem um.

O deus sorriu secamente.

— Você mesmo precisa responder isso, Frank. Mas você finalmente está fazendo as perguntas certas. Agora vá dormir. Você precisa descansar.

O deus acenou com a mão. Os olhos de Frank ficaram pesados. Ele começou a cair e tudo ficou preto.

— Fai. — Disse uma voz familiar, áspera e impaciente.

Frank piscou. Alguns raios de sol entravam no quarto.

— Fai, levante-se. Por mais que eu queira tirar essa cara ridícula do seu rosto, eu não estou em condições de levantar da cama.

— Vovó?

Ela entrou em foco, olhando para Frank da cama. Ele estava esparramado no chão. Alguém o havia coberto com uma manta e posto um travesseiro sobre sua cabeça, mas ele não fazia a mínima ideia de como isso havia acontecido.

— Sim, meu queridinho. — Sua avó ainda parecia incrivelmente fraca e pálida, mas a sua voz estava forte como sempre. — Agora levante. Aqueles ogros estão cercando a casa. Nós temos muito que discutir se você e seus amigos querem escapar daqui vivos.

FRANK

BASTOU UMA OLHADELA PELA JANELA e Frank soube que estava em apuros.

Na beira do gramado, os lestrigões estavam empilhando balas de canhão de bronze. A pele deles brilhava em vermelho. Os cabelos desgrehados, as tatuagens e as garras não pareciam mais bonitas na luz da manhã.

Alguns carregavam clavas ou lanças. Ogros confusos carregavam pranchas de surf, como se tivessem aparecido na festa errada. Todos eles estavam em clima de festa – batendo dando toquinhos com as mãos uns com os outros, amarrando aventais de plástico em volta de seus pescoços, quebrando as facas e os garfos. Um ogro havia colocado fogo em uma churrasqueira portátil e estava dançando com um avental que dizia BEIJE O COZINHEIRO.

A cena seria até engraçada, se Frank não soubesse que *ele* era o prato principal.

— Eu mandei seus amigos para o sótão — disse Vovó. — Você pode se juntar a eles quando terminarmos.

— O sótão? — Frank se virou. — Você me disse que eu nunca poderia entrar lá.

— Isso é porque nós mantemos *armas* no sótão, garoto bobo. Você acha que essa é a primeira vez que monstros atacam nossa família?

— Armas — resmungou Frank. — Certo. Eu *nunca* manipulei armas antes.

As narinas de Vovó inflaram.

— Isso foi sarcasmo, Fai Zhang?

— Sim, vovó.

— Ótimo. Então ainda pode haver esperança para você. Agora, sente-se. Você tem que comer.

Ela acenou com a mão para a escrivaninha, onde alguém havia colocado um copo de suco de laranja e um prato de ovos cozidos e bacon torrados – o café da manhã preferido de Frank.

Apesar de seus problemas, Frank subitamente se sentiu faminto. Ele olhou para Vovó confuso.

— Foi você que...

— Se eu fiz seu café da manhã? Pelo macaco de Buda, é claro que não! E também não foram os empregados da casa. Aqui é muito perigoso para eles. Não, a sua namorada Hazel fez isso pra você. E lhe trouxe um cobertor e um travesseiro noite passada. E pegou algumas roupas limpas para você em seu quarto. A propósito, você deveria tomar banho. Está cheirando à crina de cavalo queimada.

Frank abriu e fechou a boca como um peixe. Não conseguia fazer os sons saírem. *Hazel* havia feito tudo aquilo por ele? Frank tinha certeza de

que destruíra qualquer chance com ela na noite passada, quando chamou Cinzento.

— Ela não é... hã... ela não é...

— Não é sua namorada? — perguntou a vovó. — Bem, ela *deveria* ser, seu pateta! Não a deixe escapar. Você precisa de mulheres fortes em sua vida, se ainda não notou. Agora, ao trabalho.

Frank comia enquanto Vovó lhe dava um tipo de sessão de instrução militar. Na luz do dia, sua pele era tão translúcida que suas veias pareciam brilhar. Sua respiração soava como um frágil saco de papel inflando e desinflando, mas ela falava com firmeza e clareza.

Explicou que os ogros estavam vigiando a casa fazia três dias, apenas esperando Frank aparecer.

— Eles querem cozinhar você e comê-lo — disse ela, amargamente. — O que é ridículo. Você tem um gosto horrível.

— Obrigado, Vovó.

Ela balançou a cabeça.

— Eu admito, fiquei um pouco contente quando me disseram que vocês estavam voltando. E estou encantada em vê-lo uma última vez, mesmo que as suas roupas estejam sujas e você precise de um corte de cabelo. É assim que você representa sua família?

— Eu estive um pouco ocupado, Vovó.

— Não há desculpa para o relaxo. De qualquer forma, seus amigos dormiram e comeram. Estão fazendo um balanço das armas estocadas no sótão. Eu disse que você se juntaria a eles logo, mas há ogros demais para defender por muito tempo. Devemos bolar um plano de fuga. Olhe na escrivaninha.

Frank abriu a gaveta e puxou para fora um envelope selado.

— Sabe o aeródromo no fim do parque? — perguntou Vovó. — Você consegue encontrá-lo de novo?

Frank assentiu, mudo. Era cerca de cinco quilômetros ao norte, pela estrada principal que atravessava o cânion. Vovó o havia levado lá algumas vezes quando ela alugava aviões para trazer carregamentos especiais da China.

— Há um piloto à disposição para sair a qualquer momento — disse Vovó. — Ele é um velho amigo da família. Tenho uma carta para ele nesse envelope, pedindo-lhe para levá-lo para o norte.

— Mas...

— Não argumente garoto — murmurou ela. — Marte veio me visitar esses dias, pra me fazer companhia. Ele me falou da sua jornada. Ache a Morte no Alasca e liberte-a. Faça o que deve fazer.

— Mas se eu fizer isso, você irá morrer. E eu nunca mais vou te ver de novo.

— É verdade — concordou Vovó. — Mas eu irei morrer de qualquer jeito mesmo. Estou velha. E acho que deixei isso bem claro. Agora, o seu pretor lhe deu as cartas de recomendação?

— Hã, sim, mas...

— Ótimo. Mostre isso para o piloto também. Ele é um veterano da legião. Se tiver qualquer dúvida ou não tiver muita sorte, essas credenciais farão com que as obrigações de honra dele façam-no ajudar você da maneira que for possível. Tudo o que tem que fazer é chegar ao aeródromo.

A casa tremeu. Lá fora, uma bola de fogo explodiu no ar e iluminou todo o cômodo.

— Os ogros estão ficando impacientes — disse a avó. — Temos de nos apressar. Agora, sobre os seus poderes, espero que você os tenha descoberto.

— Hã...

Vovó murmurou algumas maldições em um mandarim muito rápido.

— Deuses de seus antepassados, garoto! Você não aprendeu nada?

— Sim! — Ele gaguejou os detalhes de sua discussão com Marte na noite anterior, mas sentia como se a sua língua estivesse presa perto de Vovó.

— O dom de Poriclimeno... acho... acho que ele era o filho de Poseidon, quero dizer, Netuno, quero dizer... — Frank abriu as mãos. — O deus do mar.

Vovó concordou a contragosto.

— Ele era *neto* de Poseidon, mas já está bom. Como o seu cérebro brilhante chegou a esse fato?

— Um vidente em Portland... ele disse alguma coisa sobre meu bisavô, Shen Lun. O vidente disse que ele era culpado pelo terremoto de 1906, que destruiu São Francisco e o lugar onde anteriormente era o Acampamento Júpiter.

— Continue.

— No acampamento, disseram que um descendente de Netuno havia causado o desastre. Netuno é o deus dos terremotos. Mas... mas eu não acho que meu bisavô tenha feito isso, na verdade. Causar terremotos não fazia parte de seus dons.

— Não mesmo — concordou Vovó. — Mas sim, ele era culpado. Ele era um descendente anormal de Netuno. Era anormal porque seu dom de verdade era muito mais estranho do que causar terremotos. E também era anormal porque ele era chinês. Um garoto chinês nunca havia sido reivindicado por sangue romano antes. Uma verdade feia – mas não tem como negar isso. Ele foi falsamente acusado, forçado a deixar o acampamento em vergonha.

— Então... se ele não fez nada de errado, por que você me disse para pedir perdão por ele?

As bochechas de Vovó ficaram vermelhas.

— Porque se desculpar por alguma coisa que você não fez é melhor do que morrer por isso! Eu não tinha certeza se o acampamento iria te prender como culpado. Não sabia se o preconceito dos romanos havia diminuído.

Frank engoliu seu café da manhã. Ele havia sido provocado na escola e nas ruas algumas vezes, mas não muitas, e nunca havia acontecido isso no Acampamento Júpiter. Ninguém no acampamento, nem uma única vez, havia rido dele por ele ser asiático. Ninguém ligava pra isso. Eles só zoavam porque ele era desajeitado e lento. Não conseguia imaginar como havia sido para seu bisavô, acusado de destruir todo o acampamento e ser expulso da Legião por algo que não fizera.

— E o nosso dom real? — perguntou Vovó. — Você pelo menos descobriu o que é?

As velhas histórias de sua mãe rodaram pela mente de Frank. *Lutando como um enxame de abelhas. Ele era o maior dragão de todos.* Lembrou que sua mãe aparecia perto dele no jardim, como se tivesse voado de dentro do sótão. Lembrou-se dela saindo da floresta, dizendo que havia dado direções à Mamãe Urso.

— *Você pode ser qualquer coisa* — disse Frank. — Isso é o que ela sempre me dizia.

Vovó bufou.

— Finalmente uma luz fraca acendeu na sua cabeça. Sim, Fai Zhang. Sua mãe não estava simplesmente promovendo a sua autoestima. Ela estava dizendo pra você a verdade no sentido literal.

— Mas... — Outra explosão abalou a casa. O gesso do teto caiu como neve. Frank estava tão confuso que mal notara.

— *Qualquer coisa?*

— Que tenha sentido — disse a sua avó. — Seres vivos. Ajuda se você conhecer bem a criatura. Também ajuda se você estiver em uma situação de vida ou morte, como um combate. Porque parece tão surpreso, Fai? Você sempre disse que não estava confortável com seu corpo. Todos nós nos sentimos desse jeito — todos que temos sangue de Pilos. Este dom foi dado apenas *uma vez* para uma família mortal. Somos únicos entre os semideuses. Poseidon deve ter se sentido especialmente generoso quando abençoou nossos ancestrais — ou especialmente rancoroso. O dom tem se mostrado uma maldição. Ele não salvou sua mãe...

Lá fora, uma torcida vinha dos ogros. Alguém gritava:

— Zhang! Zhang!

— Você tem que ir, garoto bobo — disse Vovó. — Nosso tempo acabou.

— Mas... eu não sei como usar meu poder. Eu nunca... eu não consigo...

— Você consegue — disse Vovó. — Ou não irá sobreviver para realizar seu destino. Não gostei dessa Profecia dos Sete que Marte me falou. Sete é um número de azar em chinês — um número fantasma. Mas não há nada que possamos fazer sobre isso. Agora, vá! Amanhã à noite é o Festival de Fortuna. Você não tem tempo a perder. Não se preocupe comigo. Eu vou morrer no meu próprio tempo, da minha maneira. Não tenho intenção de ser devorada por aqueles ogros ridículos. Vá!

Frank se virou para a porta. Sentia como se seu coração estivesse sendo espremido por um espremedor de suco, mas se curvou formalmente.

— Obrigado, vovó — disse ele. — Eu vou fazer você se sentir orgulhosa.

Ela murmurou algo em voz baixa. Frank chegou a pensar que ela havia dito: *Você precisa.*

Ele olhou surpreso para ela, mas a expressão dela azedou imediatamente.

— Pare de ficar surpreso, menino! Vá tomar banho e se vestir! Arrume seu cabelo! Será minha última imagem de você e você quer ficar com o cabelo desarrumado?

Ele passou as mãos nos cabelos para abaixá-los e se inclinou novamente.

Sua última imagem de Vovó era dela olhando pela janela, como se pensando na bronca terrível que daria nos ogros quando eles invadissem sua casa.

FRANK

FRANK TOMOU BANHO O MAIS RÁPIDO POSSÍVEL, colocou as roupas que Hazel tinha separado – uma camisa verde oliva com calça bege, sério? – então pegou seu arco e aljava reserva e subiu as escadas do sótão.

O sótão estava cheio de armas. Sua família tinha colecionado armamento o suficiente para abastecer um exército. Escudos, lanças e aljavas de flechas estavam pendurados ao longo da parede – quase tanto quanto no arsenal do Acampamento Júpiter. No canto da janela, um arco escorpião estava montado e carregado, pronto para agir. Na frente da janela estava algo parecido com uma metralhadora com um grupo de barris.

— Fogos de artifício? — ele se perguntou em voz alta.

— Não, não — disse uma voz do canto. — Batatas. Ella não gosta de batatas.

A harpia tinha feito um cesto para si mesma entre dois baús velhos. Estava sentada em uma pilha de pergaminhos chineses, lendo sete ou oito

de uma vez.

— Ella — Frank disse — onde estão os outros?

— Telhado. — Ela olhou para cima, então voltou a ler, alternadamente tocando as penas e virando páginas. — Telhado. Vendo ogros. Ella não gosta de ogros. Batatas.

— Batatas? — Frank não entendeu até girar a metralhadora. Seus oito barris estavam carregados com batatas. Na base da arma, uma cesta estava cheia com mais munição comestível.

Ele olhou para fora da janela — a mesma janela que sua mãe o havia assistido quando ele encontrou com o urso. No jardim, os ogros estavam se batendo, socando uns aos outros, ocasionalmente gritando para a casa e atirando bolas de canhão de bronze que explodiam no meio do ar.

— Eles têm bolas de canhão — disse Frank. — E nós temos uma arma de batata.

— Amido — Ella disse pensativa. — Amido é mau para ogros.

A casa sacudiu com outra explosão. Frank precisava chegar no telhado e ver como Percy e Hazel estavam se saindo, mas se sentiu mal de deixar Ella sozinha.

Ele ajoelhou perto dela, tomando cuidado de não chegar muito perto.

— Ella, não é seguro aqui com os ogros. Vamos voar para o Alasca logo. Vai vir com a gente?

Ella se contorceu desconfortável.

— Alasca. Um milhão e setecentos quilômetros quadrados. Mamífero do estado: o alce.

De repente ela trocou para o latim, que Frank só conseguiu acompanhar graças às aulas do Acampamento Júpiter.

— *Para o norte, além dos deuses, encontra-se a coroa da legião. Caído no gelo, o filho de Netuno deve se afogar...* — Ela parou e coçou seu cabelo vermelho

bagunçado. — Hmm. Queimado. O resto está queimado.

Frank conseguiu respirar com dificuldade.

— Ella, essa... essa era uma profecia? Onde leu isso?

— Alce — Ella disse, saboreando a palavra. — Alce. Alce. Alce.

A casa sacudiu novamente. Pó choveu das vigas. Do lado de fora, um ogro clamou:

— Frank Zhang! Apareça!

— Não — disse Ella. — Frank não deve. Não.

— Só... fique aqui, certo? — disse Frank. — Tenho que ajudar Hazel e Percy.

Ele puxou a escada de mão para o telhado.

— Bom dia — Percy disse sombriamente. — Lindo dia, não?

Ele vestia as mesmas roupas do dia anterior - jeans, sua camiseta roxa, e jaqueta - mas elas obviamente tinham sido lavadas. Ele segurava sua espada em uma mão e uma mangueira de jardim na outra. Por que havia uma mangueira de jardim no telhado, Frank não tinha certeza, mas toda vez que os gigantes lançavam uma bola de canhão, Percy invocava uma poderosa rajada de água e detonava a esfera no meio do ar. Então Frank lembrou - a família *dele* descendia de Poseidon, também. A vovó disse que sua casa tinha sido atacada antes. Talvez eles tivessem colocado uma mangueira lá em cima por essa razão.

Hazel patrulhava a varanda entre as duas frentes do sótão. Ela parecia tão bonita que fez o peito de Frank doer. Vestia jeans, uma jaqueta cor de creme e uma camisa branca que fazia sua pele parecer tão escura quando chocolate. Seu cabelo encaracolado caía sobre os ombros. Quando chegou mais perto, Frank pôde sentir o cheiro do xampu de jasmim.

Ela agarrou a espada. Quando olhou para Frank, seus olhos brilharam com preocupação.

— Está tudo bem? — perguntou ela. — Por que está sorrindo?

— Ah, hã, nada — disse ele. — Valeu pelo café da manhã. E as roupas. E... por não me odiar.

Hazel pareceu confusa.

— Por que eu te odiaria?

O rosto de Frank queimou. Ele desejou ter mantido a boca fechada, mas era tarde demais agora. *Não deixe ela se afastar*, sua avó havia dito. *Você precisa de mulheres fortes*.

— É que... na noite passada — ele gaguejou. — Quando invoquei o esqueleto. Achei... achei que você achou... que fui repulsivo... ou algo do tipo.

Hazel ergueu as sobrancelhas. Ela balançou a cabeça assustada.

— Frank, talvez eu tenha ficado surpresa. Talvez assustada com aquilo. Mas com repulsa? Do jeito que comandou aquilo, tão confiante e tudo... tipo *Ah, de qualquer forma, caras, tenho todos esses espartos que podemos usar*. Eu não acreditei. Não fiquei com repulsa, Frank. Fiquei impressionada.

Frank não teve certeza que ouviu direito.

— Você ficou... impressionada... *comigo*?

Percy riu.

— Cara, você *foi* muito incrível.

— Sério? — perguntou Frank.

— Sério — prometeu Hazel. — Mas agora temos outros problemas com que nos preocupar. Certo?

Ela apontou para o exército de ogros, que estava ficando cada vez mais ousado, chegando mais e mais perto da casa.

Percy preparou a mangueira de jardim.

— Tenho mais um truque na manga. Esse gramado tem um sistema de irrigação. Posso ligar e causar alguma confusão ali embaixo, mas isso vai destruir a pressão de água. Sem pressão, sem mangueira e aquelas bolas de canhão vão acabar com a casa.

O elogio de Hazel ainda estava zunindo nos ouvidos de Frank, deixando difícil de pensar. Dúzias de ogros estavam acampados no gramado, esperando para dilacerá-lo e Frank mal pôde controlar a vontade de sorrir.

Hazel não o odiava. Ela estava impressionada.

Ele forçou-se a se concentrar. Lembrou do que sua avó havia dito sobre a natureza de seu dom, e como ele a tinha deixado ali para morrer.

Você tem um papel a desempenhar, Marte tinha dito.

Frank não conseguiu acreditar que ele era a arma secreta de Juno, ou que essa Grande Profecia dos Sete dependia dele. Mas Hazel e Percy estavam contando com ele. Tinha que fazer seu melhor.

Pensou sobre aquela parte da profecia estranha que Ella tinha recitado no porão, sobre o filho de Netuno se afogando.

Você não entende seu verdadeiro valor, Fineu lhe disse em Portland. O velho cego achava que controlar Ella faria dele um rei.

Todas aquelas peças do quebra cabeça giravam pela mente de Frank. Teve a impressão que quando finalmente se encaixassem, criariam um cenário que ele não gostaria.

— Pessoal, tenho um plano de fuga. — Ele contou a seus amigos sobre o avião esperando no campo de pouso e a nota de sua avó para o piloto. — Ele é veterano da legião. Vai nos ajudar.

— Mas Árion não voltou — disse Hazel. — E a sua avó? Não podemos simplesmente deixá-la aqui.

Frank sufocou um soluço.

— Talvez... talvez Árion nos encontre. Quanto à minha avó... ela foi bem clara. Ela disse que vai ficar bem.

Isso não era exatamente verdade, mas foi o máximo que Frank pôde dizer.

— Tem outro problema — disse Percy. — Não sou bom em viajar no ar. É perigoso para um filho de Netuno.

— Vai ter que arriscar... e eu também — disse Frank. — Pelo jeito, somos parentes.

Percy quase caiu do telhado.

— O quê?

Frank contou uma versão de cinco segundos.

— Poriclimeno. Ancestral do lado da minha mãe. Argonauta. Neto de Poseidon.

Hazel ficou de boca aberta.

— Você é um... um descendente de Netuno? Frank, isso é...

— Loucura? É. E há esse dom que minha família tem, supostamente. Mas não sei como usar. Se eu pudesse descobrir...

Outra enorme agitação veio dos lestrigões. Frank percebeu que estavam olhando para ele, apontando, acenando e rindo. Eles tinham avistado seu café da manhã.

— Zhang! — gritavam eles. — Zhang!

Hazel chegou mais perto dele.

— Eles continuam fazendo isso. Por que estão gritando seu nome?

— Não importa — disse Frank. — Escuta, temos que proteger Ella, levá-la com a gente.

— Claro — Hazel disse. — A pobrezinha precisa da nossa ajuda.

— Não — disse Frank. — Quer dizer, é, mas não é só isso. Ela recitou uma profecia lá embaixo. Acho... acho que é sobre *essa* missão.

Ele não queria contar a Percy sobre a má notícia, sobre um filho de Netuno se afogando, mas repetiu as linhas.

A mandíbula de Percy se contraiu.

— Não sei como um filho de Netuno pode se afogar. Consigo respirar debaixo d'água. Mas a coroa da legião...

— Deve ser a águia — disse Hazel.

Percy assentiu.

— E Ella recitou algo assim uma vez em Portland... uma linha da Grande Profecia.

— Da o quê? — perguntou Frank.

— Te conto depois.

Percy ligou a mangueira de jardim e acertou outra bola de canhão no céu.

Ela explodiu em uma bola de fogo laranja. Os ogros aplaudiram com apreciação e gritaram:

— Lindo! Lindo!

— O negócio é — Frank disse. — Ella lembra de tudo o que leu. Disse algo sobre a página estar queimada, como se tivesse lido um texto de profecias danificado.

Os olhos de Hazel alargaram.

— Livros de profecia queimados? Você não acha... mas isso é impossível!

— Os livros que Octavian queria, no acampamento? — disse Percy.

Hazel respirou profundamente.

— Os livros sibilinos perdidos que esboçaram o destino inteiro de Roma. Se Ella leu uma cópia de algum jeito, e memorizou...

— Então ela é a harpia mais valiosa do mundo — disse Frank. — Não é à toa que Fineu quis capturá-la.

— Frank Zhang! — um ogro gritou lá em baixo. Ele era maior que o resto, vestindo uma capa de leão como um estandarte romano em um babador de plástico com uma lagosta dentro. — Desça, filho de Marte! Estivemos esperando por você. Venha, seja nosso honorável convidado!

Hazel agarrou o braço de Frank.

— Por que tenho a impressão que “honorável convidado” é o mesmo que “jantar”?

Frank desejou que Marte estivesse ali. Ele podia usar alguém para estalar os dedos e fazer esse nervosismo de batalha ir embora.

Hazel acredita em mim, pensou Frank. Eu posso fazer isso.

Ele olhou para Percy.

— Consegue dirigir?

— Claro. Por quê?

— O carro da minha avó está na garagem. É um Cadillac velho. O troço é como um tanque. Se puder ligá-lo...

— Ainda vamos ter que passar por uma linha de ogros — disse Hazel.

— O sistema de irrigação — disse Percy. — Usar como distração?

— Exatamente — disse Frank. — Vou tomar o maior tempo que puder. Peguem Ella e coloquem-na no carro. Vou tentar encontrar vocês na garagem, mas não esperem por mim.

Percy franziu a testa.

— Frank...

— Nos dê sua resposta, Frank Zhang! — gritou o ogro. — Desça, e vamos poupar os outros – seus amigos, sua pobre vovozinha. Só queremos você!

— Eles estão mentindo — murmurou Percy.

— É, eu sei disso — concordou Frank. — Vão!

Seus amigos correram para a escada.

Frank tentou controlar o batimento do coração. Ele sorriu ironicamente e gritou:

— Ei, aí embaixo! Quem está com fome?

Os ogros aplaudiram enquanto Frank passeava pela varanda e acenava como uma estrela do rock.

Frank tentou invocar o dom da família. Ele se imaginou como um dragão que cospe fogo. Esticou e cerrou os punhos e pensou sobre dragões, gotas de suor apareceram na testa. Ele queria derrubar e destruí-los. Isso seria muito legal. Mas nada aconteceu. Ele não tinha dica de como fazer aquilo. Nunca tinha visto um dragão de verdade. Por um momento de pânico, se perguntou se a vovó tinha pregado alguma peça cruel nele. Talvez tivesse subestimado o dom. Talvez Frank fosse o único membro da família que não tinha herdado. Seria bem a sua sorte.

Os ogros começaram a se agitar. Os aplausos viraram vaias. Alguns lestrigões ergueram as bolas de canhão.

— Calma aí! — gritou Frank. — Vocês não querem me reduzir a carvão, não é? Não vou ter gosto desse jeito.

— Desce! — gritaram eles. — Fome!

Hora do Plano B. Frank desejou ter um.

— Prometem poupar meus amigos? — perguntou Frank. — Juram pelo Rio Estige?

Os ogros riram. Um atirou uma bola de canhão que passou raspando pela cabeça de Frank e atingiu a chaminé. Por algum milagre, Frank não foi acertado pelos estilhaços.

— Vou tomar isso como um *não* — murmurou ele. Então gritou: — Tá bom, tudo bem! Vocês venceram! Vou ir aí embaixo. Esperem aí!

Os ogros aplaudiram, mas seu líder na pele de leão fez uma careta suspeita. Frank não teria muito tempo. Ele desceu a escada para o sótão.

Ella tinha ido embora. Esperava que isso fosse um bom sinal. Talvez eles a tivessem levado para o Cadillac. Ele pegou uma aljava extra de flechas que estava marcada como diversificadas com a caligrafia elegante de sua mãe. Então correu para a metralhadora.

Frank girou a metralhadora, mirou no ogro líder e apertou o gatilho. Oito batatas acertaram o gigante no peito com tanta força que ele caiu em um grupo de bolas de canhão de bronze, que na hora explodiram, deixando uma cratera soltando fumaça no jardim.

Aparentemente amido *era* ruim para ogros.

Enquanto o resto dos monstros corria para todos os lados, confusos, Frank puxou seu arco e fez chover flechas neles. Algumas delas detonaram com o impacto. Outras estilhaçaram como chumbo e deixaram os gigantes com novas tatuagens dolorosas. Uma acertou um ogro e instantaneamente o transformou em uma roseira.

Infelizmente, os ogros se recuperaram rapidamente. Começaram a atirar bolas de canhão — dúzias por vez. A casa inteira gemeu com o impacto. Frank correu para as escadas. O sótão se desintegrou atrás dele. Fumaça e fogo pairavam pelo segundo andar.

— Vó! — ele gritou, mas o calor estava tão intenso que ele não pôde alcançar o quarto. Ele correu para o piso térreo, agarrado ao corrimão enquanto a casa sacudia e blocos enormes do teto caíam.

A base da escada era uma cratera fumegante. Ele saltou e cambaleou pela cozinha. Tossindo por causa das cinzas e da fuligem, ele disparou para a garagem. Os faróis do Cadillac estavam ligados. O motor estava funcionando e a porta da garagem estava abrindo.

— Entra! — gritou Percy.

Frank mergulhou no banco de trás ao lado de Hazel. Ella estava encolhida na frente, sua cabeça aninhada debaixo das asas, murmurando:

— Credo. Credo. Credo.

Percy ligou o motor. Eles dispararam da garagem antes de estar totalmente aberta, deixando um buraco na madeira lascada em forma de Cadillac.

Os ogros correram para interceptar, mas Percy gritou o máximo que seus pulmões podiam aguentar, e o sistema de irrigação explodiu. Centenas de cilindros d'água foram jogados no ar com nuvens de pó, peças de tubo e pulverizadores bem pesados.

O Cadillac estava chegando a quarenta por hora quando acertaram o primeiro ogro, que desintegrou com o impacto. Quando os monstros superaram a confusão, o Cadillac estava a meio quilômetro de distância na estrada. Bolas de canhão flamejantes queimavam atrás deles.

Frank olhou para trás e viu a mansão de sua família incendiando, as paredes colidindo e fumaça subindo no céu. Ele viu um enorme cisco preto — talvez um urubu — circulando o incêndio. Devia ter sido imaginação de Frank, mas achou que o urubu saiu voando da janela do segundo andar.

— Vovó? — murmurou ele.

Parecia impossível, mas ela prometeu que morreria do seu jeito, não nas mãos dos ogros. Frank esperava que ela estivesse certa.

Eles dirigiram pelas árvores e rumaram para o norte.

— Quase cinco quilômetros! — disse Frank. — Não tem como errar!

Atrás deles, mais explosões rompiam a floresta. Fumaça subia ao céu.

— A que velocidade os lestrigões podem correr? — disse Hazel.

— Não vamos descobrir — disse Percy.

As portas do campo de pouso apareceram antes deles — só alguns metros de distância. Um jato privado estava parado na pista de decolagem. Suas escadas estavam abaixadas.

O Cadillac atingiu uma lombada e foi para o ar. A cabeça de Frank bateu no teto. Quando os pneus tocaram o chão, Percy pisou nos freios, e eles deslizaram até parar do lado de dentro das portas.

Frank desceu e pegou seu arco.

— Vamos para o avião! Eles estão vindo!

Os lestrigões estavam chegando perto em velocidade alarmante. A primeira linha de ogros apareceu das árvores e cercaram o campo de pouso — quinhentos metros de distância, quatrocentos metros de distância...

Percy e Hazel ajudaram Ella a sair do Cadillac, mas assim que a harpia viu o avião, começou a guinchar.

— N-n-não! — gritou ela. — Voar com asas! S-s-sem aviões.

— Está tudo bem — prometeu Hazel. — Vamos te proteger!

Ella deu um choro horrível e doloroso como se estivesse sendo queimada.

Percy ergueu as mãos, irritado.

— O que vamos fazer? Não podemos forçá-la.

— Não — concordou Frank. Os ogros estão a trezentos metros.

— Ela é muito valiosa para ser deixada para trás — disse Hazel. Então ela encolheu com suas próprias palavras. — Deuses, me desculpe, Ella. Falei como o Fineu. Você é um ser vivo, não um tesouro.

— Sem aviões. S-s-sem aviões. — Ella estava hiperventilando.

Os ogros estavam quase perto o bastante para atirar.

Os olhos de Percy clarearam.

— Tive uma ideia. Ella, pode se esconder nas árvores? Vai estar a salvo dos ogros.

— Esconder — concordou ela. — Salva. Esconder é bom para harpias. Ella é rápida. E pequena. E rápida.

— Certo — disse Percy. — Só fique por perto dessa área. Posso mandar um amigo para te encontrar e te levar para o Acampamento Júpiter.

Frank ergueu o arco e pegou uma flecha.

— Um amigo?

Percy fez um gesto de *te conto depois*.

— Ella, gostaria de fazer isso? Gostaria que meu amigo te levasse para o Acampamento Júpiter e te mostrasse a nossa casa?

— Acampamento — murmurou Ella. Então em latim: — *A filha da sabedoria caminha solitária. A marca de Atena por toda Roma é incendiária.*

— Hã, certo — disse Percy. — Isso soa importante, mas vamos falar sobre isso depois. Vai estar a salvo no acampamento. Todo livro e comida que quiser.

— Sem aviões — insistiu ela.

— Sem aviões — concordou Percy.

— Ella vai se esconder agora. — Simples assim, ela se foi, um borrão vermelho desaparecendo nas árvores.

— Vou sentir falta dela — Hazel disse tristemente.

— Vamos vê-la de novo — Percy prometeu, mas franziu a testa desconfortavelmente, como se estivesse realmente incomodado com essa última parte da profecia – a parte sobre Atena.

Uma explosão lançou as portas do campo de pouso para o ar.

Frank deu a carta de sua avó para Percy.

— Mostre isso ao piloto! Mostre a carta de Reyna também! Temos que sair *agora*.

Percy assentiu. Ele e Hazel correram para o avião.

Frank foi para trás do Cadillac e começou a atirar nos ogros. Ele mirou na maior horda de inimigos e atirou uma flecha em forma de tulipa. Assim como esperava, era uma hidra.

Cordas atacaram como tentáculos de lula, e a frente inteira da horda de monstros viraram pó na hora.

Frank ouviu os motores do avião rodarem.

Ele atirou mais três flechas o mais rápido que pôde, explodindo crateras enormes nas fileiras de monstros. Os sobreviventes só estavam a cem metros de distância, e alguns dos mais brilhantes cambalearam até parar, percebendo que agora estavam sendo atacados.

— Frank! — gritou Hazel. — Vamos!

Uma bola de canhão em chamas foi atirada nele em arco. Frank soube instantaneamente que acertaria o avião. Ele tirou uma flecha. *Eu posso fazer isso*, pensou Frank. Ele deixou a flecha voar. Ela interceptou a bola de canhão no meio do ar, detonando em uma enorme bola de fogo. Outras duas bolas de fogo foram lançadas na direção dele. Frank correu.

Atrás dele, o metal grunhiu enquanto o Cadillac explodia. Ele mergulhou no avião bem quando as escadas começavam a erguer.

O piloto devia ter entendido a situação muito bem. Não houve anúncio de segurança, nem lanches, e o avião correu pela pista. Outra explosão acertou a pista atrás deles, mas então eles já estavam no ar.

Frank olhou pra baixo e viu o campo de pouso repleto de crateras como uma peça de queijo suíço. Trechos do Parque Lynn Canyon estavam em chamas. Alguns quilômetros ao sul, uma pilha de chamas rodopiando e fumaça preta era tudo o que restava da mansão da família Zhang.

Era muito para Frank estar impressionado. Ele tinha falhado em salvar sua avó. Tinha falhado em usar seus poderes. Não tinha nem mesmo salvo sua amiga harpia. Quando Vancouver desapareceu debaixo das nuvens, Frank escondeu sua cabeça nas mãos e começou a chorar.

O avião virou para a esquerda.

Direto do intercomunicador a voz do piloto disse:

— *Senatus Populusque Romanus*, meus amigos. Bem-vindos a bordo.
Próxima parada: Anchorage, Alasca.

PERCY

AVIÕES OU CANIBAIS? SEM DISCUSSÃO.

Percy preferiria dirigir o Cadillac da avó de Zhang todo o caminho até o Alasca com Ogros Atiradores-de-Bolas-de -Fogo na sua cola em vez de estar sentado em um luxuoso jato.

Ele já havia voado antes. Os detalhes estavam vagos, mas ele se lembrava de um pégaso chamado Blackjack. Já havia viajado em um avião uma ou duas vezes. Mas um filho de Netuno (ou Poseidon, tanto faz) não deveria ficar no ar. Toda vez que o avião passava por um ponto de turbulência, o coração de Percy acelerava, e ele tinha certeza de que Júpiter estava os derrubando.

Ele tentou se focar na conversa de Frank e Hazel. Hazel estava consolando Frank dizendo que ele tinha feito tudo que podia pela sua avó. Frank os tinha salvado dos lestrigões e os tirado de Vancouver. Ele tinha sido inacreditavelmente corajoso.

Frank manteve sua cabeça baixa como se ele estivesse envergonhado por ter estado chorando, mas Percy não o culpava. O pobre garoto tinha acabado de perder a avó e viu sua casa pegar fogo. No que diz respeito a Percy, ele estava derramando algumas lágrimas, mas não por coisas que o fariam parecer fraco, especialmente quando você acabou de se defender de um exército de ogros que queriam te comer como café da manhã.

Percy ainda não conseguia se recompor do fato de que Frank era um parente distante. Isso o faria... um sobrinho de milésimo grau? Muito estranho de se dizer.

Frank se recusou a dizer o que exatamente era o *dom de sua família*, mas antes de voarem para o norte, lhes contou sobre sua conversa com Marte na noite anterior. Explicou a profecia que Juno tinha emitido quando ele era um bebê – sobre sua vida estar vinculada a um pedaço de lenha e como pediu para que Hazel cuidasse disso para ele.

Percy já havia descoberto um pedaço da história. Hazel e Frank obviamente tinham compartilhado muitas experiências loucas quando tinham desmaiado juntos e eles tinham feito algum tipo de acordo. Ele também explicou por que mesmo agora, por força do hábito, se mantinha verificando o bolso do casaco, e porque ficava tão nervoso perto do fogo. Percy não podia imaginar que tipo de coragem Frank tinha tomado para embarcar em uma missão, sabendo que uma pequena chama poderia extinguir sua vida.

— Frank — disse ele. — Eu estou de sermos parentes.

As orelhas de Frank ficaram vermelhas. Com a cabeça baixa, seu corte de cabelo militar formava uma flecha afiada negra apontando para baixo.

— Juno tem algum tipo de plano para nós, sobre a Profecia dos Sete.

— Sim — resmungou Percy. — Eu não gostava dela como Hera. E ainda não gosto dela como Juno.

Hazel dobrou as pernas. Ela estudou Percy com seus brilhantes olhos dourados e ele se perguntou como ela poderia estar tão calma. Era a mais jovem na busca, mas sempre estava mantendo-os juntos e confortando-os. Agora eles estavam voando para o Alasca, onde ela tinha morrido uma vez antes. Eles tentariam libertar Thanatos, que poderia levá-la de volta para o Mundo Inferior. No entanto, ela não demonstrava qualquer medo.

Isso fez Percy se sentir bobo por estar com medo da turbulência.

— Você é um filho de Poseidon, não é? — perguntou ela. — *É* um semideus grego.

Percy agarrou seu colar de couro.

— Comecei a lembrar em Portland, depois do sangue da Górgona. Foi voltando para mim lentamente desde então. Há outro acampamento, O Acampamento Meio-Sangue.

Apenas dizer o nome fez Percy sentir-se quente por dentro. Boas lembranças que foram tiradas dele: o cheiro dos campos de morango no sol quente de verão, fogos de artifício iluminando a praia no Dia da Indecência, sátiros tocando as flautas de Pã na fogueira todas as noites e um beijo no fundo do lago de canoagem.

Hazel e Frank olhavam para ele como se ele tivesse falando outro idioma.

— Outro acampamento — repetiu Hazel. — Um acampamento *grego*? Deuses, se Octavian descobrir...

— Ele declararia guerra — disse Frank. — Sempre teve certeza de que os gregos estavam por aí, conspirando contra nós. Ele pensou que Percy era um espião.

— É por isso que Juno me enviou — disse Percy. — Hã, eu quero dizer, não para espionar. Acho que foi algum tipo de troca. Seu amigo Jason... acho que ele foi enviado para o *meu* acampamento. Em meus sonhos, vi um

semideus que poderia ser ele. Ele estava trabalhando com alguns outros semideuses em um navio de guerra voador. Acho que eles estão vindo para o Acampamento Júpiter para ajudar.

Frank bateu nervosamente na parte de trás de seu assento.

— Marte disse que Juno quer unir os gregos e romanos para combater Gaia. Mas, porcaria, gregos e romanos têm uma longa história sangrenta.

Hazel respirou fundo.

— Provavelmente é por isso que os deuses nos mantiveram separados tanto tempo. Se um navio de guerra grego aparecer no céu acima do Acampamento Júpiter, e Reyna não souber que é amigável...

— Sim — concordou Percy. — Temos que ter cuidado com a forma que explicaremos isso quando voltarmos.

— *Se* conseguirmos voltar — disse Frank.

Percy assentiu com relutância.

— Quero dizer, eu confio em vocês. Espero que vocês confiem em mim. Eu me sinto... bem, me sinto tão próximo de vocês dois como com qualquer um dos meus velhos amigos no Acampamento Meio-Sangue. Mas com os outros semideuses, em ambos os acampamentos, vai haver um monte de suspeita.

Hazel fez algo que não estava esperando. Ela se inclinou e o beijou na bochecha. Foi totalmente um beijo fraternal. Mas ela sorriu com tanto carinho, que isso desarmou Percy.

— É claro que nós confiamos em você — disse ela. — Somos uma família agora. Nós não somos, Frank?

— Claro — disse ele. — Eu ganho um beijo?

Hazel riu, mas havia uma tensão nervosa nisso.

— Enfim, o que fazemos agora?

Percy respirou fundo. O tempo estava se esvaindo.

Eles estavam quase na metade de 23 de junho, e amanhã seria o Festival de Fortuna.

— Tenho que entrar em contato com um amigo, para manter a minha promessa á Ella.

— Como? — disse Frank. — Uma dessas mensagens de Íris?

— Ainda não está funcionando — Percy disse com tristeza. — Tentei noite passada na casa de sua avó. Sem sorte. Talvez seja porque as minhas memórias ainda estão confusas. Ou os deuses não estão permitindo uma conexão. Espero que eu possa contatar o meu amigo em meus sonhos.

Outra turbulência o fez agarrar seu assento. Abaixo deles, montanhas cobertas de neve romperam um cobertor de nuvens.

— Eu não tenho certeza que posso dormir — disse Percy. — Mas preciso tentar. Não podemos deixar Ella sozinha com os ogros ao redor.

— Sim — disse Frank. — Ainda temos horas para voar. Pegue o sofá cara.

Percy assentiu. Ele tinha sorte de ter Hazel e Frank olhando por ele. O que ele lhes disse era verdade, confiava neles. Na estranha, aterrorizante, horrível experiência de perder sua memória e ser arrancado fora de sua antiga vida, Hazel e Frank foram os pontos positivos.

Ele se esticou, fechou os olhos e sonhou que estava caindo de uma montanha de gelo em direção a um mar frio.

O sonho mudou. Estava de volta a Vancouver, em pé na frente das ruínas da mansão Zhang. Os lestrigões tinham ido embora. A mansão estava reduzida a uma concha queimada. Uma equipe de bombeiros estava arrumando seus equipamentos, se preparando para sair. O gramado parecia uma zona de guerra, com crateras fumegantes e trincheiras das tubulações de irrigação estouradas.

Na orla da floresta, um cão peludo, negro e gigante estava andando ao redor, farejando as árvores. Os bombeiros o ignoravam completamente.

Ao lado de uma das crateras ajoelhava-se um ciclope em jeans enormes, botas e uma camisa xadrez gigante. Seu cabelo castanho bagunçado estava respingado com chuva e lama. Quando levantou a cabeça, seu grande olho marrom estava vermelho de tanto chorar.

— Perto — ele gemeu. — Tão perto, mas ele já foi!

Partiu o coração de Percy ouvir a dor e a preocupação na voz do cara grande, mas sabia que eles tinham apenas alguns segundos para falar. As bordas da visão já estavam se dissolvendo. Se o Alasca era a terra além dos deuses, Percy imaginou que quanto mais ao norte ele fosse, mais difícil seria para se comunicar com seus amigos, mesmo em seus sonhos.

— Tyson — chamou ele.

O ciclope olhou ao redor freneticamente.

— Percy? Irmão?

— Tyson, estou bem. Estou aqui... bem, não realmente.

Tyson agarrou o ar como se estivesse tentando pegar borboletas.

— Não consigo vê-lo! Onde está, meu irmão?

— Tyson, estou voando para o Alasca. Estou bem. Eu vou voltar. Basta encontrar Ella. Ela é uma harpia com penas vermelhas. Está se escondendo na floresta em torno da casa.

— Encontrar uma harpia? Uma harpia vermelha?

— Sim! A proteja, ok? Ela é minha amiga. Leve-a de volta para a Califórnia. Há um Acampamento de semideuses em Oakland Hills... o Acampamento Júpiter. Encontre-me acima do Túnel Caldecott.

— Oakland Hills... Califórnia... Túnel Caldecott. — Ele gritou para o cachorro: — Sra. O'Leary! Temos que encontrar uma harpia!

— *WOOF!* — Disse o cão.

O rosto de Tyson começou a se dissolver.

— Meu irmão, você está bem? Irmão, está voltando? Sinto saudades de você!

— Sinto saudades de você também. — Percy tentou manter a voz normal. — Te vejo em breve. Basta ter cuidado! Há um exército de gigantes marchando para o sul. Diga a Annabeth...

O sonho mudou.

Percy se viu nas colinas ao norte do Acampamento Júpiter, olhando para o Campo de Marte e Nova Roma. No forte da legião, trompas estavam soprando. Campistas se esforçavam para se reunir.

O exército de gigantes estava à esquerda e à direita de Percy – centauros com chifres de touro, os Nascidos da Terra de seis braços, e ciclopes malignos em armaduras de sucata metálica. A torre de cerco dos ciclopes lançava uma sombra em todo o pé do gigante Polibotes, que sorria para o acampamento romano. Ele andava ansiosamente por todo o morro, soltando cobras de seus *dreadlocks* verdes, e com suas pernas de dragão pisando as árvores de pequeno porte. Em sua armadura verde azulada, as faces decorativas de monstros famintos pareciam piscar nas sombras.

— Sim — ele riu, enterrando seu tridente no chão. — Soprem suas pequenas trompas, romanos. Eu vim para destruí-los! Esteno!

A Górgona saiu dos arbustos. Seu cabelo verde limão de víbora e colete do Mercado da Barganha combinavam horivelmente com o esquema de cores do gigante.

— Sim, mestre! — disse a Górgona. — Gostaria de um filhote de cachorro com cobertura?

Ela ergueu uma bandeja de amostras grátis.

— Hmm, — disse Polibotes. — Que tipo de cachorro?

— Ah, eles não são realmente filhotes. São pequenos cachorros-quentes em rolos crescentes, mas estão à venda esta semana...

— Besteira! Não importa, então! As nossas forças estão prontas para atacar?

— Ah... — Esteno recuou rapidamente para evitar ser esmagada pelos pés do gigante. — Quase, falta só uma. Ma Gasket e metade dos ciclopes dela pararam em Napa. Algo sobre uma excursão na vinícola? Eles prometeram estar aqui amanhã à noite.

— O quê? — O gigante olhou ao redor, como se apenas observasse que uma grande parte de seu exército estava faltando. — Gah! Aquela mulher ciclope vai me dar uma úlcera. *Excursão na vinícola?*

— Acho que havia queijo e biscoitos, também — disse Esteno proveitosamente. — Embora o Mercado da Barganha tenha um negócio muito melhor.

Polibotes arrancou um carvalho do chão e atirou-o para o vale.

— Ciclopes! Digo-vos, Esteno, quando eu destruir Netuno e assumir os oceanos, vamos renegociar o contrato de trabalho dos ciclopes. Ma Gasket vai aprender qual é o seu lugar! Agora, quais as notícias do norte?

— Os semideuses foram para o Alasca — disse Esteno. — Voam direto para a sua morte. Ah, a pequena *morte*, quero dizer. Não o nosso prisioneiro Morte. Embora, eu ache que eles estão voando para ele também.

Polibotes rosnou.

— É melhor que Alcioneu poupe o filho de Netuno, como prometeu. Quero-o acorrentado aos meus pés, para que eu possa matá-lo quando for o momento oportuno. O seu sangue cairá como água das pedras do Monte Olimpo e despertará a Mãe Terra! Alguma palavra das Amazonas?

— Só o silêncio — disse Esteno. — Nós ainda não sabemos qual a vencedora do duelo de ontem à noite, mas é apenas uma questão de tempo

antes de Otrera prevalecer e vir em nosso auxílio.

— Hmm. — Polibotes distraidamente arrancou algumas víboras fora de seu cabelo. — Talvez seja melhor esperar, então. Amanhã ao entardecer é o Festival de Fortuna. Até lá, devemos invadir com Amazonas ou não. Enquanto isso, cavem trincheiras! Montamos acampamento aqui, em terreno alto.

— Sim, Grandioso. — Esteno anunciou para as tropas: — Filhotes de cachorro com cobertura para todos!

Os monstros aplaudiram.

Polibotes abriu as mãos em frente a ele, tendo o vale como uma foto panorâmica.

— Sim, soprem suas pequenas trompas, semideuses. Logo, o legado de Roma será destruído pela última vez!

O sonho sumiu.

Percy acordou com uma sacudida quando o avião começou a descer.

Hazel colocou a mão em seu ombro.

— Dormiu bem?

Percy se sentou meio grogue.

— Quanto tempo estive apagado?

Frank estava no corredor, enrolando sua lança e o arco novo em seu saco de esqui.

— Poucas horas — disse ele. — Estamos quase lá.

Percy olhou pela janela. Uma brilhante entrada do mar serpenteava entre as montanhas nevadas. Ao longe, uma cidade foi esculpida em um ermo, cercada por uma enorme floresta verde em um lado e geladas praias negras do outro.

— Bem-vindo ao Alasca — disse Hazel. — Estamos além da ajuda dos deuses.

XXXVIII

PERCY

O PILOTO DISSE QUE O AVIÃO NÃO PODIA AGUARDAR por eles, mas estava tudo bem para Percy. Se sobrevivessem até o dia seguinte, esperava que eles pudessem descobrir uma nova maneira de voltar – *qualquer coisa*, exceto um avião.

Ele deveria estar deprimido. Estava preso no Alasca, território do gigante, sem contato com seus antigos amigos justamente quando suas memórias estavam voltando. Tinha visto uma imagem do exército de Polibotes que estava prestes a invadir o Acampamento Júpiter. Viu que os gigantes planejavam usá-lo como algum tipo de sacrifício de sangue para despertar Gaia. Além disso, amanhã à noite será o Festival de Fortuna. Ele, Frank e Hazel tinham uma tarefa impossível de concluir até lá. Na melhor das hipóteses, iriam libertar a Morte que poderia levar dois amigos de Percy para o Mundo Inferior. Não há muito o que esperar.

Ainda assim, Percy sentia-se estranhamente revigorado. Seu sonho com Tyson tinha levantado seu ânimo. Ele se *lembrava* de Tyson, o seu irmão. Eles lutaram juntos, comemoraram vitórias, compartilharam bons momentos no Acampamento Meio-Sangue. Lembrou-se de sua casa, o que lhe deu uma nova determinação para ter sucesso. Estava lutando por dois acampamentos agora, duas famílias.

Juno tinha roubado sua memória e o enviado para o Acampamento Júpiter por uma razão. Ele entendia agora. Ainda queria dar um soco em sua cara divina, mas pelo menos ela tinha suas razões. Se os dois acampamentos pudessem trabalhar juntos, teriam a chance de parar seus inimigos mútuos. Separadamente, ambos os acampamentos estavam condenados.

Havia outras razões para Percy querer salvar o Acampamento Júpiter. Razões pelas quais ele não se atrevia a colocar em palavras – ainda não, de qualquer maneira. De repente, ele viu um futuro para si e para Annabeth que ele nunca tinha imaginado antes.

Quando tomaram um táxi em Anchorage, Percy falou para Frank e Hazel sobre seus sonhos. Eles pareceram ansiosos, mas não surpresos quando ele lhes disse sobre o exército gigante se aproximando do acampamento.

Frank engasgou quando ouviu falar de Tyson.

— Você tem um meio-irmão que é um ciclope?

— Claro — disse Percy. — O que faz com que ele seja seu tatara-tatara-tatara...

— Por favor. — Frank tapou os ouvidos. — Basta.

— Contanto que ele possa levar Ella para o Acampamento — disse Hazel. — Estou preocupada com ela.

Percy assentiu. Ainda estava pensando sobre as linhas da profecia que a harpia tinha recitado – sobre o filho de Netuno se afogando, e a marca de Atena queimando através de Roma.

Não sabia o que significava a primeira parte, mas estava começando a ter uma ideia sobre a segunda. Tentou deixar a questão de lado. Teria que sobreviver a *esta* missão primeiro.

O táxi foi pela Rodovia Um, que parecia mais como uma pequena rua para Percy, e os levou ao norte em direção ao centro da cidade. Era fim de tarde, mas o sol ainda estava alto no céu.

— Eu não posso acreditar no quanto este lugar cresceu — murmurou Hazel.

O taxista sorriu no espelho retrovisor.

— Faz tempo que você não vem aqui, senhorita?

— Cerca de setenta anos — disse Hazel.

O motorista fechou a divisória de vidro e dirigiu em silêncio.

De acordo com Hazel, quase nenhum dos edifícios eram os mesmos, mas ela apontou características da paisagem: vastas florestas circulando a cidade, as águas frias e cinzentas da Enseada de Cook traçando a borda norte da cidade, e os Montes Chugach crescendo azul-acinzentadas à distância, cobertas com neve mesmo em junho. Percy nunca tinha cheirado um ar limpo como este antes. A cidade em si parecia maltratada pelo tempo, com lojas fechadas, carros enferrujados e um gasto complexo de apartamentos que circundavam a estrada, mas ainda era bonita. Lagos e trechos enormes de matas cortavam no meio. O céu do ártico era uma incrível combinação de azul-turquesa e ouro.

Então havia os gigantes. Dezenas de homens azul-brilhantes, cada um com nove metros de altura e o cabelo cinza congelado, vagueando pelas florestas, pescando na baía e caminhando nas montanhas. Os mortais não

pareciam notá-los. O táxi passou a poucos metros de um que estava sentado na margem de um lago de lavando seus pés, mas o motorista não entrou em pânico.

— Hã... — Frank apontou para o cara azul.

— Hiperbóreos — disse Percy. Ele ficou surpreso por lembrar o nome.

— Gigantes do Norte. Lutei algumas vezes contra eles quando Cronos invadiu Manhattan.

— Espere — disse Frank. — Quando quem fez o quê?

— É uma longa história. Mas esses caras parecem... eu não sei... *pacíficos*.

— Eles geralmente são — concordou Hazel. — Eu me lembro deles. Estão em toda parte no Alasca, como os ursos.

— Ursos? — Frank disse nervosamente.

— Os gigantes são invisíveis para os mortais — disse Hazel — nunca me incomodaram, apesar de um ter praticamente pisado em mim por acidente uma vez.

Isso soou bastante incômodo para Percy, mas o táxi continuou indo em frente. Nenhum dos gigantes deu-lhes qualquer atenção. Um estava à direita no cruzamento da Estrada Luzes do Norte, com uma perna de cada lado da estrada, e eles passaram entre suas pernas. O hiperbóreo estava embalando um mastro de totem indígena envolto em peles, cantarolando a ele como um bebê. Se o cara não fosse do tamanho de um prédio, seria quase fofo.

O táxi dirigiu pelo centro da cidade, passando por um monte de lojas de turistas anunciando peles, arte Nativa Americana e ouro. Percy esperava que Hazel não ficasse agitada e fizesse as lojas de joias explodirem.

Quando o motorista se virou e foi em direção ao litoral, Hazel bateu na divisória de vidro.

— Aqui está bom. Você pode nos deixar sair?

Eles pagaram o motorista e desceram na Rua Quatro. Comparada à Vancouver, Anchorage era minúscula – mais parecida com uma universidade do que com uma cidade, mas Hazel olhou espantada.

— Está *enorme* — disse ela. — Aqui... Aqui é onde o Hotel Gitchell costumava ser. Minha mãe e eu ficamos lá na nossa primeira semana no Alasca. E eles mudaram o City Hall. Costumava ser lá.

Ela levou-os por alguns quarteirões. Eles realmente não tinham um plano além de encontrar o caminho mais rápido para a Geleira Hubbard, mas Percy sentiu cheiro de alguém cozinhando perto – salsicha, talvez? E percebeu que não tinha comido desde aquela manhã na casa da avó de Zhang.

— Comida — disse ele. — Vamos.

Eles encontraram uma cafeteria junto à praia. Estava lotado de pessoas, mas eles dividiram uma mesa na janela e folhearam os menus.

Frank gritou com prazer.

— Café da manhã vinte e quatro horas!

— É, tipo, hora do jantar — disse Percy, embora não pudesse dizer só de olhar para fora. O sol estava tão alto, que poderia ser meio-dia.

— Eu amo café da manhã — disse Frank. — Eu comeria café da manhã, café da manhã e café da manhã se eu pudesse. Apesar de que, hã, tenho certeza que a comida aqui não é tão boa quanto a da Hazel.

Hazel deu uma cotovelada nele, mas seu sorriso era brincalhão.

Vê-los assim deixava Percy feliz. Aqueles dois definitivamente precisavam ficar juntos. Mas também o deixava triste. Ele pensou em Annabeth, e perguntou se ele viveria por tempo o suficiente para vê-la novamente.

Pense positivo, disse ele a si mesmo.

— Você que sabe — disse ele — café da manhã parece ótimo.

Todos pediram enormes pratos de ovos, panquecas e salsichas de rena, embora Frank parecesse um pouco preocupado sobre as renas.

— Você acha que está tudo bem estarmos comendo Rudolph?

— Cara — disse Percy. — Eu poderia comer Prancer e Blitzen, também. Estou com *fome*.

A comida estava excelente. Percy nunca tinha visto ninguém comer tão rápido como Frank. A rena de nariz vermelho não teve chance.

Entre mordidas de panquecas de amora, Hazel desenhou umas curvas irregulares e um X no seu guardanapo.

— Então é isso que estou pensando. Nós estamos aqui — ela mostrou o X — Anchorage.

— Isso parece uma cara de gaivota — disse Percy. — Nós estamos no olho.

Hazel olhou para ele.

— É um *mapa*, Percy. Anchorage é no topo deste pedaço de mar, Enseada de Cook. Há uma grande península de terra abaixo de nós, e minha velha cidade natal, Seward, está na parte inferior da península, *aqui*. — Ela desenhou outro X na base da garganta da gaivota. — Essa é a cidade mais próxima da Geleira Hubbard. Nós poderíamos ir ao redor pelo mar, eu acho, mas para isso seria necessário muito tempo. Não temos esse tempo todo.

Frank terminou o último pedaço de seu Rudolph.

— Mas a terra é perigosa — disse ele. — Terra significa *Gaia*.

Hazel assentiu.

— Não vejo que temos muita escolha. Poderíamos ter pedido para o piloto ter nos deixado mais para baixo, mas eu não sei... o seu avião pode ser

muito grande para o pequeno aeroporto de Seward. E se nós fretarmos outro avião...

— Sem mais aviões — disse Percy. — Por favor.

Hazel ergueu a mão num gesto apaziguador.

— Tudo bem. Há um trem que vai daqui para Seward. Nós poderíamos ser capazes de pegar um hoje à noite. Leva apenas um par de horas.

Ela desenhou uma linha pontilhada entre os dois X.

— Você acabou de cortar a cabeça da gaivota — observou Percy.

Hazel suspirou.

— É a linha do trem. Olha, a partir de Seward, a Geleira Hubbard é aqui em algum lugar. — Ela bateu no canto inferior direito do guardanapo. — É aí que Alcioneu está.

— Mas você não tem certeza do quão distante? — perguntou Frank.

Hazel franziu a testa e balançou a cabeça.

— Tenho certeza de que é acessível somente por barco ou avião.

— Barco — disse Percy imediatamente.

— Tudo bem. — disse Hazel. — Não deve ser muito longe de Seward. *Se* nós pudermos chegar a Seward em segurança.

Percy olhou pela janela. Tanta coisa para fazer, e só vinte e quatro horas restantes. A esta hora, amanhã, o Festival de Fortuna estaria começando. A menos que eles soltem a Morte e voltem para o acampamento, o exército do gigante irá inundar o vale. Os romanos seriam o prato principal em um jantar de monstro.

Do outro lado da rua, uma gelada praia de areia negra descia para o mar, que era tão liso como o aço. O oceano aqui parecia diferente – ainda poderoso, mas congelando, lento e primitivo. Nenhum deus controlava aquela água, pelo menos não os deuses que Percy conhecia. Netuno não

seria capaz de protegê-lo. Percy se perguntava se ele poderia até mesmo manipular a água aqui, ou respirar debaixo d'água.

Um gigante hiperbóreo se movia devagar do outro lado da rua. Ninguém na cafeteria notou. O gigante entrou na baía, quebrando o gelo sob suas sandálias, e meteu as mãos na água. Pegou uma baleia assassina em um punho. Aparentemente não era isso que ele queria, porque jogou a baleia de volta e continuou andando.

— Bom café da manhã — disse Frank. — Quem está pronto para uma carona de trem?

A estação não estava longe. Eles chegaram bem a tempo de comprar bilhetes para o último trem sul. Quando seus amigos subiram a bordo, Percy disse:

— Estarei com vocês em um segundo — e correu de volta para a estação.

Ele conseguiu fazer câmbio na loja de presentes e ficou na frente do telefone público. Nunca tinha usado um telefone público antes. Eles eram antiguidades estranhas para ele, como os toca-discos de sua mãe ou seu as fitas cassete de Frank Sinatra de seu professor Quíron. Não estava certo de quantas moedas precisaria, ou se poderia até mesmo fazer a chamada, assumindo que lembrasse do número correto.

Sally Jackson, pensou Percy.

Esse era o nome de sua mãe. E ele tinha um padrasto... Paul.

O que eles pensavam que tinha acontecido à Percy? Talvez já tivessem realizado um serviço memorial. Tanto quanto podia imaginar, tinha perdido *sete meses* de sua vida. Claro, a maioria disso tinha sido durante o ano letivo, mas ainda assim... *não é legal*.

Ele pegou o telefone e digitou o número do apartamento da sua mãe em Nova York. Caixa postal. Percy devia ter imaginado. Seria tipo, meia-noite em Nova York. Eles não iriam reconhecer esse número.

Ouvir a voz de Paul na gravação o acertou tão forte no estômago de Percy que ele mal pôde falar após o sinal.

— Mãe — disse ele. — Ei, estou vivo. Ela, hã, me fez dormir por um tempo, então pegou a minha memória, e... — Sua voz vacilou. Como ele poderia explicar tudo isso? — De qualquer forma, estou bem. Sinto muito. Estou em uma missão. — Ele fez uma careta. Ele não devia ter dito isso. Sua mãe sabia tudo sobre suas missões, e agora ela ficaria preocupada. — Vou chegar em casa. Prometo. Te amo.

Ele desligou o telefone. Olhou para o telefone, esperando que ele tocasse de volta. O apito do trem soou. O condutor gritou:

— Todos a bordo!

Percy correu. Conseguiu chegar exatamente quando estavam puxando os degraus para cima, em seguida, subiu até o alto do vagão de dois andares e deslizou em seu assento.

Hazel franziu a testa.

— Você está bem?

— Sim — resmungou ele. — Apenas... fiz uma ligação.

Ela e Frank pareciam entender isso. Eles não pediram detalhes.

Logo estavam indo para o sul ao longo da costa, observando a paisagem passar. Percy tentou pensar sobre a missão, mas para uma criança com TDAH como ele, o trem não era o lugar mais fácil de se concentrar.

Coisas legais continuavam acontecendo lá fora. Águias subiam. O trem corria sobre pontes e ao longo penhascos onde cachoeiras glaciais caíam por milhares de metros nas rochas. Passaram florestas enterradas em montes de neve, grandes armas de artilharia (para detonar pequenas avalanches e

prevenir as descontroladas, Hazel explicou), e lagos tão claros que refletiam as montanhas como espelhos, como se o mundo parecesse de cabeça para baixo.

Os ursos se moviam devagar através dos prados. Gigantes hiperbóreos continuavam aparecendo nos lugares mais estranhos. Um deles estava relaxando em um lago como se fosse uma banheira de água quente. Outro estava usando um pinheiro como um palito de dentes. Um terceiro estava sentado em um monte de neve, jogando com dois alces vivos como se fossem figuras de ação. O trem estava cheio de turistas fazendo exclamações e tirando fotos, mas Percy sentia pena por eles não poderem ver os hiperbóreos. Eles estavam perdendo fotos muito boas.

Enquanto isso, Frank estudava um mapa do Alasca, que tinha encontrado no bolso do assento. Ele localizou a Geleira Hubbard, que parecia desanimadoramente longe de Seward. Continuou correndo o dedo ao longo da costa, franzindo a testa com concentração.

— O que você está pensando? — perguntou Percy.

— Apenas... possibilidades — disse Frank.

Percy não sabia o que aquilo significava, mas deixou-o quieto.

Após cerca de uma hora, Percy começou a relaxar. Eles compraram chocolate quente do carrinho de jantar. Os assentos estavam quentes e confortáveis, e ele pensou em tirar uma soneca.

Em seguida, uma sombra passou em cima deles. Turistas murmuraram alegres e começaram a tirar fotos.

— Águia! — gritou um.

— Águia? — disse outro.

— Águia enorme! — Disse um terceiro.

— Isso não é uma águia. — disse Frank.

Percy olhou para cima a tempo de ver a criatura fazer uma segunda passagem. Era definitivamente maior do que uma águia, com um corpo negro lustroso do tamanho de um labrador. Sua envergadura era, pelo menos, de três metros de diâmetro.

— Há outra! — Frank apontou. — Veja isso. Três, quatro. Ok, estamos em apuros.

As criaturas circulavam o trem como abutres, deliciando os turistas. Percy não estava feliz. Os monstros tinham brilhantes olhos vermelhos, bicos afiados, garras e calcanhares odiosos.

Percy sentiu sua caneta no bolso.

— Essas coisas parecem familiares...

— Seattle — disse Hazel. — As Amazonas tinham um em uma gaiola. São...

Em seguida, várias coisas aconteceram ao mesmo tempo. O freio de situação de emergência guinchou, lançando-os para frente. Turistas gritaram e caíram pelos corredores. Os monstros mergulham, quebrando o telhado de vidro do vagão, e o trem inteiro caiu para fora dos trilhos.

PERCY

PERCY SE SENTIU LEVE.

Sua visão ficou nublada. Patas agarraram seus braços e o puxaram no ar. Embaixo, as rodas do trem guincharam e o metal colidiu. Copos destruídos. Passageiros gritando.

Quando sua visão clareou, viu o monstro que o estava carregando. Tinha o corpo de uma pantera – suave, preta e felina – com asas e cabeça de uma águia. Seus olhos brilhavam em um tom vermelho sangue.

Percy se contorceu. As garras da frente do monstro estavam envolvendo seus braços como tiras de aço. Ele não conseguia se libertar ou alcançar sua espada. Subiu mais alto e mais alto no vento gelado. Percy não tinha ideia de onde o monstro o estava levando, mas tinha certeza absoluta que não gostaria quando chegasse lá.

Ele gritou – mais por frustração. Então algo assobiou perto de seu ouvido. Uma flecha brotou no pescoço do monstro. A criatura gritou e o

largou.

Percy caiu, quebrando três galhos até pousar em um monte de neve. Ele grunhiu, olhando para cima, para o pinheiro enorme com que tinha trombado.

Tentou se levantar. Nada parecia quebrado. Frank estava à sua esquerda, derrubando as criaturas o mais rápido que podia. Hazel estava atrás dele, girando sua espada para qualquer monstro que chegasse perto, mas havia muitos fervilhando ao redor deles – pelo menos uma dúzia.

Percy pegou Contracorrente. Ele fatiou a asa de um monstro e o mandou espiralando para uma árvore, então fatiou outro, que virou pó. Mas os derrotados começaram a se reformar imediatamente.

— O que são essas coisas?

— Grifos! — disse Hazel. — Temos que afastá-los do trem!

Percy viu o que ela queria dizer. Os vagões do trem tinham caído e seus tetos tinham sido esmagados. Os turistas estavam tropeçando em choque. Percy não viu ninguém seriamente ferido, mas os grifos estavam mergulhando na direção de qualquer coisa que se mexia. A única coisa que os mantinha longe dos mortais era um guerreiro brilhante de cinza camuflado – o *espartos* de estimação de Frank.

Percy olhou e notou que a lança de Frank se fora.

— Usou sua última carga?

— É — Frank acertou outro grifo no céu. — Tive que ajudar os mortais. A lança simplesmente se dissolveu.

Percy assentiu. Parte dele ficou aliviada. Ele não gostava do guerreiro esqueleto. Parte dele ficou desapontada. Porque era uma arma a menos que eles tinham à disposição. Mas não era culpa de Frank. Frank tinha feito a coisa certa.

— Vamos mudar a luta de lugar! — disse Percy. — Longe dos trilhos!
— Eles tropeçaram pela neve, esmagando e dilacerando grifos que se reformavam do pó toda vez que eram mortos.

Percy não havia tido experiência alguma com grifos. Sempre os imaginou como enormes animais nobres, como leões com asas, mas essas coisas o lembravam mais um grupo de hienas voadoras.

Cerca de cinco metros dos trilhos, as árvores davam para um pântano aberto. O chão estava tão esponjoso e gelado e Percy sentiu que estava correndo dentro de um plástico bolha. Frank estava sem flechas. Hazel estava respirando pesado. A própria espada de Percy oscilava, deixando-o lento. Ele percebeu que só estavam vivos porque os grifos não estavam *tentando* matá-los. Os grifos queriam pegá-los e carregá-los para algum lugar.

Talvez para seus ninhos, pensou Percy.

Então ele tropeçou em alguma coisa na grama alta – um círculo de sucata de metal do tamanho de um pneu de trator. Era um ninho de pássaros enorme – o ninho de um *grifo* – o centro cheio de peças antigas de joias, uma adaga de ouro imperial, um distintivo de centurião amassado e dois ovos do tamanho de abóboras que pareciam ser feitos de ouro de verdade.

Percy pulou no ninho. Ele pressionou a ponta da espada contra um dos ovos.

— Para trás, ou eu quebro isso!

Os grifos grasnaram furiosos. Eles rodaram pelo ninho e estalaram os bicos, mas não atacaram. Hazel e Frank ficaram costa a costa com Percy, as armas prontas.

— Os grifos colecionam ouro — disse Hazel. — São loucos por isso. Olha... mais ninhos ali.

Frank colocou sua última flecha no arco.

— Então se esses são os ninhos, para onde eles estavam tentando levar Percy? Essa coisa estava fugindo com ele.

Os braços de Percy latejavam onde o grifo tinha agarrado ele.

— Alcioneu — supôs ele. — Talvez estejam trabalhando para ele. Essas coisas são espertas o bastante para obedecer a ordens?

— Não sei — disse Hazel. — Nunca lutei com eles quando morei aqui. Só li sobre eles no acampamento.

— Fraquezas? — perguntou Frank. — Por favor me diga que eles têm fraquezas.

Hazel fez uma careta.

— Cavalos. Eles odeiam cavalos – inimigos naturais, ou algo assim. Queria que Árion estivesse aqui!

Os grifos grasnaram. Eles rodearam o ninho com seus olhos vermelhos brilhando.

— Pessoal — Frank disse nervoso — estou vendo relíquias da legião nesse ninho.

— Eu sei — disse Percy.

— O que quer dizer que outros semideuses morreram aqui, ou...

— Frank, vai ficar tudo bem — prometeu Percy.

Um dos grifos mergulhou. Percy ergueu a espada, pronto para destruir o ovo. O monstro recuou, mas os outros grifos estavam perdendo a paciência. Percy não podia mantê-los longe por muito tempo.

Ele olhou para os campos, desesperadamente tentando formular um plano. A cerca de quatrocentos metros de distância, um gigante hiperbóreo estava sentado no pântano, pacificamente tirando lama de entre os dedos com um tronco quebrado de árvore.

— Tive uma ideia — disse Percy. — Hazel... todo o ouro naqueles ninhos. Acha que pode usá-los para causar uma distração?

— Eu... acho que sim.

— Só nos dê tempo o suficiente de vantagem. Quando eu disser *vão*, corram para o gigante.

Frank ficou boquiaberto.

— Você quer que a gente corra *na direção* do gigante?

— acredite em mim — disse Percy. — Prontos? Vão!

Hazel ergueu a mão. De uma dúzia de ninhos no pântano, objetos dourados foram lançados no ar – joias, armas, moedas, pepitas de ouro e os mais importantes: ovos de grifo. Os monstros grasnaram e voaram para os ovos, frenéticos para salvá-los.

Percy e seus amigos correram. Seus pés espirravam e trituraram o pântano congelado. O semideus correu mais rápido, mas podia ouvir os grifos chegando perto deles, e agora os monstros estavam *realmente* furiosos.

O gigante ainda não tinha notado a comoção. Estava inspecionando os dedos procurando por lama, seu rosto sonolento e pacífico, o bigode cintilando com cristais de gelo. Em seu pescoço estava um colar de objetos encontrados – latas de lixo, portas de carro, chifres de alce, até uma privada. Aparentemente ele não tinha se limpado muito bem.

Percy odiou perturbá-lo, especialmente porque significava que teriam que se abrigar debaixo das coxas do gigante, mas eles não tinham muita escolha.

— Debaixo! — disse ele a seus amigos. — Engatinhem para baixo dele!

Eles se envolveram entre as pernas azuis gigantes e se achataram na lama, engatinhando o mais perto que puderam da tanga do gigante. Percy tentou respirar pela boca, mas aquele não era o esconderijo mais agradável.

— Qual é o plano? — sussurrou Frank. — Ser achatado por um traseiro azul?

— Fale baixo — disse Percy. — Só se mexa se precisar.

Os grifos chegaram em uma onda de bicadas, garras e asas furiosas, rodeando o gigante, tentando entrar debaixo de suas pernas. O gigante tremeu de surpresa. Ele mudou de lugar. Percy teve que rolar para evitar ser esmagado pelo enorme traseiro peludo. O hiperbóreo grunhiu um pouco mais irritado. Golpeou os grifos, mas eles grasnaram de raiva e começaram a bicar suas pernas e mãos.

— Hã? — berrou o gigante. — Há!

Ele inspirou profundamente e lançou uma onda de ar gelado. Até debaixo da proteção das pernas do gigante, Percy sentiu a temperatura cair. Os guinchos dos grifos pararam rapidamente, substituído pelo *tof, tof, tof* de objetos pesados caindo na lama.

— Vamos — disse a seus amigos. — Com cuidado.

Eles se contorceram saindo debaixo do gigante. Tudo ao redor do pântano, até as árvores, estavam envidraçadas de gelo. Uma faixa enorme do pântano estava coberta de neve fresca. Grifos congelados estavam estendidos no chão como picolés de penas, as asas ainda extensas, bicos abertos e olhos largos de surpresa.

Percy e seus amigos se afastaram cambaleando, tentando se manter fora da visão do gigante, mas o garotão estava muito ocupado para notá-los. Estava tentando descobrir como amarrar um grifo congelado no colar.

— Percy... — Hazel limpou o gelo e lama do rosto. — Como você sabia que o gigante podia fazer isso?

— Eu quase fui acertado pelo sopro de um hiperbóreo uma vez — disse ele. — É melhor irmos. Os grifos não vão ficar congelados para sempre.

PERCY

ELES ANDARAM PELA TERRA POR aproximadamente uma hora, mantendo os trilhos do trem à vista, mas mantendo-se cobertos pelas árvores tanto quanto possível. Por um momento eles escutaram um helicóptero voando na direção dos destroços do trem. Duas vezes escutaram o grito dos grifos, mas eles soavam muito longe.

Pelo que Percy pode deduzir, era quase meia noite quando o sol finalmente se pôs. Ficou frio no bosque. As estrelas estavam brilhantes, ele estava tentado a parar e ficar admirando. Depois as luzes do norte fizeram uma curva. Elas fizeram Percy se lembrar do fogão a gás de sua mãe, quando ela mantinha as chamas em temperatura baixa – chamas azuis fantasmagóricas dançando de baixo para cima.

— Isso é incrível — disse Frank.

— Ursos. — Hazel apontou.

Com certeza, um casal de ursos marrons estava derrubando árvores a algumas centenas de metros dali, suas peles brilhando na luz das estrelas.

— Eles não vão nos incomodar — prometeu Hazel. — Apenas passem longe deles.

Percy e Frank não argumentaram.

Enquanto marchavam, Percy pensou sobre todos os locais malucos que ele já vira. Nenhum deles o deixou sem palavras como o Alasca. Ele podia ver por que ali era uma terra além dos deuses. Tudo era bruto e indomado. Não havia regras, nenhuma profecia, nenhum destino – apenas duros desertos e um bando de animais e monstros. Mortais e semideuses vinham aqui por sua própria conta e risco.

Percy pensou se isso era o que Gaia queria – que o mundo todo fosse assim. Pensou se seria assim uma coisa tão ruim.

Mas depois deixou a ideia de lado. Gaia não era uma deusa gentil. Ouvira o que ela planejava fazer. Ela não era como a Mãe-Terra que você deve ter lido em um conto de fadas infantil. Era vingativa e violenta. Se algum dia acordasse completamente, destruiria a civilização humana.

Depois de algumas horas, eles se depararam com uma pequena vila entre os trilhos de trem e uma rodovia de mão dupla. A placa de limite da cidade dizia: PASSAGEM DE ALCES. Parado perto da placa estava um alce de verdade. Por um segundo, Percy pensou que ele poderia ser alguma espécie de estátua. Então o animal foi para dentro do bosque.

Eles passaram por algumas casas, um correio e alguns trailers. Tudo estava escuro e fechado. Do outro lado da cidade tinha uma loja com uma mesa de piquenique e uma bomba de gasolina velha e enferrujada na frente.

A loja tinha um letreiro feito à mão que dizia: GASOLINA DA PASSAGEM DE ALCES.

— Isso está errado — disse Frank.

Em um acordo silencioso eles se sentaram em volta da mesa de piquenique.

Os pés de Percy pareciam como blocos de gelo – blocos de gelo *doloridos*. Hazel apoiou a cabeça nas mãos e desmaiou, roncando. Frank tomou os seus últimos refrigerantes e algumas barras de cereal da viagem de trem e as dividiu com Percy.

Eles comeram em silêncio, olhando as estrelas, até que Frank disse:

— Você realmente quis dizer o que disse antes?

Percy olhou para o outro lado da mesa.

— Sobre o quê?

Sob a luz das estrelas, o rosto de Frank poderia ser um alabastro, como uma estátua romana velha.

— Sobre... estar orgulhoso de sermos parentes.

Percy bateu a sua barra de cereal na mesa.

— Bem, vamos ver. Você sozinho pegou três basiliscos enquanto eu estava tomando chá verde e germe de trigo. Segurou um exército de lestrigões para que o nosso avião pudesse levantar voo de Vancouver. Salvou a minha vida ao acertar aquele grifo. E desistiu da última carga da sua lança mágica para poder ajudar alguns mortais indefesos. Você é o filho mais legal do deus da guerra que eu já conheci... talvez o *único* legal. Então, o que acha?

Frank olhou para as luzes do norte, ainda cozinhando sobre estrelas em fogo baixo.

— É só que... eu deveria ser o responsável por esta missão, o centurião e tudo mais. Eu sinto como se vocês tivessem que me carregar.

— Não é verdade — disse Percy.

— Eu supostamente tenho esses poderes que não descobri como usar — disse Frank, amargamente. — Agora não tenho uma lança, e estou quase

sem flechas. E... estou assustado.

— Eu estaria preocupado se você não estivesse assustado — disse Percy.
— Todos nós estamos.

— Mas o Festival de Fortuna é... — Frank pensou sobre isso. — Já é depois da meia-noite, não é? Isso significa que é 24 de julho agora. A festa começa esta noite ao anoitecer. Nós precisamos achar o nosso caminho para a Geleira Hubbard, derrotar o gigante que não pode ser derrotado no seu território natal, e voltar para o Acampamento Júpiter antes que eles sejam invadidos – tudo em menos de dezoito horas.

— E quando libertarmos Thanatos, — Percy disse — ele pode clamar a sua vida. E a de Hazel. Acredite em mim, eu estive pensando sobre isso.

Frank olhou para Hazel, ainda roncando de leve. O rosto dela estava enterrado embaixo de uma massa de cabelos marrons cacheados.

— Ela é a minha melhor amiga — disse Frank. — Eu perdi a minha mãe, minha avó... não posso perdê-la também.

Percy pensou sobre a sua vida antiga – sua mãe em Nova York, Acampamento Meio-Sangue, Annabeth. Ele perdera tudo isso por seis meses. Até mesmo agora, com a sua memória voltando... Ele nunca esteve tão longe de casa antes. Ele fora para o Mundo Inferior e voltara. Enfrentara a morte milhares de vezes. Mas sentado nessa mesa de piquenique, milhares de quilômetros longe, além do poder do Olimpo, nunca esteve tão sozinho – exceto por Hazel e Frank.

— Eu não vou perder nenhum de vocês — prometeu ele. — Eu não vou deixar que isso aconteça. E, Frank, você é um líder. Hazel diria a mesma coisa. Nós precisamos de você.

Frank abaixou a cabeça. Ele parecia perdido em pensamentos. Finalmente inclinou-se para frente até que sua cabeça se chocou contra a mesa de piquenique. Começou então a roncar em harmonia com Hazel.

Percy suspirou.

— Outro discurso inspirador de Jackson — disse ele para si mesmo. — Descanse Frank. Amanhã vai ser um grande dia.

Ao amanhecer, a loja abriu. O dono ficou um pouco surpreso de encontrar três adolescentes caídos sobre a mesa de piquenique, mas quando Percy explicou que eles tinham fugido do acidente de trem da noite passada, o cara sentiu pena e fez um café da manhã para eles. Chamou um amigo dele, um nativo que tinha uma cabine fechada para Seward. Logo eles já estavam na estrada em uma picape da Ford que devia ser nova na época que Hazel nascera.

Hazel e Frank sentaram atrás. Percy ia na frente com o velho, que cheirava a salmão defumado. Ele contou à Percy a história sobre *Bear e Raven*, os *Deuses Inuítes* e tudo o que Percy podia pensar era que ele esperava não conhecê-los. Ele já tinha inimigos o suficiente.

A caminhonete quebrou à alguns quilômetros de Seward. O motorista não pareceu surpreso, já que isso acontecia a ele várias vezes por dia. Ele disse que poderiam esperar até que ele concertasse o motor, mas como Seward era só há alguns quilômetros dali, decidiram ir andando.

No meio da manhã, eles escalaram uma elevação na estrada e viram uma pequena baía cercada de montanhas. A cidade era uma meia-lua na margem direita, com um cais se estendendo até a água e um navio de cruzeiro no porto.

Percy estremeceu. Tinha tido experiências ruins com cruzeiros.

— Seward — disse Hazel. Ela não soava feliz ao ver o seu antigo lar.

Eles já tinham perdido muito tempo, e Percy não estava gostando como o sol estava subindo rápido. A estrada dava a volta na encosta, mas parecia que eles chegariam mais rápido na cidade indo direto pelo pasto.

Percy foi para fora da estrada.

— Vamos.

O chão estava mole, mas ele não pensou muito sobre isso até que Hazel gritou:

— Percy, não!

O próximo passo dele foi direto para dentro do chão. Ele afundou como uma pedra até que a terra se fechou sobre a sua cabeça – e a terra o engoliu.

HAZEL

— SEU ARCO! — GRITOU HAZEL.

Frank não fez perguntas. Ele largou sua mochila e deslizou o arco para fora de seu ombro.

O coração de Hazel disparou. Ela não tinha pensado sobre esse solo alagadiço – pantanoso – desde antes que tinha morrido. Agora, tarde demais, se lembrou das advertências terríveis que os moradores tinham dado a ela. Lodo pantanoso e plantas em decomposição faziam uma superfície que parecia completamente sólida, mas era ainda pior do que areia movediça. Poderia ter seis metros de profundidade ou mais, era impossível escapar.

Ela tentou não pensar no que aconteceria se fosse mais profundo que o comprimento do arco.

— Segure na ponta — disse Hazel a Frank. — Não solte.

Ela agarrou a outra extremidade, respirou fundo, e saltou para o pântano. A terra se fechou sobre sua cabeça.

Imediatamente ela foi congelada em uma memória.

Não agora! quis gritar Hazel. *Ella disse que os apagões tinham acabado!*

Ah, mas minha cara, disse a voz de Gaia, *isto não é um de seus apagões. Este é um presente meu.*

Hazel estava de volta à Nova Orleans. Ela e sua mãe sentadas no parque perto de seu apartamento, fazendo um piquenique no café da manhã. Ela se lembrava disso. Tinha sete anos de idade. Sua mãe acabara de vender a primeira pedra preciosa de Hazel: um pequeno diamante. Nenhuma delas tinha ainda percebido a maldição de Hazel.

A Rainha Marie estava com um humor excelente. Tinha comprado suco de laranja para Hazel e champanhe para si mesma, além de rosquinhas polvilhada com chocolate em pó e açúcar. Ela até comprou uma caixa de lápis de cor e um bloco de papel novos para Hazel. Sentaram-se juntas, Rainha Marie estava cantarolando alegremente enquanto Hazel desenhava.

O Bairro Francês acordou em torno deles, pronto para o Mardi Gras. Bandas de jazz ensaiavam. Carros alegóricos estavam sendo decorados com flores recém-colhidas. As crianças riam e perseguiam umas às outras, usando tantos colares coloridos que mal conseguiam andar. O nascer do sol voltou ao céu vermelho-ouro, o ar quente e úmido cheirava a magnólias e rosas.

Havia sido a manhã mais feliz da vida de Hazel.

— Você pode ficar aqui. — Sua mãe sorriu, mas seus olhos estavam brancos, vazios. A voz era de Gaia.

— Isso é falso — disse Hazel.

Ela tentou se levantar, mas a cama macia de grama a deixava preguiçosa e sonolenta. O cheiro de pão e chocolate derretendo era inebriante. Era a

manhã do Mardi Gras, e o mundo parecia cheio de possibilidades. Hazel quase podia acreditar que tinha um futuro brilhante.

— O que é real? — Perguntou Gaia, falando através do rosto de sua mãe. — É a sua segunda vida *real*, Hazel? Você deveria estar morta. É *real* que você está afundando em um pântano, sufocante?

— Deixe-me ajudar o meu amigo! — Hazel tentou forçar-se de volta à realidade. Ela poderia imaginar sua mão fechada no fim do arco, mas mesmo isso estava começando a parecer indistinto. Seu aperto estava afrouxando. O cheiro de magnólias e rosas era avassalador.

Sua mãe ofereceu-lhe uma rosquinha.

Não, pensou Hazel. *Esta não é minha mãe. Esta é Gaia me enganando.*

— Você quer sua antiga vida de volta — disse Gaia. — Eu posso dar isso. Este momento pode durar anos. Você pode crescer em Nova Orleans, e sua mãe vai te adorar. Nunca vai ter de lidar com o fardo de sua maldição. Você pode ficar com Sammy...

— É uma ilusão! — Hazel disse, engasgando com o doce aroma de flores.

— *Você* é uma ilusão, Hazel Levesque. Você foi apenas trazida de volta à vida porque os deuses têm uma tarefa para você. Eu posso ter te usado, mas Nico te usou e *mentiu* sobre isso. Você deve estar contente por eu tê-lo capturado.

— Capturado? — Um sentimento de pânico cresceu no peito de Hazel. — O que você quer dizer?

Gaia sorriu, bebendo seu champanhe.

— O garoto deveria ter sabido melhor como procurar as Portas. Mas não importa, não é realmente uma preocupação sua. Uma vez que você solte Thanatos, vai ser jogada de volta no Mundo Inferior para apodrecer para sempre. Frank e Percy não vão impedir isso de acontecer. Amigos

verdadeiros teriam lhe pedido para desistir de sua vida? Diga-me quem está mentindo, e quem diz a verdade.

Hazel começou a chorar. Amargura brotou dentro dela. Ela perdeu a vida uma vez. Não queria morrer novamente.

— É isso mesmo. — Gaia ronronou. — Você estava destinada a se casar com Sammy. Sabe o que aconteceu com ele depois que você morreu no Alasca? Ele cresceu e se mudou para o Texas. Ele casou e teve uma família. Mas nunca esqueceu você. Ele sempre quis saber porque você desapareceu. Ele está morto hoje, teve um ataque cardíaco nos anos sessenta. A vida que vocês poderiam ter juntos sempre o perseguia.

— Pare com isso! — gritou Hazel. — *Você* tirou isso de mim!

— E você pode tê-lo novamente — disse Gaia. — Eu te tenho no meu abraço, Hazel. Você vai morrer de qualquer jeito. Se desistir, pelo menos posso tornar isso agradável para você. Esqueça salvar Percy Jackson. Ele pertence a mim. Vou mantê-lo seguro na terra até que eu esteja pronta para usá-lo. Você pode ter uma vida inteira em seus momentos finais, pode crescer, se casar com Sammy. Tudo o que tem que fazer é se soltar.

Hazel apertou seu punho sobre o arco. Abaixo dela, algo agarrou seus tornozelos, mas ela não entrou em pânico. Ela *sabia* que era Percy, sufocando, desesperadamente segurando uma oportunidade de vida.

Hazel olhou para a deusa.

— Eu nunca vou cooperar com você! NOS... DEIXE... IR!

O rosto da mãe de Hazel se dissolveu. A manhã de Nova Orleans derreteu na escuridão. Hazel estava se afogando na lama, uma mão sobre o arco, as mãos de Percy em torno de seus tornozelos, no fundo do buraco. Hazel balançou o fim do arco freneticamente. Frank puxou-a com tanta força que quase tirou seu braço do lugar.

Quando ela abriu os olhos, estava deitada na grama, coberta de lama. Percy estava deitado a seus pés, tossindo e cuspiendo lama.

Frank pairava sobre eles, gritando:

— Ah, deuses! Ah, deuses! Ah, deuses!

Ele arrancou algumas roupas extras de sua bolsa e começou a passar a toalha do rosto de Hazel, mas não fez muito bem. Ele arrastou Percy mais para longe do pântano.

— Você ficou lá tanto tempo! — Frank chorou. — Eu não pensei — ah, deuses, nunca faça algo assim de novo!

Ele embrulhou Hazel em um abraço de urso.

— Não posso... respirar — ela sufocou.

— Desculpe! — Frank voltou a passar a toalha neles.

Finalmente ele conseguiu levá-los para o lado da estrada, onde se sentaram e tremeram e cuspiram torrões de barro.

Hazel não conseguia sentir suas mãos. Não tinha certeza se estava com frio ou em estado de choque, mas conseguiu explicar sobre o pântano e a visão que tinha visto enquanto estava sob a terra. Não a parte sobre Sammy — que ainda era muito dolorosa para dizer em voz alta — mas ela lhes contou sobre a oferta de Gaia de uma falsa vida, e a afirmação da deusa que de ela tinha capturado seu irmão Nico. Hazel não queria manter isso para si mesma. Estava com medo que o desespero a dominasse.

Percy esfregou os ombros. Seus lábios estavam azuis.

— Você... você me salvou Hazel. Nós vamos descobrir o que aconteceu com Nico, prometo.

Hazel olhou para o sol, que agora estava alto no céu.

O calor parecia bom, mas não a impedia de tremer.

— Não parece que Gaia nos deixou ir com muita facilidade?

Percy arrancou um torrão de lama de seu cabelo.

— Talvez ela ainda nos queira como peões. Talvez ela apenas estivesse dizendo coisas para mexer com sua mente.

— Ela sabia o que dizer — concordou Hazel. — Sabia como chegar em mim.

Frank colocou seu casaco sobre os ombros dela.

— Esta *é* uma vida real. Você sabe disso, certo? Nós não vamos deixar você morrer novamente.

Ele parecia tão determinado. Hazel não queria discutir, mas não conseguia ver como Frank iria conseguir parar a Morte. Ela pressionou o bolso do casaco, onde a lenha meio queimada de Frank ainda estava bem embrulhada. Perguntou-se o que teria acontecido com ele se tivesse afundado na lama para sempre. Talvez isso o tivesse salvo. Fogo não poderia queimar com a madeira lá embaixo.

Ela teria feito qualquer sacrifício para manter Frank seguro. Talvez ela não tivesse sempre sentido isso fortemente, mas Frank havia confiado nela com sua vida. Ele acreditava nela. Ela não podia suportar a ideia de algum mal vindo para ele.

Ela olhou para o sol nascente. O tempo estava se esgotando. Pensou em Hylla, a Rainha das Amazonas em Seattle. Hylla teria duelado com Otrera duas noites seguidas agora, supondo que ela tenha sobrevivido. Ela estava contando com Hazel para liberar a Morte.

A menina conseguiu ficar de pé. O vento que vinha da Baía da Ressurreição era tão frio quanto ela se lembrava.

— Nós devemos ir. Estamos perdendo tempo.

Percy olhou para baixo da estrada. Seus lábios estavam voltando para sua cor normal.

— Há por aqui qualquer hotel ou algum lugar onde pudéssemos nos limpar? Quero dizer... hotéis que aceitam pessoas cheias de lama?

— Eu não tenho certeza — admitiu Hazel.

Ela olhou para a cidade lá embaixo e não podia acreditar no quanto tinha crescido desde 1942. O porto principal tinha se mudado para o leste conforme a cidade se expandiu. A maioria dos edifícios eram novos para ela, mas a grade de ruas do centro parecia familiar. Pensou reconhecer alguns armazéns ao longo da costa.

— Eu devo conhecer um lugar em que nós poderemos no refrescar.

HAZEL

QUANDO CHEGARAM À CIDADE, Hazel seguiu o mesmo caminho que usou setenta anos atrás – a última noite de sua vida, quando chegou de sua casa nas colinas e descobriu que sua mãe tinha desaparecido.

Ela levou seus amigos ao longo da Terceira Avenida. A Estrada de Ferro e a Estação ainda estavam lá. O grande e branco Hotel Seward que tinha dois andares ainda estava em funcionamento, mas havia sido ampliado para o dobro de seu tamanho. Eles pensaram em parar ali, mas Hazel não achou que seria uma boa ideia caminhar pelo saguão com os sapatos cobertos de lama e também tinha certeza que o hotel não daria uma sala para três menores.

Em vez disso, eles continuaram a caminhar em direção ao litoral. Hazel não podia acreditar, mas sua antiga casa ainda estava lá, apoiando-se sobre o píer incrustado de cracas. O teto cedeu. As paredes estavam perfuradas com

furos como se fossem balas. A porta estava fechada com tábuas, e uma placa pintada à mão que dizia: QUARTOS - ARMAZÉM - DISPONÍVEL.

— Vamos lá — disse ela.

— Ei, tem certeza que é seguro? — perguntou Frank.

Hazel encontrou uma janela aberta e pulou para dentro. Seus amigos a seguiram. O quarto não tinha sido usado por um longo tempo. Os seus pés levantavam poeira que rodopiava na luz dos feixes de luz solar. Caixas de papelão estavam abandonadas, empilhadas ao longo das paredes. Em seus rótulos desbotados, podia-se ler: CARTÕES DE FELICITAÇÕES, FERIADOS. Por que várias centenas de caixas de cartões de Boas Festas tinham acabado se desintegrando à poeira em um armazém no Alasca, Hazel não tinha ideia, mas parecia uma piada cruel: Como se os cartões fossem para suprir todos os feriados que ela nunca chegou a comemorar – décadas de Natais, Páscoas, aniversários, Dias dos Namorados.

— É mais quente aqui, pelo menos — disse Frank. — Acho que não há água corrente. Talvez eu possa ir às compras. Não estou tão enlameado como vocês. Eu poderia encontrar algumas roupas para nós.

Hazel ouviu apenas metade.

Ela subiu em cima de uma pilha de caixas no canto que costumava ser sua área de dormir. Uma antiga placa estava apoiada contra a parede: SUPRIMENTOS PARA PROSPECÇÃO DE OURO. Imaginou que ia encontrar uma parede nua por trás disso, mas quando moveu a placa, a maioria de suas fotos e desenhos ainda estavam presos ali. A placa deveria tê-los protegido dos raios solares e dos elementos. Eles pareciam não ter envelhecido. Seus desenhos de Nova Orleans em giz de cera pareciam tão infantis. Ela tinha realmente os feito? Sua mãe olhava para ela de uma fotografia, sorrindo na frente da placa de seu negócio: GRIS-GRIS RAINHA MARIE – VENDA DE FEITIÇO, LEITURA DA SORTE.

Ao lado estava uma foto de Sammy no carnaval. Ele estava congelado no tempo, com seu sorriso ansioso, seus cabelos encaracolados pretos, e aqueles olhos lindos. Se Gaia estava dizendo a verdade, Sammy havia morrido há mais de quarenta anos. Teria ele realmente se lembrado de Hazel durante todo esse tempo? Ou será que ele havia esquecido a garota peculiar com quem ele costumava cavalgar – a garota que compartilhou um beijo e um bolinho de aniversário com ele antes de desaparecer para sempre?

O dedo de Frank pairou sobre a foto.

— Quem...? — Mas ele viu que ela estava chorando e voltou atrás em sua pergunta. — Desculpe, Hazel. Isto deve ser muito difícil. Você quer um pouco de tempo...

— Não — resmungou ela. — Não, está tudo bem.

— Essa é sua mãe? — Percy apontou para a foto da Rainha Marie. — Ela parece com você. É linda.

Então Percy estudou a imagem de Sammy.

— Quem é esse?

Hazel não entendia porque ele parecia tão assustado.

— Esse é... esse é Sammy. Ele era meu, hã, amigo de Nova Orleans. — Ela se forçou a não olhar para Frank.

— Eu já o vi antes — disse Percy.

— Você não poderia ter visto ele — disse Hazel. — Isso foi em 1941. Ele está... ele está morto agora, provavelmente.

Percy franziu a testa.

— Eu acho. Ainda... — Ele balançou a cabeça como se o pensamento fosse muito desconfortável.

Frank limpou a garganta.

— Olha, nós passamos por uma loja no último quarteirão. Temos um pouco de dinheiro restante. Talvez eu devesse ir buscar um pouco de comida

e roupas para vocês e, não sei, uma centena de caixas de lenços umedecidos ou algo assim?

Hazel recolocou a placa de prospecção de ouro sobre suas recordações. Ela se sentia culpada, mesmo olhando para aquela foto antiga de Sammy, com Frank tentando ser tão fofo e apoiador. Não lhe fazia bem pensar sobre sua vida antiga.

— Isso seria ótimo — disse ela. — Você é o melhor, Frank.

O piso rangeu sob seus pés.

— Bem, eu sou o único que não está completamente coberto de lama, de qualquer maneira. Estarei de volta em breve.

Uma vez que ele tinha ido embora, Percy e Hazel fizeram um acampamento temporário. Eles despiram os casacos e tentaram raspar a lama. Encontraram alguns cobertores velhos em uma caixa e começaram a limpá-los. Descobriram que as caixas de cartões de parabéns eram lugares muito bons para descansar, só precisavam arranjá-las como camas.

Percy pôs sua espada no chão, onde brilhava com uma luz bronze. Então se estendeu sobre uma cama de caixas de Feliz Natal de 1982.

— Obrigado por me salvar — disse ele. — Eu deveria ter falado isso antes.

Hazel deu de ombros.

— Você teria feito o mesmo por mim.

— Sim — concordou ele. — Mas quando eu estava no meio da lama, lembrei da linha da profecia de Ella sobre o filho de Netuno se afogar. Eu pensei. *“Isto é o que ela quis dizer. Estou me afogando na terra.”* Eu tinha certeza que estava morto.

Sua voz tremia como se estivesse no seu primeiro dia no Acampamento Júpiter, quando Hazel tinha lhe mostrado o templo de Netuno. Naquela época ela tinha se perguntado se Percy era a resposta para seus problemas —

o descendente de Netuno que Plutão prometeu que tiraria sua maldição um dia. Percy tinha parecido tão intimidante e poderoso, como um verdadeiro herói.

Somente agora ela soube que Frank era um descendente de Netuno, também. Frank não era o herói mais impressionante para o futuro do mundo, mas ele confiava nela com sua vida. Trabalhava muito duro para protegê-la. Mesmo a falta de jeito dele era cativante.

Ela nunca se sentiu tão confusa – e desde que ela esteve confusa por toda a sua vida, isso dizia muito.

— Percy — disse ela — aquela profecia poderia não estar completa. Frank pensou que Ella estava lembrando de uma página queimada. Talvez você vá afogar alguém.

Ele olhou para ela com cautela.

— Você acha?

Hazel se sentiu estranha tentando tranquilizá-lo. Ele era muito mais velho, e tinha mais espírito de comando. Mas ela balançou a cabeça com confiança.

— Você está indo e vai retornar para casa. Vai encontrar sua namorada Annabeth.

— Você vai retornar, também, Hazel — insistiu ele. — Estamos juntos, não vou deixar nada acontecer com você. Você é muito valiosa para mim, para o acampamento, e especialmente para Frank.

Hazel pegou um dos antigos Cartões de Dia dos Namorados. O papel rendado branco se desfez em suas mãos.

— Eu não pertenço a este século. Nico só me trouxe de volta para que eu pudesse corrigir os meus erros, talvez entrar no Elísio.

— Há muito mais para o seu destino do que isso — disse ele. — Nós devemos lutar com Gaia juntos. Eu vou precisar de você ao meu lado mais

do que nunca. E Frank... você pode ver que o garoto está louco com isso. Vale a pena lutar por esta vida, Hazel.

Ela fechou os olhos.

— Por favor, não fique me dando muitas esperanças. Eu não posso...

A janela se abriu. Frank escalou para dentro, triunfante segurando algumas sacolas de compras.

— Sucesso!

Ele mostrou seus prêmios. De uma loja de caça, ele obteve um novo conjunto de flechas para si mesmo, alguma comida e um rolo de corda.

— Para a próxima vez que nós atravessarmos um pântano — disse ele.

De uma loja de turismo local, ele havia comprado três conjuntos de roupas frescas, algumas toalhas, sabão, algumas garrafas de água, e, sim, uma enorme caixa de lenços umedecidos. Não era exatamente um chuveiro quente, mas Hazel se escondeu atrás de uma parede de caixas de cartões para se limpar e se trocar. Logo ela estava se sentindo muito melhor.

Este é o seu último dia, lembrou a si mesma. *Não fique muito confortável.*

A Festa de Fortuna – toda a sorte que acontecesse hoje, boa ou má, era suposta ser um agouro do ano inteiro por vir. De uma forma ou de outra, a busca terminaria esta noite.

Ela colocou o pedaço de lenha no bolso de seu casaco. De algum jeito, ela teria que se certificar de que ficasse seguro, não importa o que acontecesse com ela. Ela podia suportar sua própria morte, enquanto seus amigos sobrevivam.

— Então — disse ela. — Agora nós encontramos um barco para a Geleira Hubbard.

Ela tentou soar confiante, mas não foi fácil. Desejou que Árion ainda estivesse com ela. Preferiria cavalgar para batalha naquele seu lindo cavalo. Desde que tinha deixado Vancouver, estava chamando por ele em seus

pensamentos, esperando que ele fosse ouvi-la e vir ao seu encontro, mas isso foi apenas ilusão.

Frank bateu em seu estômago.

— Se vamos batalhar até a morte, quero almoçar primeiro. Eu encontrei o lugar perfeito.

Frank os levou a um centro comercial perto do cais, onde um vagão de trem velho tinha sido convertido em uma lanchonete. Hazel não lembrava desse lugar em 1940, mas o cheiro da comida era incrível. Enquanto Frank e Percy faziam o pedido, Hazel vagou até as docas e fez algumas perguntas. Quando voltou, precisava se animar. Mesmo o cheeseburger com batatas fritas não fez seu humor mudar.

— Estamos em apuros — disse ela. — Eu tentei pegar um barco. Mas... calculei mal.

— Não podemos pegar um barco? — perguntou Frank.

— Ah, nós podemos pegar um barco — disse Hazel. — Mas a geleira é mais longe do que eu pensava. Mesmo em alta velocidade, não conseguiremos chegar lá até amanhã de manhã.

Percy ficou pálido.

— Talvez eu pudesse fazer o barco ir mais rápido?

— Sim, você poderia — disse Hazel, — Mas, pelo que os capitães me disseram, é perigoso... icebergs, labirintos de canais para navegar. Você teria que saber onde está indo.

— Um avião? — perguntou Frank.

Hazel balançou a cabeça.

— Eu perguntei para os capitães dos barcos sobre isso. Eles disseram que poderíamos tentar, mas é uma pista pequena. Teríamos que fretar um avião com duas, três semanas de antecedência.

Eles comeram em silêncio depois disso. Para Hazel, o cheeseburger estava excelente, mas ela não conseguia se concentrar nele. Havia dado cerca de três mordidas quando um corvo pousou no poste de telefone acima e começou a grasnar para eles.

Hazel estremeceu. Ela estava com medo de que esse corvo fosse falar com ela como o outro corvo, tantos anos atrás: *A última noite. Hoje à noite*. Ela se perguntou se os corvos sempre apareciam para filhos de Plutão quando eles estavam prestes a morrer. Esperava que Nico ainda estivesse vivo, e Gaia estivesse mentindo para deixá-la perturbada. Hazel tinha um mau pressentimento que a deusa estava dizendo a verdade.

Nico tinha dito a ela que iria procurar as Portas da Morte do outro lado. Se tivesse sido capturado pelas forças de Gaia, Hazel poderia ter perdido a única família que ela tinha.

Ela olhou para o cheeseburger.

De repente, o grasnar do corvo se alterou para um grito estrangulado.

Frank levantou-se tão rápido que quase derrubou a mesa de piquenique. Percy puxou sua espada.

Hazel seguiu seus olhos. Empoleirado no topo do poste onde o corvo tinha estado, um grifo gordo e feio olhava para baixo, para eles. Ele arrotou e penas de corvo voaram de seu bico.

Hazel ficou de pé e desembainhou sua *espata*.

Frank pegou uma flecha. Ele mirou, mas o grifo gritou tão alto que o som ecoou nas montanhas. Frank se encolheu, e seu tiro passou longe.

— Acho que é um pedido de ajuda — advertiu Percy. — Temos que sair daqui.

Sem nenhum plano claro, eles correram para o cais. O grifo mergulhou depois deles. Percy cortou com sua espada, mas o grifo desviou para fora do alcance.

Eles foram para o cais mais próximo e correram até o fim. O grifo mergulhou depois deles, suas garras da frente estendidas para matar. Hazel levantou a espada, mas uma parede de gelo bateu lateralmente no grifo e o jogou dentro da baía. O grifo gritou e bateu suas asas. Ele conseguiu subir para o cais, onde balançou o seu pelo negro como um cachorro molhado.

Frank grunhiu.

— Muito bem, Percy.

— Sim — disse ele. — Não sabia se eu ainda podia fazer isso no Alasca. Mas as más notícias... olhe lá em cima. — Quase um quilômetro de distância, sobre as montanhas, uma nuvem negra estava vindo em sua direção – era um bando de grifos, dezenas, pelo menos. Não havia como eles lutarem contra tantos, e nenhum barco poderia levá-los embora rápido o suficiente.

Frank pegou outra flecha.

— Não vamos desistir sem lutar.

Percy levantou Contracorrente.

— Eu estou com você.

Hazel então ouviu um som na distância semelhante a relinchos de um cavalo. Ela deveria estar imaginando, mas ela gritou desesperadamente:

— Árion! Por aqui!

Um borrão bronzeado veio rasgando da rua para o cais. O garanhão se materializou logo atrás do grifo, ergueu seus cascos da frente, e bateu no monstro, que virou pó.

Hazel nunca tinha ficado tão feliz em sua vida.

— Bom cavalo! *Realmente* bom cavalo!

Frank se moveu para trás e quase caiu do cais.

— Como...?

— Ele me seguiu! — Hazel vibrou. — Porque ele é o melhor... cavalo...
DE TODOS! Agora, subam!

— Todos os três? — disse Percy. — Será que ele pode lidar com isso?
Árion relinchou indignado.

— Tudo bem, não há necessidade de ser rude — disse Percy. — Vamos.

Eles subiram em Árion, Hazel na frente, Frank e Percy se equilibrando precariamente atrás dela. Frank passou os braços em volta da cintura de Hazel, e ela pensou que se esse ia ser o seu último dia na Terra, não era uma maneira ruim de partir.

— Corra, Árion! — gritou ela. — Para a Geleira Hubbard!

O cavalo disparou através da água, seus cascos transformando a superfície do mar em vapor.

XLIII

HAZEL

MONTANDO ÁRION, HAZEL SE SENTIA PODEROSA, absolutamente no controle – uma perfeita combinação de cavalo e humano. Ela se perguntou se era assim que os centauros se sentiam.

Os capitães do barco em Seward a tinham avisado que eram cerca de seiscentos quilômetros até a Geleira Hubbard, uma viagem dura e perigosa, mas Árion não teve problemas. Ele corria fora da água na velocidade do som, aquecendo tanto o ar em torno deles que Hazel nem sequer sentia o frio. A pé ela nunca teria se sentido tão corajosa. A cavalo ela mal podia esperar para uma batalha.

Frank e Percy não pareciam tão felizes. Quando Hazel olhou para trás eles estavam de dentes cerrados e de olhos saltados. As bochechas de Frank sacudiam com a força da gravidade. Percy estava sentado na traseira, segurando firme, desesperadamente tentando não escorregar do cavalo. Hazel esperava que isso não acontecesse. Pela maneira como Árion corria,

ela não perceberia que ele caíra até terem se passado uns cinquenta ou sessenta quilômetros.

Eles correram através de estreitos de gelo, passando por fiordes azuis e penhascos com cachoeiras derramando no mar. Árion saltou sobre uma baleia jubarte e manteve o galope, um grupo de focas surpreendidas se desintegrou de um iceberg.

Poucos minutos depois eles corriam por uma baía estreita. A água voltara a uma consistência de gelo raspado, num azul consistente e pegajoso. Árion parou sobre uma placa turquesa congelada.

A quase um quilômetro de distância estava a Geleira Hubbard. Mesmo Hazel, que já tinha visto geleiras antes, não conseguia processar o que via. Montanhas roxas cobertas de neve cobriam todo o horizonte, com nuvens flutuando em torno de seus vãos, como correias macias. Em um enorme vale entre dois picos, um muro irregular de gelo se erguia do mar, enchendo toda a garganta. A geleira era azul e branca listrada de preto, de modo que parecia uma cobertura de neve suja deixada para trás numa calçada, após um removedor de neve passar, só que quatro milhões de vezes maior.

Assim que Árion parou, Hazel sentiu a queda de temperatura. Todo aquele gelo enviava ondas de frio, transformando assim a baía no maior frigorífico do mundo. A coisa mais deslumbrante era o som de um trovão que rolava através da água.

— O que é isso? — Frank olhou para as nuvens acima da geleira. — Uma tempestade?

— Não — disse Hazel. — Gelo rachando e se movendo. Milhões de toneladas de gelo.

— Você quer dizer que a coisa está quebrando? — perguntou Frank.

Como se fosse por causa de sua sugestão, uma camada de gelo silenciosa desgrudou da geleira e caiu no mar, pulverizando a água congelada e

estilhaçando várias camadas. Um milésimo de segundo depois o som da batida chegou até eles – um *BOOM* quase tão chocante quanto Árion atingindo a barreira do som.

— Não podemos chegar perto daquela coisa! — disse Frank.

— Nós temos — disse Percy. — O gigante está lá no topo.

Árion relinchou.

— Droga Hazel — disse Percy. — Diga para o seu cavalo ter cuidado com o que fala.

Hazel tentou não rir.

— O que ele disse?

— Sem o palavrão? Ele disse que pode nos levar ao topo.

Frank olhou incrédulo.

— Eu pensei que esse cavalo não podia voar!

Árion relinchou tão furiosamente, que até Hazel podia adivinhar que ele estava xingando.

— Cara. — Percy apontou para o cavalo. — Eu fui suspenso por dizer menos do que isso. Hazel, ele prometeu que você verá o que ele pode fazer, assim que você disser.

— Hã, segurem-se então pessoal — disse Hazel nervosamente. — Árion, corra!

Árion disparou em direção à montanha como um foguete em fuga, embarricando em linha reta à lama, como se quisesse brincar com a montanha de gelo.

O ar ficou mais frio. O crepitar do gelo mais forte. Conforme Árion fechava a distância, a geleira se aproximava tão grande, que Hazel ficou com tontura, tentando apenas não vomitar. A lateral estava repleta de fendas e cavernas, enriquecidas com cristais irregulares, tais como lâminas de

machado. Pedacos estavam constantemente se desintegrando – alguns não maiores do que bolas de neve, alguns do tamanho de casas.

Quando estavam a cinquenta metros da base, um trovão sacudiu os ossos de Hazel, e uma cortina de gelo que teria coberto o Acampamento Júpiter facilmente, veio na direção deles.

— Cuidado! — Frank gritou, o que parecia um pouco desnecessário para Hazel.

Árion estava muito à frente dela. Numa explosão de velocidade, ele ziguezagueou entre os escombros, pulando sobre pedaços de gelo e escalando a face da geleira.

Percy e Frank gritaram como cavalos, se segurando desesperadamente, enquanto Hazel colocava os braços ao redor de Árion. De alguma forma eles conseguiram não cair com Árion pulando de ponto de apoio para ponto de apoio com uma velocidade e agilidade impossíveis. Foi como cair de uma montanha russa em sentido inverso.

Em alguns minutos tinha acabado. Árion estava orgulhosamente no topo de uma montanha que pairava sobre o vazio. O mar estava agora a cem metros abaixo deles.

Árion relinchou um desafio que ecoou pelas montanhas. Percy não traduziu, mas Hazel tinha certeza que Árion estava dizendo para qualquer outro cavalo que poderia estar na baía: *façam melhor que isso, otários!*

Então ele correu por toda superfície da geleira, pulando um abismo de quinze metros de diâmetro.

— Lá! — Percy apontou.

O cavalo parou, à frente deles havia um acampamento romano congelado, como uma réplica gigante e medonha do Acampamento Júpiter. As muralhas de tijolos de neve encaravam o ofuscante branco das muralhas

de gelo. Torres de vigilância, bandeiras de pano azul congeladas brilhavam no sol ártico.

Não havia nenhum sinal de vida. Os portões estavam abertos. Nenhum guarda andava no alto das paredes. Ainda assim, Hazel tinha um sentimento desconfortável em seu interior. Ela se lembrou da caverna na Baía da Ressurreição, onde havia trabalhado para levantar Alcioneu – o opressivo sentimento de malícia e o constante *boom, boom, boom*, como os batimentos cardíacos de Gaia. Esse lugar parecia familiar, como se a terra estivesse tentando acordar e consumir tudo, como se as montanhas de ambos os lados quisessem esmagá-los e fazer toda a geleira em pedaços.

Árion trotou com energia.

— Frank — Percy disse — que tal ir de a pé a partir daqui?

Frank suspirou de alívio.

— Pensei que você nunca fosse perguntar.

Eles desmontaram e experimentaram dar alguns passos. O gelo parecia estável, coberto com um tapete fino de neve e ele não estava muito escorregadio.

Hazel pediu para Árion ir em frente. Percy e Frank andaram em ambos os lados, com a espada e o arco prontos. Eles se aproximaram dos portões sem nenhum desafio. Hazel era treinada para localizar poços e todos os tipos de armadilhas que outras legiões romanas tinham enfrentado por eras em território inimigo, mas ela não viu nada, apenas as portas de gelo abertas. E o crepitar do vento nas bandeiras congeladas.

Ela podia ver diretamente abaixo a *Via Praetoria*. No cruzamento, em frente a *Principia* de tijolos de neve, uma figura alta em uma roupa escura estava presa em correntes de gelo.

— Thanatos — murmurou Hazel.

Ela sentiu como se sua alma estivesse sendo puxada para frente, atraída pela Morte como poeira em direção a um vácuo. Sua visão escureceu. Ela quase caiu de Árion, mas Frank a pegou em apoio.

— Nós estamos com você — prometeu ele. — Ninguém te levará embora.

Hazel segurou sua mão. Ela não queria ir. Ele era tão *sólido*, tão reconfortante, mas Frank não podia protegê-la da Morte. Sua própria vida era tão frágil quanto um pedaço queimado de madeira.

— Eu estou bem — mentiu ela.

Percy olhou ao redor inquieto.

— Não tem defensores? Nenhum gigante? Isso tem que ser uma armadilha.

— Óbvio — disse Frank. — Mas eu não acho que nós temos escolha.

Antes que Hazel pudesse mudar de ideia, ela guiou Árion através dos portões. A planta parecia familiar – quartéis de Coortes, casas de banho, arsenal. Era uma réplica exata do Acampamento Júpiter, exceto que três vezes maior. Mesmo em cima do cavalo, Hazel se sentiu pequena e insignificante, como se estivesse se movendo por uma cidade modelo construída pelos deuses.

Eles pararam a três metros da figura vestida de negro.

Agora que ela estava aqui, Hazel sentia uma vontade imprudente de terminar a missão. Sabia que estava em mais perigo do que quando ela estava lutando contra as Amazonas, contra os grifos ou escalando o gelo nas costas de Árion. Instintivamente ela soube que se Thanatos simplesmente a tocasse, ela iria morrer.

Mas também tinha um sentimento de que se ela *não* conseguisse terminar a missão, se ela não encarasse o seu destino de frente e com coragem, ainda iria morrer – na covardia e fracasso.

Os juízes dos mortos não seriam gentis uma segunda vez.

Árion galopou para frente e para trás, sentindo sua inquietação.

— Olá? — Hazel forçou a palavra para fora. — Senhor Morte?

A figura encapuzada estava com sua cabeça erguida.

Imediatamente, todo o acampamento despertou para a vida. Figuras romanas surgiram dos quartéis, da *Principia*, arsenal e da cantina, mas eles não eram humanos. Eram sombras – Hazel tinha vivido tagarelando com fantasmas nos Campos de Asfódelos. Seus corpos não eram mais do que fios pretos de vapor, mas eles conseguiam unir conjuntos de armaduras escamadas, perneiras e capacetes. Espadas cobertas de gelo estavam amarradas na cintura. *Pilos* e escudos amassados flutuavam em suas mãos esfumaçadas. As plumas do elmo estavam congeladas e esfarrapadas. A maioria das sombras estavam a pé, mas dois soldados surgiram dos estábulos em uma carruagem de ouro puxada por dois cavalos negros fantasmagóricos.

Quando Árion viu os cavalos, ele bateu na terra em indignação.

Frank agarrou seu arco.

— Sim, *aqui* está a armadilha.

HAZEL

OS FANTASMAS FORMARAM FILEIRAS e cercaram a encruzilhada. Havia ao menos cem ao todo – não era uma legião inteira, mas mais que uma coorte. Alguns carregavam o estandarte esfarrapado com o raio da Duodécima Legião, Quinta Coorte – a expedição condenada de Michael Varus nos anos oitenta. Outros carregavam estandartes e insígnias que Hazel não reconhecia, como se tivessem morrido em tempos diferentes, em diferentes missões – talvez nem fossem do Acampamento Júpiter.

A maioria estava armada com armas de ouro imperial – mais ouro imperial que a Duodécima Segunda Legião possuía. Hazel podia sentir o poder de todo aquele ouro combinado sussurrando ao seu redor, ainda mais assustador que o estalar da geleira. Ela pensou se poderia usar seu poder para controlar as armas, talvez desarmar os fantasmas, mas estava assustada para tentar. Ouro imperial não era só um metal precioso. Era letal contra monstros e semideuses. Controlar aquela quantidade de uma vez seria como

controlar plutônio em um reator. Se falhasse, poderia varrer a Geleira Hubbard e matar seus amigos.

— Thanatos! — Hazel se virou para a figura encapuzada. — Nós estamos aqui para te resgatar, se você controla essas criaturas, diga para elas...

Sua voz vacilou. O capuz do deus caiu e o seu robe caiu enquanto ele abria suas asas, deixando-o com somente uma túnica negra sem mangas com um cinto na cintura. Ele era o homem mais bonito que Hazel já havia visto.

Sua pele era da cor da madeira de teca, escura e brilhante como a antiga mesa das sessões da Rainha Marie. Os seus olhos eram tão mel dourado como os de Hazel. Ele era magro e musculoso, com uma face majestosa e o seu cabelo negro caído pelos seus ombros. Suas asas brilhavam em preto, azul e roxo.

Hazel lembrou a si mesma de respirar.

Lindo era a palavra certa para Thanatos – não bonito, ou intenso, ou alguma outra coisa do tipo. Ele era lindo como um anjo é lindo – atemporal, perfeito, remoto.

— Ah — disse ela em uma voz fraca.

Os pulsos do deus estavam algemados em algemas de gelo, com correntes que iam direto ao chão da geleira. Seus pés estavam descalços, algemados nos tornozelos e também acorrentados.

— É o Cupido — disse Frank.

— Um Cupido bem lustroso — concordou Percy.

— Vocês me elogiam — disse Thanatos. Sua voz era tão deslumbrante quanto ele – grave e melodiosa. — Eu sou frequentemente confundido com o deus do amor. Morte tem mais em comum com o amor que vocês podem imaginar. Mas eu sou a Morte. Posso lhes assegurar.

Hazel não duvidou. Ela sentiu como se fosse feita de cinzas. A qualquer segundo poderia se desfazer e ser sugada pelo vácuo. Duvidava que Thanatos precisasse tocá-la para matá-la. Ele poderia simplesmente lhe dizer para morrer. Ela se ajoelhou no instante, sua alma obedecendo àquela linda voz e aqueles olhos amáveis.

— Nós estamos... Nós estamos aqui para te salvar — ela conseguiu dizer. — Onde está Alcioneu?

— Me salvar...? — Thanatos estreitou seus olhos. — Você entende o que está dizendo, Hazel Levesque? Você entende o que isso significa?

Percy deu um passo à frente.

— Nós estamos desperdiçando tempo.

Ele balançou sua espada em direção às correntes do deus. O bronze celestial bateu no gelo, mas Contracorrente ficou presa na corrente como cola. O gelo começou a subir pela espada. Percy puxou freneticamente. Frank correu para ajudar. Juntos, eles só conseguiram liberar Contracorrente antes do gelo alcançar suas mãos.

— Isso não vai ajudar — disse Thanatos simplesmente. — Quanto ao gigante, ele está perto. Essas sombras não são minhas. São dele.

Os olhos de Thanatos exploraram os soldados fantasmas. Eles tremeluziram desconfortavelmente, como se um vento ártico passasse pelas suas fileiras.

— Então como te libertamos? — perguntou Hazel.

Thanatos mudou sua atenção de volta a ela.

— Filha de Plutão, filha do meu mestre, você de todas as pessoas não deveria me querer livre.

— Você não acha que eu *sei* disso?

Os olhos de Hazel picavam, mas ela já estava farta de estar assustada. Ela havia sido uma garotinha assustada setenta anos atrás. Perdera a sua

mãe porque agira muito tarde. Agora ela era uma soldada de Roma. Não ia falhar de novo. Não ia desapontar seus amigos.

— Escute, Morte — ela desembainhou sua espada de cavalaria, e Árion relinchou desafiante. — Eu não voltei do Mundo Inferior e viajei milhares de quilômetros, para que me digam que sou estúpida por te libertar. Se eu morro, eu morro. Vou lutar com todo esse exército se for necessário. Só nos diga como quebrar suas correntes.

Thanatos a estudou durante um batimento.

— Interessante. Você entende que estas sombras uma vez foram semideuses como vocês. Eles lutaram por Roma. Eles morreram sem completar a sua missão heroica. Como você, foram mandados para os Asfódelos. Agora Gaia prometeu uma segunda vida a eles se lutarem por ela hoje. É claro, se você me libertar e derrotá-los, eles terão que voltar ao Mundo Inferior onde pertencem. Por traição aos deuses, enfrentarão punição eterna. Eles não são tão diferentes de você, Hazel Levesque. Você tem certeza que quer me libertar e condenar todas estas almas para sempre?

Frank fechou seus punhos.

— Isso não é justo! Você quer ser libertado ou não?

— Justo... — pensou Morte. — Você ficaria fascinado com a frequência que eu ouço essa palavra, Frank Zhang, e o quão sem sentido ela é. É justo que a sua vida vá queimar tão brilhante e curta? Foi justo quando eu guiei a tua mãe para o Mundo Inferior?

Frank cambaleou como se tivesse sido golpeado.

— Não — disse Morte tristemente. — Não foi justo. Mesmo assim, era a hora. Não há justiça na Morte. Se vocês me libertarem, vou cumprir com meu dever. Mas é claro que essas sombras vão tentar pará-los.

— Então se te deixamos ir — acrescentou Percy. — Seremos atacados por um monte de caras feitos de vapor negro com espadas de ouro. Tudo

bem. Como quebramos essas correntes?

Thanatos sorriu.

— Somente o fogo da vida pode quebrar as correntes da morte.

— Sem enigmas, por favor? — pediu Percy.

Frank respirou trêmulo.

— Não é um enigma.

— Frank, não — disse Hazel fracamente. — Tem que ter outro meio.

Risos explodiram do outro lado da geleira. Uma voz rouca disse:

— Meus amigos. Eu esperei tanto!

Parado nos portões do acampamento estava Alcioneu. Ele era ainda maior que o gigante Polibotes que tinham visto na Califórnia. Tinha uma pele de metal dourado, armadura feita de ligas de platino e um cajado de ferro do tamanho de um poste totêmico. Suas pernas de tom vermelho-ferrugem de dragão martelaram o gelo enquanto entrava no acampamento. Pedras preciosas brilhavam no seu cabelo vermelho trançado.

Hazel nunca o tinha visto completamente formado, mas ela o conhecia melhor do que conhecia os seus próprios pais. Ela o havia *feito*. Por meses, elevou ouro e gemas da terra para criar aquele monstro. Conhecia os diamantes que havia usado para o coração. Conhecia o óleo que corria em suas veias ao invés de sangue. Mais do que tudo, queria destruí-lo.

O gigante se aproximou, sorrindo para ela com seus dentes de prata sólida.

— Ah, Hazel Levesque — disse ele. — Você me custou muito caro! Se não fosse por você eu teria me erguido décadas atrás, e esse mundo já seria de Gaia. Mas não importa!

Ele esticou suas mãos, mostrando as linhas de soldados fantasmas.

— Bem-vindo Percy Jackson! Bem-vindo Frank Zhang! Eu sou Alcioneu, a desgraça de Plutão, o *novo* mestre da Morte. E essa é sua nova

legião.

FRANK

NÃO HÁ JUSTIÇA NA MORTE. Essas palavras ficaram zunindo na cabeça de Frank.

O gigante dourado não o assustava. O exército de fantasmas não o assustava. Mas o pensamento de libertar Thanatos o fazia se encolher em posição fetal. O deus havia levado a sua mãe.

Frank entendia o que tinha que fazer para quebrar aquelas correntes. Marte lhe avisara. Ele havia explicado porque amava tanto Emily Zhang: *Ela sempre colocava o seu dever em primeiro lugar, à frente de tudo. Mesmo da sua vida.*

Agora era a vez de Frank.

A medalha de sacrifício de sua mãe estava quente no seu bolso. Ele finalmente entendia a escolha de sua mãe, salvar os seus companheiros ao custo de sua própria vida. Finalmente entendia o que Marte havia tentado lhe dizer – *Dever. Sacrifício, eles significam alguma coisa.*

No peito de Frank, um forte nó de ira e ressentimento – um caroço de dor que vinha carregando desde o funeral – finalmente começou a se dissolver. Entendeu porque sua mãe nunca voltou para casa. Valia à pena morrer por algumas coisas.

— Hazel — ele tentou manter a sua voz firme. — Aquele pacote que você tem carregado por mim? Eu preciso dele.

Hazel olhou para ele desanimada. Sentada em Árion, parecia uma rainha, poderosa e bonita, seu cabelo castanho jogado sobre seus ombros e uma coroa de névoa gelada ao redor de sua cabeça.

— Frank, não. Tem que haver outra forma.

— Por Favor. Eu... Eu sei o que estou fazendo.

Thanatos sorriu e levantou seus pulsos algemados.

— Você está certo, Frank Zhang. Sacrifícios têm que ser feitos.

Perfeito. Se a Morte aprovava os seus planos ele sabia que não ia gostar dos resultados.

O gigante Alcioneu deu um passo à frente, seus pés reptilianos balançando no chão.

— De que pacote falas, Frank Zhang? Trouxe um presente para mim?

— Nada para você, Garoto Dourado — disse Frank. — A não ser uma grande quantidade de dor.

O gigante rugiu em riso.

— Falou como um filho de Marte! Muito ruim que eu tenha que te matar. E *esse* aqui... ora, ora, eu estive esperando para matar o famoso Percy Jackson.

O gigante sorriu, seus dentes de prata faziam a sua boca parecer uma grade de carro.

— Eu acompanhei o seu progresso, filho de Netuno — disse Alcioneu.

— Você lutou contra Cronos? Muito bem. Gaia te odeia mais que os

outros... a não ser talvez por aquele arrogante Jason Grace. Lamento não poder te matar de uma vez, mas meu irmão, Polibotes, deseja te ter como um animal de estimação. Acha que vai ser engraçado ter o filho favorito de Netuno na coleira quando o destruir. Depois disso, Gaia tem planos para você.

— Sim, lisonjeiro. — Percy levantou Contracorrente. — Mas na verdade eu sou filho de Poseidon. Sou do Acampamento Meio-Sangue.

Os fantasmas se mexeram. Alguns puxaram espadas levantaram escudos. Alcioneu levantou sua mão, gesticulando para esperarem.

— Grego, Romano, não importa — o gigante disse facilmente. — Nós vamos esmagar ambos os acampamentos sob nossos pés. Entenda, os titãs não pensavam *grande* o suficiente. Eles planejavam destruir o legado dos deuses, sua nova casa nos Estados Unidos. Nós gigantes somos mais espertos! Para destruir a erva daninha, você tem que puxar a raiz. Mesmo agora, enquanto minhas forças destroem seu pequeno acampamento Romano, meu irmão Porfírio está se preparando para a verdadeira batalha nas terras antigas! Nós vamos destruir os deuses na sua fonte.

Os fantasmas bateram suas espadas em seus escudos. O som ecoou pelas montanhas.

— Sua fonte? — perguntou Frank. — Você quer dizer Grécia?

Alcioneu engasgou.

— Você não precisa se preocupar com isso, filho de Marte. Não viverá o suficiente para ver a nossa vitória final. Eu vou substituir Plutão como Senhor do Mundo Inferior. Já tenho a Morte sob minha custódia. Com Hazel Levesque a meu serviço, vou ter todas as riquezas sob a terra também.

Hazel se aferrou a sua *espata*.

— Eu não estou a seu *serviço*.

— Ah, mas você me deu a vida! — disse Alcioneu. — É verdade, nós queríamos despertar Gaia durante a segunda guerra mundial. Teria sido glorioso. Mas na verdade, o mundo está quase em tão má forma agora. Logo, sua civilização será varrida. As portas da Morte estarão abertas. Aqueles que nos servem, nunca perecerão. Vivos ou mortos, vocês três se *juntarão* ao meu exército.

Percy negou com a cabeça.

— Sem chance, Garoto Dourado. Você vai cair.

— Espere. — Hazel levou seu cavalo diante do gigante. — Eu levantei este monstro da terra. Eu sou a filha de Plutão. É minha obrigação matá-lo.

— Ah, pequena Hazel. — Alcioneu enterrou seu cajado no gelo. Seu cabelo brilhou com milhões de dólares em gemas. — Você tem certeza que não se juntará a nós por vontade própria? Você poderia ser bastante... *preciosa* para nós. Por que morrer de novo? — Os olhos de Hazel brilharam com fúria. Ela olhou para Frank abaixo dela e puxou o pedaço de lenha embrulhado do seu casaco.

— Você tem certeza?

— Sim — disse ele.

Ela franziu seus lábios.

— Você é o meu melhor amigo também, Frank. Eu deveria ter dito isso — ela lhe lançou o graveto. — E Percy... você pode protegê-lo?

Percy olhou para as filas de fantasmas Romanos.

— Contra um pequeno exército? Claro, sem problemas.

— Então eu cuido do Garoto Dourado — disse Hazel.

Ela avançou contra o gigante.

FRANK

FRANK DESEMBRULHOU A LENHA e se ajoelhou aos pés de Thanatos.

Ele estava ciente de Percy em pé por ele, balançando a espada e gritando em desafio enquanto os fantasmas se aproximavam. Ouviu o berro do gigante e o relincho de Árion com raiva, mas não ousava olhar.

Suas mãos estavam trêmulas, ele segurou seu pedaço de lenha ao lado das correntes sobre a perna direita da Morte. Pensou em chamas, e imediatamente a madeira ardeu.

Um calor horrível se espalhou pelo corpo de Frank. O metal gelado começou a derreter, a chama tão brilhante que era mais ofuscante do que o gelo.

— Bom — disse Thanatos. — Muito bom, Frank Zhang.

Frank tinha ouvido falar sobre a vida das pessoas passando diante de seus olhos, mas agora experimentou literalmente. Viu sua mãe no dia em

que partiu para o Afeganistão. Ela sorriu e abraçou-o. Ele tentou respirar seu perfume de jasmim para que ele nunca a esquecesse.

Eu sempre estarei orgulhosa de você, Frank, disse ela. *Algum dia, você vai viajar para ainda mais longe do que eu. Vai completar o ciclo da nossa família. Anos a partir de agora, nossos descendentes estarão contando histórias sobre o herói Frank Zhang, seu tatara, tatara, tatara...* Ela cutucava sua barriga por causa dos velhos tempos. Foi a última vez que Frank sorriu por meses.

Ele se viu no banco de piquenique em Moose Pass, observando as estrelas e as luzes do norte enquanto Hazel roncava suavemente ao lado dele, Percy dizendo, *Frank, você é um líder. Nós precisamos de você.*

Viu Percy desaparecendo no pântano, então o mergulho de Hazel depois dele. Frank lembrou de como ele se sentia sozinho segurando o arco, totalmente impotente. Ele apelou aos deuses do Olimpo, até mesmo Marte, para que ajudassem seus amigos, mas sabia que estavam fora do alcance dos deuses.

Com um barulho, a primeira corrente quebrou. Rapidamente, Frank golpeou a lenha na corrente da outra perna da Morte.

Ele arriscou um olhar sobre seu ombro.

Percy estava lutando como um redemoinho. Na verdade... ele *era* um turbilhão. Um furacão em miniatura de água e vapor de gelo agitavam em torno dele enquanto combatia um inimigo, batendo fantasmas romanos para longe, desviando flechas e lanças. Desde quando ele tem *esse* poder?

Ele se moveu através das linhas inimigas, e mesmo que parecesse estar deixando Frank indefeso, o inimigo estava completamente focado em Percy. Frank não tinha certeza por que, então ele viu objetivo de Percy. Um dos fantasmas de vapor negro estava vestindo a capa de pele de leão de um porta-estandarte e segurando um bastão com uma águia dourada, gelo congelado nas suas asas. O estandarte da legião.

Frank observou enquanto Percy arava através de uma linha de legionários, espalhando seus escudos com seu ciclone pessoal. Ele derrubou o porta-estandarte e agarrou a águia.

— Vocês querem isso de volta? — Ele gritou para os fantasmas. — Venham buscá-lo!

Ele chamou-os, e Frank não pode deixar de se intimidar por sua estratégia ousada. Tanto quanto as sombras queriam manter Thanatos acorrentado, eles eram espíritos *romanos*. Suas mentes estavam confusas na melhor das hipóteses, como os fantasmas que Frank tinha visto nos Asfódelos, mas se lembravam de uma coisa claramente: eles deveriam proteger sua águia.

Ainda assim, Percy não poderia lutar contra muitos inimigos para sempre. Manter uma tempestade como essa tinha que ser difícil. Apesar do frio, seu rosto já estava molhado com o suor.

Frank olhou para Hazel. Ele não podia vê-la ou o gigante.

— Cuidado com o fogo, garoto — Morte advertiu. — Você não tem nada para desperdiçar.

Frank amaldiçoou. Tinha ficado tão distraído que não tinha notado que a segunda corrente havia derretido.

Ele mudou o fogo para as algemas na mão direita do deus. O pedaço de estopa estava quase na metade agora. Frank começou a tremer. Mais imagens passaram pela sua mente. Ele viu Marte sentado na cabeceira de sua avó, olhando para Frank com aqueles olhos de explosão nuclear: *Você é a arma secreta de Juno. Já descobriu o seu dom?*

Ele ouviu sua mãe dizer: *Você pode ser qualquer coisa.*

Então viu o rosto severo da avó, sua pele fina como papel de arroz, seu cabelo branco espalhado por seu travesseiro. *Sim, Fai Zhang. Sua mãe não*

estava simplesmente aumentando sua autoestima. Ela estava dizendo a verdade literal.

Pensou no urso que sua mãe tinha interceptado na orla da floresta. Pensou no grande pássaro preto circulando sobre as chamas da mansão de sua família.

A terceira corrente estalou. Frank empurrou a lenha na última algema. Seu corpo estava dilacerado pela dor. Manchas amarelas dançaram em seus olhos.

Ele viu Percy no final da *Via Principalis*, adiando o exército de fantasmas. Ele virou a carruagem e destruiu várias construções, mas cada vez que jogava fora uma onda de atacantes em seu furacão, os fantasmas simplesmente levantavam-se e atacavam novamente. Toda vez que Percy cortava um deles para baixo com sua espada, o fantasma se reformava imediatamente. Percy tinha ido quase tão longe quanto podia ir. Atrás dele estava o portão lateral do acampamento, e cerca de seis metros, além disso, a borda da geleira.

Quanto à Hazel, ela e Alcioneu conseguiram destruir a maior parte do quartel em sua batalha. Agora estavam lutando em meio aos destroços no portão principal. Árion estava jogando um jogo perigoso, rodando em torno do gigante, enquanto Alcioneu golpeava-os com seu bastão, derrubando paredes e fendendo abismos enormes no gelo. Apenas a velocidade de Árion os mantinha vivos.

Finalmente, o último elo da Morte quebrou. Com um grito desesperado, Frank espetou sua lenha em uma pilha de neve e apagou a chama. Sua dor desapareceu. Ele ainda estava vivo. Mas quando pegou o pedaço de lenha, não era mais do que um toco, menor do que uma barra de chocolate.

Thanatos levantou os braços.

— Livre — disse ele com satisfação.

— Ótimo. — Frank piscou os pontos de seus olhos. — Então faça alguma coisa!

Thanatos lhe deu um sorriso calmo.

— Fazer alguma coisa? É claro. Eu vou assistir. Aqueles que morrerem nessa batalha *vão* ficar mortos.

— Obrigado — murmurou Frank, deslizando sua lenha em seu casaco. — Muito útil.

— De nada — disse Thanatos agradavelmente.

— Percy! — gritou Frank. — Eles podem morrer agora!

Percy assentiu, mas parecia muito cansado. Seu furacão estava enfraquecendo. Seus ataques estavam ficando mais lentos. Todo o exército fantasmagórico o havia rodeado, forçando-o gradualmente em direção à borda da geleira.

Frank tirou seu arco para ajudar. Então o deixou cair. Flechas normais de uma loja de caça em Seward não ajudariam. Frank teria que usar o seu dom.

Pensou ter entendido seus poderes finalmente. Talvez ver a madeira queimar, cheirar a fumaça estúpida de sua própria vida, o fez se sentir estranhamente confiante.

É justo sua vida queimar tão curta e clara? perguntara a Morte.

— Nada é justo — disse a si mesmo. — Se vou morrer, deve ser bem claro.

Ele deu um passo à frente para Percy. Então, do outro lado do acampamento, Hazel gritou de dor. Árion gritava enquanto o gigante lhe dava um belo golpe com o cajado que mandou cavalo e cavaleiro deslizando no gelo, quebrando as plataformas.

— Hazel! — Frank olhou para Percy, desejando que tivesse sua lança. Se pudesse invocar Cinzento... Mas ele não podia estar em dois lugares de uma

vez.

— Vá ajudá-la! — Percy gritou, segurando a águia dourada no ar. — Vou cuidar desses caras!

Percy *não* conseguiria. Frank sabia disso. O filho de Poseidon estava prestes a ser dilacerado, mas Frank correu em socorro de Hazel. Ela estava meio escondida em uma pilha de tijolos de neve quebrados. Árion estava sobre ela, tentando protegê-la, batendo com a cauda e dando patadas com suas patas dianteiras no gigante.

O gigante riu.

— Olá, pequeno pônei. Quer brincar?

Alcioneu ergueu o cajado congelado.

Frank estava muito longe para ajudar... Mas se imaginou correndo para frente, seus pés deixando o chão.

Seja qualquer coisa.

Ele se lembrou das águias que tinha visto sobre o passeio de trem. Seu corpo tornou-se menor e mais leve. Os braços esticaram em asas, e sua visão tornou-se mil vezes mais nítida. Ele disparou para cima, em seguida, mergulhou no gigante com suas garras estendidas, suas garras afiadas arranharam através dos olhos do gigante.

Alcioneu gritou de dor. Ele cambaleou para trás quando Frank pousou na frente de Hazel e voltou à sua forma normal.

— Frank... — Ela olhou para ele com espanto, um quepe de neve escorrendo da sua cabeça. — O que apenas... como é que...?

— Tolo! — gritou Alcioneu. Seu rosto foi cortado, o óleo preto escorria de seus olhos em vez de sangue, mas as feridas já estavam fechando. — Eu sou imortal em minha terra natal, Frank Zhang! E graças à sua amiga Hazel, minha nova pátria é o Alasca. Você *não pode* matar-me aqui!

— Vamos ver — disse Frank. Poder percorria seus braços e pernas. — Hazel, volte ao seu cavalo.

O gigante atacou, e Frank foi de encontro a ele. Ele lembrou-se do urso que tinha conhecido cara a cara quando era criança. Enquanto corria, seu corpo tornou-se mais pesado, mais grosso, ondulando com os músculos. Ele colidiu com o gigante como um urso adulto, meia tonelada de força pura. Ele ainda era pequeno quando comparado com Alcioneu, mas bateu no gigante com tal força que Alcioneu derrubou uma torre de gelo que desabou em cima dele.

Frank saltou na cabeça do gigante. Um golpe de sua garra era como um lutador peso pesado balançando uma motosserra. Frank bateu no rosto do gigante para frente e para trás até seus traços metálicos começarem a amassar.

— Urgg — resmungou o gigante em transe.

Frank mudou para sua forma regular. Sua mochila ainda estava com ele. Ele agarrou a corda que tinha comprado em Seward, rapidamente fez uma forca, e prendeu-a ao redor do pé de dragão escamoso do gigante.

— Hazel, aqui! — Ele atirou-lhe a outra extremidade da corda. — Eu tenho uma ideia, mas vamos ter de...

— Matarei... hã... hã... você... — murmurou Alcioneu.

Frank correu para a cabeça do gigante, pegou o objeto pesado mais próximo que pode encontrar – um escudo da legião e bateu no nariz do gigante.

O gigante disse:

— Urgg.

Frank olhou para Hazel.

— Até que ponto pode Árion puxar esse cara?

Hazel apenas olhou para ele.

— Você... você era um pássaro. Então, um urso. E...

— Eu vou explicar mais tarde — disse Frank. — Precisamos arrastar esse cara para o interior, mais rápido e até onde pudermos.

— Mas Percy! — disse Hazel.

Frank amaldiçoou. Como ele poderia ter esquecido?

Através das ruínas do arraial, viu Percy, de costas para a borda do penhasco. Seu furacão havia desaparecido. Ele segurava Contracorrente em uma mão e a águia dourada da legião na outra. Todo o exército de sombras avançava, com suas armas erguidas.

— Percy! — gritou Frank.

Percy olhou por cima. Ele viu o gigante caído e pareceu entender o que estava acontecendo. Ele gritou algo que ficou perdido no vento, provavelmente: *Vão!*

Então ele bateu Contracorrente no gelo a seus pés. A geleira inteira estremeceu. Fantasma caíram de joelhos. Atrás de Percy, uma onda surgiu a partir da baía – uma parede de água cinza ainda mais alta que a geleira. Água tirada de abismos e fendas no gelo. Quando a onda atingiu, a metade de trás do acampamento se desintegrou. Toda a borda da geleira descolou, transbordando para o vazio – carregando os edifícios, fantasmas e Percy Jackson sobre a borda.

XLVII

FRANK

FRANK ESTAVA TÃO ATORDOADO QUE Hazel teve que gritar o nome dele uma dúzia de vezes antes que ele se desse conta de que Alcioneu está se levantando novamente.

Ele bateu com o escudo no nariz do gigante até Alcioneu começar a roncar. Enquanto isso, a geleira continuava a ruir, a borda ficando cada vez mais próxima.

Thanatos planou em direção a eles com suas asas negras, sua expressão era serena.

— Ah, sim — disse ele com satisfação. — Lá se vão algumas almas. Se afogando, se afogando. É melhor vocês se apressarem, meus amigos, ou se afogarão também.

— Mas Percy... — Frank mal conseguia falar o nome do amigo. — Ele está...?

— Muito cedo para dizer. Agora, quanto a *este*... — Thanatos olhou para Alcioneu com desgosto. — Vocês nunca o matarão aqui. Já sabem o que vão fazer?

Frank assentiu com a cabeça.

— Eu acho que sim.

— Então, está tudo resolvido.

Frank e Hazel trocaram olhares nervosos.

— Hã... — Hazel hesitou. — Quer dizer que você não... que você não vai...

— Reivindicar a sua vida? — perguntou Thanatos. — Bem, vejamos...

Ele fez surgir do ar um iPad. A Morte tocou a tela algumas vezes, e em todas Frank pensou: *Por favor, que não haja um aplicativo para recolher almas.*

— Vocês não estão na lista — disse ele. — Plutão me deu ordens específicas para pegar as almas fugitivas. Por alguma razão, ele não emitiu um mandado para as suas almas. Talvez ache que as suas vidas ainda não chegaram ao fim, ou pode ter havido um erro. Se quiserem posso chamá-lo e perguntar...

— Não! — gritou Hazel. — Tudo bem.

— Vocês têm certeza? — Ele perguntou amavelmente. — Tenho uma vídeo conferência habilitada. Tenho o endereço do Skype dele em algum lugar...

— Realmente, não. — Parecia que milhares de quilos de preocupação haviam sido retirados dos ombros de Hazel. — Obrigada.

— Urgg — resmungou Alcioneu.

Frank bateu na cabeça dele novamente.

A Morte ainda procurava algo no seu iPad.

— Quanto a você, Frank Zhang, também não chegou a sua hora, ainda. Você ainda tem um pouco de combustível para queimar. Mas não pensem

que estou fazendo um favor a vocês. Nós nos encontraremos novamente em circunstâncias menos agradáveis.

O penhasco continuava a desmoronar, agora só estavam a uns seis metros da borda. Árion relinchou impaciente. Frank sabia que eles tinham que ir, mais ainda tinha uma coisa que gostaria de perguntar.

— E sobre as Portas d a Morte? — disse ele. — Onde estão? E como vamos fechá-las?

— Ah, sim. — Uma expressão de irritação perpassou o rosto de Thanatos. — As minhas Portas. Seria bom fechá-las, mas temo que isso esteja além do meu poder. Como *você* faria isso, não faço a menor ideia. Não posso contar exatamente onde elas estão. A localização exata não é... bem, não é um lugar completamente físico. Podem ser localizadas através de uma busca. E posso dizer que a sua busca começa em Roma. A Roma *original*. Você precisará de um guia especial. Apenas um tipo de semideus pode ler os sinais e por fim conduzi-lo às Minhas Portas.

Rachaduras apareceram no gelo debaixo dos seus pés. Hazel deu tapinhas no pescoço de Árion para acalmá-lo.

— E o meu irmão? — perguntou ela. — Nico está vivo?

Thanatos olhou-a estranhamente – provavelmente pena, mas isso não parecia ser uma emoção que a Morte entendesse.

— Você encontrará as respostas em Roma. E agora tenho que voar para o sul, para o seu Acampamento Júpiter. Estou sentindo que haverá muitas almas para ceifar, muito em breve. Adeus semideuses, até o nosso próximo encontro.

Thanatos dissipou-se em fumaça negra.

As rachaduras avançaram até os pés de Frank.

— Depressa! — disse Hazel a ele. — Nós temos que levar Alcioneu a cerca de vinte quilômetros ao norte!

Ele subiu no peito do gigante e Árion levou-os, correndo pelo gelo, arrastando Alcioneu como se fosse o trenó mais feio do mundo.

Foi uma viagem curta.

Árion corria pela geleira como se estivesse em uma autoestrada, zunindo pelo gelo, saltando fendas e derrapando pelas encostas de modo que faria os olhos de um esquiador brilharem.

Frank não teve que nocautear Alcioneu muitas vezes, por que a cabeça do gigante ficava batendo no gelo. À medida que eles continuavam, o semiconsciente Garoto Dourado ficava resmungando uma música que soava como “Jingle Bells”.

Frank sentia-se atordoado. Havia se transformado em uma águia e em um urso. Ainda sentia a energia fluindo através do seu corpo, como se estivesse a meio caminho entre o estado sólido e o líquido.

Não era apenas isso: ele e Hazel haviam libertado a Morte, e ambos estavam vivos. E Percy... Frank engoliu o medo. Percy havia saltado da geleira para salvá-los.

O filho de Netuno deve se afogar.

Não. Ele se recusava a acreditar que Percy estivesse morto. Eles não tinham feito todo esse caminho só para perder o amigo. Frank o encontraria... mas primeiro eles teriam que lidar com Alcioneu.

Ele visualizou o mapa que estiver a estudando no trem em Anchorage. Sabia mais ou menos para onde estavam indo, mas não havia sinais ou marcas nos cumes das geleiras. Ele teria que dar o seu melhor palpite.

Finalmente Árion passou rapidamente entre duas montanhas através do vale de gelo e rochas, que lembrava uma tigela sorvete com pedaços de chocolate. O gigante de pele dourada empalideceu como se transformasse em bronze. Frank sentiu uma súbita vibração, como se pressionassem algo

contra o seu peito. Ele sabia que estava entrando em território amigo, o *seu* território.

— Aqui! — gritou Frank.

Árion desviou para o lado. Hazel cortou a corda e Alcioneu foi derrapando. Frank saltou um pouco antes de o gigante se chocar contra uma rocha.

Imediatamente Alcioneu saltou de pé.

— O quê? Onde? Quem?

Seu nariz estava em uma direção estranha. Seus ferimentos foram curados, mas sua pele dourada havia perdido um pouco do brilho. Ele procurou ao redor o seu bastão de ferro, que ainda estava na Geleira Hubbard. Então desistiu e bateu na rocha mais próxima com os punhos, deixando-a em pedaços.

— Vocês se *atrevem* a me levar para um passeio de trenó? — Ele ficou tenso e cheirou o ar. — Este cheiro... almas extintas. Thanatos está livre? Besteira! Isso não importa. Gaia tem o controle das Portas da Morte. Agora, porque me trouxe aqui, filho de Marte?

— Para matar você — respondeu Frank. — Mais alguma pergunta?

O gigante cerrou os olhos.

— Eu nunca conheci um filho de Marte que pudesse mudar de forma, mas isso não quer dizer que pode me derrotar. Você pensa que seu estúpido pai soldado lhe deu a força para me enfrentar um a um em um combate?

Hazel sacou sua espada.

— Que tal dois contra um?

O gigante rosnou e atacou Hazel, mas Árion agilmente desviou para fora do caminho. Hazel brandiu sua espada nas panturrilhas do gigante. Óleo negro jorrou do ferimento.

Alcioneu tropeçou.

— Você não pode me matar, com ou sem Thanatos!

Hazel fez o gesto de agarrar com a mão livre. Uma força invisível agarrou o cabelo incrustado de joias do gigante e puxou para trás. Então ela cortou-lhe a outra perna e correu antes que ele pudesse recuperar o equilíbrio.

— Pare com isso! — gritou Alcioneu. — Isto é o Alasca. Eu sou imortal na minha terra natal!

— Na verdade — Frank disse. — Eu tenho más notícias sobre isso. Veja, eu tenho mais do que a força do meu pai.

O gigante rosnou.

— Do que você está falando, fedelho?

— Tácticas — respondeu Frank. — Este é o meu dom dado por Marte. A batalha pode ser vencida antes da luta acontecer se escolhermos o terreno certo. — Então ele apontou por cima do ombro. — Nós passamos a fronteira a poucas centenas de metros. Você não está mais no Alasca. Não pode sentir isso, *Al*? Se quiser chegar ao Alasca, terá que passar por mim.

Lentamente a compreensão chegou aos olhos do gigante. Ele olhou incrédulo para baixo, para as pernas feridas. Óleo ainda escorria de suas panturrilhas tornando o gelo negro.

— Impossível! — berrou o gigante. — Eu vou... eu vou... Gah!

Ele virou-se para Frank, determinado a alcançar a fronteira. Por uma fração segundo, Frank duvidou do seu plano. Se não usasse seu dom novamente, se congelasse, estaria morto. Então se lembrou do que sua avó havia lhe dito:

Ajuda se você conhecer bem a criatura. Checado.

Ajuda também se você estiver em uma situação entre a vida e a morte, como o combate. Checado novamente.

O gigante estava se aproximando. Vinte metros. Dez metros.

— Frank? — Hazel chamou nervosamente.

Frank permaneceu firme.

— Eu posso fazer isso.

Pouco antes que Alcioneu trombasse nele, Frank transformou-se. Ele sempre se sentiu grande e desengonçado. Agora usara esse sentimento. Seu corpo aumentou de tamanho, ficou enorme. Sua pele tornou-se mais grossa. Seus braços transformaram-se em patas dianteiras. Presas surgiram de sua boca e seu nariz se alongou. Ele se tornou o animal que melhor conhecia, um que ele havia, cuidado, alimentado, dado banho e até mesmo causando certa indigestão no Acampamento Júpiter.

Alcioneu havia se chocado contra um elefante adulto de dez toneladas.

O gigante cambaleou para o lado. Ele rugiu de frustração e se chocou contra Frank novamente, mas Alcioneu estava completamente fora da sua categoria de peso. Frank deu uma cabeçada nele, tão forte que Alcioneu voou para trás e aterrissou de braços abertos no gelo.

— Você... não pode... me matar Alcioneu. — gritou Alcioneu. — Você não pode...

Frank retornou a sua forma normal. Ele caminhou até o gigante, cujas feridas oleosas pareciam começar a soltar vapor. As gemas caíram do seu cabelo e chiavam na neve. Sua pele dourada começou a rachar, quebrando em pedaços.

Hazel desmontou e ficou próxima a Frank, com sua espada preparada.

— Posso?

Frank assentiu. Ele olhou dentro dos olhos do gigante.

— Uma dica, Alcioneu. Da próxima vez, escolha um estado maior para sua casa, não a construa onde só tenha quinze quilômetros de extensão. Bem-vindo ao Canadá, idiota.

A espada de Hazel desceu sobre o pescoço do gigante. Alcioneu se dissolveu em uma grande pilha de pedras preciosas.

Hazel e Frank permaneceram um tempo juntos, assistindo os resquícios do gigante derreterem no gelo. Frank pegou sua corda.

— Um elefante? — perguntou Hazel.

Ele coçou o pescoço.

— Sim. Achei que seria uma boa ideia.

Frank não conseguiu ler a expressão dela. Tinha medo de que tivesse feito alguma coisa tão estranha que fizesse com que ela nunca mais quisesse estar perto dele. Frank Zhang: desajeitado dos desajeitados, filho de Marte, e em parte do tempo, paquiderme.

Então ela o beijou, um beijo de verdade na boca, muito melhor do que o beijo que ela havia dado em Percy no avião.

— Você é incrível — disse ela — e você faz um elefante muito bonito.

Frank sentiu-se tão perturbado que achou que suas botas poderiam derreter o gelo. Antes que pudesse dizer alguma coisa, uma voz ecoou através do vale:

Vocês não venceram.

Frank olhou para cima. Sombras estavam se modificando na montanha mais próxima, formando a face de uma mulher adormecida.

Vocês nunca chegarão à sua casa a tempo, provocou a voz de Gaia. Neste instante, Thanatos está cuidando das mortes no Acampamento Júpiter, a destruição final dos seus amigos romanos.

A montanha rugiu como se toda a terra estivesse rindo. Então as sombras desapareceram.

Hazel e Frank trocaram olhares. Não disseram nem uma palavra. Montaram em Árion e voltaram rapidamente para a Baía da Geleira.

XLVIII

FRANK

PERCY ESTAVA ESPERANDO POR ELES. Ele parecia um maluco.

Estava na beirada da geleira, apoiando-se no bastão da águia dourada, contemplando a destruição que causara: centenas de quilômetros recentemente descampados de água pontilhados com icebergs e destroços das ruínas do acampamento.

Sobraram sobre a geleira apenas os portões principais, que estavam ao lado, e uma bandeira azul esfarrapada deitada sobre tijolos de neve.

Quando correram até ele, Percy disse:

— Ei — como se eles estivessem se encontrando apenas para almoçar ou algo do tipo.

— Você está vivo! — disse Frank maravilhado.

Percy franziu a testa.

— A queda? Aquilo não foi nada. Eu caí duas vezes do Arco em Saint Louis.

— Você fez *o que?* — perguntou Hazel.

— Esqueça. O importante *é* que eu não me afoguei.

— Então a profecia *estava* incompleta! — Hazel sorriu. — Provavelmente significava algo como: *O filho de Netuno irá afogar um monte de fantasmas.*

Percy deu de ombros. Ainda estava olhando para Frank como se estivesse irritado.

— Eu ainda tenho algo a perguntar a você, Zhang. Você pode se transformar em uma águia? E em um urso?

— E um elefante — disse Hazel orgulhosamente.

— Um elefante. — Percy balançou a cabeça em descrença. — É o dom de sua família? Você pode mudar de forma?

Frank arrastou os pés.

— Hã... sim. Poriclimeno, meu antepassado, o Argonauta — ele também podia fazer isso. Então foi passando essa habilidade para as próximas gerações.

— E ele tem esse dom que foi dado por Poseidon — disse Percy. — Isso é completamente injusto. Eu não posso me transformar em animais.

Frank o encarou.

— Injusto? Você pode respirar embaixo d'água, explodir geleiras e convocar furacões, e ainda acha injusto que eu possa me transformar em um elefante?

Percy considerou.

— Ok. Entendo o seu ponto. Mas da próxima vez que eu disser que você é um completo *animal*...

— Cala a boca — disse Frank. — Por favor.

Percy esboçou um sorriso.

— Se vocês já terminaram — disse Hazel — precisamos ir agora. O Acampamento Júpiter ainda está sob ataque. E eles poderiam usar a águia de ouro.

Percy assentiu.

— No entanto, há uma coisa a pensar em primeiro lugar. Hazel, tem quase uma tonelada de armas e armaduras feitas de ouro imperial no fundo da baía agora, e uma biga realmente boa. E eu apostaria que isso poderia ser útil...

Eles levaram um longo tempo – muito longo – mas sabiam que aquelas armas poderiam fazer a diferença entre a vitória e a derrota se conseguissem levar aquilo de volta ao acampamento à tempo.

Então, Hazel usou suas habilidades de levitação para trazer alguns objetos do fundo do mar. Percy nadou até o fundo e trouxe mais alguns. E mesmo Frank ajudou se transformando em uma foca, o que foi bem legal, embora Percy tenha dito que seu hálito cheirasse a peixe.

Os três se juntaram para levantar a biga, e finalmente conseguiram transportar tudo para terra firme, para uma praia de areias negras, próxima à base da geleira. Nem tudo cabia na biga, mas eles usaram a corda de Frank para amarrar a maior parte das armas de ouro e as melhores peças das armaduras.

— Parece o trenó do Papai Noel — disse Frank. — Árion pode puxar tudo isso?

Árion bufou.

— Hazel — Percy disse — sério, eu vou lavar a boca do seu cavalo com sabão. Ele disse que sim, pode levar, mas precisa de comida.

Ela pegou um velho punhal Romano, um *púgio*. Estava torto e amorfo, por isso não seria muito bom em uma luta, mas parecia ser de ouro imperial sólido.

— Aqui está, Árion — disse ela. — Combustível de alta qualidade.

O cavalo pegou o punhal com os dentes e começou a mastigá-lo como se fosse uma maçã. Frank jurou silenciosamente que nunca colocaria sua mão próxima à boca do cavalo.

— Eu não estou duvidando da força de Árion — disse ele cautelosamente — mas a biga vai aguentar? Da última vez...

— Isto tem as rodas e o eixo de ouro imperial — disse Percy. — Deve suportar.

— Se não — disse Hazel — esta será uma viagem curta. Mas estamos sem tempo. Vamos!

Frank e Percy subiram na biga. Hazel subiu para as costas de Árion.

— Avante e rápido! — gritou ela.

A explosão sônica do cavalo ecoou através da baía. Eles aceleraram rumo ao sul, avalanches desmoronavam das montanhas enquanto passavam.

XLIX

PERCY

QUATRO HORAS.

Esse foi o tempo que levou para o cavalo mais rápido do mundo ir do Alasca até a Bay Area, indo direto pela água sob a Costa Noroeste.

Esse também foi o tempo que levou para Percy recuperar toda a sua memória. O processo que havia começado em Portland quando ele havia bebido o sangue da Górgona, naquele momento a sua vida passada ainda estava irritantemente confusa. Agora enquanto eles entravam no território dos deuses olímpianos, Percy se lembrou de tudo: a guerra contra Cronos, seu décimo sexto aniversário no Acampamento Meio-Sangue, seu treinador Quíron, o centauro, seu melhor amigo Grover, seu irmão Tyson, e mais que tudo, Annabeth – quatro meses perfeitos namorando, e então *BOOM*. Ele foi abduzido pela alienígena conhecida como Hera. Ou Juno... Seja lá o que for.

Seis meses de sua vida foram roubados. A próxima vez que Percy visse a Rainha do Olimpo, iria definitivamente dar um tapa na cabeça da deusa.

Seus amigos e família deveriam estar ficando loucos. Se o Acampamento Júpiter estava com tantos problemas, ele só podia imaginar o que o Acampamento Meio-Sangue estaria enfrentando sem ele.

Ainda pior: salvar ambos os acampamentos seria só o começo. De acordo com Alcioneu, a guerra *real* aconteceria muito longe, na terra natal dos deuses. Os gigantes pretendiam atacar o Monte Olimpo *original* e destruir os deuses para sempre.

Percy sabia que os gigantes não poderiam morrer a não ser que semideuses e deuses os enfrentassem juntos. Nico havia lhe dito aquilo. Annabeth também o havia mencionado, em agosto, quando havia especulado que os gigantes poderiam ser parte da nova Grande Profecia – que os romanos chamavam de a Profecia dos Sete. (Esse era o lado ruim de namorar a garota mais inteligente do acampamento: você aprendia coisas).

Ele entendia o plano de Juno: unir os semideuses gregos e romanos para criar um time de heróis de elite, e então de alguma forma convencer os deuses à lutarem ao seu lado. Mas primeiro, tinham que salvar o Acampamento Júpiter.

A costa começou a ficar familiar. Eles passaram correndo pelo farol de Mendocino. Pouco depois, o Monte Tam, os cabos de Marin surgiam na névoa. Árion passou direto sob a Ponte Golden Gate na Bay Area.

Eles rasgaram através de Berkeley e dentro do Oakland Hills. Quando alcançaram o topo sobre o Túnel Caldecott, Árion estremeceu como um carro quebrado e parou, respirando pesadamente.

Hazel deu um tapinha em seus flancos amorosamente.

— Você foi perfeito, Árion.

O cavalo estava tão cansado até para maldizer: *É claro que fui perfeito. O que você esperava?*

Percy e Frank pularam da biga. Percy desejou que houvesse assentos confortáveis ou refeições de voo. Suas pernas estavam trêmulas. Suas juntas estavam tão tensas que ele mal podia andar. Se fosse para a batalha daquele jeito, os inimigos o chamariam de O Velho Jackson.

Frank não estava muito melhor. Ele mancou até o topo da colina e espiou o acampamento lá embaixo.

— Pessoal... vocês precisam ver isso.

Quando Percy e Hazel se juntaram a ele, o coração de Percy afundou. A batalha havia começado e não estava indo bem. A Duodécima Legião estava disposta no Campo de Marte, tentando proteger a cidade. Escorpiões atiravam entre as linhas dos Nascidos da Terra. Aníbal, o elefante, arava monstros à direita e a esquerda, mas os defensores estavam em grande desvantagem numérica.

No seu pégaso Cipião, Reyna voava ao redor do gigante Polibotes, tentando mantê-lo ocupado. Os *lares* formavam brilhantes filas roxas contra uma multidão negra e vaporosa de sombras em armaduras antigas. Semideuses veteranos da cidade se juntaram à batalha, e estavam empurrando sua parede de escudos contra uma investida de centauros selvagens. Águias gigantes circulavam pelo campo de batalha, em combate aéreo contra duas mulheres com cabelo-de-serpente em vestes verdes do Mercado da Barganha – Esteno e Euríale.

A legião estava suportando a violência do ataque, mas a sua formação estava se rompendo. Cada Coorte era uma ilha em um mar de inimigos. A torre de assalto dos ciclopes estava atirando balas de canhão de um verde brilhante na cidade, abrindo crateras no fórum, reduzindo casas à ruína.

Enquanto Percy assistia, uma bala de canhão atingiu a Casa do Senado e o domo caiu parcialmente.

— Chegamos muito tarde — disse Hazel.

— Não — disse Percy. — Eles ainda estão lutando. Podemos fazer isso.

— Onde está Lupa? — perguntou Frank, o desespero tomando a sua voz. — Ela e os lobos... eles deveriam estar aqui.

Percy pensou no seu tempo com a deusa loba. Ele havia começado a respeitar os seus ensinamentos, mas também aprendeu que os lobos tinham limites. Eles não eram lutadores de linha de frente. Só atacavam quando tinham uma vasta superioridade numérica, e usualmente sob a cobertura da escuridão. Além do mais, a primeira regra de Lupa era a autossuficiência. Ela iria ajudar as suas crias o máximo que pudesse, treiná-las para lutar – mas no fim, elas seriam presa ou predador. Romanos tinham que lutar por si mesmos. Eles tinham que provar o seu valor ou morrer. Esse era o caminho de Lupa.

— Ela fez o que pôde — disse Percy. — Atrasou os inimigos no seu caminho ao sul. Agora é por nossa conta. Temos que levar a águia dourada e essas armas para a legião.

— Mas Árion está sem combustível! — disse Hazel. — Não podemos arrastar estas coisas nós mesmos.

— Talvez não precisemos.

Percy verificou os cumes das colinas. Se Tyson havia recebido a sua mensagem de sonho em Vancouver, a ajuda talvez estivesse próxima.

Ele assobiou o mais forte que pôde – um bom assobio de táxi nova iorquino que poderia ser ouvido desde a Times Square até o Central Park.

Sombras ondularam entre as árvores. Uma grande sombra negra se formou do nada – um mastim do tamanho de um carro, com um ciclope e uma harpia nas costas.

— Cão Infernal! — Frank cambaleou para trás.

— Está tudo bem! — sorriu Percy. — Eles são amigos.

— Irmão! — Tyson desmontou e correu em direção a Percy.

Percy tentou se preparar, mas não foi muito bem. Tyson o alcançou com força e suavizou com um abraço. Por alguns segundos, Percy só podia ver pontos pretos e montes xadrez. Então Tyson o deixou e riu com deleite, olhando Percy de cima com seu enorme olho castanho de bebê.

— Você não está morto! — disse ele. — Eu gosto quando você não está morto!

Ella voou para o chão e começou a arrumar suas penas.

— Ella encontrou um cachorro — anunciou ela. — Um cachorro grande. E um ciclope.

Ela estava corando? Antes que Percy pudesse decidir, sua grande cadela pulou nele, derrubando Percy no chão e latindo tão alto que até Árion recuou.

— Ei, Sra. O’Leary — disse Percy. — Sim, eu também te amo, garota. Boa cadela.

Hazel deu um chiado.

— Você tem um cão infernal chamado Sra. O’Leary?

— Longa história. — Percy conseguiu ficar de pé e limpar a baba de cachorro. — Você pode perguntar ao seu irmão...

Sua voz tremeu quando viu a expressão de Hazel. Ele quase esqueceu que Nico di Angelo estava desaparecido.

Hazel havia lhe dito o que Thanatos havia falado sobre buscar as Portas da Morte em Roma, e Percy estava ansioso por encontrar Nico pelas suas próprias razões – para apertar o pescoço do garoto por fingir que não conhecia Percy na primeira vez que chegou ao acampamento. Ainda assim, ele era irmão de Hazel, e encontrá-lo era conversa para outra hora.

— Desculpe — disse ele. — Mas sim, está é minha cadela, Sra. O’Leary. Tyson... estes são meus amigos, Frank e Hazel.

Percy se virou para Ella, que estava contando as barbelas em uma das suas penas.

— Você está bem? — perguntou ele. — Nós estávamos preocupados com você.

— Ella não é forte — disse ela. — Ciclopes são fortes. Tyson encontrou Ella. Tyson cuidou de Ella.

Percy levantou as sobrancelhas. Ella *estava* corando.

— Tyson — disse ele. — Seu grande encantador, você...

Tyson se tornou da mesma cor que a plumagem de Ella.

— Hã... Não — ele se inclinou para baixo e sussurrou nervosamente, alto o suficiente para que todos os outros pudessem ouvir. — Ela é bonita.

Frank deu um tapa em sua testa como se estivesse com medo que sua cabeça tivesse dado um curto-circuito.

— De qualquer forma, tem essa batalha acontecendo.

— Certo — Percy concordou. — Tyson, onde está Annabeth? Tem alguma outra ajuda vindo?

Tyson fez beicinho. Seu grande olho castanho ficou nublado.

— O grande barco ainda não está pronto. Leo diz amanhã, talvez dois dias. Então eles virão.

— Nós não temos nem dois *minutos* — disse Percy. — Bem, este é o plano.

Tão rápido como ele pôde, apontou quem eram os caras bons e maus no campo de batalha. Tyson ficou alarmado ao saber que haviam ciclopes maus e centauros maus no exército inimigo.

— Eu tenho que bater em homens-pônei?

— Só os faça fugir de medo — disse Percy.

— Hã, Percy? — Frank olhou para Tyson com agitação. — Eu só... não quero que o nosso amigo aqui fique ferido. Tyson é um lutador?

Percy sorriu.

— Se ele é um lutador? Frank, você está olhando para o General Tyson do exército ciclope. E por falar nisso, Tyson, Frank é um descendente de Poseidon.

— Irmão! — Tyson amassou Frank em um abraço.

Percy abafou o riso.

— Na verdade, ele é mais como um tatara-tatara... Ah, esqueça. Sim, ele é o seu irmão.

— Obrigado — murmurou Frank através de um pedaço xadrez. — Mas se a legião confundir Tyson com um inimigo...

— Eu cuido disso! — Hazel correu para a biga e cavou o maior elmo romano que ela pôde encontrar, e mais uma velha bandeira romana a bordada com SPQR. Ela os entregou para Tyson. — Coloque esses, garotão. Então os nossos amigos vão saber que você é do nosso time.

— Oba! — disse Tyson. — Estou no seu time!

O elmo era ridiculamente pequeno, e ele colocou a capa ao contrário, como um babador SPQR.

— Isso vai dar conta — disse Percy. — Ella, só fique aqui. Fique segura.

— Segura — repetiu Ella. — Ella gosta de estar segura. Segurança em números. Depósitos de segurança. Ella vai com Tyson.

— Quê? — disse Percy. — Ah... bem. Só não se machuque. E Sra. O'Leary...

— *ROOOOF!*

— Como você se sente puxando uma biga?

L

PERCY

ELES ERAM, SEM DÚVIDA, o mais estranho grupo de reforço em toda a história militar Romana. Hazel montava Árion, que tinha se recuperado o suficiente para transportar uma pessoa, na velocidade normal de um cavalo, embora ele amaldiçoasse seus cascos doendo por todo o caminho colina abaixo.

Frank se transformou em uma águia careca – o que Percy ainda achava totalmente injusto – sobrevoava acima deles. Tyson corria descendo a colina, acenando com o seu cassetete e gritando:

— Pônei do mal! AAAHH! — Enquanto Ella flutuava ao redor dele, recitando fatos do *Almanaque no Velho Fazendeiro*.

Quanto a Percy, ele cavalgou em Sra. O'Leary para a batalha com uma biga cheia de equipamentos de ouro imperial batendo e tilintando atrás deles, a águia dourada, estandarte da Décima Segunda Legião erguida no alto acima dele.

Eles contornaram o perímetro do acampamento e pegaram a ponte norte sobre o Pequeno Tibre, entrando no Campo de Marte na borda ocidental da batalha. Uma horda de ciclopes estava martelando os campistas da Quinta Coorte, que estavam tentando manter seus escudos juntos só para permanecerem vivos.

Vendo-os em apuros, Percy sentiu uma onda de proteção e raiva. Estes eram os semideuses que o tinham abrigado. Esta era a família *dele*.

Ele gritou:

— Quinta Coorte! — E bateu no ciclope mais próximo.

As últimas coisas que o pobre monstro viu foram os dentes da Sra. O'Leary.

Após o ciclope se desintegrar, e *ficar* desintegrado, graças à Morte, Percy pulou para fora do seu cão infernal e golpeou descontroladamente os outros monstros.

Tyson se encarregou da líder dos ciclopes, Ma Gasket, com o seu vestido de cota de malha respingado de lama e decorado com lanças quebradas.

Ela olhou assombrada para Tyson e começou a dizer:

— Quem...?

Tyson bateu na cabeça dela com tanta força, que ela girou em um círculo e pousou no seu traseiro.

— Senhora ciclope ruim — gritou ele. — General Tyson diz: VÁ EMBORA!

Ele bateu nela de novo, e Ma Gasket se partiu em cinzas.

Enquanto isso Hazel atacava em torno de Árion, fatiando com sua *espata* um ciclope após o outro. E Frank cegava os inimigos com as suas garras.

Uma vez que cada ciclope dentro de cinquenta metros tinha sido reduzido a cinzas, Frank pousou na frente de suas tropas e se transformou

em humano. O emblema de centurião e a Coroa Mural brilharam em sua jaqueta de inverno.

— Quinta Coorte! — gritou ele. — Obtenham suas armas de ouro imperial aqui!

Os campistas se recuperaram do choque e atacaram a biga. Percy fez o seu melhor para distribuir equipamentos rapidamente.

— Vamos, vamos! — Dakota pediu, sorrindo como um louco bebendo do seu frasco de suco de cereja. — Nossos camaradas precisam de ajuda!

Logo a Quinta Coorte estava equipada com novas armas, escudos e capacetes. Eles não eram exatamente consistentes. Na verdade, pareciam ter feito compras em uma venda de atacado do Rei Midas. Mas mesmo assim, de repente eles eram a Coorte mais poderosa de toda a Legião.

— Sigam a águia! — ordenou Frank. — Para a batalha!

Os campistas aplaudiram. Com Percy e a Sra. O'Leary colocados na frente, toda a Coorte seguindo, quarenta guerreiros extremamente brilhantes gritando por sangue.

Eles bateram em um rebanho de centauros selvagens que estavam atacando a Terceira Coorte. Quando os campistas da Terceira Coorte viram o estandarte da águia, gritaram insanamente e começaram a lutar com um esforço renovado.

Os centauros não tiveram chance. As duas Coortes os esmagaram como baratas. Logo não havia mais nada, apenas pilhas de pó além de variados cascos e chifres. Percy esperava que Quíron o perdoasse, mas estes centauros não eram como os Pôneis de Festa que ele tinha conhecido antes. Eles eram de alguma outra raça. Tinham de ser der rotados.

— Formem frentes! — gritaram os centuriões.

As duas Coortes se juntaram, ligando todo o seu treino militar. De escudos fechados, marcharam para a batalha contra os Nascidos da Terra.

Frank gritou:

— *Pilos!*

Cem lanças se ergueram. Quando Frank gritou “Fogo!” eles navegaram através do ar – uma onda de morte até os monstros de seis braços. Os campistas pegaram suas espadas e avançaram em direção ao centro da batalha.

Na base do aqueduto, a Primeira e a Segunda Coortes estavam tentando cercar Polibotes, mas eles estavam apanhando. Os Nascidos da Terra restantes estavam jogando as pedras da barragem e lama. Os *Karpoi*, espíritos do grão, horríveis cupidos-piranha, estavam correndo na grama alta para sequestrar campistas ao acaso, levando-os para longe da linha. O gigante se mantinha soltando basiliscos agitados do seu cabelo. Cada vez que um caía, os romanos entravam em pânico e corriam. A julgar por seus escudos corroídos e as plumas chamuscadas em seus capacetes, já haviam aprendido sobre o veneno e o fogo dos basiliscos.

Reyna voava em cima do gigante, mergulhando com seu dardo sempre que o gigante voltava sua atenção para as tropas terrestres. O seu manto púrpura se debatia com o vento. Sua armadura dourada brilhava. Polibotes espetou seu tridente e jogou o seu líquido mortal, mas Cipião era quase tão ágil quanto Árion.

Reyna, em seguida, notou o marchar da Quinta Coorte em seu auxílio com a águia. Ela ficou tão atordoada que o gigante quase a golpeou para fora do ar, mas Cipião se esquivou. Reyna fixou seus olhos em Percy e lhe deu um enorme sorriso.

— Romanos! — A voz dela cresceu através do campo. — Se reagrupem sob a águia!

Semideuses e monstros viraram-se e observaram surpresos Percy à frente em seu cão infernal.

— O que é isso? — perguntou Polibotes. — *O que é isso?*

Percy sentiu uma onda de energia cruzando o mastro do estandarte. Ele levantou a águia e gritou:

— Décima Segunda Legião *Fulminata!*

Um trovão sacudiu o vale. A águia soltou um brilho ofuscante, e mil tentáculos de relâmpago explodiram de suas asas douradas na frente de Percy, como os ramos de uma enorme árvore morta, conectando os mais monstros próximos, saltando de um para outro, ignorando completamente as forças romanas.

Quando o relâmpago parou, a Primeira e a Segunda Coortes estavam enfrentando um gigante surpreendido e várias pilhas de cinzas enfumaçadas. O centro da linha inimiga tinha sido carbonizado ao esquecimento.

O olhar no rosto de Octavian era inestimável. O centurião olhou para Percy em choque, depois com indignação. Então, quando suas tropas começaram a aplaudir, ele não teve escolha exceto gritar:

— Roma! Roma!

O gigante Polibotes cambaleou incerto, mas Percy sabia que a batalha ainda não havia terminado.

A Quarta Coorte ainda estava cercada por ciclopes. Mesmo para Aníbal, o elefante, estava sendo difícil andar através de tantos monstros. Sua armadura à prova de balas preta estava rasgada, então onde antes estava escrito ELEFANTE agora apenas dizia ANT.

Os veteranos e *Lares* no flanco oriental estavam sendo empurrados em direção à cidade. Os monstros nas Torres de Cerco ainda estavam arremessando bolas de fogo verde explosivas para as ruas. As Górgonas tinham incapacitado as águias gigantes e agora voavam sobre os centauros e os Nascidos da Terra que ainda restavam, tentando reuni-los.

— Mantenham as posições! — gritou Esteno. — Eu tenho amostras grátis!

Polibotes berrou. Uma dúzia de basiliscos frescos caíram para fora do seu cabelo, assim transformando a grama em puro veneno amarelo.

— Você acha que isso muda alguma coisa, Percy Jackson? Eu não posso ser destruído! Venha para cá, filho de Netuno. Eu irei destruí-lo!

Percy desmontou. Ele entregou o estandarte a Dakota.

— Você é o centurião sênior da Coorte. Cuide disto.

Dakota piscou, então se endireitou com orgulho. Ele largou a garrafa de suco e tomou a água.

— Vou cuidar disso com a maior honra.

— Frank, Hazel, Tyson — disse Percy — ajudem a Quarta Coorte. Eu tenho que matar um gigante.

Ele levantou Contracorrente, mas antes que pudesse avançar, trompas sopraram nas montanhas do norte. Outro exército apareceu no cume, centenas de guerreiras em uma camuflagem preta-e-cinza, armadas com lanças e escudos. Intercaladas entre as suas fileiras estavam uma dúzia de empilhadeiras de batalha, seus dentes afiados brilhavam ao sol e flechas flamejantes se encaixavam em seus arcos.

— Amazonas — disse Frank. — Ótimo.

Polibotes riu.

— Viram? Nossos reforços já chegaram! Roma cairá hoje!

As Amazonas ergueram suas lanças e atacaram, correndo colina baixo. Suas empilhadeiras entraram para a batalha. O exército do gigante aplaudiu até que as Amazonas mudaram de rumo e se dirigiram em linha reta para os monstros no flanco oriental intacto.

— Amazonas, em frente!

Na maior empilhadeira estava uma garota que se parecia com uma versão mais velha de Reyna, em uma armadura negra com um cinto de ouro reluzente em volta da cintura.

— Rainha Hylla! — disse Hazel. — Ela sobreviveu!

A rainha das Amazonas gritou:

— Para ajudar a minha irmã! Destruam os monstros!

— Destruir! — o grito de suas tropas ecoou pelo vale.

Reyna dirigiu o seu pégaso na direção de Percy. Seus olhos brilhavam. Sua expressão dizia: *Eu poderia te abraçar agora*. Ela gritou:

— Romanos! Avante!

O campo de batalha mergulhou no caos absoluto. Amazonas e linhas romanas avançavam em direção ao inimigo, como se fossem as Portas da Morte.

Mas Percy tinha apenas um objetivo. Ele apontou para o gigante.

— Você. Eu. Até o fim.

Eles se juntaram no aqueduto, que tinha sobrevivido à batalha até agora. Polibotes se fixou lá. Ele golpeou com seu tridente e quebrou o arco de tijolos mais próximos, desencadeando uma cascata de água.

— Vá em frente, então, filho de Netuno! — Polibotes o insultou. — Deixe-me ver o seu poder! Será que a água cumpre os seus comandos? Será que ela cura você? Mas eu nasci para ficar no lugar de Netuno.

O gigante enfiou a mão em baixo d'água. À medida que a torrente passou por entre os seus dedos ele ficou verde escuro. Ele jogou a água em Percy, que, instintivamente, desviou-a com a sua vontade. O líquido se espalhou no chão à sua frente. Com um desagradável silvo, o capim secou e chamuscou.

— Meu toque transforma a água em veneno — disse Polibotes. — Vamos ver o que ele faz ao seu sangue!

Ele jogou o líquido em Percy, mas Percy saiu do caminho. Desviou a cachoeira direto para o rosto do gigante. Enquanto Polibotes estava cego, Percy atacou. Ele enterrou Contracorrente na barriga do gigante, em seguida, retirou-a e saltou para longe, deixando-o rugir de dor.

O ataque teria dissolvido qualquer monstro menor, mas Polibotes apenas cambaleou e olhou para o icor dourado – o sangue dos imortais – derramando do seu ferimento. O corte já estava se fechando.

— Boa tentativa, semideus — rosnou ele. — Mas ainda vou te destruir.

— Só se me pegar primeiro — disse Percy.

Ele se virou e saiu correndo em direção à cidade.

— O quê? — O gigante gritou incrédulo. — Você corre como um covarde? Fique quieto e morra!

Percy não tinha intenção de fazer isso. Ele sabia que sozinho não podia matar Polibotes. Mas tinha um plano.

Ele montou na Sra. O'Leary, que olhou para cima curiosamente com uma Górgona se contorcendo em sua boca.

— Eu estou bem! — Percy gritou enquanto corria seguido de um gigante gritando ameaças.

Ele pulou um escorpião em chamas e se abaixou quando Aníbal jogou um ciclope em seu caminho. Com o canto do olho, viu Tyson batendo em um Nascido da Terra no chão como um jogo de “acerte o alvo”. Ella sobrevoava acima dele, se esquivando dos mísseis e gritando conselhos:

— A virilha. A virilha do Nascido da Terra é sensível.

SMASH!

— Bom. Sim. Tyson encontrou a virilha.

— Percy precisa de ajuda? — chamou Tyson.

— Eu estou bem!

— Morra! — Polibotes gritou, se aproximando rapidamente.

Percy continuou correndo.

À distância, viu Hazel e Árion galopando pelo campo de batalha, cortando centauros e *karpoi*. Um espírito de grãos gritou:

— Trigo! Vou te dar trigo!

Mas Árion pisou em uma pilha de cereais matinais. A rainha Hylla e Reyna uniram forças, empilhadeira e pégaso conduzindo juntos, espalhando as sombras escuras dos guerreiros caídos. Frank se transformou em um elefante e atravessou pisando em alguns ciclopes, e Dakota levantou a águia dourada no alto, explodindo com um relâmpago os monstros que ousaram desafiar a Quinta Coorte.

Tudo aquilo era ótimo, mas Percy precisava de um tipo diferente de ajuda. Ele precisava de um deus.

Ele olhou para trás e viu o gigante a quase um braço de distância. Para ter algum tempo, Percy se abaixou detrás de uma das colunas do aqueduto. O gigante balançou seu tridente. Quando a coluna desmoronou, Percy usou a água liberada para guiar o colapso, derrubando várias toneladas de tijolos na cabeça gigante.

Percy fugiu para os limites da cidade.

— Término — gritou ele.

A mais próxima estátua do deus estava vinte metros à frente. Seus olhos de pedra se abriram quando Percy correu para ele.

— Completamente inaceitável — reclamou ele. — Edifícios pegando fogo! Invasores! Tire-os daqui, Percy Jackson!

— Estou tentando — disse ele. — Mas há esse gigante, Polibotes.

— Sim, eu sei! Espere um momento. — Término fechou os olhos em concentração. Uma bala de canhão verde flamejante que passava por cima

deles de repente se vaporizou. — Eu não posso parar *todos* os mísseis — reclamou Término. — Por que eles não podem ser civilizados e atacar mais lentamente? Sou apenas um deus.

— Ajude-me a matar o gigante — Percy disse — e tudo isso acabará. A obra de um deus e um semideus juntos, essa é a única maneira de matá-lo.

Término cheirou.

— Eu guardo fronteiras. Não mato gigantes. Isto não está no meu currículo.

— Término, vamos! — Percy deu mais um passo em frente, e o deus gritou indignado.

— Pare aí, rapaz! Nenhuma arma no interior da Linha Pomeriana!

— Mas estamos sob ataque.

— Eu não me importo! Regras são regras. Quando as pessoas não seguem as regras, eu fico muito, muito zangado.

Percy sorriu.

— Segure esse pensamento.

Ele correu de volta para o gigante.

— Ei, feioso!

— Rarr! — Polibotes apareceu a partir das ruínas do aqueduto. A água ainda estava derramando sobre ele, virando veneno e criando um pântano de vapor em torno dos seus pés.

— Você... você vai morrer lentamente — prometeu o gigante.

Ele pegou seu tridente, agora com um veneno verde escorrendo.

A sua volta, a batalha estava se desenrolando. À medida que os monstros foram varridos, os amigos de Percy começaram a formar fileiras em volta, formando um anel ao redor do gigante.

— Vou levá-lo preso, Percy Jackson — rosnou Polibotes. — Eu vou torturá-lo em baixo do mar. Todos os dias a água irá te curar, e todos os dias

vou trazer a morte mais perto de você.

— Ótima oferta — disse Percy. — Mas acho que vou te matar primeiro.

Polibotes gritou de raiva. Ele balançou a cabeça, e mais basiliscos voaram de seu cabelo.

— Para trás! — Frank advertiu.

O caos se espalhou através das fileiras. Hazel fez com que Árion ficasse entre os basiliscos e os campistas. Frank mudou de forma, algo pequeno, magro e peludo... uma doninha? Percy pensou que Frank havia enlouquecido, mas quando Frank atacava os basiliscos, eles se apavoravam. Eles deslizavam se afastando com Frank os perseguindo.

Polibotes apontou seu tridente e correu em direção a Percy. Quando o gigante chegou à Linha Pomeriana, Percy saltou de lado como um toureiro. Polibotes atravessou os limites da cidade.

— EI! ISSO AÍ! — Término chorou. — Isso É CONTRA AS REGRAS!

Polibotes franziu a testa, obviamente confuso por ser repreendido por uma estátua.

— O que é você? — rosnou ele. — Cale a boca!

Ele empurrou a estátua e se voltou para Percy.

— Agora eu estou ENFURECIDO! — gritou Término. — Estou sufocando você. Sente isso? Essas são minhas mãos em seu pescoço, seu grande brigão. Venha aqui! Vou cabecear você tão forte...

— Basta! — O gigante pisou na estátua e quebrou Término em três pedaços: pedestal, cabeça e corpo.

— VOCÊ NÃO...! — Gritou Término. — Percy Jackson, nós temos um acordo! Vamos matar esse arrogante.

O gigante riu tanto que não percebeu que Percy o estava atacando até que fosse tarde demais. Percy levantou-se, saltando sobre o joelho do

gigante, e enfiou Contracorrente através de uma das bocas de metal na couraça de Polibotes, afundando o bronze celestial no fundo de seu peito. O gigante tropeçou para trás, tropeçando no pedestal de Término e batendo no chão.

Enquanto estava tentando se levantar, agarrando a espada no peito, Percy levantou a cabeça da estátua.

— Você nunca vai ganhar! — gritou o gigante. — Você não pode me derrotar sozinho.

— Eu não estou sozinho. — Percy levantou a cabeça de pedra acima da cara do gigante. — Eu gostaria que você conhecesse meu amigo Término. Ele é um deus!

Tarde demais, conscientização e medo apareceram no rosto do gigante. Percy esmagou a cabeça do deus o mais forte que pôde no nariz de Polibotes, e o gigante se dissolveu, desmoronando em uma pilha fumegante de algas, pele de réptil e veneno.

Percy cambaleou para longe, completamente exausto.

— Há! — disse a cabeça de Término. — Isso vai *ensiná-lo* a obedecer às regras de Roma.

Por um momento, o campo de batalha ficou em silêncio, exceto por poucos incêndios, e alguns monstros recuando gritando em pânico.

Um círculo irregular de romanos e Amazonas estavam em torno de Percy. Tyson, Ella e a Sra. O'Leary estavam lá. Frank e Hazel estavam sorrindo para ele com orgulho. Árion estava mordiscando contente um escudo de ouro.

Os romanos começaram a cantar:

— Percy! Percy!

Eles o cercaram. Antes que percebesse, eles o estavam levantando com um escudo. O grito se alterou para:

— Pretor! Pretor!

Entre eles estava Reyna, que agarrou sua mão e apertou Percy em reconhecimento. Em seguida, a multidão de romanos aplaudindo o levou ao redor da Linha Pomeriana, evitando cuidadosamente as fronteiras de Término, e o escoltando para casa de volta ao Acampamento Júpiter.

PERCY

O FESTIVAL DE FORTUNA NÃO TINHA NADA a ver com atum, o que estava bom para Percy.

Campistas, Amazonas e *Lares* lotaram o refeitório para um jantar de luxo. Até os faunos foram convidados, tendo ajudado colocando bandagens nos feridos depois da batalha. Ninfas do vento zuniam pela sala entregando pedidos de pizza, hambúrgueres, bifes, saladas, comida chinesa e *burritos*, sempre voando em velocidade extrema.

Apesar da batalha exaustiva, todos estavam em bom espírito. As baixas tinham sido leves, e alguns campistas que tinham morrido e voltado à vida, como Gwen, não tinham sido levados ao Mundo Inferior. Talvez Thanatos tivesse feito vista grossa. Ou talvez Plutão tivesse dado a essa gente um passe, como tinha feito com Hazel. Seja lá qual era o caso, ninguém reclamou.

Estandartes coloridos das Amazonas e dos romanos estavam pendurados lado a lado nas vigas. A águia dourada que fora restaurada estava orgulhosamente atrás da mesa do pretor, e as paredes estavam decoradas com cornucópias – chifres mágicos de fartura que derramavam frutas, chocolate e biscoitos recém-saídos do forno em cachoeiras contínuas.

As Coortes se misturaram livremente com as Amazonas, pulando de divã em divã à vontade, e pela primeira vez os soldados da Quinta eram bem-vindos em todo lugar. Percy mudou de assento tantas vezes que perdeu sinal de seu jantar.

Havia muitos flertes e lutas greco-romanas – que parecia ser a mesma das Amazonas. Em um ponto Percy ficou encurralado por Kinzie, a Amazona que o tinha desarmado em Seattle. Ele teve que explicar que já tinha namorada. Felizmente, Kinzie levou na boa. Ela contou o que havia acontecido depois de saírem de Seattle – como Hylla derrotou sua adversária Otrera em dois duelos consecutivos até a morte, então as Amazonas a chamam agora de sua Rainha Hylla, a que matou duas vezes.

— Otrera continuou morta da segunda vez — Kinzie disse, piscando. — Temos que agradecer vocês por isso. Se precisar de uma nova namorada um dia desses... bem, acho que você fica ótimo de colar prata e macacão laranja.

Percy não sabia dizer se ela estava brincando ou não. Ele a agradeceu educadamente e trocou de assento.

Assim que todos tinham comido e os pratos pararam de voar, Reyna fez um pequeno discurso. Ela formalmente deu as boas-vindas às Amazonas, agradecendo pela ajuda. Então abraçou sua irmã e todos aplaudiram.

Reyna ergueu as mãos pedindo silêncio.

— Minha irmã e eu nem sempre nos vimos olhos a olho...

Hylla riu.

— Foi um desentendimento.

— Ela entrou para as Amazonas — continuou Reyna. — Entrei para o Acampamento Júpiter. Mas olhando por essa sala, acho que nós duas fizemos boas escolhas. Estranhamente, nossos destinos foram possivelmente feitos por um herói que todos nós acabamos de eleger para pretor no campo de batalha — Percy Jackson.

Mais aplausos. As irmãs ergueram suas taças para Percy e acenaram para ele vir à frente.

Todos pediram por um discurso, mas Percy não sabia o que dizer. Ele protestou dizendo que não era realmente o melhor para pretor, mas os campistas o afogaram em aplausos. Reyna tirou seu colar prateado do *probatio*. Octavian deu a ele um olhar obscuro e se virou para o povo e sorriu como se fosse tudo ideia dele. Ele rasgou um ursinho de pelúcia e pronunciou bons agouros para o ano que viria — Fortuna estaria abençoando-os! Ele passou sua mão sobre o braço de Percy e gritou:

— Percy Jackson, filho de Netuno, primeiro ano de serviço!

Os símbolos romanos queimaram no braço de Percy: um tridente, SPQR, e uma faixa. Pareceu que alguém estava pressionando ferro quente na sua pele, mas Percy tentou não gritar.

Octavian o abraçou e sussurrou:

— Espero que tenha doído.

Então Reyna deu a ele uma medalha de águia e um manto roxo, símbolos do pretor.

— Você merece, Percy.

A rainha Hylla deu tapinhas nas costas.

— E decidi não te matar.

— Hã, valeu — disse Percy.

Ele rodou pelo refeitório mais uma vez, porque todos os campistas o queriam na sua mesa. Vitellius, o *lar*, seguiu, tropeçando na toga roxa

brilhante e reajustando a espada, dizendo a todos como ele havia previsto a grandiosidade da ascensão de Percy.

— Exigi que ele entrasse para a Quinta Coorte! — o fantasma disse orgulhoso. — Direcionei seu talento no caminho certo!

Don, o fauno, apareceu em um chapéu de enfermagem e uma pilha de biscoitos em cada mão.

— Cara, parabéns e tudo de bom! Incrível! Ei, você tem algum trocado?

Toda aquela atenção deixava Percy com vergonha, mas ele estava feliz de ver o quão bem Hazel e Frank estavam sendo tratados. Todos os chamavam de “os salvadores de Roma”, e eles mereciam isso. Havia até mesmo falado sobre restabelecer o bisavô de Frank, Shen Lun, à lista de honra da legião. Aparentemente, ele não tinha causado o terremoto de 1906.

Percy se sentou por um momento com Tyson e Ella, que eram convidados honrados na mesa de Dakota. Tyson ficou pedindo por sanduíches de amendoim, comendo tão rápido que as ninfas mal acreditavam. Ella empoleirou no ombro divã e mordiscava furiosamente alguns rolos de canela.

— Rolos de canela são bons para harpias — disse ela. — Vinte e quatro de junho é um bom dia. Aniversário de Roy Disney, o Festival de Fortuna e o Dia da Independência do Zanzibar. E Tyson.

Ela olhou para Tyson, corou e desviou o olhar.

Depois do jantar, a legião inteira tirou a noite de folga. Percy e seus amigos foram para a cidade, que não tinha se recuperado da batalha, mas os incêndios já tinham sido apagados, a maioria dos detritos varridos, e os cidadãos estavam dispostos a comemorar.

Na Linha Pomeriana, a estátua de Término vestia um chapéu de festa de papel.

— Bem-vindo, pretor! — disse ele. — Se precisar de algumas caras esmagadas de gigantes enquanto estiver na cidade, me deixe saber.

— Obrigado, Término — disse Percy. — Vou lembrar disso.

— É, bom. Sua capa de pretor está três centímetros curta demais na esquerda. Aqui... assim está melhor. Onde está minha assistente? Julia!

A garotinha saiu correndo de trás do pedestal. Estava usando um vestido verde aquela noite, e seu cabelo ainda estava trançado. Quando ela sorriu, Percy viu que seus dentes da frente estavam começando a nascer. Ela ergueu uma caixa cheia de chapéus de festa.

Percy tentou recusar, mas Julia usou seus grandes olhos adoráveis.

— Ah, claro — disse ele. — Vou levar a coroa azul.

Ela ofereceu um chapéu de pirata dourado para Hazel.

— Vou ser como Percy Jackson quando eu crescer — disse ela à Hazel solenemente.

Hazel sorriu e bagunçou seu cabelo.

— É uma coisa boa para ser, Julia.

— Apesar disso, — Frank disse, pegando um chapéu em forma de cabeça de urso polar — Frank Zhang também seria bom.

— Frank! — disse Hazel.

Eles colocaram seus chapéus e continuaram andando até o fórum, que estava repleto de lanternas multicoloridas. As fontes brilhavam em roxo. As lojas de café estavam fazendo um negócio rápido, e os músicos das ruas enchiam o ar com sons de guitarra, lira, flautas de Pã e barulhos de soquinho. (Percy não tinha certeza do último. Talvez fosse uma antiga tradição musical romana).

A deusa Íris devia estar em alguma festa também. Enquanto Percy e seus amigos caminharam até a danificada Casa do Senado, um arco-íris deslumbrante apareceu no céu à noite. Infelizmente a deusa mandou outra

bênção, também – uma chuva suave com gosto de bolinhos da *A.C.O.E.V.* sem glúten, que fez Percy se perguntar se limpar aquilo seria mais difícil ou reconstruir seria mais fácil. Os bolinhos fariam ótimos tijolos.

Por um momento, Percy vagou pelas ruas com Hazel e Frank, que ficaram ombro a ombro.

Finalmente ele disse:

— Estou um pouco cansado, pessoal. Podem ir em frente.

Hazel e Frank protestaram, mas Percy podia dizer que eles queriam algum tempo sozinhos.

Enquanto voltava para o acampamento, ele viu a Sra. O’Leary brincando com Aníbal no Campo de Marte. Finalmente ela tinha achado um parceiro que pudesse fazer bagunça. Eles brincavam, batendo um no outro, quebrando fortificações e se divertindo muito.

Nos portões, Percy parou e olhou o vale. Pareceu fazer muito tempo desde que estivera ali com Hazel, tendo sua primeira boa vista do acampamento. Agora ele estava mais interessado em ver o horizonte oeste.

Amanhã, talvez no próximo dia, seus amigos do Acampamento Meio-Sangue chegariam. Mesmo com ele preocupado com o Acampamento Júpiter, não podia esperar para ver Annabeth de novo. Ele ansiava pela sua antiga vida – Nova York e o Acampamento Meio-Sangue – mas algo dizia que ia levar um tempo antes de voltar para casa. Gaia e os gigantes não tinham parado de causar problemas – não por um bom tempo.

Reyna tinha dado a ele a segunda casa de pretor na *Via Principalis*, mas assim que Percy olhou para dentro, soube que não podia ficar ali. Era legal, mas estava cheio de coisas do Jason Grace.

Percy já se sentia desconfortável pegando o título de pretor de Jason. Ele não queria tomar a casa do cara, também. As coisas já seriam estranhas o

bastante quando Jason voltasse – e Percy tinha certeza que seria em um navio de guerra com a cabeça de um dragão.

Percy rumou para os quartéis da Quinta Coorte e subiu no beliche. Ele caiu no sono na hora.

Ele sonhou que estava carregando Juno pelo Pequeno Tíbre.

Ela estava disfarçada como uma senhora maluca, sorrindo e cantando uma antiga canção de ninar grega enquanto passava as mãos pelo colar de Percy.

— Ainda quer me bater, querido? — perguntou ela.

Percy parou no córrego. Ele jogou a deusa no rio.

Assim que atingiu a água, ela desapareceu e reapareceu na margem.

— Ah, o que é isso — ela gargalhou — isso não foi muito heroico, mesmo em um sonho!

— Seis meses — disse Percy. — Você roubou seis meses da minha vida para uma missão que levou uma semana. Por quê?

Juno resmungou desaprovando.

— Vocês mortais e suas vidinhas. Seis meses não é nada, meu querido. Perdi oito séculos uma vez, esquecida pela maioria do Império Bizantino.

Percy invocou o poder do rio. Girou ao seu redor, em uma corrente de águas bravas.

— Calma, calma — disse Juno. — Não fique irritado. Se vamos derrotar Gaia, nossos planos devem estar perfeitamente combinados. Primeiro, precisava que Jason e seus amigos me libertassem da prisão...

— Da prisão? Você estava presa e te deixaram sair?

— Não soe tão surpreso, querido! Sou uma doce senhora. De qualquer maneira, você não era preciso no Acampamento Júpiter até *agora*, para salvar os romanos de seu momento de crise. Entre esses seis meses... bem,

eu tive outros planos sendo preparados, meu garoto. Ao contrário de Gaia, trabalhando nas costas de Júpiter, protegendo seus amigos – é um trabalho completo! Se eu tivesse que te guardar dos monstros de Gaia e fazer esquemas ao mesmo tempo, e ainda te deixar escondido de seus amigos no Oeste o tempo todo... não, era melhor te manter a salvo. Você teria sido uma distração... um canhão solto.

— Uma distração. — Percy sentiu a água subindo com sua fúria, girando mais rápido a seu redor. — Um canhão solto.

— Exatamente. Estou orgulhosa que tenha entendido.

Percy mandou uma onda na direção da senhora, mas Juno simplesmente desapareceu e se materializou mais longe da margem.

— Ah — disse ela — está de mau humor. Mas você sabe que estou certa. O momento de sua chegada aqui foi perfeito. Eles acreditam em você agora. Você é um herói de Roma. E enquanto estava adormecido, Jason Grace aprendeu a confiar nos gregos. Eles tiveram tempo para construir o Argo II. Juntos, você e Jason unirão os acampamentos.

— Por que eu? — perguntou Percy. — Você e eu nunca nos demos bem. Por que você iria querer um canhão solto no seu time?

— Porque eu te *conheço*, Percy Jackson. De vários jeitos, você é impulsivo, mas quando está com seus amigos, fica tão constante quando uma agulha de bússola. Você tem uma lealdade inabalável e inspira lealdade. Você é a cola que vai unir os sete.

— Ótimo — disse Percy. — Sempre quis ser uma cola.

Juno atou os dedos tortos.

— Os Heróis do Olimpo devem se unir! Depois de sua vitória sobre Cronos em Manhattan... bem, temo que feriu a autoestima de Júpiter.

— Porque eu estava certo — disse Percy. — E ele estava errado.

A velha deu de ombros.

— Ele deveria estar acostumado a isso, depois de tantos eras casado comigo, mas que nada! Meu orgulhoso e teimoso marido se recusa a pedir ajuda a meros semideuses de novo. Ele acredita que pode lutar contra os gigantes sem vocês, e Gaia pode ser forçada a voltar a seu sono. Mas eu o conheço. Contudo você deve se provar. Só navegando para as antigas terras e chegando mais perto das Portas da Morte vocês convencerão Júpiter que são dignos de lutar lado a lado dos deuses. Será a maior missão desde Enéias navegar de Tróia!

— E se falharmos? — disse Percy. — E se os romanos e gregos não se derem bem?

— Então Gaia já terá ganhado. Vou te dizer, Percy Jackson. A única que vai te causar mais problemas é a que está mais próxima de você... a que mais me odeia.

— Annabeth? — Percy sentiu sua fúria aumentando de novo. — Você nunca gostou dela. Agora está chamando ela de problemática? Você não a conhece completamente. Ela é a pessoa que eu *mais* quero por perto.

A deusa sorriu secamente.

— Você verá, jovem herói. Ela tem uma tarefa difícil à frente quando chegar a Roma. Se ela estiver à altura... não sei.

Percy invocou um punho de água e esmagou a senhora.

Quando a onda desapareceu, ela tinha ido embora. O rio saiu do controle de Percy. Ele afundou na escuridão do redemoinho de água.

PERCY

NA MANHÃ SEGUINTE, PERCY, HAZEL E FRANK fizeram o desjejum cedo, e então se dirigiram para a cidade antes que o senado fosse devidamente convocado. Como Percy era um pretor agora, podia ir para onde quisesse, quando quisesse.

No caminho, eles passaram pelos estábulos, onde Tyson e Sra. O'Leary estavam dormindo. Tyson roncava na cama de feno ao lado dos unicórnios, um olhar feliz em seu rosto como se ele estivesse sonhando com pôneis. Sra. O'Leary tinha rolado de costas e coberto seus ouvidos com as patas. No telhado do estábulo, Ella estava pousada em uma pilha de pergaminhos romanos antigos, com a cabeça enfiada debaixo das asas.

Quando chegaram ao fórum, se sentaram perto das fontes e assistiram o sol nascer. Os cidadãos já estavam ocupados varrendo simulações de *cupcakes*, confetes e chapéus de festa da noite anterior. O corpo de

engenheiros estava trabalhando em um novo arco que iria comemorar a vitória sobre Polibotes.

Hazel disse que ela tinha até ouvido falar de um *triunfo* formal para os três – um desfile ao redor da cidade seguido de uma semana de jogos e celebrações – mas Percy sabia que eles nunca teriam chance. Eles não tinham tempo.

Percy contou a eles sobre seu sonho com Juno.

Hazel franziu a testa.

— Os deuses estavam ocupados na noite passada. Mostre a ele, Frank.

Frank enfiou a mão no bolso de seu casaco. Percy pensou que ele poderia tirar seu pedaço de lenha, mas ao invés disso ele mostrou um fino livro de bolso e uma nota em papel vermelho.

— Estava em meu travesseiro, esta manhã. — Ele os passou para Percy.
— Como uma visita da Fada do Dente.

O livro era *A Arte da Guerra*, de Sun Tzu. Percy nunca tinha ouvido falar dele, mas podia adivinhar quem o enviara. A carta dizia: *Bom trabalho, filho. A melhor arma de um homem de verdade é sua mente. Esse era o livro favorito de sua mãe. Dê uma lida. P.S.: – Espero que seu amigo Percy tenha aprendido um pouco de respeito por mim.*

— Uau. — Percy devolveu o livro. — Talvez Marte *seja* diferente de Ares. Não acho que Ares saiba ler.

Frank folheou as páginas.

— Há muita coisa sobre sacrifícios, conhecimento do custo da guerra. Em Vancouver, Marte me disse que eu tenho que colocar o meu dever à frente da minha vida ou toda a guerra iria para os lados. Pensei que ele estava querendo dizer libertar Thanatos, mas agora... eu não sei. Ainda estou vivo, então talvez o pior ainda esteja por vir.

Ele olhou nervosamente para Percy, e Percy teve a sensação de que Frank não estava lhe dizendo tudo. Ele se perguntou se Marte teria dito algo sobre *ele*, mas Percy não tinha certeza se queria saber.

Além do mais, Frank já tinha dado o bastante. Ele havia assistido a casa de sua família queimar. Ele perdeu sua mãe e sua avó.

— Você arriscou sua vida — disse Percy. — Você estava disposto a se incendiar para salvar a missão. Marte não pode esperar mais do que isso.

— Talvez — Frank disse cheio de dúvidas.

Hazel apertou a mão de Frank.

Eles pareciam mais confortáveis perto um do outro essa manhã, não tão nervosos e desajeitados. Percy se perguntou se eles tinham começado a namorar. Ele esperava que sim, mas decidiu que era melhor não perguntar.

— Hazel, e você? — perguntou Percy. — Alguma palavra de Plutão?

Ela olhou para baixo. Vários diamantes surgiram do chão aos seus pés.

— Não — admitiu ela. — De certa forma, acho que ele enviou uma mensagem através de Thanatos. Meu nome não estava na lista de almas que escaparam. Deveria estar.

— Acha que seu pai está te dando uma permissão? — perguntou Percy.

Hazel deu de ombros.

— Plutão não pode me visitar ou até mesmo falar comigo sem reconhecer que estou viva. Então ele teria que cumprir as leis da morte e Thanatos me traria de volta ao Mundo Inferior. Acho que meu pai está deixando um olho fechado. Eu acho... acho que ele me quer para encontrar Nico.

Percy olhou para o nascer do sol, esperando ver um navio de guerra descendo do céu. Até agora, nada.

— Nós vamos encontrar seu irmão — prometeu Percy. — Assim que o navio chegar aqui, vamos embarcar para Roma.

Hazel e Frank trocaram olhares inquietos, como se eles já tivessem falado sobre isso.

— Percy... — disse Frank. — Se você quiser que a gente vá, nós estamos dentro. Mas você tem certeza? Quero dizer... nós sabemos que você tem milhares de amigos no outro acampamento. E você poderia escolher qualquer um no Acampamento Júpiter agora. Se nós não fizermos parte dos sete, vamos entender...

— Vocês estão brincando? — disse Percy. — Achem que eu deixaria minha equipe para trás? Depois de sobreviver aos gérmenes de trigo da Fleecy, fugir de canibais e se esconder debaixo de bundas de gigantes azuis no Alasca? Qual é!

A tensão se quebrou. Todos os três começaram a se exaltar, talvez um pouco demais, mas era um alívio estar vivo, com o sol quente brilhando, e não se preocupar — pelo menos no momento — com rostos sinistros aparecendo nas sombras das colinas.

Hazel respirou fundo.

— A profecia que Ella nos deu... sobre a filha da sabedoria, e a marca de Atena queimando através de Roma... você sabe sobre o que é isso?

Percy se lembrou de seu sonho. Juno tinha avisado que Annabeth teria um trabalho difícil pela frente, e que ela iria causar problemas para a missão. Ele não podia acreditar nisso, mas ainda assim... isso o preocupava.

— Eu não tenho certeza — admitiu Percy. — Acho que há mais na profecia. Talvez Ella possa lembrar o resto dela.

Frank enfiou seu livro para dentro do bolso.

— Nós precisamos levá-la conosco... quero dizer, para sua própria segurança. Se Octavian descobre que Ella memorizou os livros Sibílicos...

Percy estremeceu. Octavian usava profecias para manter seu poder no acampamento. Agora que Percy tinha tirado sua chance como pretor,

Octavian estaria procurando por outras maneiras de exercer influência. Se ele pegasse Ella...

— Você está certo — disse Percy. — Temos que protegê-la. Só espero que nós possamos convencê-la...

— Percy! — Tyson veio correndo do outro lado do fórum, Ella batia as asas atrás dele com um rolo de pergaminho em suas garras.

Quando eles chegaram à fonte, Ella deixou cair o rolo de pergaminho no colo de Percy.

— Entrega especial — disse ela. — De uma aura. Um espírito do vento. Sim, Ella tem uma entrega especial.

— Bom dia, irmãos! — Tyson tinha feno em seu cabelo e pasta de amendoim em seus dedos. — O pergaminho é de Leo. Ele é engraçado e pequeno.

O pergaminho parecia normal, mas quando Percy o desdobrou em seu colo, uma gravação de vídeo cintilou sobre o pergaminho. Um garoto em armadura grega sorriu para eles. Ele tinha um rosto travesso, cabelos pretos encaracolados, e olhos selvagens, como se tivesse tomado várias xícaras de café. Ele estava sentado em uma sala escura com paredes de madeira, como uma cabine de navio. Lamparinas à óleo oscilavam de um lado para outro no teto.

Hazel sufocou um grito.

— O que? — perguntou Frank. — O que está errado?

Lentamente, Percy percebeu que o garoto de cabelos encaracolados parecia familiar – e não apenas dos seus sonhos. Ele tinha visto aquele rosto em uma antiga foto.

— Ei! — disse o cara no vídeo. — Saudações de seus amigos no Acampamento Meio-Sangue, *etc.* Este é Leo. Sou o... — Ele olhou para

fora da tela e gritou: — Qual é o meu título? Eu sou como almirante, capitão, ou...

A voz de uma menina gritou de volta:

— Garoto de Reparos.

— Muito engraçado, Piper — resmungou Leo. Ele se voltou para a tela de pergaminho. — Então, eu sou... ah... Supremo Comandante do *Argo II*. É, gostei disso! De qualquer modo, vamos estar navegando em sua direção em cerca de, sei lá, uma hora, nessa grande nave-mãe de guerra. Nós apreciáramos se vocês, tipo, não nos atirassem para fora do céu ou algo parecido. Então tudo bem! Se você puder, conte isso aos romanos. Até logo, e tudo isso. Adeus.

O pergaminho ficou branco.

— Não pode ser — disse Hazel.

— O que? — perguntou Frank. — Você conhece aquele cara?

Hazel aparentava como se tivesse visto um fantasma. Percy entendia o porquê. Ele se lembrava da foto na casa abandonada de Hazel em Seward. O garoto no navio de guerra parecia exatamente com o antigo namorado de Hazel.

— Ele é Sammy Valdez — disse ela. — Mas como... como...

— Não pode ser — disse Percy. — O nome desse cara é Leo. E aquilo foi há setenta-e-alguns anos. Tem que ser uma...

Ele queria dizer uma *coincidência*, mas não podia fazer com que si próprio acreditasse nisso. Ao longo dos últimos anos ele tinha visto um monte de coisas: destino, profecias, magia, monstros, destino. Mas ele nunca havia se deparado com uma coincidência.

Eles foram interrompidos por trompas soprando à distância. Os senadores vinham marchando para dentro do fórum com Reyna na liderança.

— É hora da reunião — disse Percy. — Vamos lá. Temos que avisá-los sobre o navio de guerra.

— Porque nós deveríamos confiar nesses gregos? — Octavian estava dizendo.

Ele tinha estado andando pelo senado por cinco minutos, indo aqui e ali, tentando contrariar o que Percy havia lhes dito sobre o plano de Juno e a Profecia dos Sete.

O senado mudou de posição impacientemente, mas a maior parte deles estava com medo demais para interromper Octavian enquanto ele estava tendo sucesso. Enquanto isso, o sol subia no céu, brilhando através do telhado quebrado do senado e dando a Octavian um holofote natural.

A Casa do Senado estava lotada. Rainha Hylla, Frank e Hazel sentaram-se na fila da frente com os senadores. Veteranos e fantasmas ocupavam as fileiras mais atrás. Até mesmo a Tyson e Ella foi permitido que se sentassem nos fundos. Tyson manteve-se acenando e sorrindo para Percy.

Percy e Reyna ocupavam as cadeiras de pretores no estrado, o que Percy fez autoconsciente. Não foi fácil parecer digno vestindo um lençol e uma capa roxa.

— O acampamento está seguro — continuou Octavian. — Eu serei o primeiro a parabenizar nossos heróis por trazer de volta a águia da legião e muito ouro imperial! Realmente temos sido abençoados com boa sorte. Mas por que fazer mais? Porque tentar a sorte?

— Estou contente que você tenha perguntado. — Percy ficou de pé, deixando a pergunta em aberto.

Octavian balbuciou:

— Eu não sou...

— ...parte da missão — disse Percy. — Sim, eu sei. E você é sábio para me deixar explicar, já que eu sou.

Alguns dos senadores riram silenciosamente. Octavian não tinha escolha senão sentar e tentar não parecer frustrado.

— Gaia está acordando — disse Percy. — Nós já derrotamos dois de seus gigantes, mas isso é só o começo. A verdadeira guerra terá lugar na antiga terra dos deuses. A missão vai nos levar a Roma, e eventualmente, para a Grécia.

Uma murmuração apreensiva se espalhou pelo senado.

— Eu sei, eu sei — disse Percy. — Vocês sempre pensaram nos gregos como seus inimigos. E há uma boa razão para isso. Acho que os deuses têm mantido nossos dois acampamentos separados porque sempre que nos encontramos, nós lutamos. Mas isso pode mudar. *Tem* que mudar, se vamos derrotar Gaia. É isso que a Profecia dos Sete quer dizer. Sete semideuses, gregos e romanos, terão que fechar as Portas da Morte, juntos.

— Há! — gritou um *Lar* das fileiras de trás. — Da última vez que um pretor tentou interpretar a Profecia dos Sete, foi Michael Varus, quem perdeu nossa águia no Alasca! Por que deveríamos acreditar em você agora?

Octavian sorriu, convencido. Alguns de seus aliados no Senado começaram a assentir e resmungar. Até mesmo alguns dos veteranos olharam incertos.

— Eu carreguei Juno através do Tibre — Percy lembrou-lhes, falando tão firme quanto pôde. — *Ela* me disse que a Profecia dos Sete está próxima de acontecer. Marte também apareceu para vocês em pessoa. Vocês acham que dois de seus deuses mais importantes iriam aparecer no acampamento se a situação não fosse grave?

— Ele está certo — Gwen disse da segunda fileira. — Eu, por exemplo, confio na palavra de Percy. Grego ou não, ele restaurou a honra da legião.

Vocês o viram no campo de batalha na noite passada. Alguém aqui diria que ele não é um herói de Roma?

Ninguém argumentou. Alguns balançaram a cabeça em concordância.

Reyna se levantou. Percy olhava para ela ansiosamente. Sua opinião poderia mudar tudo – para melhor ou pior.

— Você afirma que essa é uma missão combinada — disse ela. — Afirma que Juno tem a intenção de que nós trabalhemos com esse... esse outro grupo, Acampamento Meio-Sangue. Ainda que os gregos tenham sido nossos inimigos por eras. Eles são conhecidos por suas fraudes.

— Talvez sim — disse Percy. — Mas inimigos podem se tornar amigos. Uma semana atrás, você teria pensado que romanos e Amazonas estariam lutando lado a lado?

Rainha Hylla riu.

— Ele tem um ponto.

— Os semideuses do Acampamento Meio-Sangue *já* estiveram trabalhando com o Acampamento Júpiter — disse Percy. — Nós simplesmente não percebemos isso. Durante a Guerra Titã no verão passado, enquanto vocês estavam atacando o Monte Ótris, nós estávamos defendendo o Monte Olimpo em Manhattan. Eu mesmo lutei com Cronos.

Reyna recuou, quase tropeçando em sua toga.

— Você... *o quê?*

— Eu sei que é difícil de acreditar — disse Percy. — Mas acho que ganhei sua confiança. Estou do seu lado. Hazel e Frank... Tenho certeza de que eles estão destinados a irem comigo nessa missão. Os outros quatro estão agora no seu caminho vindo do Acampamento Meio-Sangue agora mesmo. Um deles é Jason Grace, seu antigo pretor.

— Ah, qual é! — gritou Octavian. — Ele está inventando coisas agora.

Reyna franziu a testa.

— É muito para acreditar. Jason está voltando com um bando de semideuses gregos? Você diz que vão aparecer no céu em um navio de guerra fortemente armado, mas que não devemos nos preocupar.

— Sim. — Percy olhou para as fileiras, nervoso, os espectadores incertos. — Apenas deixe-os aterrissarem. Ouça-os. Jason vai confirmar tudo que eu estou dizendo à vocês. Juro pela minha vida.

— Pela sua vida? — Octavian olhou significativamente para o senado. — Nós vamos lembrar disso, se isso se mostrar um truque.

Logo em seguida, um mensageiro correu par a dentro da Casa do Senado, ofegando como se tivesse corrido todo o caminho do acampamento.

— Pretores! Sinto interromper, mas nossos vigias informaram...

— Navio! — disse Tyson, alegremente, apontando para o buraco no teto. — Oba!

Sem dúvida, um navio de guerra grego apareceu das nuvens, a cerca de um quilômetro de distância, descendo em direção à Casa do Senado. Quando ele se aproximou, Percy podia ver escudos de bronze brilhando ao longo dos lados, velas ondulando e uma figura de aparência familiar com a forma de um dragão de metal. No mastro mais alto, uma grande bandeira branca de trégua balançava ao vento.

O *Argo II*. Era o navio mais incrível que ele jamais tinha visto.

— Pretores! — gritou o mensageiro. — Quais são suas ordens?

Octavian atirou-se aos seus pés.

— Você precisa perguntar? — Seu rosto estava vermelho de raiva. Ele estava estrangulando seu ursinho de pelúcia. — Os agouros são *horríveis*! Isso é um truque, uma fraude. Cuidado com os gregos trazendo presentes! — Ele apontou um dedo para Percy. — Seus *amigos* estão atacando em um navio de guerra. Ele os *trouxe* até aqui. Nós temos de atacar!

— Não — Percy disse com firmeza. — Vocês todos me elevaram a pretor por uma razão. Eu vou lutar para defender este acampamento com a minha vida. Mas estes não são inimigos. Digo que estejamos prontos, mas não ataquemos. Deixe-os aterrissarem. Se for um truque, então lutarei com vocês, como fiz na noite passada. Mas *não* é um truque.

Todos os olhos se voltaram para Reyna.

Ela estudou a aproximação do navio. Sua expressão endureceu. Se ela rejeitasse as ordens de Percy... bem, ele não sabia o que iria acontecer. Caos e confusão no mínimo.

Muito provavelmente, os romanos seguiriam suas ordens. Ela tinha sido sua líder muito mais tempo do que Percy.

— Não ataquem ainda — disse Reyna. — Mas tenha a legião pronta. Percy Jackson é seu pretor devidamente escolhido. Vamos confiar nessa palavra... a menos que nos seja dada razão clara para o contrário. Senadores, vamos adiar o fórum e conhecer nossos... novos amigos.

Os senadores correram para fora do auditório — se de animação ou pânico, Percy não tinha certeza. Tyson correu atrás deles, gritando “Oba! Oba!” com Ella esvoaçando ao redor de sua cabeça.

Octavian deu a Percy um olhar aborrecido, então jogou no chão seu ursinho de pelúcia e seguiu a multidão.

Reyna estava parada no ombro de Percy.

— Eu apoio você, Percy — disse ela. — Eu confio em seu julgamento. Mas por todos os motivos, espero que nós possamos manter a paz entre nossos campistas e seus amigos gregos.

— Nós vamos — prometeu ele. — Você vai ver.

Ela olhou para o navio de guerra. Sua expressão ficou um pouco pensativa.

— Você diz que Jason está a bordo... espero que seja verdade. Tenho sentido sua falta.

Ela marchou para fora, deixando Percy sozinho com Hazel e Frank.

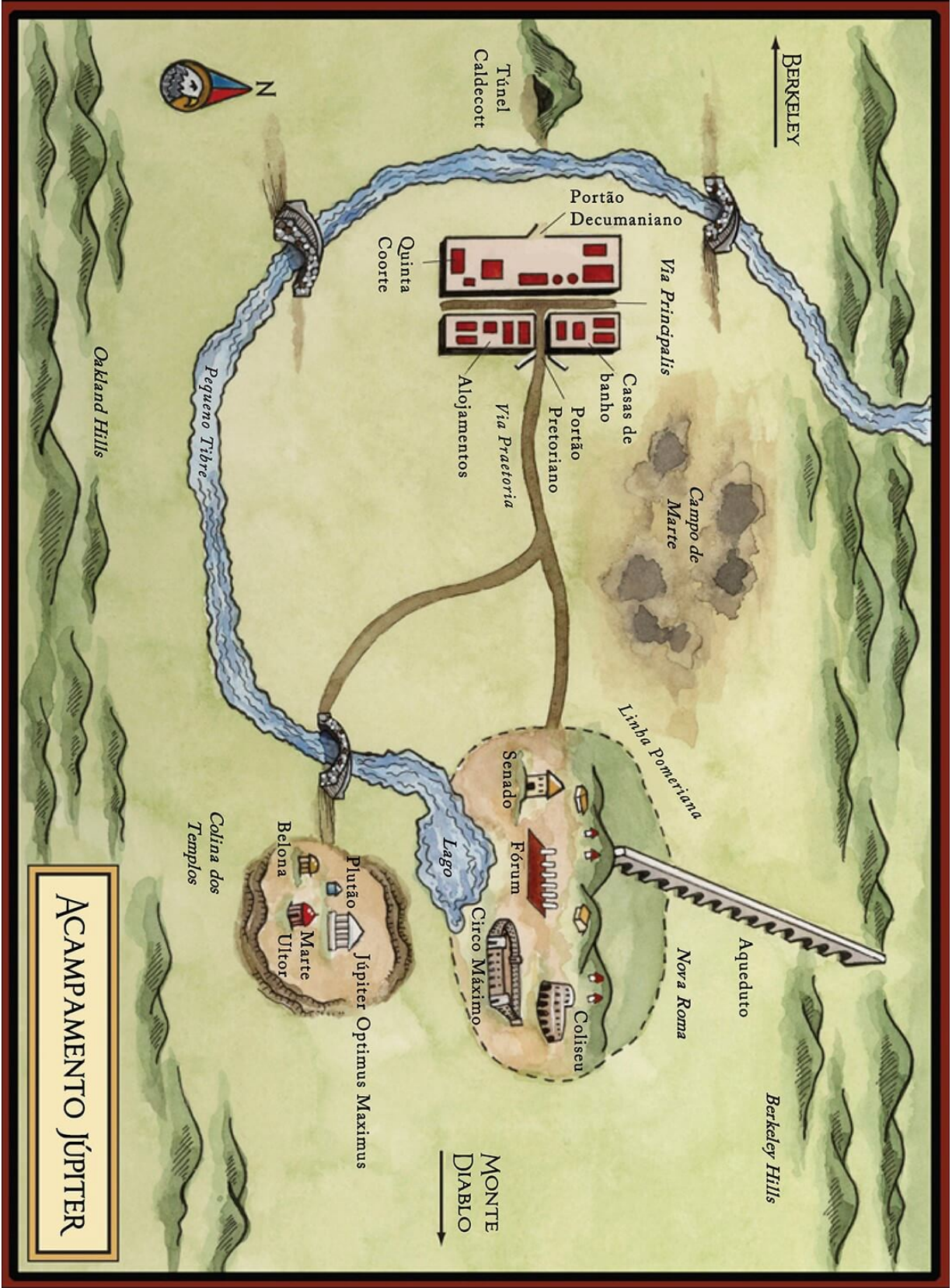
— Eles estão descendo à direita do fórum — Frank disse nervosamente.
— Término vai ter um ataque cardíaco.

— Percy — Hazel disse — você jurou pela sua vida. Romanos levam isso a sério. Se alguma coisa der errado, mesmo que por acidente, Octavian vai matá-lo. Você sabe disso, certo?

Percy sorriu. Ele sabia que as apostas eram altas. Sabia que esse dia poderia dar horrivelmente errado. Mas ele também sabia que Annabeth estava naquele navio. Se as coisas dessem *certo*, este seria o melhor dia da sua vida.

Ele jogou um braço em volta Hazel e um braço em torno de Frank.

— Vamos lá — disse ele. — Deixe-me apresentá-los à minha *outra* família.



SOBRE O AUTOR



RICK RIORDAN nasceu em 1964, em San Antonio, Texas, e hoje mora em Boston com a esposa e os dois filhos. Autor best-seller do The New York Times, premiado pelo YALSA e pela Associação Americana de Bibliotecas, por quinze anos ensinou inglês e história em escolas de São Francisco, e é essa experiência que atribui sua habilidade em escrever para o público jovem. Além das séries *Percy Jackson e os Olimpianos*, *Os Heróis do Olimpo* e *As Provações de Apolo*, inspiradas na mitologia greco-romana, Riordan assina as séries *As Crônicas dos Kane*, que visita deuses e mitos do Egito Antigo e *Magnus Chase e os Deuses de Asgard*, sobre mitologia nórdica.

OUTRAS SÉRIES DO RIORDANVERSO

PERCY
JACKSON
E OS OLIMPIANOS



MAGNUS
CHASE
e os DEUSES de ASGARD

AS PROVAÇÕES DE
APOLO



“— *VOCÊ PODE ME DEIXAR AQUI, à mercê das górgonas, e ir para o oceano. (...) No mar, nenhum monstro vai importuná-lo...*

— *Ou?* — *Percy tinha certeza de que não ia gostar da segunda opção.*

— *Ou pode fazer uma boa ação para uma velha senhora*
— *disse Juno — e me levar até o acampamento. (...)*

Percy olhou para a velha.

— *E eu faria isso porque...*

— *Porque é uma gentileza!* — *replicou ela. — E porque, se não fizer, os deuses morrerão, o mundo que conhecemos desaparecerá e todas as pessoas de sua antiga vida serão destruídas.”*

A vida de Percy Jackson é assim mesmo: uma grande bagunça de deuses e monstros que, na maioria das vezes, acaba em problemas. Filho de Poseidon, o deus do mar, um belo dia Percy desperta sem memória e acaba em um acampamento de heróis que não reconhece. Agarrado à lembrança de uma garota, só tem uma certeza: os dias de jornadas e batalhas não terminaram. Percy e seus novos colegas semideuses vão enfrentar os misteriosos desígnios da Profecia dos Sete. Se falharem, as consequências, é claro, serão desastrosas.

ISBN 978-85-8057-180-6





9 788580 571806

www.intrinseca.com.br